

RAFAEL SOUZA BARBOSA

**A TRANSMISSÃO DO LEGADO CAMONIANO NO SÉCULO XIX: O CASO
FERDINAND DENIS**

**PORTO ALEGRE
2017**

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
ESTUDOS DE LITERATURA
LITERATURA, SOCIEDADE E HISTÓRIA DA LITERATURA

**A TRANSMISSÃO DO LEGADO CAMONIANO NO SÉCULO XIX: O CASO
FERDINAND DENIS**

RAFAEL SOUZA BARBOSA

ORIENTADORA: PROF^a. DR^a. REGINA ZILBERMAN

Dissertação de Mestrado em Estudos de
Literatura, apresentada como requisito parcial
para a obtenção do título de Mestre pelo
Programa de Pós-Graduação em Letras da
Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

**PORTO ALEGRE
2017**

CIP - Catalogação na Publicação

Barbosa, Rafael Souza

A transmissão do legado camoniano no século XIX :
o caso Ferdinand Denis / Rafael Souza Barbosa. --
2017.

160 f.

Orientadora: Regina Zilberman.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do
Rio Grande do Sul, Instituto de Letras, Programa de
Pós-Graduação em Letras, Porto Alegre, BR-RS, 2017.

1. Camões. 2. Ferdinand Denis. 3. História da
literatura. 4. Transmissão cultural. 5. Século XIX.
I. Zilberman, Regina, orient. II. Título.

A todxs aquelxs que suportam violências diárias em função de seu corpo, etnia, gênero, origem social, orientação sexual e que, quando não têm o futuro roubado ou a vida interrompida, chegam a algum lugar.

A todxs aquelxs que não tinham muitas oportunidades, que se agarraram com unhas e dentes às poucas que apareceram e, mesmo assim, tiveram de contar mais com a sorte do que com o mérito para chegar aonde chegaram e continuam seguindo em frente.

A todxs aquelxs que, como eu, ainda acreditam e arriscam, mesmo que o mundo tente constantemente nos dissuadir do contrário.

AGRADECIMENTOS

A dissertação, produto de um extenso percurso de pesquisa, constitui-se enquanto objeto acabado e unitário, circunscrito às próprias dimensões. Os indivíduos envolvidos em sua realização e desfecho tornam-se aspectos textuais ou institucionais do trabalho, fazendo-se palavra muda na materialidade imóvel do impresso. Ainda assim, os agradecimentos surgem como uma linha de fuga à impessoalidade da sucessão de páginas que se seguem. Porque a produção de conhecimento depende de incentivos, de afetos, de auxílios, nunca se fazendo solitariamente.

Meus agradecimentos:

A Patrícia Augusto Carra e Maria Izabel da Silveira, pelo impulso inicial na aventura do conhecimento e pela crença na minha capacidade de fazer;

A Maria Regina Barcelos Bettiol, Atilio Bergamini Junior e Claudia Luiza Caimi, pela contribuição fundamental a minha formação e pela generosidade que sempre me demonstraram;

A Hanna Acunha Pereira, Carolline de Souza Ferreira Leite, Luzia Menegotto Frick, Andrey Donelli, Marília Maciel, Francielle Caetano, Bruna da Silva Nunes, Angélica Silva, Josiele Medeiros, pela amizade imprescindível;

A Laís Virginia Alves Medeiros, pelo *força, Vera, levanta* e tudo o mais que, de tão extraordinário, não caberia aqui;

A Kevin Hendjian, por todo amor, paciência e encorajamento reiteradamente demonstrados;

A Pedro Moraes Lima (*in memorium*), Lucia da Silva Lima, Zélia Carmen Guglielmi de Souza, José Alberto Carvalho de Souza, Luciana Souza Barbosa, Jair Silva Barbosa e Anna Carmelita Souza Barbosa, que me provaram que família é mais do que vínculo sanguíneo ou estatuto legal e que me apoiaram da melhor maneira que podiam, mesmo sem entender exatamente o que eu fazia;

A Raquel Bello Vazquez, Jane Fraga Tutikian e Rita Lenira de Freitas Bittencourt, por terem aceitado compor a banca de avaliação do trabalho;

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), pela bolsa de mestrado concedida, sem a qual a realização desta pesquisa não teria sido possível;

A Regina Zilberman, pela colaboração iniciada em 2010 que, dando inúmeros frutos, também produziu esta dissertação.

O que é, agora, um livro clássico? (...) Clássico é aquele livro que uma nação ou um grupo de nações ou o longo tempo decidiram ler como se em suas páginas tudo fosse deliberado, fatal, profundo como o cosmos e capaz de interpretações sem fim. Previsivelmente, essas decisões variam. Para os alemães e austríacos, Fausto é uma obra genial; para outros, uma das mais famosas formas do tédio, como o segundo Paraíso de Milton ou a obra de Rabelais. Livros como o de Jó, a Divina Comédia, Macbeth (e, para mim, algumas das sagas do Norte) prometem uma longa imortalidade, mas nada sabemos do futuro, exceto que diferirá do presente. (...). Clássico não é um livro (repito) que necessariamente possui estes ou aqueles méritos; é um livro que as gerações humanas, premidas por razões diversas, leem com prévio fervor e misteriosa lealdade.

– Jorge Luis Borges

RESUMO

Esta dissertação se propõe a tratar do conjunto de trabalhos de Ferdinand Denis que abordam Luís de Camões e obras atribuídas a ele, a fim de discutir como ele pôde intervir em sua transmissão ao longo do século XIX. O recorte cronológico de que se trata abarca o intervalo entre 1823 e 1857 e diz respeito a suas publicações no formato de livro, sem levar em consideração as veiculadas em jornais e em revistas. Para contextualizar as intervenções do autor, expõem-se, inicialmente, leituras e empreendimentos editoriais anteriores associados a Camões, que fornecem uma visão ampla da recepção do legado camoniano na França, a partir de sua circulação inicial na Península Ibérica, em suas diferentes componentes e vertentes. Sucessivamente, apresenta-se o *corpus* a partir de sua materialidade distintiva e de sua repercussão imediata, de modo a apreendê-lo em suas dinâmicas constitutivas de produção e de recepção. Analisam-se, a seguir, os fazeres biográficos acerca de Luís de Camões e a apropriação de seu *corpus* poético como foram praticados por Denis nos livros em questão. Realiza-se, em dois momentos distintos, a discussão do tratamento dos dados histórico-biográficos e das figurações do poeta decorrentes, por intermédio do contraste de semelhanças e de diferenças na composição e na articulação de cada texto; e das formas de inscrição e dos modos de inserção de versos, de poemas, de peças e de cartas nas respectivas obras, com vistas a evidenciar as práticas de citação e de comentário do autor. Com base no percurso traçado, tecem-se conclusões sobre as formas de oferta editorial de que Camões foi objeto em relação à construção de uma trajetória literária e ao uso de criações poéticas implicadas. Espera-se, enfim, ter fornecido elementos para a compreensão da intervenção de Ferdinand Denis na transmissão do legado camoniano que, ocorrendo no século XIX, parece ainda se fazer presente.

Palavras-chave: Transmissão. Apropriação. Materialidade. Repercussão. Biografia.

RESUME

Ce mémoire de master se propose d'aborder l'ensemble des ouvrages de Ferdinand Denis concernant Louis de Camoens et les œuvres qui lui sont attribuées, afin de reprendre la façon dont il a pu intervenir dans sa transmission au long du XIX^e siècle. La chronologie de ce travail comprend la période allant de 1823 à 1857 et considère ses publications en forme de livre, sans prendre en compte celles issues de journaux ou de revues. Pour contextualiser les interventions de l'auteur, on expose d'abord des lectures et des entreprises éditoriales précédentes associées à Camoens, à partir de sa circulation initiale dans la péninsule Ibérique, en fournissant une vision d'ensemble large de la réception de l'héritage camonien en France en ce qui concerne ses différentes composantes et variétés. Ensuite, on présente le corpus à partir de sa matérialité distinctive et de sa répercussion immédiate, de façon à l'appréhender d'après ses dynamiques constitutives de production et réception. Dans un troisième temps, on analyse les pratiques biographiques à propos de Louis de Camoens et l'appropriation de son corpus poétique telles qu'elles ont été faites par Denis dans ses livres. On met en avant, à tour de rôle, la discussion du traitement des données historico-biographiques et des figurations du poète conséquentes, par le biais du contraste entre ressemblances et différences de composition et articulation de chaque texte ; et des formes d'inscription ainsi que les modes d'insertion de vers, poèmes, pièces et lettres dans lesdits ouvrages, ayant pour but de rendre visible les pratiques de citation et de commentaire de texte de l'auteur. Par ce cheminement, on tire des conclusions concernant les formes d'offre éditoriale ayant Camoens pour objet par rapport à l'élaboration d'une trajectoire littéraire et à l'usage des créations poétiques impliquées. On espère, ainsi, avoir fourni des acquis pour comprendre l'intervention de Ferdinand Denis dans la transmission de l'héritage camonien qui, ayant eu lieu au XIX^e siècle, semble être toujours présent.

Mots-clés : Transmission. Appropriation. Matérialité. Répercussion. Biographie.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Esquema global da trajetória de Camões.....	86
Quadro 2 – Caracterização transversal dos segmentos.....	87
Quadro 3 – Citações de <i>Os Lusíadas</i> no <i>Resumo da História Literária de Portugal</i>	123
Quadro 4 – Poemas e carta inseridos em <i>Seleção de poesias diversas</i>	131

SUMÁRIO

COMENTÁRIO INICIAL.....	10
1 LEITURA E EDIÇÃO DE CAMÕES NA FRANÇA.....	14
1.1 O LEGADO CAMONIANO NA PENÍNSULA IBÉRICA.....	15
1.2 O LEGADO CAMONIANO NA FRANÇA DE 1674 A 1700.....	20
1.3 O LEGADO CAMONIANO NA FRANÇA DO SÉCULO XVIII.....	23
1.4 O LEGADO CAMONIANO NA FRANÇA DE 1799 A 1819.....	37
2 APRESENTAÇÃO DO <i>CORPUS</i>: MATERIALIDADE E REPERCUSSÃO.....	50
2.1 O ANO DE 1823: O TEATRO CAMONIANO EM EVIDÊNCIA.....	50
2.2 O ANO DE 1824: CAMÕES PERSONAGEM.....	54
2.3 O ANO DE 1826: CAMÕES NA HISTÓRIA DA LITERATURA PORTUGUESA.....	63
2.4 O ANO DE 1827: CAMÕES NO QUADRO DA LITERATURA PORTUGUESA.....	70
2.5 O ANO DE 1841: CAMÕES TRADUZIDO POR DENIS.....	75
2.6 O ANO DE 1846: O LEGADO CAMONIANO NA HISTÓRIA PORTUGUESA.....	78
2.7 O ANO DE 1854: A BIOGRAFIA DEFINITIVA DE CAMÕES POR DENIS.....	80
2.8 O ANO DE 1857: A BIBLIOGRAFIA DEFINITIVA DE CAMÕES POR DENIS.....	82
3 FERDINAND DENIS, BIÓGRAFO DE CAMÕES.....	85
3.1 A VIDA DE CAMÕES EM 1823: PAIXÕES E LETRAS ENTRE PORTUGAL E O ALÉM-MAR.....	88
3.2 A VIDA DE CAMÕES EM 1824: O BIOGRÁFICO INCONTORNÁVEL E O FICCIONAL CONVENIENTE.....	89
3.3 A VIDA DE CAMÕES EM 1826: A BIOGRAFIA DO POETA E O ESPÍRITO DA NAÇÃO.....	95
3.4 A VIDA DE CAMÕES EM 1827: A DINÂMICA BIOGRÁFICA E A AUTONOMIA DO LEITOR.....	99
3.5 A VIDA DE CAMÕES EM 1841: O BIOGRÁFICO HISTORICAMENTE SITUADO.....	102
3.6 A VIDA DE CAMÕES EM 1854: O BIOGRÁFICO ENTRE O HISTÓRICO E O ANACRÔNICO.....	108
4 FERDINAND DENIS, LEITOR DE CAMÕES.....	113
4.1 O <i>CORPUS</i> CAMONIANO EM 1823: <i>EL REI SELEUCO</i> ENTRE OS SÉCULOS XVI E XIX.....	113
4.2 O <i>CORPUS</i> CAMONIANO EM 1824: A POESIA PELOS VIESES DA MÍMESE E DO TESTEMUNHO	117
4.3 O <i>CORPUS</i> CAMONIANO EM 1826: ENTRE A PARÁFRASE E A CITAÇÃO.....	122
4.4 O <i>CORPUS</i> CAMONIANO EM 1841: PARATEXTO, TRADUÇÃO E APÊNDICE.....	129
4.5 O <i>CORPUS</i> CAMONIANO EM 1854 E 1857: OBRAS DE CONSULTA.....	133
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	136
BREVE NOTÍCIA BIOGRÁFICA SOBRE FERDINAND DENIS.....	143
REFERÊNCIAS.....	152

COMENTÁRIO INICIAL

Em 30 de Dezembro de 1854, o governo português publicou uma portaria com vistas a nomear uma comissão para procurar e recolher os ossos de Luís de Camões, a fim de dar-lhe uma sepultura digna “da sua fama e dos seus serviços às letras pátrias” (MACEDO, 1880, p. 1). Segunda tentativa em menos de vinte anos, a comissão seguiu as indicações dadas por biógrafos do poeta e, ao encontrar diversos esqueletos enterrados no mesmo local, decidiu recolher todos, de modo a garantir de que entre eles estivesse o de Camões. Embora tenha se valido de procedimentos pouco confiáveis, o sucesso dessa empresa revela um consistente esforço nacional para oferecer as pompas fúnebres ao autor de *Os Lusíadas*, ainda que cerca de três séculos após sua morte. Por que, mesmo com o reconhecimento de seu poema épico nos séculos XVI e XVII, levou-se tanto tempo para transformar o poeta em um monumento nacional?

Em 1880, o tricentenário de morte de Camões foi largamente comemorado não só em Portugal, e as festividades obtiveram uma repercussão europeia e transatlântica¹. No Brasil, contaram com homenagens, entre tantas outras, de Machado de Assis, com a peça *Tu, só tu, puro amor...*; de Joaquim Nabuco, com um discurso acalorado sobre o poeta; e da Revista Brasileira, que publicou um extenso suplemento sobre Camões e sua obra (SANDMANN, 2003). Na França, a Association Littéraire Internationale organizou, em Paris, uma festa literária, artística e musical em homenagem a Camões, com o patrocínio, entre outros, de Victor Hugo, do ministro português Mendes Leal e do embaixador da Áustria o conde de Beust. Para a ocasião, foram previstas a execução do hino nacional português pela Guarda Republicana francesa; conferências com oradores e artistas locais; a leitura de trechos de *Os Lusíadas* por atores da Comédie Française; e a inauguração de um busto de Camões (OSWALD, 1880). O reconhecimento do poeta, abalizado pelo Estado português e corroborado internacionalmente no século XIX, decorreu de atividades editoriais e investimentos simbólicos que, realizados por diversos e diferentes agentes desde o século XVI, favoreceram sua ocorrência na história da literatura.

Jean-Ferdinand Denis (1798-1890), homem de letras francês que escreveu sobre o poeta ao longo de sua vida, foi convidado para representar a França na translação dos

¹ No caso da França, as comemorações foram mencionadas, entre outros, pelo *Journal des Débats Politiques et Littéraires* (GAUTHIOT, 1881) e por *Le Livre - Bibliographie Moderne* (SILVA, 1880).

supostos restos mortais de Camões e de Vasco da Gama²; e fez-se presente, por intermédio de suas publicações, na celebração do tricentenário de morte do poeta em Portugal e no Brasil³. Por que ele recebeu o convite e distinguiu-se nas comemorações? A resposta, apesar de simplista, decorre de uma evidência: porque ele foi um daqueles agentes que, distante de Camões no tempo e no espaço, publicou inúmeras obras acerca do poeta e de seu *corpus* poético. Em vista disso, coloca-se uma segunda questão: o que essas obras fizeram com o legado camoniano para que seu autor, com mais de oitenta anos, fosse solicitado em duas ocasiões internacionalmente relevantes? Para se poder formular em parte a segunda resposta, menos direta do que a primeira, é que esta pesquisa foi concebida e realizada.

Esta dissertação se propõe a tratar do conjunto de trabalhos de Ferdinand Denis que abordam Luís de Camões e obras atribuídas a ele, a fim de discutir como ele pôde intervir em sua transmissão ao longo do século XIX. O recorte cronológico de que se trata abarca o intervalo entre 1823 e 1857 e diz respeito a suas publicações no formato de livro, sem levar em consideração as veiculadas em jornais e em revistas⁴. São elas:

- *Chefs-d'Oeuvre du Théâtre Portugais – Gomès, Pimenta de Aguiar, Jozé* (1823)
- *Scènes de la Nature sous les Tropiques, et de leur Influence sur la Poésie, suivies de Camoens et Jozé Indio* (1824)⁵;
- *Résumé de l'Histoire Littéraire du Portugal, suivi du Résumé de l'Histoire Littéraire du Brésil* (1826);
- *Tableau Historique, Chronologique de la Littérature Portugaise et Brésilienne, Depuis son Origine Jusqu'à nos Jours* (1827);
- *Les Lusiades* (1841);
- *Portugal* (1846);
- *Camoëns na Nouvelle Biographie Universelle* (1854);

² O convite, na forma de carta, encontra-se no fl. 125 do manuscrito 3419 conservado na Bibliothèque Sainte Geneviève.

³ O fl. 125 do manuscrito 3419 contém uma carta de 1880, endereçada de Portugal, agradecendo o envio de um artigo autógrafa para uma obra comemorativa; e o catálogo da Exposição Camoneana (1880), realizada pela Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, menciona três obras da pluma de Ferdinand Denis.

⁴ A exclusão é metodológica: as publicações em jornais e revistas são menos visíveis nos arquivos do século XIX, de modo que não poderiam ser eficazmente abordadas a partir da materialidade e repercussão imediata como os livros

⁵ Maria Helena Rouanet (1991) comenta que o *Catalogue du Fonds Ferdinand Denis* (1971), elaborado por Cícero Dias, indica a publicação individual de *Camoëns et Jozé Indio* em 1823 que, no entanto, não consta no catálogo da Bibliothèque Nationale de France. Já a Biblioteca Nacional de Portugal possui uma edição que, sem indicação de data, poderia ser tanto a de 1823 quanto uma separata ulterior. Como a lei do depósito legal foi sistematicamente aplicada durante a Restauração francesa, é provável que a afirmação de Cícero Dias tenha sido um equívoco e que o impresso disponível em Lisboa seja posterior. De qualquer forma, a dissertação leva em consideração apenas a de 1824 em conjunto com *Scènes de la Nature sous les Tropiques, et de leur Influence sur la Poésie*.

- *Nouveau Manuel de Bibliographie Universelle* (1857).

Para contextualizar as intervenções do autor, o primeiro capítulo da dissertação procura expor leituras e práticas editoriais anteriores associadas a Camões. Busca-se fornecer uma visão ampla da recepção do poeta e de obras atribuídas a ele na França em suas diferentes componentes e vertentes. Por um lado, discute-se sumariamente sua transferência a partir de sua circulação inicial em Portugal, de modo a sublinhar a tutela exercida pela Espanha em sua divulgação fora da Península Ibérica. Por outro, comentam-se leituras e empreendimentos editoriais franceses que lidam com ele e o veiculam em diferentes modalidades discursivas, a saber: dicionário histórico e biográfico; crítica; história geral de Portugal; paratexto de tradução; criação poética e dramática; e história literária. Face à extensão do recorte cronológico, a exposição concentra-se na conformação de cadeias dialógicas em que o autor se inseriu e a que se remeteu ao longo do século XIX.

Como o recorte temporal das publicações em livro de Denis abarca diversos eventos que conformaram, progressivamente, uma representação histórica complexa do século XIX na França, evitou-se deliberadamente situá-las *a priori* em relação a discursos historiográficos de ordem política, social e cultural. Por isso, o capítulo 2, que se dedica à apresentação do *corpus*, privilegia a abordagem de sua materialidade distintiva e repercussão imediata, de modo a apreendê-las em sua dinâmica de produção e recepção. A materialidade permite compreender a fabricação do livro enquanto objeto, abarcando, concomitantemente, seus conteúdo e inscrição no mercado editorial. A repercussão viabiliza, por meio de registros impressos, formular maneiras como as obras foram divulgadas, lidas e reelaboradas discursivamente em continuidade ao processo de publicação. Em suma, o *corpus* é sucintamente apresentado a partir de sua historicidade constitutiva e em relação a seu autor, a fim de substanciar as análises desenvolvidas subsequentemente.

A análise dos fazeres biográficos de Denis em relação a Camões, abordados no capítulo 3, prioriza a discussão do tratamento dos dados histórico-biográficos e das figurações do poeta decorrentes. O método adotado, predominantemente textual, busca contrastar semelhanças e diferenças de composição e de articulação das obras em questão. Acredita-se ter apreendido, assim, a dinâmica discursiva e os processos de significação da vida de Camões presente em cada livro.

Já o exame da apropriação de obras atribuídas ao poeta, tema do capítulo 4, privilegia as formas de inscrição e os modos de inserção dos textos no *corpus*. Evidenciaram-se as práticas de citação e de comentário de Denis em cada livro e em função de cada vertente, a

saber: a épica, a lírica, a dramaturgia e a epistolografia. Crê-se ter demonstrado, assim, como ele procede diante de poemas, peças e cartas e que sentidos confere a eles.

Com base no percurso traçado, tecem-se conclusões gerais sobre as formas de oferta editorial de que Camões foi objeto em relação à construção de uma trajetória literária e ao uso de criações poéticas implicadas. Espera-se, enfim, ter fornecido elementos para a compreensão da intervenção de Ferdinand Denis na transmissão do legado camoniano que, ocorrendo no século XIX, parece ainda se fazer presente.

1 LEITURA E EDIÇÃO DE CAMÕES NA FRANÇA

As leituras e práticas editoriais associadas a Camões que serão abordadas situam-se entre 1674 e 1819. Esses marcos temporais correspondem, respectivamente, aos registros de leitura de Rapin⁶ e Moréri⁷, os mais antigos conhecidos, e à versão comercial da edição monumental de *Os Lusíadas* organizada por Sousa Botelho⁸ e publicada em Paris.

O capítulo divide-se metodologicamente conforme o espaço-tempo da leitura ou edição abordadas. Inicialmente, examina-se a publicação originária do legado camoniano em Portugal, composto pela épica, lírica e dramaturgia, na segunda metade do século XVI. Expõem-se sumariamente particularidades de sua impressão e polêmicas fundadoras de sua recepção. Sequencialmente, enfocam-se a intervenção de Felipe II⁹ na divulgação de *Os Lusíadas* e a acolhida da epopeia na Espanha das vésperas da União Ibérica às primeiras décadas da Restauração portuguesa. Assinalam-se a incorporação do legado camoniano à cultura letrada espanhola, por meio de escritores e de comentadores, e, graças à circulação de livros que o mencionavam, sua introdução subsequente na corte francesa. A seguir, examinam-se biografias de Camões, comentários de obras atribuídas a ele e paratextos das traduções de *Os Lusíadas* publicados entre 1764 e 1819 na França.

Como a leitura e edição francesas ocupam a parte de maior extensão e interesse do capítulo, decidiu-se adotar uma periodização cronológica e, quando conveniente, agrupamentos temáticos de obras. No século XVII, verificam-se registros de leitura presentes em dois dicionários biográficos e em uma obra de crítica; e exploram-se os primeiros comentários e dados sobre o poeta em relação às fontes ibéricas e ao encadeamento sucessivo dos livros em questão.

No XVIII, trata-se brevemente das primeiras histórias gerais de Portugal, dissociadas das da Espanha, no que concerne às menções a Camões; e demora-se no debate discordante e

⁶ René Rapin (1621-1687), padre jesuíta, foi professor de poética e retórica em Paris. É autor, entre outros, de *Discours Académique sur la Comparaison entre Virgile et Homère* (1668), de *La Comparaison de Platon et d'Aristote* (1671) e de *Réflexions sur la Poétique d'Aristote et sur les Ouvrages des Poètes Anciens et Modernes* (1676).

⁷ Louis Moréri (1643-1680), padre jesuíta, foi doutor em teologia. É autor de *Le Grand Dictionnaire Historique, ou Le Mélange Curieux de l'Histoire Sacrée et Profane* (1674) que, escrito em vernáculo, serviu de modelo para publicações enciclopédicas análogas posteriores.

⁸ José Maria do Carmo de Sousa Botelho Mourão (1758-1825), eleito membro da Real Academia de Ciências de Lisboa em 1806, foi um importante diplomata português que, residindo em Paris no fim de sua vida, dedicou-se ao estudo e à edição de *Os Lusíadas*.

⁹ Felipe II de Espanha e I de Portugal (1527-1598) foi o primeiro monarca dos dois impérios durante a União Ibérica (1580-1640).

constitutivo de *Os Lusíadas* encetado por Voltaire, Duperron de Castera¹⁰, d’Hermilly¹¹ e La Harpe¹² através do *Essai sur le Poème Épique* (1728), de *La Lusiade* (1735) e de *La Lusiade* (1776). Também indicam-se outras leituras, que reformulam o já dito sem modificá-lo substancialmente; e a recepção produtiva do épico por meio de poemas, imitações e peças de teatro, inspirada principalmente nos episódios de Adamastor e Inês de Castro.

No XIX, fala-se da continuidade de criações literárias com temática camoniana; e discorre-se sobre a resignificação da vida do poeta e a reformulação do debate do século anterior realizadas por Madame de Staël¹³, Sismondi de Sismondi¹⁴ e Alexandre Sané¹⁵. Além disso, apresenta-se *Os Lusíadas* (1817), organizado por Sousa Botelho, que, publicado em Paris e doado a diversos intelectuais e instituições, fomentou inúmeras produções na década seguinte. Atenta-se para o caráter renovador dessas leituras e edição; e para elementos posteriormente incorporados em obras que compõem o *corpus* da dissertação. Ao cabo, fornece-se um balanço do percurso de leitura e edição traçado, de modo a estabelecer o estado da arte do legado camoniano contemporâneo à produção de Ferdinand Denis.

1.1 O LEGADO CAMONIANO NA PENÍNSULA IBÉRICA

A edição e a leitura do legado camoniano iniciaram com a publicação de *Os Lusíadas* em 1572. Junto às edições princeps, foi impresso o parecer do Frei Bartolomeu Ferreira que, lendo o poema de uma maneira específica, aparentemente permitiu sua impressão sem

¹⁰ Louis-Adrien Du Perron de Castera (1705-1752), monge da ordem de Cister, foi dramaturgo, poeta e tradutor (do grego, italiano, espanhol e português). Entre suas traduções, destacam-se: *La Lusiade* (1735), de Camões; *Le Newtonianisme pour les Dames* (1738), de Algarotti; e *Le Théâtre Espagnol* (1738), antologia de peças de Lope de Vega.

¹¹ Nicolas-Gabriel Vaquette d’Hermilly (1705-1778), militar francês regimentado em Madri durante muitos anos, foi um profícuo tradutor do português e do espanhol. Traduziu, entre outros, Juan de Ferraras, Camões e Quevedo.

¹² Jean François de La Harpe (1739-1803), eleito membro da Académie Française em 1776, publicou inúmeras obras como poeta, dramaturgo e crítico. É autor, entre outras, de: *Les Muses Rivales, ou l’Apothéose de Voltaire* (1779); *Éloge de Voltaire* (1780); e *Le Lycée, ou Cours de Littérature* (18 v., 1798-1804).

¹³ Germaine de Staël-Holstein (1766-1817) foi autora de uma vasta obra de ensaio e de ficção e colocou em circulação na França obras de escritores românticos alemães. Entre suas publicações, destacam-se: *De la Littérature Considérée dans ses Rapports avec les Institutions Sociales* (1800); *Corinne ou l’Italie* (1807); e *De l’Allemagne* (1813-1814)

¹⁴ Jean Charles Léonard Simonde de Sismondi (1773-1842), erudito de nacionalidade suíça, foi autor de obras de história, política e economia. Entre suas publicações, destacam-se: *Tableau de l’Agriculture Toscane* (1801); *Histoire des Républiques Italiennes du Moyen Âge* (1807-1818); *De la Littérature du Midi de l’Europe* (4 v., 1813); e *De l’Intérêt de la France à l’Égard de la Traite des Nègres* (1814).

¹⁵ Alexandre-Marie Sané (c. 1773-1818), de quem se dispõe de poucas informações, foi um dos principais responsáveis pela divulgação das letras portuguesas em Paris na primeira década do século XIX. É autor de artigos em revista e da *Nouvelle Grammaire Portugaise, suivie de Plusieurs Essais de Traduction Française Interlinéaire et de Différents Morceaux de Prose et de Poésie, Extraits des Meilleurs Classiques Portugais* (s/d). Foi também tradutor de poesias, destacando-se as de Francisco Manuel do Nascimento (Filinto Elísio) publicadas com o título de *Poésie Lyrique Portugaise, ou Choix des Odes de Francisco Manuel* (1808).

censuras. Até o final do século XVI, o épico ganhou quatro edições, às quais se somaram ainda duas outras das *Rimas*, de modo a totalizar pelo menos oito publicações camonianas em Portugal, um fenômeno editorial bastante singular. Sheila Hue (2002) ressalta que a imprensa, recém instalada no país, desenvolvia-se em convivência com a tradição manuscrita, de modo que apenas livros religiosos costumavam ser reeditados em um período tão curto. Em vista disso, a autora aponta que o *Livro do Rosário de Nossa Senhora*, do Frei Nicolau Dias, e *Catecismo ou Doutrina Cristã*, do Frei Bartolomeu dos Mártires, ganharam cinco edições, respectivamente, de 1573 a 1583 e de 1564 a 1594; enquanto que a tragédia *Castro*, de Antônio Ferreira, e *Diálogos de uma Vária História*, de Pedro de Mariz, ganharam apenas duas edições em 1587/1598 e 1594/1598. De fato, sublinha que quase todos os poetas tiveram apenas uma edição nesse período, como *Sucesso do Segundo Cerco de Diu* (1574), de Jerônimo Corte Real; e que muitos, como Andrade Caminha, não tiveram sequer as rimas impressas no século XVI.

Os registros de leitura de obras atribuídas a Camões, apesar do sucesso aparente de sua comercialização, restringem-se aos agentes envolvidos na produção do livro, impressores, censores e comentadores; e a poetas à margem do Círculo Mirandino¹⁶. Em sua tese, Sheila Hue aborda, além das edições e de seus paratextos, menções a Camões feitas por Garcia da Horta, Pero de Magalhães de Gândavo, André de Falcão Resende, Fernão Álvares do Oriente, Baltazar Estação, Gaspar Frutuoso e Diogo de Couto. Entre esses leitores, identificam-se duas posturas hermenêuticas distintas. A postura classicista, à semelhança do parecer original, procurava ler o poema no bojo das belas-lettras renascentistas, compreendendo e aceitando as figuras pagãs por meio de seu fingimento. Já o posicionamento medieval, predominante em Portugal, lia-o a partir da fé cristã e dos bons costumes, rejeitando a ficção dos deuses e os elementos impudicos de *Os Lusíadas*. Nessa medida, as edições de 1584 e 1591 foram alvo de censura, alterando significativamente o texto; e, até o poema ser reestabelecido em 1597, apenas as edições princeps, com suas variantes¹⁷, apresentavam-no integralmente.

Enquanto Portugal contava apenas com as edições de 1572, publicaram-se duas versões castelhanas do épico em 1580 nas Universidades de Alcalá e Salamanca. A

¹⁶ Círculo Mirandino (FRAGA, 1994) denota um conjunto de poetas que, herdeiros confessos ou inconfessos de Sá de Miranda, ocupavam uma posição de prestígio na corte no século XVI. Entre eles, encontram-se Antônio Ferreira, Pero de Andrade Caminha, Diogo Bernardes e Jerônimo Corte Real.

¹⁷ As variantes de *Os Lusíadas*, constatadas originalmente por Faria e Sousa (1685) e Sousa Botelho (1817), apontavam para a existência de duas versões da edição de 1572. Graças à digitalização e reunião de 29 exemplares diferentes da edição *princeps* em 2003, constatou-se a existência de pelo menos 12 exemplares raros e únicos da epopeia, a par de dezessete quase idênticos aos descobertos pelos dois críticos. Kenneth Jackson (2011), organizador da coletânea, argumenta que essas variantes reforçam a hipótese de se tratar de diferentes estágios de correção de uma mesma unidade de impressão.

simultaneidade das duas traduções, realizadas, respectivamente, por Benito Caldera e Luíz Gómez de Tapia, configurava uma prática editorial incomum em relação a obras contemporâneas. O interesse suscitado por *Os Lusíadas* nos meios letrados e cultos favorecia o empreendimento; porém, foi a intervenção de Felipe II que garantiu sua execução. Nessa medida, Vanda Anastácio (2004) acredita que as duas traduções, atribuindo tacitamente ao poema o estatuto de representante de uma cultura, fizeram parte de uma estratégia política de sedução e de intimidação do monarca que visava ao trono português.

De qualquer forma, as duas edições obtiveram o privilégio real e foram impressas, com alguns meses de diferença, sem a aprovação inquisitorial e com um significativo aparato crítico paratextual. Eugenio Asensio (1973) comenta que ambas evidenciam a admiração, fruto do classicismo revivido, com que o épico era lido nas Universidades; e que, a julgar pela quantidade de exemplares conservados, a tiragem havia sido expressiva. Ressalta também que a visão de mundo e de arte de *Os Lusíadas* não eram estranhas à corte castelhana em função dos fluxos migratórios e dos cruzamentos de linhagens entre os dois reinos, que conformavam uma comunidade cultural ibérica. Enquanto o épico tinha seu texto alterado pela censura eclesiástica em Portugal, *Os Lusíadas* eram incorporados à cultura letrada espanhola e circulavam em duas edições integrais e minuciosas na Espanha.

A impressão do legado camoniano expandiu-se no final do século XVI com o acréscimo da dramaturgia e da lírica a seu corpus poético. *A Primeira Parte dos Autos e Comédias Portuguesas* (1587), coletânea organizada por António Prestes, apresentava *Anfitrião* e *Filodemo*, atribuindo-os a Camões¹⁸, cujo nome figurava no frontispício do livro. A licença do Santo Ofício foi redigida pelo Frei Bartolomeu Ferreira a pedido de Felipe II¹⁹ e não do inquisidor geral. Assim, houve novamente a intervenção do monarca espanhol em favor do legado camoniano. É curioso notar que, enquanto *Os Lusíadas* foram censurados quatro anos antes em função de sua poética classicista, os autos, expressão renascentista da cultura popular, não colocavam problemas à santa fé católica e aos bons costumes²⁰. Com efeito, o teatro camoniano foi publicado sete anos antes da primeira edição das *Rimas*, repleta de poemas amorosos e profanos.

Rhythmas (1595) e *As obras do celebrado lusitano o Doutor Francisco de Sá de Miranda* (1595) foram os primeiros livros de poesia lírica publicados em Portugal, iniciando a

¹⁸ *El Rei Seleuco* foi publicado pela primeira vez em 1645 nas *Rimas* editadas por Paulo Craesbeeck.

¹⁹ A esta altura, Felipe II de Espanha já havia se tornado Felipe I de Portugal.

²⁰ Frei Bartolomeu Ferreira (1587, p. s/n) declara no parecer: “vi por mandado de vossa Alteza este livro de Autos e Comédias Portuguesas, e não tem nada contra a fé e os bons costumes, nem cousa por onde se não deva de imprimir”.

substituição da tradição manuscrita dos cancioneiros por sua versão impressa. Diferentemente das edições princeps do épico, que não dispõem de paratextos preliminares, a obra apresenta uma epístola, seis poemas laudatórios e um significativo prólogo ao leitor não assinado. O pedido de aprovação novamente partiu de Felipe II e não do Inquisidor Geral; e o censor, Manuel Coelho, retomou termos do primeiro parecer de Bartolomeu Ferreira, desautorizando censuras prévias de *Os Lusíadas*, que igualmente aprovaria em 1597. O prólogo, que se atribui a Fernão Rodrigues Lobo Soropita, procura defender esteticamente a poética do legado camoniano. Os poemas preliminares, assinados por diversos autores, remetem sobretudo à vida do poeta ao invés de a sua obra; e evocam Camões enfatizando seus infortúnios. Nessa medida, *Rhythmas* é responsável pela inauguração tanto da crítica camoniana quanto da figuração biográfica pelo viés da desdita. Ademais, *Rimas* (1598) acrescenta obras ao corpus poético camoniano, assim como outras reedições até o final do século XIX, principiando, segundo Victor Manuel de Aguiar e Silva (1975, p. 87), o “mais complexo e mais importante problema textológico de toda a literatura portuguesa”.

A partir do final do século XVI, comentadores e escritores espanhóis intervieram em relação ao legado camoniano. Encontram-se menções e citações de Cervantes, Calderón de la Barca, Gracián e Lope de Vega, entre outros, que atestam a recepção produtiva de Camões e de obras atribuídas a ele na literatura peninsular do *Siglo de Oro*. O conjunto desses textos, ao invés de constituir um mero repertório, aponta para a incorporação do legado camoniano ao campo cultural de língua castelhana, que então se projetava para além das fronteiras Península. Ressalta-se que, com a formação da União Ibérica, oficializou-se uma comunidade literária luso-castelhana, que se delineava desde o começo da Reconquista Cristã, de modo que obras de portugueses escritas ou traduzidas em castelhano mantinham sua pertença e, concomitantemente, ampliavam sua circulação. Maria Lucília Pires (1982) constata o impacto decisivo exercido pela tutela espanhola do legado camoniano durante a União Ibérica; e avalia que colaborou diretamente com sua difusão e com a consagração de Camões enquanto príncipe dos poetas em Portugal até pelo menos a primeira metade do século XVIII.

As edições comentadas de Manuel de Faria e Sousa²¹ constituem um dos pontos culminantes desse processo. *Os Lusíadas* (1639), cujo frontispício traz a alcunha de *Príncipe de los Poetas de España*, reproduz em português o poema épico e insere, após cada oitava, um resumo em prosa castelhana e um comentário, geralmente longo, nessa mesma língua. Analogamente, *Rimas Varias* (1685), publicada postumamente, possui o epíteto *Príncipe de*

²¹ Manuel de Faria e Sousa (1590-1649), erudito português, é autor, entre outros, de *Os Lusíadas* (1639, 2 v.), *Rimas Varias* (1685, 2 v.) e *Europa Portuguesa* (1678-1680, 3 v.).

los Poetas Heroicos y Liricos de España e um expressivo aparato crítico paratextual, reforçando principalmente a indissociação entre sua vida e obra. Para os estrangeiros, as edições de Faria e Sousa consistiam no principal repertório e documento de consulta até a publicação de obras semelhantes em seus respectivos idiomas. Ainda que não tenha sido o único a comentar e apresentar o legado camoniano no século XVII²², a erudição e amplitude de seus livros concorreu para que seus juízos, interpretações e lições textuais se tornassem uma referência inevitável tratando-se de Camões até pelo menos o fim do século XIX.

A expansão do campo cultural espanhol durante a União Ibérica atingiu sobretudo a corte francesa, onde circulavam obras castelhanas no original e em tradução. No início do século XVII, o imaginário francês, segundo Daniel-Henri Pageaux (1984), percebia a Espanha como reino dominante da Península Ibérica e enxergava Portugal como um vago duplo do país, ou mesmo uma província mais distante dele. Tendo em vista tamanha presença castelhana, não se costumava reconhecer bens culturais portugueses como tais, reforçando ainda mais a indistinção dos patrimônios imateriais dos dois países peninsulares.

Há dois casos paradigmáticos tanto da presença ibérica na França quanto de sua indistinção. A *Biblioteca Hispana sive Hispanorum* (1672), escrita em latim por Nicolás Antonio²³, apresenta-se como um vasto repertório biográfico, crítico e bibliográfico de autores espanhóis, desde os tempos de Augusto até 1600; porém, trata igualmente de autores portugueses, entre eles Camões. Tendo contado com grande circulação na França, foi tomada como referência para elaboração de dicionários históricos e, posteriormente, de enciclopédias em francês. Analogamente, *Dom Quixote* menciona inúmeros autores e obras ibéricos no corpo do texto e difunde-os valorativamente sem precisar a nacionalidade deles. Suas duas partes, tendo sido traduzidas para o francês apenas em 1614 e 1618, haviam sido lidas no original, logrando bastante popularidade e motivando obras como *Discours de Don Quixote De l'Excellence des Armes sur les Lettres* (1609). Com efeito, supõe-se que o breve elogio feito por um de seus personagens a Camões seja a primeira aparição do nome do poeta na França.

²² Segundo Hélio Alves (2011), a hostilidade de outros comentadores em relação a Faria e Sousa fez com que ele fosse denunciado duas vezes ao Santo Ofício, respectivamente na Espanha e em Portugal durante a Restauração, por sua edição comentada de *Os Lusíadas*. Tendo o tribunal religioso reconhecido que escrevera doura, judiciosa e catolicamente o livro, foi acusado por seus contemporâneos de servilismo perante os espanhóis e de traição à causa restauradora.

²³ Nicolás Antonio (1617-1684), diplomata e erudito espanhol, foi autor da *Bibliotheca Hispana Vetus* (1672) e da *Bibliotheca Hispana Nova* (1696) que iniciaram a moderna bibliografia espanhola e, escritas em latim, permitiram uma circulação mais ampla de elementos ibéricos na Europa.

1.2 O LEGADO CAMONIANO NA FRANÇA DE 1674 A 1700²⁴

Assim como os do romance de cavalaria de Cervantes, os primeiros registros de leitura do legado camoniano antecedem sua tradução em francês. Datam, todavia, de 1674, mais de cem anos após a publicação de *Os Lusíadas*. Fazem parte de um dicionário histórico e de um ensaio sobre a poesia antiga e moderna; e fornecem enunciados de que partiriam algumas das leituras posteriores, sobretudo no século XVIII.

O *Grand Dictionnaire Historique ou le Mélange Curieux de l'Histoire Sacrée et Profane*, de Louis Moréri, contém um verbete dedicado a Camões que remete diretamente ao de Nicolás Antonio. A parte biográfica aborda, sucintamente, seus progenitores; os estudos em Coimbra, onde já se manifestava seu gênio poético; as atividades guerreiras em Ceuta, que desempenhava por necessidade e com sucesso; a perda de um olho em combate; a viagem às Índias; o exílio de Goa em função de uma sátira; o retorno a Portugal, marcado pelo naufrágio na costa da China em que salvou o poema épico a nado; e a morte na pobreza sem o devido reconhecimento. O corpus poético assinalado limita-se a *Os Lusíadas* e às *Rimas*, com a ressalva de que suas outras obras foram perdidas. A parte crítica, bastante restrita, aponta a falta de clareza de Camões, cujos versos “são algumas vezes tão obscuros que poderiam passar por mistérios religiosos”²⁵; e a mistura excessiva das “fábulas do paganismo com as verdades de nossa religião”²⁶, já que ele “fala, sem discrição, das divindades profanas em um poema cristão”²⁷ (MORÉRI, 1683, p. 742). Dessa maneira, o verbete de Moréri destaca o destino desafortunado do poeta, responsabilizando Portugal por sua miséria no fim da vida; e censura a coexistência das mitologias pagã e cristã em seus poemas, retomando um debate já realizado na Península Ibérica.

Réflexions sur la Poétique d'Aristote et sur les Ouvrages des Poètes Anciens et Modernes, de René Rapin, aborda *Os Lusíadas* e a écloga camoniana na esteira de uma leitura bastante particular da poética antiga que caracterizaria o grande século francês²⁸. Ao definir a écloga por sua simplicidade, pudor e modéstia, o religioso defende sua naturalidade; e comenta que “os espanhóis, como Góngora e Camões, são pouco naturais em suas pastorais,

²⁴ Salvo indicação contrária na bibliografia ou em notas de rodapé, as traduções presentes no corpo do texto foram realizadas pelo autor da dissertação.

²⁵ “sont quelquefois si obscurs qu'ils pourraient passer pour des mystères”.

²⁶ “fables du paganisme avec les vérités de notre religion”.

²⁷ “parle sans discrétion des divinités profanes dans un poème chrétien”.

²⁸ A obra de Rapin não se encontrava isolada: *L'Art Poétique*, de Boileau, foi publicada no mesmo ano.

idílios e éclogas”²⁹ (RAPIN, 1674, p. 220-223). Analogamente, alega que o espírito vasto demais de alguns autores os leva a um descontrole de si, de modo que não manifestam adequação nos propósitos, rigor nas ideias e precisão na expressão. A formulação genérica desses juízos é retomada em um comentário mais pontual acerca do épico português. Rapin (1674, p. 166) avalia que Camões expressou, no poema, nada mais do que a soberba da nação em relação à conquista das Índias; e acrescenta que “ele é orgulhoso e faustoso em sua composição, mas tem pouco discernimento e pouca boa conduta”³⁰. É interessante notar que sua leitura é mediada por um paradigma normativo, apoiando-se em dados gerais e não particulares; e que se refere frequentemente a conjuntos de poetas ao invés de a obras específicas. De fato, especula-se que o religioso não teve acesso direto ao legado camoniano, baseando-se provavelmente em juízos alheios e atribuindo a ele características identificadas em outras obras espanholas.

Constatam-se, nas leituras de Moréri e de Rapin, noções que medeiam boa parte das leituras posteriores do legado camoniano. Em relação à compreensão dos textos, operam com as dicotomias *ancien e moderne e sacrée e profane*, que continuaram a ser largamente empregadas até a primeira metade do século XIX. Em relação à caracterização de sua poética, qualificam de forma negativa a grandeza desmesurada do poema e a coexistência de mitologias, sem fazer concessões ao poeta. Constituem, assim, referências gerais bastante depreciativas do legado camoniano que, ainda não havendo traduções, eram as únicas disponíveis em francês.

Cerca de onze anos mais tarde, encontra-se outro registro de leitura que se opõe diretamente aos juízos desses dois autores. *Jugements des Savants sur les Principaux Ouvrages des Auteurs* (1685), de Adrien Baillet³¹, é um repertório de consulta acerca de impressores, críticos, gramáticos, filólogos e poetas que resulta de uma extensa pesquisa bibliográfica. Conforme seu escopo, a obra reúne dados encontrados em outros autores, fornecendo uma síntese crítica do respectivo tema. Constata-se um posicionamento investigativo de base cartesiana, já que procura se deter em elementos observáveis quando há dissenso em relação aos juízos apresentados. O livro foi reeditado até a metade do século XVIII e contou com uma edição revista e ampliada em 1822, realizada por um membro da

²⁹ “les Espagnols, comme Luís de Góngora, le Camões sont peu naturels dans leurs pastorales, leurs idylles et leurs églogues”.

³⁰ “il est fier et fastueux dans sa composition, mais il a peu de discernement et peu de conduite”.

³¹ Adrien Baillet (1649-1706), teólogo e bibliotecário, foi autor de uma vasta obra sobre história e religião, marcadamente biográfica. Entre suas publicações, destacam-se: *Vie de Descartes* (1961), *Jugement des Savants sur les Principaux Ouvrages des Auteurs* (1685-86) e *Dévotion à la Vierge et le Culte Qui Lui Est Dû* (1694).

Académie Française, que antecede em poucos anos a impressão da *Encyclopédia* de Diderot e d’Alembert.

O verbete Camões, à semelhança do *Dictionnaire Historique* (1674), aborda a vida e a obra do poeta. A parte biográfica, remetendo diretamente à *Biblioteca Hispana sive Hispanorum* (1672), reproduz os eventos já mencionados por Moréri, bem como insiste na desdita e no reconhecimento posterior. O *corpus* poético assinalado corresponde à lírica, dramaturgia e épica, ainda que apenas esta última seja discutida. A parte crítica concentra-se em características gerais de Camões e de *Os Lusíadas*; menciona as leituras de Nicolás Antonio e de René Rapin; e recomenda, enquanto bibliografia, os comentários de Faria e Sousa. Em relação ao poeta, Baillet (1685, p.336) escreveu que “Camões tinha um gênio de fato extraordinário; nascera poeta, tinha um espírito vivo, sublime, probo, abundante, rico e pronto para tudo o que desejava”³². Comenta também o talento particular do criador de versos, bem sucedido tanto em matérias heroicas quanto galantes, para fazer descrições de lugares e de pessoas cuja arte, tão precisa e bem realizada, quase se iguala à natureza. Em relação ao épico, considera que seus episódios são muito apazíveis e diversificados, sem que desviem o leitor de seu tema principal; e avalia que o poema é ao gosto dos antigos, sem que sua erudição se torne pernóstica.

É importante ressaltar que essa síntese crítica cumula enunciados que contradizem ou reverterem, indiretamente, os aspectos negativos apontados por Moréri e Rapin. Nessa medida, opõe o gênio extraordinário e abundante de Camões a seu espírito demasiadamente vasto; suas descrições fiéis à suposta falta de naturalidade da écloga; a precisão e o rigor de sua arte à obscuridade de seus versos; a variedade do conteúdo à grandeza desmesurada; e, finalmente, a erudição e gosto da composição à falta de discernimento e má conduta. A refutação indireta dos dois autores atesta, concomitantemente, o diálogo que estabelece com eles e uma diferença significativa em relação à leitura do legado camoniano na França. Com efeito, após listar os defeitos apontados por *Réflexions sur la Poétique d’Aristote*, Baillet (1685, p. 338) argumenta, à revelia da especulação escolástica, que “é bom saber que o público obstinou-se a ficar com a estima e com o amor presentes em *Os Lusíadas* (...) que o fez ser reimpresso com frequência pelos editores (...) e traduzido em muitas línguas”³³.

³² “le Camões avait un génie tout à fait extraordinaire; il était né poète; il avait l’esprit vif, sublime, net, abondant, aisé et prompt à tout ce qu’il voulait”.

³³ “il est bon de savoir que le public s’est obstiné à demeurer dans l’estime et dans l’amour qu’il a témoigné pour le poème des Lusiades (...) qui l’a fait passé très souvent par la presse des imprimeurs (...) [et] qui l’a fait aussi tourner en plusieurs langues”.

Os registros de leitura do legado camoniano durante o século XVII na França situam-se em estudos críticos gerais e concentram-se na abordagem de *Os Lusíadas*. Têm como referência principal as obras de Nicolás Antonio e de Faria e Sousa, e constituem uma cadeia receptiva quando Baillet dialoga com Moréri e Rapin. Dessa maneira, foram estabelecidas uma imagem coesa da epopeia através da condenação da mistura do cristianismo e do paganismo, e uma figuração múltipla de Camões enquanto poeta de gênio. Entretanto, ignoraram-se deliberadamente o teatro e a poesia; e foram colocadas em circulação apenas informações biográficas bastante sumárias e genéricas de seu criador.

1.3 O LEGADO CAMONIANO NA FRANÇA DO SÉCULO XVIII

A indiferenciação entre Portugal e Espanha persistia no imaginário francês na primeira metade do século XVIII; porém, houve iniciativas editoriais que insistiram na diferenciação dos dois reinos. Foram impressas, pela primeira vez, histórias de Portugal em francês. Lequien de la Neufville³⁴ (1700, p. I) comenta que “(...) ninguém se dera conta, na França, de separar a história geral de Portugal da de Espanha para compor uma história particular”³⁵, de modo que decidiu escrever sua *Histoire Générale de Portugal*, publicada em 2 v. in-4º em 1700. A obra, apropriando-se da forma da crônica, concentra-se em fatos eminentemente reais e bélicos; e encerra-se abruptamente no ano de 1521. Desse modo, menciona brevemente Camões, com o epíteto de célebre poeta português, ao abordar o recebimento de terras de Vasco Peres de Camões por parte do rei no século XIV.

Dando continuidade ao de Neufville, Nicolas de la Clède³⁶ propôs fornecer um relato mais amplo e completo por meio de sua *Histoire Générale de Portugal* (1735, 8 v. in-12º). As menções a Camões são mais numerosas, e ele é posto em cena enquanto participante ativo de episódios que fazem parte da obra. Dessa maneira, o autor, ao comentar a partida da frota de Fernão Álvares Cabral em direção a Goa, indica que o poeta, assinalado como vate das ações magnânimas dos portugueses nas Índias, fazia parte da tripulação. Quando La Clède (1735, p. 74) aborda o assalto contra o rei de Pimenta, destaca que ele se encontrava nessa expedição e

³⁴ Jacques Lequien de La Neufville (1647-1728) publicou inúmeras obras de caráter histórico. É autor de *Origine des Postes chez les Anciens et chez les Modernes* (1708) e *Histoire des Dauphins et Dauphines de France* (1713).

³⁵ “(...) personne ne s’était encore avisé en France de séparer l’Histoire Générale de Portugal de celle d’Espagne, pour en composer une Histoire particulière”.

³⁶ Nicolas de la Clède (16??-1736) foi secretário de um marechal francês e publicou apenas *Histoire Générale de Portugal* (1735), que foi fruto de inúmeras reedições e algumas traduções.

“fez ver que valor e talentos do espírito não são incompatíveis”³⁷. Analogamente, ao se remeter ao falecimento de Constantino Bragança, procura demonstrar a estima que sentia pelo Homero português, tendo-o libertado da prisão e revogado seu exílio anos antes por ocasião do episódio das sátiras. La Clède (1735, p. 444) insiste na reciprocidade da relação e assinala que Camões “celebrou em muitas de suas poesias líricas as boas ações e as virtudes do conde e tornou sua memória valiosa para a posteridade”³⁸. Em suma, o legado camoniano é figurado pelo viés da história em detrimento do da biografia, de modo a mostrar sua eficácia para a organização mais centrada da vida e obra do poeta.

Os registros de leitura do legado camoniano multiplicaram-se no século XVIII, sobretudo com a publicação de traduções de *Os Lusíadas*. A primeira, realizada por Duperron de Castera, remete diretamente ao *Essai sur le Poème Épique*, de Voltaire, e procura refutar a leitura dele por meio de comentários e notas. A repercussão da tradução e o dissenso interpretativo materializado no livro produziram efeitos imediatos, com manifestações na imprensa principalmente a favor do filósofo iluminista, e a longo prazo, motivando uma segunda tradução do épico, realizada por La Harpe e d'Hermilly, algumas décadas depois. Estabeleceu-se, assim, uma cadeia dialógica que, atravessando o século XVIII, prolonga-se no XIX e não cessa de ser retomada.

O *Essai sur le Poème Épique* (1828), de Voltaire, aborda poemas heroicos em busca de uma definição da épica que não se restrinja à Grécia e Roma, opondo-se diretamente a críticos que apresentavam uma concepção clássica do gênero. Supõe-se que essa obra, originalmente escrita em inglês e publicada na Inglaterra em 1827, seja um estudo preliminar para *La Henriade* (1723). O autor discute os poemas de Lucano, Virgílio e Homero, entre os antigos; e de Tasso, Ercilla, Trissino, Camões e Milton, entre os modernos. Dessa feita, define princípios e características convenientes à épica em relação a seu tempo presente.

O filósofo iluminista, alegando ter considerado opiniões múltiplas e de diferentes proveniências, estabelece, como princípio universal do gênero, que um poema épico deve possuir apenas uma unidade de ação. Nesse sentido, argumenta que a inteligibilidade frui um prazer mais intenso quando lida com um objeto simples e proporcional ao olhar. Além disso, assevera que essa unidade de ação deve ser internamente diversificada. O objeto deve ser grandioso, para nos golpear com sua imponência; interessante, para sentirmos prazer ao sermos agitados e comovidos; e inteiro, para que nada falte à satisfação de nosso espírito. Em

³⁷ “fit voir que la valeur et les talents de l’esprit ne sont point incompatibles”.

³⁸ “célébra dans plusieurs de ses poésies lyriques les bien-faits et les vertus du comte et rendit sa mémoire précieuse à la postérité”.

vista disso, Voltaire, quando analisa a *Ilíada*, critica negativamente a independência entre seus livros, pois julga indispensável haver uma sequência e uma ligação necessárias entre eles. Analogamente, desaprova a variedade dos caracteres de seus heróis, já que considera Páris vil, Menelau vulgar, e Aquiles excessivamente violento. É importante ressaltar que a concepção da poética épica pelo viés do efeito concorre para uma atualização funcional à revelia de uma erudição unívoca pautada no exame estrito dos antigos. O autor demonstra, enfim, como esse poema homérico, ainda que bem escrito, não corresponde ao que definira e questiona sua capacidade de interessar a um leitor do século XVIII.

O filósofo aborda *Os Lusíadas* também nesses moldes; porém, encontra inúmeros aspectos que suscitam interesse. Ele ressalta a modernidade do poema, já que considera seu tema inaudito em matéria de poesia épica. Segundo Voltaire, ninguém antes de Camões conhecera o delicioso prazer de celebrar um amigo e ações das quais fora testemunha³⁹; e seu gênio realizara, optando por não tratar de combates sangrentos, mulheres apaixonadas e cidades destruídas, um tipo de obra até então desconhecido. O autor também elogia a composição e a elocução da epopeia que elevam, por meio de seu encanto e beleza, a simplicidade de seu tema. Dessa maneira, Voltaire (1728, p. 64) aprecia positivamente a alegoria do gigante Adamastor e afiança que ela “passará por bela e sublime em todos os séculos e nações”⁴⁰. Entretanto, emenda posteriormente o juízo crítico e comenta que as mesmas composição e elocução encobrem falhas do poema. Nesse sentido, condena o episódio da Ilha dos Amores, pois julga que a lascívia com que fora pintado agradaria apenas portugueses e italianos, ninguém mais.

Ainda que tenha qualificado a alegoria de Adamastor como sublime, o filósofo ratifica a censura à coexistência das mitologias. Voltaire (1728, p. 66) arrola que “é uma mistura irracional de deuses pagãos com elementos da religião cristã”⁴¹; e menciona o episódio em que Vasco reza para Jesus, e Vênus aparece para socorrê-lo. Dessa maneira, o debate realizado em Portugal no século XVI e retomado por Rapin e Moréri no século XVII é evocado, de forma contundente, na leitura do filósofo. Todavia, há uma diferença fundamental na formulação da questão. Inicialmente, a crítica resultava de uma postura medieval, prezando pelos preceitos da fé cristã e dos bons costumes. A seguir, transferida para o grande século francês, correspondia à defesa de uma poética clássica pura, cuja apoteose

³⁹ O equívoco de Voltaire em assumir que Camões participara da viagem de Vasco da Gama é retificado em edições posteriores do *Essai sur le Poème Épique*. Destaca-se que esse engano não invalida o enfoque positivo da narração de fatos recentes em detrimento de um passado mítico.

⁴⁰ “passera pour belle et sublime dans tous les siècles et chez toutes les nations”.

⁴¹ “c’est un mélange déraisonnable des dieux du paganisme, avec les objects de la religion chrétienne”.

eram as tragédias de Racine. Finalmente, no século das luzes, era reelaborada a partir do primado racionalista, que buscava uma coerência dos elementos no horizonte do presente. Com efeito, Voltaire (1728, p. 67-68) reitera essa posição ao remeter a outra passagem de *Os Lusíadas*:

Lembro-me que, após ter contado suas aventuras ao rei de Melinde, Vasco da Gama disse: Ó, meu rei, cabe a vós julgar se Enéias ou Ulisses foram tão longe quanto eu e escaparam de tamanhos perigos, como se esse selvagem africano tivesse algum conhecimento dos heróis de Homero e de Virgílio. Em geral, acho seu poema cheio de coisas excelentes e de erros patéticos, sucedendo-se, sem intervalo, uns após os outros.⁴²

O filósofo procura, assim, um nexos coerente entre a referência clássica e os personagens que a compartilham. Não encontra, no entanto, qualquer vínculo congruente entre esses elementos e denuncia a falta de autenticidade do episódio. Essa ausência de um valor de verdade revela o espectro do racionalismo que medeia a leitura do épico realizada por ele. Enquanto aponta como absurdos os caracteres dos deuses homéricos, não aponta qualquer falta de coerência entre as divindades adotadas por Camões e as ações que executam. A incoerência encontra-se na justaposição de mitologias em um épico moderno, inscrito, para ele, em outro paradigma de verossimilhança. De fato, manifesta apreço por episódios isolados de *Os Lusíadas*, mas questiona severamente o quanto o conjunto do poema poderia interessar a um leitor contemporâneo.

Os episódios aprazíveis e variados do épico português, aludidos genericamente por Baillet, ganharam uma dimensão particular por meio das indicações e valorações do *Essai sur le Poème Épique*. Além disso, a linguagem obscura, apontada anteriormente, é atenuada graças aos comentários parcialmente elogiosos à composição e à elocução. Em vista disso, criou-se uma figuração mais tangível do legado camoniano, isto é, *Os Lusíadas* ganharam especificidade. Todavia, os argumentos negativos sobrepuseram-se aos positivos em decorrência das polêmicas fomentadas pelo primeiro tradutor do épico português, sobre quem pesou o capital simbólico de Voltaire e de seus partidários.

La Lusíade (3 v. in-8°), traduzida por Duperron de Castera, foi publicada pela primeira vez em 1735. A edição contém: um prefácio; uma notícia biográfica de Camões; a tradução dos cantos; extensas notas informativas e exegéticas; e um índice remissivo. A vida do poeta aborda suas origens, seu percurso pessoal e morte; fornece uma imagem de suas feições e

⁴² Je me souviens qu'après que Verasco [sic] da Gama a donné ses aventures au Roi de Melinde, il lui dit : ô Roi, juge si Enée et Ulisse ont voyagé aussi loin que moi et ont enfui tant de périls ; comme si ce sauvage Africain avait quelque connaissance des héros d'Homère et de Virgile. Je trouve en général son poème plein de choses excellentes et de bévues pitoyables, placés sans intervalle les unes auprès des autres.

ares; e expõe seus hábitos e caráter. Apresenta, contudo, informações já expostas nas biografias anteriores. Os dez cantos são traduzidos em prosa. As notas fornecem informações complementares de lugares e de personagens históricos, bem como orientam a interpretação do texto. Ressalte-se que o número de páginas dedicado às notas costuma ser maior do que o dedicado aos respectivos cantos. Com efeito, o aparato crítico paratextual ocupa um espaço considerável da obra, à semelhança das edições organizadas por Faria e Sousa.

Conforme o prefácio, a motivação para realização da tradução foi a de enriquecer o parnaso francês, já que se considera o épico camoniano um dos mais belos poemas após Homero e Virgílio. Entretanto, Castera (CAMOENS, 1735, p. VII) introduz a epopeia a partir de considerações bastante particulares:

O tema é grandioso, tal como necessário a uma epopeia: é a descoberta das Índias pelos portugueses. A unidade da ação principal e a do herói encontram-se perfeitamente respeitadas; vemos uma conduta ordenada com arte, uma alegoria sublime, diversos episódios bem arranjados com força e delicadeza, pinturas vivas; enfim, um estilo variado conforme a exigência das matérias; às vezes suave e simples, às vezes rápido e majestoso; sempre admirável e nunca desfigurado por jogos de palavras.⁴³

O tradutor remete ao princípio universal da épica definido por Voltaire para apresentar o tema e a composição de *Os Lusíadas*. Aponta a descoberta das Índias como unidade de ação da epopeia e a sequência artisticamente ordenada de episódios e alegorias como sua diversificação interna. Considera o estilo variado uma adequação ao conteúdo específico de partes do poema. Sustenta a grandeza temática do épico, a falta absoluta de jogos de palavras e o arranjo, com força e delicadeza, de seus episódios. É notável a maneira indireta com que se contrapõe a enunciados críticos do *Essai sur le Poème Épique*. Subverte, assim, os argumentos da simplicidade da epopeia, da elocução que oculta falhas e do maravilhoso mal arranjado, que conformam o nódulo negativo do texto do filósofo iluminista. Enfim, Castera (CAMOENS, 1735, p. XIV) declara, mais adiante, que Voltaire “criticou muitas partes de Camões”⁴⁴ e que tentou mostrar, “em minhas notas, que sua censura cai por terra”⁴⁵.

As notas do tradutor, numerosas e normalmente extensas, servem de palco para descreditar o filósofo e controlar a interpretação do poema. Com o pretexto de que Camões empregou demasiada erudição em *Os Lusíadas*, Castera optou por inseri-las no final de cada

⁴³ Le sujet en est grand, et tel qu'il le faut pour l'Épopée; c'est la découverte des Indes par les Portugais. L'unité de la principale action et celle du Héros s'y trouvent observées parfaitement; on y voit une conduite ménagée avec art, une allégorie sublime, plusieurs épisodes bien amenés avec force et délicatesse, des peintures vives; enfin un style varié suivant l'exigence des matières; tantôt doux et simple, tantôt rapide et majestueux; toujours admirable, et jamais défiguré par ces jeux de mots (...).

⁴⁴ “a critiqué plusieurs endroits du Camoëns”.

⁴⁵ “dans mes notes, que sa censure tombait à faux”.

canto, a fim de desenvolver a alegoria do épico e dirimir algumas de suas dificuldades de compreensão. Dessa maneira, crê que fornece o necessário para se ter uma ideia precisa do autor e da história, principalmente acerca de coisas que fogem ao comum. Ressalte-se que, ao figurar o príncipe dos poetas pelo viés do conhecimento erudito de caráter humanista, ele reforça a própria sapiência e assume uma posição de autoridade ainda mais elevada em relação a outros leitores da epopeia, sobretudo Voltaire.

A nota do Concílio dos Deuses menciona que Camões foi censurado pela postura e pelas ações dos deuses pagãos no épico. Argumenta que os autores dessas censuras, no entanto, não levaram em consideração os privilégios da poesia heroica e não compreenderam verdadeiramente o poema. Nessa medida, Castera (CAMOENS, 1735, p. 58-59) escreve que:

Os devotos scandalizaram-se ao encontrar os nomes profanos de Júpiter, de Mercúrio e de Vênus, etc., em ações onde o verdadeiro Deus assinalou sua potência e bondade em favor da felicidade da Europa e da conversão dos gentios. Outros menos escrupulosos, mas tão pouco esclarecidos quanto eles, julgaram que o maravilhoso retirado das fontes da fábula não serve para nos provocar nem admiração, nem interesse, já que os consideramos contemporaneamente falsos. Disso decorre um dos principais pontos sobre os quais o senhor Voltaire fundamenta sua crítica (...).⁴⁶

O tradutor procura provar que as manifestações dos deuses pagãos em *Os Lusíadas* justificam-se e que em nada comprometem capacidade da epopeia de interessar o leitor. Ele sustenta que há uma equivalência teológica entre as divindades que intervêm no poema e as entidades da religião cristã. Dessa feita, afirma que, apesar de sua constituição politeísta, as mitologias pagãs reconheciam apenas um deus como todo poderoso. Para os gregos, era Zeus; para os egípcios, Serápis; para os magos, Oromasis; e para os romanos, Júpiter. Contudo, nomearam-se posteriormente seus atributos particulares, transformando o uno em múltiplo. Castera usa como exemplo os romanos: Júpiter tornava-se Marte quando decidia a sorte dos guerreiros; Netuno, quando apaziguava ou elevava ondas; e Ceres, quando tornava fecunda a terra. Em vista disso, alega que, de acordo com um ponto de vista eminentemente teológico, o Deus cristão, Júpiter e seus atributos equivalem-se, pois estabelecem uma relação semelhante com o mundo.

Convicto de ter resolvido a questão religiosa, o tradutor menciona, a partir de Tasso, que a alegoria é a alma da epopeia, de modo que apenas o espírito do autor pode fornecer seu

⁴⁶ Les dévots ont été scandalisés de rencontrer les noms profanes de Jupiter, de Mercure, de Venus, etc. dans des actions où le vrai Dieu a signalé sa puissance et sa bonté pour le bonheur de l'Europe, et pour la conversion des Orientaux : d'autres moins scrupuleux, mais aussi peu éclairés, ont jugé que le merveilleux puisé dans les sources de la Fable, n'est propre ni à nous frapper d'admiration, ni à nous intéresser, maintenant que nous en connaissons le faux. C'est-là l'un des principaux points sur lesquels M. de Voltaire fonde la critique (...).

sentido misterioso e dar a conhecer belezas inesperadas. Castera (CAMOENS, 1735, t. 1, p. 62) assevera que, por esse meio, “as pessoas estudadas sempre encontraram o que admirar em Homero, enquanto os ignorantes, que se detinham apenas no sentido literal do texto, olharam-no com desprezo”⁴⁷. Além disso, comenta que Jesus Cristo e São Miguel Arcanjo não se manifestam com frequência em epopeias, diferentemente das virtudes, vícios e paixões personificados. Infere, assim, que a rejeição de nomes cristãos e a personificação de elementos abstratos são posturas legítimas em matéria de épica. Considera, conseqüentemente, a posição do príncipe dos poetas autêntica. Em razão disto, Castera (CAMOENS, 1735, t. 1, p. 63) acrescenta, provocativamente, que, “se permitimos a Boileau⁴⁸ introduzir em *Lutrin* a Chicana e a Volúpia, que são deusas novas, não entendo por que impediríamos Camões de empregar em *Os Lusíadas* os nomes de Febo e Tétis, que o Parnaso já conhece”⁴⁹. Afinal, conclui, a alegoria é a mesma tanto para o poeta do Tejo quanto para o do Sena.

Apresentados os privilégios da poesia heroica, resta ao tradutor desvelar a alegoria do poema épico. Nas notas à aparição de cada divindade durante o concílio, Castera desenvolve analogias que permitiriam melhor compreender *Os Lusíadas*. Segundo ele, Júpiter representa Deus Pai, uma vez que o poeta concedeu-lhe os mais belos traços, os mesmos empregados pela Santa Escritura; e uma voz imponente, que inspira terror e respeito, também atribuída ao criador por Jó. Baco representa o Diabo, já que se opõe à viagem dos portugueses por prever que eles, convertendo os gentios, acabariam com seu culto. O tradutor acrescenta que o demônio obscurece a luminosidade da alma com a tentação dos prazeres, assim como o deus pagão fazia com a doçura do vinho; e ambos possuem chifres. Vênus representa a Religião Cristã, pois protege os viajantes portugueses ao se dar conta das vantagens da conversão dos gentios para a Igreja. Para se proteger da polêmica que essa associação poderia causar, comenta que Platão, em *O banquete*, distingue duas Vênus, uma terrestre e lasciva, outra

⁴⁷ “les gens d’étude ont toujours trouvé dans Homère de quoi l’admirer, pendant que les ignorants, qui ne s’attachaient qu’à la lettre, l’ont regardé avec mépris”.

⁴⁸ Nicolas Boileau (1636-1711), poeta e erudito francês, publicou suas primeiras sátiras em 1666, obtendo grande sucesso, e foi eleito membro da Académie Française, por recomendação de Luís XIV, em 1684. Junto a Racine, foi um dos responsáveis pela disseminação de princípios da poética clássica na França, uma vez que não só defendeu, sucessivas vezes, a posição dos antigos na Querela dos Antigos e dos Modernos, mas também empreendeu uma tradução de *Do Sublime* [*Traité du sublime* (1674)], de Longino, e escreveu uma *Arte Poética* (1674). *Le Lutrin* (1672), mencionado por Castera, é uma tentativa de composição de uma epopeia a partir de temas mundanos, que culmina em uma narrativa profundamente satírica e paródica. No século XVIII, Boileau é um dos autores mais respeitados do cânone francês, e a equiparação dele e de Camões, feita pelo tradutor, é bastante provocativa.

⁴⁹ “si l’on permet à Boileau d’introduire dans son *Lutrin* la chicane et la volupté, qui font des Déesses nouvelles; je ne comprends pas pourquoi l’on défendrait au Camoëns d’employer dans la *Lusiade* les noms de Pothébus et de Thétis, que le Parnasse connaît déjà”.

celeste e pura, sendo da última que fala o poeta. Marte representa Jesus Cristo, uma vez que o filho de Deus combateu pela humanidade, podendo ser chamado de Deus da Guerra. Ressalta que a descrição oferecida por São João no segundo capítulo do Apocalipse colabora com essa interpretação. Além disso, destaca que a paixão que ele sente por Vênus corresponde à de Jesus pela Igreja. Cupido representa o amor divino, Mercúrio, mensageiro de Júpiter, os anjos, mensageiros de Deus. Enfim, o tradutor procura neutralizar as críticas negativas em relação ao sentido do épico e, concomitantemente, conciliar a mistura das mitologias.

A tentativa de refutar a leitura de Voltaire manifesta-se sobremaneira na nota à cena do Canto II em que o rei de Melinde pede a Gama que fale de sua pátria. A fim de justificar a erudição atribuída ao monarca, Castera (1735, t. 1, p. 172-173) encarrega-se de repertoriar, desde Alexandre, as diversas circunstâncias em que os orientais puderam ter conhecido a história dos antigos:

Pode-se, por acaso, ignorar que os indianos mantiveram outrora contato com os gregos? Os filósofos gregos não viajavam todos ao oriente para poder consultar os magos e os brâmanes? (...) Não é ainda um fato certo que Alexandre esteve nas Índias, que as conquistou e que por lá ficou? Sabe-se que esse príncipe apreciava as belas-lettras; ele o testemunhou demasiadamente quando, tendo um dia encontrado o *Ecrin* de Darius entre os despojos dos persas, disse que havia nada de mais precioso para trancar nesse cofre do que as obras de Homero. (...) Porque todo o universo segue o exemplo dos reis, e seus sentimentos têm a força de leis, podemos crer que os súditos de Alexandre imitavam seu gosto pelas ciências (...). Nesse caso, não nos enganaríamos ao inferir que, durante sua estada nas Índias, os povos dessas regiões aprenderam a mitologia, a história e muitas outras coisas semelhantes; ou, se não foi enquanto ele lá permaneceu, é pelo menos indubitável que isso não poderia deixar de acontecer após sua partida.⁵⁰

Ele acrescenta que o grego foi largamente disseminado na Ásia, graças às cidades fundadas por Alexandre, pois lá se encontram muitos lugares, plantas e animais com nomes naquela língua. Comenta que os indianos também mantiveram relações com os romanos, haja vista os testemunhos de Macróbio, de Plínio e de outros autores por ele referidos; e puderam, por meio deles, conhecer a mitologia e os poetas. Castera (1735, p. 176) afirma que os mouros, ao invadirem a Espanha, “(...) dedicaram-se ao estudo (...), traduziram e comentaram

⁵⁰ Peut-on ignorer que les Indiens ayent été jadis en liaison avec les grecs ? Les philosophes de la Grèce ne voyageoient-ils pas dans tout l'Orient pour y consulter les Mages et les Brachmanes ? (...) n'est-ce pas encore un fait certain qu'Alexandre a été dans les Indes, qu'il les a conquises, et qu'il y a séjourné ? On sait que ce Prince chérissait les belles lettres ; il le témoigna hautement, lorsqu'un jour ayant trouvé l'Ecrin de Darius parmi les dépouilles des Persans, il dit qu'il n'avait rien de plus précieux à renfermer dans ce petit coffre, que les oeuvres d'Homère. (...) Puisque tout l'univers suit l'exemple des Rois, et que leurs sentiments ont la force des Lois, nous pouvons croire que les courtisans d'Alexandre imitaient son goût pour les sciences (...). En ce cas, nous n'aurons pas tort d'inférer que pendant son séjour dans les Indes, les peuples de ces climats apprirent la Mythologie, l'Histoire et plusieurs autres choses semblables; ou si ce ne fut pas durant qu'il demeura chez eux, au moins est-il indubitable que cela n'a pu manquer d'arriver après son départ (...).

em sua língua as melhores obras gregas e latinas (...)”⁵¹; e, quando foram finalmente expulsos, levaram para a África e Ásia as ciências que aprenderam na Europa. Com tantas evidências, o tradutor duvida que ainda se sustente a falta de veracidade do poema em relação a esse episódio. Com afeito, Castera (1735, p. 176) considera, resolutamente, que “os censores deveriam se lembrar que os *Contos Árabes* de Mocles, conhecidos com o título de *As Mil e Uma Noites*, imitam frequentemente Virgílio, Homero e Ovídio, conforme testemunha a história do gigante Sinbad, que se assemelha perfeitamente à de Polifermo”⁵².

A disputa hermenêutica encetada por Castera contra Voltaire dissemina-se ao longo dos três volumes de *La Lusíade*. Alguns pontos, como a correção de que Camões não participara da viagem de Vasco da Gama, fizeram com que o filósofo emendasse a edição seguinte do *Essai sur le Poème Épique*. Entretanto, a interpretação alegórica e a crescente valorização de Voltaire, eleito membro da Académie Française em 1746, colaboraram com a rejeição da leitura de Castera. Anne Gallut-Frizeau (1972) ressalta que o tradutor cometera um grande equívoco ao tentar convencer os leitores de sua interpretação alegórica enquanto se produzia a enciclopédia e proliferava a forma iluminista de pensar.

Ainda assim, *La Lusíade* contou com uma boa recepção entre alguns homens de letras franceses. O Abade Prévost⁵³ (1735, p. 82-83), reconhecendo sua incapacidade para julgar a fidelidade da tradução, deteve-se na beleza e nos defeitos do estilo do poema; e destaca: “o primeiro sentimento (...) ao começar esse artigo é o de reconhecimento pelo presente que o senhor du Perron fez a nossa língua”⁵⁴. Analogamente, o Abade Desfontaines⁵⁵ (1735, p. 159) reconheceu que “estamos em dívida com o senhor de Castera por nos ter feito vantajosamente conhecer uma obra de que tínhamos apenas uma tradução em versos latinos, bastante rara”⁵⁶; e tece considerações sobre o estilo do tradutor, vivo e nervoso, mas pouco correto e demasiadamente elíptico. De qualquer forma, prevaleceu uma imagem negativa de

⁵¹ “(...) ils’y appliquèrent à l’étude (...), ils traduisirent, ils commentèrent dans leur langue les meilleurs ouvrages des Grecs et des Latins (...)”

⁵² “Les censeurs devraient se ressouvenir que les Contes Arabes du Dervis Moclès, qui nous sont connus sous le titre de Mille et une nuits, ne font souvent qu’imiter Virgile, Homère et Ovide, témoin l’Histoire du Géant de Sindbad, qui ressemble parfaitement à celle de Poliphème” .

⁵³ Antoine François Prévost (1697-1763), conhecido por *Histoire du Chevalier des Grieux et de Manon Lescaut* (1731), é autor de uma vasta obra que engloba romances, dicionários e notícias históricas.

⁵⁴ “le premier sentiment (...) en commençant cet article, en est un de reconnaissance pour le présent que M. du Perron fait à notre langue” .

⁵⁵ Pierre-François Guyot Desfontaines (1685-1745) foi professor de retórica em Rouen e diretor do *Journal des Savants*. É autor e tradutor de inúmeras obras, publicadas principalmente em periódicos. É considerado iniciador da moderna crítica literária, que se atém à leitura estética e moral de livros ao invés de apenas resumi-los.

⁵⁶ “nous sommes redevables à M. de Castera de nous avoir fait connaître avantageusement un ouvrage, dont nous n’avions qu’un traduction en vers latins, assez rare” .

Castera em função de seus comentários; e *La Lusíade*, reeditada em 1768, foi substituída por uma nova tradução em 1776, reimpressa diversas vezes até os anos vinte do século XIX.

Entre a primeira e a segunda tradução, encontram-se registros de leitura do legado camoniano que estabelecem distintas relações dialógicas com os autores já abordados. Há diferentes formulações sem, necessariamente, veicular enunciados inauditos. *Mémoire pour Servir à l'Histoire des Hommes Illustres* assevera, no que diz respeito a Rapin e ao estilo de Camões, que, “se esse padre soubesse a língua portuguesa, não o teria acusado de ser obscuro e afetado, porque seu estilo é natural, fluido e teso”⁵⁷ (NICÉRON, 1737, p. 256). Diferentemente, *Essais sur l'Histoire des Belles-Lettres, des Sciences et des Arts* reproduz as críticas do religioso, mas afiança que “a história trágica de Inês de Castro é uma composição demasiadamente interessante e de uma beleza singular”⁵⁸ (CHARLENCAS, 1739, p. 100). A *Bibliothèque Française ou Histoire de la Littérature Française* relata, em relação a Camões, que “falta a essa vida, em mais de um lugar, a exatidão dos fatos”⁵⁹ (GOUJET, 1774, p. 188). *Réflexions sur la Poésie* comenta a interpretação de Castera e afirma que “a seriedade da explicação não exonera a extravagância da ficção”⁶⁰ (RACINE, 1748, p. 19), desprezando a alegoria assim como fizera com a de Tasso. *De l'Esprit des Lois* discorre sobre a descoberta do Novo mundo e declara que as “de Moçambique, de Melinde e de Calicute foram cantadas por Camões, cujo poema faz sentir algo dos encantos da *Odisseia* e da magnificência da *Eneida*”⁶¹ (MONTESQUIEU, 1748, p. 44). Com esses excertos, constata-se um enfoque exclusivo da vida do poeta e de *Os Lusíadas*, sem apresentar qualquer univocidade.

Dicionários históricos também costumavam remanejar uma quantidade restrita de informações, repetindo principalmente as biográficas; e mencionar com maior frequência obras, francesas e estrangeiras, em que se baseavam. O *Nouveau Dictionnaire Historique et Critique* é um dos poucos a dizer mais precisamente que o poeta “escreveu muitas outras poesias: canções, sonetos, epigramas, éclogas, elegias, sátiras, odes e comédias”⁶² (CHAUFFEPIÉ, 1750, p. 21), sendo o livro que mais cita seus antecessores. O *Dictionnaire Portatif des Beaux-Arts* exclama: “Quanta beleza, quantas riquezas em suas descrições! Quanta variedade, que colorido em suas imagens! Quanta nobreza, que sublime em suas

⁵⁷ “si ce père eut entendu la langue portugaise, il ne l'aurait point accusé d'être obscur et affecté, puisque son style est naturel, coulant et nullement guindé”.

⁵⁸ “l'histoire tragique d'Inês de Castro est un morceau fort intéressant, et d'une beauté singulière”.

⁵⁹ “cette vie manque en plus d'un endroit d'exactitude dans les faits”.

⁶⁰ “ce sérieux de l'explication ne sauve pas l'extravagance de la fiction”.

⁶¹ “la découverte de Mozambique, de Melinde et de Calicute ont été chantés par le Camões, dont le poème fait sentir quelque chose des charmes de l'Odyssée et la magnificence de l'Éneide”.

⁶² “a fait quantité d'autres poésies, des chansons, des sonnets, des epigrammes, des éclogues, des élégies, de satires, des odes et des comédies”.

ficções!”⁶³ (LA COMBE, 1752, p. 124), ainda que julgue monstruosa a mistura das mitologias cristã e pagã. O *Dictionnaire Historique, Littéraire et Critique* fala de *Os Lusíadas* e conta que “é em um de seus episódios em que se lê a morte da célebre Inês de Castro, e essa composição é comparável às mais belas de Virgílio”⁶⁴ (BARRAL, 1758, p. 690). O *Dictionnaire Historique-Portatif* afirma que o poema “contém grandiosas belezas, mas Camões não segue as regras do poema épico e abandona-se a seu gênio”⁶⁵ (LADVOCAT, 1755, p. 195). Em vista disso, percebe-se que, mesmo com a multiplicação das leituras, não houve uma mudança significativa em relação ao que dizem do legado camoniano e dos dados de que se valem.

La Lusíade (2 v. in-8º), traduzida por Vaquette d'Hermilly e La Harpe, foi publicada pela primeira vez em 1776. A edição contém: uma advertência do editor; um prefácio acerca do poeta e do épico; um esquema das figuras que aparecem em cada canto; o argumento e a tradução em prosa dos dez cantos; e notas explicativas. A advertência expõe os critérios de tradução, que privilegiaram uma versão literal e escrupulosamente fiel do poema. O prefácio fornece uma biografia tradicional de Camões, incorporando elogiosamente o retrato feito por Castera, e uma crítica contundente de *Os Lusíadas*.

Os tradutores, preferindo como tema a descoberta das Américas, comentam que as Índias, até então desconhecidas dos europeus, e os perigos de uma navegação sem precedentes pareceram entusiasmar o poeta para iniciar sua epopeia. Contudo, d'Hermilly e La Harpe (CAMOENS, 1776, t. 1, p. XIX) pensam que a imaginação e a alma de Camões não foram capazes de realizá-la com sucesso, uma vez que “não há em seu poema nem ação, nem caracteres e, conseqüentemente, nenhum interesse”⁶⁶. Eles caracterizam a obra como uma exposição da história de Portugal em episódios mal fundamentados, cuja sucessão aborrece; e avaliam que não há suficientemente perigos notáveis, situações cativantes e personagens heroicos na história. Nessa medida, julgam que o poema termina, na verdade, no final do Canto VI, com a chegada de Gama a Calicute. Ainda assim, consideram seu estilo impressionante, ornado com imagens hábeis e animado por uma eloquência natural, distinto da declamação espanhola e do preciosismo italiano. Com efeito, destacam a aparição de

⁶³ “Quelle beauté, quelles richesses dans ses descriptions! Quelle variété, quel coloris dans ses images! Quelle noblesse, quel sublime dans ses fictions!”.

⁶⁴ “dans un de ses épisodes qu'on lit la mort de la célèbre Inês de Castro, et ce morceau est comparable au plus beau de Virgile”.

⁶⁵ “contient de grandes beautés; mais le Camoens n'y suit point les règles du poème épique, et s'abandonne à son génie”.

⁶⁶ “il n'y a dans son poème ni action, ni caractères, et par conséquent point d'intérêt”.

Adamastor e a morte de Inês; e declaram que esses episódios, tornando viva a obra, serão lembrados pela posteridade.

D’Hermilly e La Harpe (CAMOENS, 1776, t. 1, p. XXII) mencionam a existência das rimas de Camões e avaliam que “não são dignas de sua reputação e não merecem ser traduzidas”⁶⁷. Fornecem, assim, a primeira figuração negativa da lírica camoniana, sem que contasse com uma versão em francês ou com leituras substanciais na França. É importante lembrar que Castera (CAMOENS, 1735, p. LXII) assinala, em seu prefácio, que o poeta deixou poesias diversas, impressas em dois volumes, “que não são menos admiráveis em seu gênero”⁶⁸, especificando suas formas. Além disso, insere alguns versos, no original e em tradução, e refere nominalmente a dramaturgia no paratexto biográfico. De fato, o comentário de La Harpe e d’Hermilly é retomado em leituras do século XIX que, descobrindo o legado camoniano para além de *Os Lusíadas*, apontam a ignorância dos dois acerca desse tema.

Ainda que remetam a Castera para o retrato do poeta, consideram que o espírito poético de Camões encontra-se completamente ausente da primeira tradução do épico português, tratando-a com desprezo. La Harpe e d’Hermilly (CAMOENS, 1778, t. 1, p. XXIII) julgam que ele “sobrecarregou sua obra de uma multitude de notas inúteis, frequentemente empregadas para desenvolver as pretensas alegorias de *Os Lusíadas*, que são nada mais do que devaneios do tradutor”⁶⁹. Fazem, a seguir, uma longa citação, a fim de que o leitor perceba seu ridículo. Em vista disso, La Harpe e d’Hermilly (CAMOENS, 1778, t. 1, p. XXII) pretendem que a nova versão “é infinitamente mais próxima do texto e análoga à simplicidade elegante e sabiamente ornada que o autor de *Os Lusíadas* parece querer imitar dos antigos, ainda que não possua a riqueza de Homero, nem os movimentos e o patético de Virgílio”⁷⁰.

Menos numerosas e expressivas do que na primeira tradução, as notas explicativas são bastante homogêneas e dedicam-se à crítica do épico, sobretudo em relação a suas imitações dos antigos e ao debate entre Castera e Voltaire. Torna-se evidente, ao longo dos comentários, a preferência pelo filósofo iluminista e a tentativa de validar sua leitura, mesmo em pontos já considerados incongruentes. A nota da proposição do poema, onde inicia a tradução propriamente dita, insere uma citação elogiosa de sua imitação presente no *Essai sur le Poème*

⁶⁷ “ne sont pas dignes de sa réputation, et qui ne méritent pas d’êtres traduites”.

⁶⁸ “qui ne sont pas moins admirables dans leur genre”.

⁶⁹ “a surchargé son ouvrage d’une foule de notes inutiles, le plus souvent employées à développer de prétendues allégories de la Lusiade, qui ne sont que des rêveries du traducteur”.

⁷⁰ “est infiniment plus rapprochée du texte et plus analogue à la simplicité élégante et sagement ornée, que l’auteur de la Lusiade semble vouloir imiter des anciens, quoiqu’il n’ait ni la richesse d’Homère, ni les mouvements et le pathétique de Virgile”.

Épique. A do Concílio dos deuses, remetendo às censuras da presença de divindades pagãs em um poema cristão, demonstra indignação com a tentativa de Castera de justificá-la. Aponta também, a respeito da substituição das fábulas antigas, para os procedimentos de Tasso e de Voltaire, que, mesmo não sendo tão bem sucedidos, são superiores ao de Camões. A da descrição de Adamastor retoma, de maneira jocosa, argumentos do primeiro tradutor, que considera o gigante uma representação de Maomé. A do encontro de Vasco da Gama com o rei evoca a combatividade de Castera com o filósofo para provar sua verossimilhança; e, aceitando a possibilidade de que o monarca pudesse conhecer a mitologia antiga, enfatiza a igual possibilidade de não conhecê-la, buscando preservar, em alguma medida, o ponto de vista de Voltaire. Enfim, a nota à Ilha dos Amores lança mão do deboche direto de suas interpretações e desfere o golpe de misericórdia na tradução de 1735.

A leitura dos dois tradutores, materializada no paratexto, indica uma ambiguidade na compreensão do poema. Por um lado, eles se valem do consenso acerca do ridículo da interpretação de Castera para desqualificar a primeira tradução e valorizar a deles. Por outro, insistem nesse ponto em deferência ao filósofo que, amigo íntimo de La Harpe, fizera-o ser eleito para a Académie Française no mesmo ano de publicação de *La Lusiade*. Não é por acaso que criticam positivamente a epopeia apenas em conformidade com o que foi dito no *Essai sur le Poème Épique*. Na nota do retorno de Vênus ao Olimpo, d’Hermilly e La Harpe (CAMOENS, 1776, t. 1, p. 110) asseveram que, apesar dos defeitos de concepção e realização, o quadro “é digno do pincel de um mestre, e foram, sem dúvida, semelhantes belezas que fizeram a obra viver na memória dos homens”⁷¹. Analogamente, arrolam na nota da aparição de Adamastor que ele “é visto, com razão, como uma ficção sublime e verdadeiramente épica”⁷² (CAMOENS, 1776, t. 1, p. 307-309), ainda que fale excessivamente e tenha um desfecho pouco interessante. Em suma, valorizam enfaticamente episódios e elementos dispersos no corpo de *Os Lusíadas*, sem deixar de indicar alguma contrariedade.

La Lusiade ganhou, segundo Roger Bismut (1981), duas outras edições ainda em 1776, uma provavelmente pirata, e foi reimpressa em 1813 e 1820. Com as edições de Castera disponíveis apenas em gabinetes de leitura e sebos, a tradução de La Harpe e d’Hermilly foi a única versão em francês de *Os Lusíadas* a ser regularmente comercializada por quase cinquenta anos⁷³. Anne Gallut-Frizeau (1972) ressalta que ela, tal como a de Castera, não foi

⁷¹ “est digne du pinceau d’un grand maître, et ce sont sans doute de pareilles beautés qui ont fait vivre l’ouvrage dans la mémoire des hommes”.

⁷² “est regardée, avec raison, comme une fiction sublime et vraiment épique”.

⁷³ Roger Bismut (1983) apresenta uma tradução manuscrita descoberta por Leodegário de Azevedo Filho no Rio de Janeiro em 1981. O autor atribui como datação provável o final do século XVIII e aborda sobretudo seu

considerada bem sucedida por seus contemporâneos. Ainda assim, tornou-se, em conjunto com o *Essai sur le Poème Épique*, a principal referência da epopeia para letrados franceses que não liam em português, de modo que seus pontos de vista em relação a Camões fizeram-se incontornáveis até, pelo menos, meados do século XIX.

Tanto a edição de 1735 quanto a de 1776 encontraram leitores. Além da crítica, o legado camoniano fomentou criações poéticas e ficcionais. Destaca-se o pioneirismo da tragédia *Inès de Castro* (1723), de Houdar de La Motte, que antecede as duas traduções. Houve inúmeras imitações e versões de episódios de *Os Lusíadas*. *La Mort d'Inès de Castro et Adamastor* (1772), de Sulpice Gaubier de Barrault, fornece uma versão bilíngue dos dois episódios para subsidiar uma futura tradução em versos. *L'Île Enchanté* (1788), publicado em *Voyages Imaginaires*, constitui uma versão em prosa da Ilha dos Amores, ressaltando seu interesse. Houve também poesias inspirados por Camões ou que o mencionam. *La Navigation* (1781), de Grée, e *Les Styles* (1785), de Cournand, são dois poemas em quatro cantos que referem elementos e motivos camonianos. *Dom Pèdre et Dona Ignèz de Castro* (1788), de Bourniseaux, algumas obras de *Mélanges de Poésie et de Littérature* (1793), de Claris de Florian, e de *Les Fêtes du Génie* (1799), de Desorgues, incorporam em sua composição elementos e motivos relacionados ao poeta. Percebe-se, enfim, que a recepção produtiva do legado camoniano ocorreu principalmente a partir do final do século XVIII, multiplicando-se nas primeiras décadas do XIX.

O *Almanach des Muses*⁷⁴ publicou diversas obras contemporâneas realizadas a partir do legado camoniano no início do século XIX. Encontram-se traduções de partes de *Os Lusíadas*: *Traduction d'un Fragment de La Lusíade* (1805), de Parseval-Grandmaison, igualmente autor de *Les Amours Épiques* (1806) que remetem a Camões; *Épisode d'Ines de Castro* (1804), *Début de la Lusíade de Camoens* (1805) e *Description du Jardin de l'Isle des Amours* (1805), de Antoine de Cournand. Encontram-se também poemas que falam do poeta: *L'Invention Poétique* (1807), de Millevoye, que também insere *Début de la Lusíade* em suas *Poésies Diverses* (1813); e *Ode Sur les Honneurs décernés par S. M. le Roi de Naples à la Memoire du Tasse* (1812), de Gaston. Por meio dessas traduções e incorporações, atesta-se que o legado camoniano continuava a interessar em função de sua produtividade poética, à revelia do que prevera Voltaire, d'Hermilly e La Harpe. Com efeito, Adamastor, Inês de

aspecto anticlerical. Em vista da descoberta tardia e da ausência de menção em autores da época, ela não será levada em consideração neste estudo. Contudo, é possível que ela circulasse durante o período revolucionário.

⁷⁴ Revista literária, publicada de 1765 a 1833, que se dedicava à divulgação de poetas contemporâneos e sem ou com poucas obras editadas.

Castro e a Ilha dos Amores, no que concerne a episódios de *Os Lusíadas*, e a coragem e desdita de Camões foram os elementos privilegiados por esse tipo de obra.

1.4 O LEGADO CAMONIANO NA FRANÇA DE 1799 A 1819

Os registros de leitura do legado camoniano durante as duas primeiras décadas do século XIX, além de continuar a ocupar dicionários histórico-biográficos e estudos críticos gerais, passam a ser encontrados em livros de história literária, conforme o gênero se desenvolvia. Nesse sentido, deixam de ser produzidos na apreensão global da vida do autor ou na abordagem sincrônica da épica e adquirem uma especificidade espaço-temporal. A vinculação a Portugal, restrita às histórias gerais em relação a eventos de cunho político ou bélico, passa a condicionar a maneira como se concebe a biografia de Camões e poemas atribuídos a ele. Desse modo, as leituras de Madame de Staël, de Sismondi de Sismondi e de Alexandre Sané integram a cadeia dialógica impulsionada por Voltaire e reiterada na tradução de La Harpe e d’Hermilly; mas, adotando uma postura hermenêutica distinta, descontinuum a interpretação que vem desde o filósofo. Elas fizeram surgir, assim, novas maneiras de conceber o poeta e a obra que, atravessando o século XIX, manifestam-se também nas figurações et apropriações do legado camoniano de Ferdinand Denis.

De La Littérature (1799), de Anne-Louise Germaine Necker, Madame de Staël, que se propõe a discutir a influência mútua entre a religião, os hábitos, as leis e a literatura, menciona Camões no capítulo em que trata das literaturas italiana e espanhola. A menção encontra-se na seção que, ao abordar as trocas culturais ibéricas entre espanhóis e árabes, afirma que seus romances, respectivamente, misturam fé cristã e magia; e encenam o combate entre a idolatria antiga e a nova religião. Dessa feita, a autora comenta que a riqueza da literatura ibérica provém da coexistência entre inspiração poética e espírito militar. Para ela, o poder real, apoiado em superstições, sufocou-a demasiadamente, de modo que se manifesta apenas de maneira intermitente. Sequencialmente, ela comenta obras que refletem essa riqueza e inclui *Os Lusíadas* entre elas.

A baronesa de Staël-Holstein (1799, p. 192) assevera que “há no poema de Camões, cujo espírito é o mesmo de obras escritas em espanhol, uma ficção de rara beleza, a aparição do fantasma que impede a entrada no mar das Índias”⁷⁵. Considera, assim, que o episódio de Adamastor resulta de uma combinação bem sucedida de elementos díspares, ressaltando sua

⁷⁵ “il y a dans poème du Camoens, dont l’esprit est le même que celui des ouvrages écrits en espagnol, une fiction d’une rare beauté, l’apparition du fantôme qui défend l’entrée de la mer des Indes”.

qualidade estética. A autora compreende o fenômeno por uma via positiva e neutraliza qualquer polêmica purista, mesmo que ainda não remeta diretamente ao debate da coexistência de mitologias.

O interesse de Madame de Staël pelo legado camoniano manifestou-se de forma mais contundente na primeira década do século XIX. Segundo Christine Pouzoulet (1998), seu desejo constante de dar a conhecer as literaturas estrangeiras fê-la instigar o diplomata português Pedro de Souza a iniciar uma tradução em verso de *Os Lusíadas*, para a qual elaboraria um prefácio. As cartas que ambos trocaram registram o entusiasmo da baronesa, que prontamente executou sua parte do projeto. Entretanto, a tradução, iniciada em 1805, nunca foi concluída. Alguns anos depois, Sismonde de Sismondi, que procurava colaboradores para a *Biographie Universelle* de Michaud, convidou-a para escrever o verbete sobre Camões. Madame de Staël aceitou o convite, retomou o prefácio e publicou-o no sexto tomo da coleção em 1812.

O verbete *Camoens* reúne a biografia do poeta a partir de um enfoque particular e estabelece uma relação com suas obras mais ampla do que a dos dicionários históricos e biográficos anteriores. Nesse sentido, a autora demonstra conhecer melhor do que seus antecessores não só *Os Lusíadas*, mas também a lírica e o teatro de Camões. Desse modo, privilegia formulações que permitem apreender o que há de nacional e de europeu nas obras atribuídas ao poeta; e, ignorando deliberadamente Castera, subverte a leitura de Voltaire.

Madame de Staël não acrescenta dados propriamente novos à biografia de Camões; porém, concebe diferentemente alguns de seus episódios. Ao abordar o período que passou em Coimbra, comenta que ele, inspirando-se em seu país e nos hábitos de seu século, criou obras a partir do espírito cavalheiresco e da literatura renovada pelo Cristianismo. À semelhança de Dante, Petrarca, Ariosto e Tasso, não privilegiou a literatura clássica em sua composição, distinguindo-se de seus contemporâneos. Dessa feita, a autora compreende a poética camoniana a partir de suas origens ibéricas e distingue seu caráter de ruptura face às expectativas classicizantes de sua época.

Ao tratar de seu envolvimento amoroso em Lisboa, Staël-Holstein (1812, p. 618) acrescenta que, como “as paixões ardentes encontram-se, com frequência, aliadas aos grandes talentos naturais”, “a vida de Camões foi consumida, alternadamente, por seus sentimentos e por seu gênio”⁷⁶. Estabelece, assim, uma estreita relação entre o arrebatamento do poeta e a criação de poemas. O espírito, animado por emoções fortes, torna-se capaz de produzir poesia.

⁷⁶ “les passions ardentes sont souvent réunis aux grands talents naturels”, “la vie de Camoëns fut tour à tour consumée par ses sentiments et par son génie”.

Nesse sentido, a poética diz respeito à manifestação de sua originalidade e individualidade em detrimento da estrita adequação a regras associadas a uma forma ou a um gênero. Ao falar da miséria em que Camões se encontrava ao fim da vida, Staël-Holstein (1812, p. 621) reitera essa concepção da criação poética quando exclama: “Que gênio o de quem pode tirar uma nova inspiração dos sofrimentos que deveriam fazer desaparecer todas as cores da poesia!”⁷⁷. A autora não assume um distanciamento hermenêutico em relação a Camões, poeta do século XVI, e figura-o como se fosse seu contemporâneo, assim como os românticos alemães que conhecia tão bem.

Ao abordar o primeiro exílio de Camões, Staël-Holstein (1812, p. 618) comenta que “ele compôs poesias desprendidas que exprimiam o estado de sua alma, e pode-se seguir o curso de sua história por meio dos diferentes gêneros de impressões que são pintados em seus escritos”⁷⁸. Disso resulta que as emoções fortes, motor da criação poética, fornecem também sua matéria. Os desdobramentos mais evidentes dessa conclusão são a leitura da poesia camoniana pelo viés biográfico e a datação de poemas a partir de sua temática. Privilegiam-se, assim, as circunstâncias da vida do poeta emocionalmente intensas e, conseqüentemente, produtivas. Todavia, como já anunciara, a biografia de Camões compreende apenas fatos dessa ordem. Nesse sentido, Madame de Staël formula uma hipótese de análise para além da factualidade da biografia, ampliando sua capacidade funcional de significação.

A autora também lê *Os Lusíadas* com uma lente semelhante à da mudança de enfoque na figuração da vida de Camões. Ao situar a escrita do épico em Macau, apresenta seu tema, a expedição sem precedentes de Vasco da Gama nas Índias, e constata a reputação dos episódios de Inês e de Adamastor entre os franceses. A seguir, Staël-Holstein (1812, p. 619) comenta a poética da epopeia de um modo geral:

O resto do poema é sustentado graças à arte com que Camões soube misturar as narrativas da história portuguesa ao esplendor da poesia e a devoção cristã às fábulas do paganismo. Ultrajaram-no por essa aliança; mas não nos parece que ela produza, em *Os Lusíadas*, uma impressão discordante. Percebe-se muito bem que o cristianismo é a realidade da vida, e o paganismo o traje de festa; e encontra-se uma espécie de delicadeza ao não se servir do que é santo para as brincadeiras do gênio. Camões tinha, aliás, motivos engenhosos para introduzir a mitologia em seu poema.⁷⁹

⁷⁷ “Quel génie que celui qui peut puiser une inspiration nouvelle dans les souffrances même qui devraient faire disparaître toutes les couleurs de la poésie!”.

⁷⁸ “il composa des poésies détachées qui exprimaient l’état de son âme, et l’on peut suivre le cours de son histoire par les différents genres d’impressions qui se peignent dans ses écrits”.

⁷⁹ Le reste du poème est soutenu par l’art avec lequel Camoëns a su mêler le récit de l’histoire portugaise à la splendeur de la poésie, et la dévotion chrétienne aux fables du paganisme. On lui a fait un tort de cette alliance ; mais il ne nous semble pas qu’elle produise dans sa Lusíade une impression discordante ; on y sent très bien que le christianisme est la réalité de la vie, et le paganisme la parure des fêtes, et l’on trouve une sorte de délicatesse

A autora adota o mesmo posicionamento hermenêutico de *De la Littérature* e encara com naturalidade a coexistência de elementos pretensamente díspares. Assim como reconhece a origem ibérica cavaleiresca e cristã de Camões, percebe positivamente a história portuguesa narrada em verso e a temática cristã permeada por mitos pagãos. Cerca de noventa anos depois de Voltaire, Madame de Staël inscreve as intrigas dos deuses e o propósito de conversão em um paradigma romântico que permite sua coexistência. A introdução da mitologia no poema, atribuída por ela ao engenho e arte do poeta, provém do prazer que sente ao recordar a origem romana dos portugueses, dos quais Marte e Vênus são divindades tutelares ancestrais. Nesse sentido, o antagonismo de Baco apresenta um vínculo congruente com o enredo dos deuses, pois, sendo o conquistador da Índia no mito, é natural que inveje os portugueses. Embora não desenvolva suficientemente a discussão, percebe-se uma legitimação de usos metafóricos de fontes, mesmo muito distantes no tempo, desde que se relacionem coerentemente com a história nacional. Ainda assim, acha que esses procedimentos e algumas imitações dos clássicos prejudicam a originalidade do poema, uma vez que as regras das belas-artes normatizam o elemento exótico das descrições da África e da Ásia.

A leitura de *Os Lusíadas* à luz da história portuguesa permite reconsiderar pressupostos de leitura. Para Staël-Holstein (1812, p. 620), “a unidade de interesse desse poema consiste sobretudo no sentimento patriótico que o anima inteiramente. A glória nacional dos portugueses reaparece de todas as formas que a imaginação pôde fazê-lo”⁸⁰. A autora acrescenta que a versificação da epopeia no original é cheia de charme e de pompa, de modo que tanto espíritos cultos quanto pessoas do povo sabem muitas estrofes de cor. Dessa feita, o épico não é concebido como o relato de uma expedição, assim como disseram d’Hermilly e La Harpe; nem seu orgulho patriótico é percebido negativamente, como fez Rapin. A glória de Portugal é considerada a unidade do poema, reiterada por múltiplos episódios através dos dez cantos, e a viagem de Vasco da Gama torna-se uma de suas variações internas, ainda que em primeiro plano. Em vista disso, a autora comenta ser aceitável que os compatriotas de Camões admirem-no mais do que os estrangeiros. É interessante notar que, para apreciá-lo dessa maneira, ela abstrai o contexto ideológico da monarquia portuguesa, representado no poema pela exaltação do império e da fé católica, que

à ne pas se servir de ce qui est saint pour les jeux du génie même. Camoëns avait d’ailleurs des motifs ingénieux pour introduire la mythologie dans son poème.

⁸⁰ “l’unité d’intérêt de ce poème consiste surtout dans le sentiment patriotique qui l’anime en entier. La gloire nationale des Portugais y reparait sous toutes les formes que l’imagination peut lui donner”.

ia de encontro a suas convicções políticas e morais. Com efeito, Anne Gallut-Frizeau (1972, p. 331) argumenta que, para Staël, *Os Lusíadas* é não só “nacional por seu caráter e conteúdo”, mas também “europeu pela atmosfera cavaleiresca que dele se depreende”⁸¹.

A leitura do legado camoniano realizada por Staël não caracteriza uma manifestação isolada, uma vez que mobiliza noções compartilhadas por escritores que frequentavam Coppet⁸². Apesar de sua heterogeneidade constitutiva, colaboravam com a constituição de um novo paradigma, tornando-se vetores de um conjunto de valores definidores de uma época. O verbete, ocupando um número de páginas bastante restrito, promoveu mudanças na maneira de ler e de conceber Camões e seu legado. Todavia, a ruptura definitiva na cadeia receptiva dependeu da intervenção de outras obras, editorialmente mais expressivas, na disseminação de uma nova postura hermenêutica. Nesse sentido, a história da literatura era um gênero privilegiado para a execução dessa tarefa, uma vez que, composta normalmente de um ou mais volumes bastante longos, associava poesia e eloquência à história particular das nações europeias, ao invés de vinculá-las exclusivamente a um sistema de regras.

De la Littérature du Midi de l'Europe (1813, 4 v. in-8°), de Sismondi de Sismondi, foi a primeira história literária em língua francesa a tratar da literatura portuguesa. Analogamente a *De la Littérature*, aborda-a enquanto fenômeno particular do universo social. Concebe a história como um processo progressivo de mudança que, ao se manifestar de forma específica, acompanha um movimento geral. Dessa maneira, encara o gênero enquanto uma abordagem do espírito e gosto nacionais a partir do nascimento e da evolução de sua língua e literatura. Os critérios de valor adotados pelo autor são a originalidade, em detrimento da emulação, e o pertencimento das obras ao idioma pátrio e à modernidade histórica. Ressalta, assim, o valor patriótico da literatura na medida em que reforma os hábitos e atribui a esperança de independência e de glória à energia e à virtude do país. De fato, Sismondi (1818, t. IV, p. 502) assevera que “a época de maior esplendor literário foi a da subversão das leis e dos costumes”⁸³ para todos os povos.

A literatura portuguesa é tratada no quarto tomo da obra. O autor discute, inicialmente, a conformação da língua e aborda, progressivamente, seus poetas, prosadores e dramaturgos em períodos, cuja abertura detém-se em um panorama de história política. A abordagem de autores específicos costuma apresentar a seguinte estrutura: menção à obra; informações

⁸¹ “national par son caractère et son contenu historique”, mas também “européen par l'atmosphère chevaleresque qui s'en degage”.

⁸² Não por acaso, Schlegel e Chateaubriand, que não serão abordados nesse estudo, são dois leitores significativos do legado camoniano que frequentavam o castelo de Staël.

⁸³ “l'époque du plus grand éclat littéraire fut celle de la subversion des lois et des moeurs”.

biográficas do autor; resumo analítico; síntese de comentários críticos a respeito de ambos. O legado camoniano é discutido ao longo de três capítulos: o primeiro sobre Camões e *Os Lusíadas*; o segundo também sobre o épico; e o terceiro sobre as poesias e o teatro.

A biografia de Camões assemelha-se à elaborada por Madame de Staël, incorporando dados e enfoques análogos. O autor chega a adotar o procedimento sugerido por ela de se guiar pelos poemas para depreender a vida do poeta, de modo que define a data de nascimento, discordando de Bouterwek⁸⁴, a partir de um soneto. Além disso, menciona reiteradamente a criação literária mesmo em circunstâncias adversas, como nos intervalos entre os combates na África. Sismondi (1813, t. IV, p. 325) enfatiza que “tudo o que via ganhava uma forma poética em sua alma, e seu patriotismo inflamava-se ainda mais enquanto percorria o teatro das façanhas portuguesas nas Índias”⁸⁵.

A análise de *Os Lusíadas* é mais extensa e detalhada do que a feita por Staël e a dos épicos italianos no corpo da história literária. O autor, após discutir o tema e o tratamento dispensado a ele, fornece um resumo comentado do conteúdo de cada canto do poema, permeado de longas estrofes traduzidas em francês, com o original em rodapé. Ressalta-se que esses trechos não provêm das traduções de Castera e de La Harpe e que provavelmente foram traduzidos por Sismondi. Como tantos outros leitores franceses, dedica maior atenção a Inês e Adamastor; e, considerando-os de uma potência criadora singular, reputa-lhes a grandeza e sensibilidade que, para ele, caracterizam o verdadeiro poeta. Também destaca, em relação a esses episódios, que a harmonia da linguagem, a verdade e pureza da expressão, bem como a beleza dos versos são inimitáveis, de modo que o conhecimento mais superficial do português permite fruir muito mais do que a tradução mais fiel.

Após comentar seu título e proposição, o autor estabelece relações de semelhança entre o épico português e os italianos; e defende seu pioneirismo no gênero entre os modernos. Sismondi (1813, t. 4, p. 329) considera que “o que o distingue essencialmente dos italianos, o que faz sua glória e a de seu país, é o amor e o orgulho nacional que o animam”⁸⁶. Acrescenta que Camões compunha no zênite da prosperidade portuguesa, elevando um verdadeiro monumento ao país. Assim como Staël, julga que *Os Lusíadas* têm como único protagonista a pátria e conta apenas com episódios realçando sua grandeza. Todavia, coloca

⁸⁴ Friedrich Ludewig Bouterwek (1766-1828), erudito alemão, foi professor de filosofia em Göttingen e conselheiro do duque de Weimar. É autor, entre outros, de *Geschichte der Poesie und Beredsamkeit seit dem Ende des 3. Jahrhundert* [História da Poesia e Eloquência desde o Final do Século Treze], em doze volumes (1801-1819), que colaborou com a redefinição das práticas de história literária no início do século XIX.

⁸⁵ “tout ce qu’il voyait, prenait dans son âme une forme poétique, et son patriotisme s’enflammait toujours plus, tandis qu’il parcourait le théâtre des exploits portugais dans les Indes”.

⁸⁶ “ce qui le distingue essentiellement des Italiens, ce qui fait sa gloire et celle de son pays, c’est l’amour et l’orgueil national qui l’animent”.

em dúvida se o tema é adequado a uma epopeia, pois acredita que as consequências do evento são muito maiores do que o evento em si mesmo.

O autor pensa que, se Camões desejava restringir o poema à descoberta de um caminho para Índias, deveria ter se dedicado a fazer o leitor experimentar impressões novas e variadas do Sul e do Oriente, cujo semblante é muito diferente do da Europa. Contudo, diz que o poeta preferiu preencher a expedição de Gama com todos os mitos, reis e batalhas que caracterizam a glória portuguesa. Pondera, assim, que a epopeia, tomando como modelo Virgílio, perde sua força ao impor uma crônica real, de linguagem elevada, frequentemente cansativa e aborrecida. Ainda assim, Sismondi (1813, t. IV, p. 337) argumenta que “Camões foi bem sucedido: ele vinculou toda a história de Portugal à poesia, ele a iluminou em todas as partes com a mais viva luz”, com a ressalva de que “seu sucesso é um prodígio e faz novamente crer que sua empresa opunha-se à prudência poética”⁸⁷.

Após discutir a regularidade da forma e a adequação a princípios da epopeia romana, o autor aborda a coexistência da mitologia pagã e da fé cristã em *Os Lusíadas*. Para ele, Camões considerava os deuses olímpicos como parte essencial da arte poética antiga, em função de sua educação escolar e da leitura dos clássicos. Além disso, os portugueses dispunham de uma mitologia própria, pois a conquista das Índias, nos olhos deles, contara com a intervenção direta da proteção celeste. Desse modo, a representação de Marte e de Cristo como entes ativos e participativos era semelhante para os dois povos. Sismondi (1813, t. IV, p. 340) argumenta que

Essa intervenção miraculosa era, para o poeta, uma parte de sua crença religiosa; ele a misturava com naturalidade a sua narrativa; ele não podia excluí-la e se via associar, assim, dois maravilhosos contraditórios: o que ele acreditava essencial à poesia e o que lhe era dado por sua fé.⁸⁸

O autor acrescenta que, mesmo que as duas intervenções divinas pareçam absurdas a nossos olhos, a educação clássica e as superstições dos portugueses da época explicam sua ocorrência. É interessante notar que a busca de coerência em relação à história nacional é mais direta do que em Staël, fundamentada em dados igualmente históricos. De fato, ele acredita que isso deve bastar para admiti-las em um homem como Camões e para não se emitir juízos falsos sobre o resto da epopeia.

⁸⁷ “Camoens a réussi ; il a attaché l’histoire entière du Portugal à la poésie ; il l’a éclairée dans toutes ses parties de la plus vive lumière”, com a ressalva de que “sa réussite est un prodige, et elle laisse croire encore que son entreprise était contraire à la prudence poétique”.

⁸⁸ Cette intervention miraculeuse était pour le poète, une partie de sa croyance religieuse ; il la mêlait naturellement à son récit ; il ne pouvait même l’en exclure, et il se trouvait ainsi associer deux merveilleux contradictoires ; celui qu’il croyait essentiel à la poésie, et celui qui lui était donné par sa foi.

As leituras de Staël e de Sismondi diferenciam-se apenas no enquadramento editorial e na extensão. Dessa maneira, os pontos de vista e os argumentos convergem para uma interpretação similar com gradações diferentes. Os dois concebem Camões como um poeta romântico, cujo gênio é animado pelas emoções fortes que experencia. Encaram *Os Lusíadas* por um viés histórico moderno, privilegiando seu caráter de ruptura e sua originalidade. Ainda que haja uma ambiguidade por parte do historiador em relação ao tema da epopeia, ambos concorrem com a disseminação de uma figuração semelhante do legado camoniano, promovendo-se mutuamente. A leitura de Sismondi sobressai-se em relação à de Staël apenas por tratar diretamente das rimas⁸⁹, por ela apenas mencionadas.

Após constatar que a poesia portuguesa é pouco conhecida na França, o historiador previne o leitor de que não teve acesso a edições com paratextos críticos e de que não domina completamente o português; e propõe-se a tratar das rimas de Camões apenas de forma hesitante. Ele as aborda por meio de comentários breves acerca das formas – soneto, canção, ode, sextina, elegia, oitava e écloga – praticadas pelo poeta. Dessa feita, descreve, em linhas gerais, cada forma, mencionando poemas específicos, e compartilha suas impressões de leitura. Fornece também algumas traduções de estrofes em francês, com o original em rodapé, para sonetos, canções e oitavas.

O autor parte da noção, compartilhada por Madame de Staël, de que a poesia camoniana reflete a biografia do poeta, principalmente no que concerne a emoções fortes. Para Sismondi (1813, t. IV, p. 428-429), há muitos sonetos que

são animados por um sentimento mais forte, por uma vida mais agitada; reconhecemos neles o homem que tentou grandes feitos, que percorreu os dois hemisférios em busca da glória e da fortuna; que, em sua vida, não alcançou nem uma, nem outra; que lutou com energia contra todas as calamidades e que se aproxima do fim da vida despojado das mais nobres ilusões.⁹⁰

Sismondi (1813, t. IV, p. 440) também assevera, ao introduzir as elegias, que “elas contêm, de resto, muitos detalhes de sua vida e servem para dar a conhecer mais intimamente esse poeta tão terno quanto desafortunado”⁹¹. A figuração de Camões a partir de um paradigma romântico fez com que se estabelecessem constantemente paralelos entre as rimas

⁸⁹ Sismondi (1813, t. IV, p. 447) menciona o teatro camoniano, mas não o aborda com o pretexto de que “nenhuma dessas três peças é digna do talento de Camões ou de sua reputação” [“aucune de ces trois pièces n’est digne du talent du Camoens ou de sa réputation”].

⁹⁰ sont animés par un sentiment plus fort, par une vie plus agitée ; on y reconnaît l’homme qui a tenté de grandes choses, qui a parcouru les deux hémisphères à la recherche de la gloire et de la fortune, qui n’a de son vivant atteint ni l’une ni l’autre, qui a lutté avec énergie contre toutes les calamités, et qui s’approche de la fin de sa vie, cruellement déçu des plus nobles illusions.

⁹¹ “elles contiennent au reste beaucoup de détails sur sa vie, et servent à faire connaître plus intimement ce poète si tendre et si malheureux”.

e a singularidade de suas experiências. Nessa medida, a interpretação das poesias é feita por meio de uma domesticação de seu conteúdo conforme a expectativa criada. O autor, quando fala das canções, diz que algumas são simples e de amor, em que Camões “lembra seus primeiros sentimentos em Coimbra e nas margens risonhas do Mondego”⁹² (SISMONDI, 1813, t. IV, p. 455). Comenta, ao falar do naufrágio em que salvou *Os Lusíadas* a nado, que o poeta exprimiu seu arrependimento na paráfrase do salmo que originou “Sôbolos Rios”. Além disso, as impressões de leitura sofrem a mesma domesticação e concorrem para reforçar os sentidos atribuídos aos poemas. Manifestando uma sensação de melancolia, Sismondi (1813, t. IV, p. 429) acrescenta que “muitos desses sonetos me golpeiam como gemidos que escutaria em uma noite obscura; não sei de onde saem, não sei que males os excitam, mas a dor os causa, e eles a trazem até mim”⁹³.

As poesias que exprimem os estados de espírito do poeta, mencionadas genericamente por Staël, adquirem especificidade por meio das traduções e dos comentários de Sismondi. Mais do que isso, o historiador subverte tacitamente o juízo veiculado em *La Lusíade* de que elas não são dignas da reputação de Camões e não merecem ser traduzidas. Desse modo, a figuração do legado camoniano passou a incorporar a lírica do poeta, mesmo que continue a relegar seu teatro. Entretanto, as paráfrases em francês, realizadas por Sismondi, não eram suficientes para garantir a disseminação desses poemas, ainda que defendessem seu valor de modernidade face aos contemporâneos.

Coup-d’Oeil sur l’État de la Littérature en Portugal (1813), de Alexandre Sané, foi publicado em duas partes no *Mercure Étranger* e aborda, a partir de um recorte por gêneros, obras de autores portugueses. Discute, sequencialmente, a língua e história nacionais; a épica; o teatro; a lírica; e a prosa; e propõe-se a ilustrar a exposição por meio de traduções em edições posteriores. O legado camoniano é mencionado em uma longa passagem e constitui uma parte significativa do projeto.

Encarregado da seção de literatura portuguesa do jornal, o autor assume a tarefa de tratar das belezas que distinguem não só *Os Lusíadas*, mas principalmente as demais poesias⁹⁴ do vate português. Ele reconhece a fama de Camões na Península Ibérica enquanto poeta lírico e tece comentários acerca de suas poesias. Define, assim, a elevação geral, a elocução

⁹² “rappelle ses premiers sentiments à Coimbre e sur le bords riant du Mondego”.

⁹³ “plusieurs de ces sonnets me frappent comme des gémissements que j’entendrais dans une nuit obscure ; je ne sais d’où ils partent, je ne sais quels malheurs les excitent, mais la douleur les cause, et ils me portent la douleur”.

⁹⁴ Sané (1813, p. 271) diz que “Camões, como poeta cômico, não desmentiu em *Anfitriões* e *El Rei Seleuco* a glória que já havia conquistado” [“Camoëns, comme poète comique, ne démentit point dans son *Amphytrion* et dans son *Seleucus* la gloire qu’il s’était déjà acquise”], sem abordar essas peças ou prometer traduzi-las.

terna e as formas graciosas como suas características mais particulares. Todavia, o principal interesse de Sané (1813, p. 272) não é apenas descrever a poética camoniana:

Como poeta elegíaco, Camões conquistou, de novo, muita glória; e, assim como se poderia de alguma forma escrever a vida íntima de Horácio a partir de suas poesias, aproximadas e comparadas com os cuidados de uma crítica hábil, também encontraríamos nos pequenos poemas do Homero português, em suas canções, em suas cantigas, submetidos ao trabalho de uma ávida erudição, a história quase completa de sua vida: esse é, talvez, o único meio de iluminar a parte obscura de sua agitada existência que um amor funesto, que o perdeu, como Tasso, seu ilustre contemporâneo, preencheu e definiu seu destino por toda sua vida⁹⁵.

Paralelamente aos intelectuais de Coppet, Sané concebe a relação entre a lírica e a vida do poeta de forma semelhante. Não busca, porém, o exotismo de sua experiência individual, ou a afecção produzida pelos poemas. O crítico acredita que a leitura pelo viés biográfico pode servir de instrumento para se descobrir mais acerca de Camões, esclarecendo pontos obscuros de sua existência. Sem abrir mão de uma postura romântica, indica o proveito de sua iniciativa para o monumento português. Nesse sentido, parece se preocupar mais com o aspecto nacional do projeto do que com o literário.

Sané publicou anteriormente *Poésie Lyrique Portugaise, ou Choix des Odes de Francisco Manoel* (1808), em que menciona reiteradamente Camões; e *Nouvelle Grammaire Portugaise* (sem data, posterior a 1809), em que insere, no original, estrofes de *Os Lusíadas*, uma paráfrase de “Sôbolos Rios”, o epitáfio “Quem jaz no grão sepulcro”, um trecho da écloga Umbrano, Frondélio e Aônia, e os sonetos “Brandas águas do Tejo que passando” e “Doces e claras águas do Mondego!”. Em vista disso, pode-se dizer que ele realizava uma mediação cultural efetiva entre França e Portugal. Acrescente-se que, segundo Fernando Alberto Torres Moreira (2011, p. 97), ele aprendera português com Francisco Manuel do Nascimento, Filinto Elísio da Arcádia Lusitana, então exilado em Paris; e, convivendo com ele, pôde contar com uma visão mais particular do país e de sua literatura.

A leitura do legado camoniano realizada por Alexandre Sané e suas demais iniciativas editoriais colaboraram não só com sua circulação na França, mas também com o conhecimento geral das língua e literatura portuguesas. Mesmo que seu projeto voltado à lírica tenha sido interrompido antes de se dedicar a Camões, Anne Gallut-Frizeau (1972, p. 251) destaca que, como Sismondi, “ele lembrara que se devia a Camões outras obras além de

⁹⁵ Comme poète élégiaque, Camoëns s’acquit encore beaucoup de gloire ; et de même qu’on pourrait en quelque sorte écrire la vie privée d’Horace d’après ses poésies rapprochées et comparées par les soins d’une critique habile, on trouverait aussi dans les petits poèmes de l’Homère Portugais, dans ses chansons, dans ses romances, ses sonnets soumis à ce travail d’une érudition curieuse, l’histoire à peu près complète de sa vie : c’est peut-être le seul moyen de porter quelque lumière sur cette partie obscure de son existence agitée que remplit cet amour funeste qui le perdit comme le Tasse, son illustre contemporain, et fit le sort de toute sa vie.

sua epopeia”⁹⁶. Em conjunto com Madame de Staël, deflagraram, assim, a descoberta das rimas e a refuncionalização da biografia, a que iriam se dedicar sobretudo Ferdinand Denis e Charles Magnin⁹⁷. Ainda assim, o interesse geral pelo legado camoniano na França só teve uma ampliação mais significativa com a publicação de uma edição monumental do épico português em Paris.

Os Lusíadas, Poema Épico de Luís de Camões (1 v. in-fol.), organizado por José Maria do Carmo Sousa Botelho Mourão, Morgado de Mateus, foi lançado em 1817 e repercutiu na França e no exterior. Anne Gallut (2015, p. 60) comenta que, “enquanto as outras nações da Europa tinham boas e belas edições dos seus autores clássicos, Portugal não possuía uma única do seu poeta nacional”, de modo que Souza “concebeu o projeto de erigir a Camões um monumento digno da sua obra: uma edição de luxo que fosse ao mesmo tempo uma boa edição”. Dessa feita, ele procedeu a uma revisão textual do épico, por meio do contraste entre suas edições princeps; à redação de uma biografia do vate; e à encomenda de gravuras de excelente qualidade para acompanhá-lo. Procurando garantir o sucesso do empreendimento, decidiu não comercializar os exemplares, mas distribuí-los entre bibliotecas, instituições científicas e indivíduos notáveis no continente europeu.

Em relação à repercussão do livro na França, destacam-se as edições oferecidas ao rei e ao Institut de France. O primeiro, comovido com o gesto e com a beleza da tipografia, expunha publicamente seu exemplar. O segundo, preocupado em responder de forma digna a homenagem, nomeou uma comissão da classe de *Beaux-Arts* para examinar a obra e agradecer ao organizador. O relatório produzido foi bastante positivo, e somou-se a ele uma longa resenha no *Journal des Savants* redigida por François Raynouard⁹⁸. Além deles, Sismondi, admirador confesso do empreendimento, dedicou-lhe dois artigos publicados em Genebra. Houve ainda outras manifestações, seguidas sobretudo de pedidos formais para se obter um exemplar. Em razão disso, o editor fez imprimir uma versão comercial, in-8º sem gravuras, em 1819.

A vida do poeta da edição monumental recebeu uma atenção particular de seus contemporâneos. O jornal *Investigador Português na Inglaterra* publicou-a integralmente, entre 1817 e 1818; Sismondi escreveu um artigo sobre ela para a *Bibliothèque Universelle des*

⁹⁶ “il avait rappelé qu'on devait à Camões d'autres oeuvres que son épopée”.

⁹⁷ Charles Magnin (1793-1862), eleito membro da Académie des Inscriptions et Belles-Lettres em 1838, tem uma vasta obra publicada em jornais e revistas como *Le Globe*, *Revue de Deux Mondes* e *Journal des Savants*.

⁹⁸ François-Juste-Marie Raynouard (1761-1836), membro da Académie des Inscriptions et Belles Lettres e da Académie Française, interessava-se sobremaneira por publicações relativas à península ibérica. É autor, entre outros de : *Ode à Camoens* (1819) ; *Choix des Poésies Originales des Troubadours* (1816-1821, 6 v.), *Lexique Roman ou Dictionnaire de la Langue des Troubadours* (1836).

Sciences em 1818; Raynouard consagrou-lhe uma parte significativa de sua resenha; e Millié⁹⁹ acrescentou-a a sua tradução de *Os Lusíadas* lançada em 1825. Para redigi-la, o organizador reuniu os dados dos biógrafos anteriores, comparou-os, criticou-os e deduziu a verdade, fundamentada em fatos históricos e no bom senso, a partir desses procedimentos. O único documento inédito de que Sousa Botelho (CAMÕES, 1819, p. LXIII) se valeu é a inscrição “de um Frei Josepe Índio”, encontrada no frontispício de uma edição princeps, que, alegando tê-lo visto morrer na miséria, corroborava o fim da vida do poeta conforme descrito na *Biblioteca Lusitana*, principal repositório biobibliográfico português então disponível. O resultado foi um prefácio que procura mostrar a excelência, a grandiloquência e a nobreza de caráter do poeta. Anne Gallut (2015, p. 232) ressalta que “todos se inclinavam, juntamente com o Morgado, perante a coragem de Camões, perante a sua devoção à pátria, a sua grandeza de alma mesmo frente às contrariedades que lhe sucediam, à miséria ao final da vida”.

A edição de Sousa Botelho encontrou leitores, sobretudo por meio da edição comercial e da tradução do paratexto biográfico, de modo que suscitou criações poéticas e ficcionais e favoreceu a publicação de livros de temática camoniana. Houve uma produção expressiva de poemas inspirados pela vida de Camões, como *Camoëns, Ode* (1817), de Vaugondy, publicado no *Almanach des Muses*; *Ode à Camoëns* (1819), de Raynouard; e *Camoëns, Ode* (1819), de Desjardins. Além disso, episódios de *Os Lusíadas* continuaram a ser imitados e traduzidos, como *Le Géant Adamastor* (1818), de Boucharlat, publicado no *Almanach des Muses*; e a se tornar temas de peças de teatro, como a tragédia *Inês de Castro* (1818), de Victor Hugo. Em vista disso, havia a ocasião para se retraduzir o épico, lido ainda na criticada versão de La Harpe e d’Hermilly. O mercado editorial francês mostrou-se ainda mais favorável à edição do legado camoniano na década seguinte, colaborando com sua circulação fora dos meios especializados.

De 1674 a 1819, pôde-se delinear cadeias dialógicas conforme os registros de leitura que abordam Camões e obras atribuídas a ele, bem como um grupo de problemas e de soluções com os quais invariavelmente se defrontam. Em linhas gerais, dizem respeito à biografia do poeta, a seu *corpus* poético e a enfoques de que ambos são objeto. Leitor de Staël, Sismondi e Sané, Denis deu continuidade à revalorização da vida de Camões por intermédio da leitura entrecruzada de seus poemas; e à descoberta da lírica e do teatro como manifestações tão dignas de seu gênio quanto a épica. Mobilizando diferentes fontes e

⁹⁹ Jean Baptiste Joseph Millié (1773-1826), administrador francês que viveu alguns anos em Portugal, é autor de uma tradução em prosa de *Os Lusíadas* (1825).

aportes, lidou com as variações de dados e de enfoques da biografia, que se somavam e subtraíam conforme as referências adotadas; e com o tratamento crítico, a tradução e a apropriação poética de obras atribuídas a ele. Em suma, Denis atuou na produção, circulação e recepção de livros acerca do legado camoniano, de modo a se inserir no mercado editorial e no campo literário francês como especialista dos países ibéricos e profundo conhecedor de Camões.

2 APRESENTAÇÃO DO *CORPUS*: MATERIALIDADE E REPERCUSSÃO

Procurou-se dispensar um tratamento uniforme às obras do *corpus*, conforme uma metodologia diacrônica. Cada subcapítulo corresponde a uma delas e fornece, inicialmente, informações sumárias a seu respeito, a saber: a editora; o ano de publicação; a coleção em que se insere; o número de exemplares da coleção; o formato da edição; e o valor de comercialização. A seguir, caracteriza o respectivo editor por meio da indicação do período de atuação, nicho editorial, catálogo e de outros dados relevantes. Sequencialmente, define a organização interna do livro, da estrutura em geral às partes específicas redigidas por Denis, e descreve a composição dos segmentos que dizem respeito a Camões, formando uma visão do conjunto. Ao cabo, aborda repercussão da obra e da respectiva coleção na imprensa, de modo a precisar a recepção de que foi objeto e alguns de seus desdobramentos, principalmente no que concerne a seu autor. Ressalte-se que a extensão e o desenvolvimento das seções, bastante variáveis, foram condicionados pela qualidade e quantidade de informações obtidas nas fontes documentais consultadas. Enfim, acredita-se ter privilegiado fontes primárias de alto valor historiográfico e, em sua maioria, ainda não utilizadas no escopo de um estudo acerca de Ferdinand Denis ou de Camões.

2.1 O ANO DE 1823: O TEATRO CAMONIANO EM EVIDÊNCIA

Chefs-d'Oeuvre du Théâtre Portugais – Gomès, Pimenta de Aguiar, Jozé [Obras-Primas do Teatro Português – Gomes, Pimenta de Aguiar, Antônio José] foi editado por Pierre-François Ladvoat em 1823. A obra faz parte da coleção *Chefs-d'Oeuvre des Théâtres Étrangers* que, composta por 25 volumes in-8º, contém traduções inéditas de peças da dramaturgia alemã, inglesa, chinesa, dinamarquesa, espanhola, holandesa, indiana, italiana, polonesa, portuguesa, russa e sueca. Com publicação de 1822 a 1827, cada volume custava, de acordo com a qualidade do papel (acetinado ou velino), 7 ou 18 fr. na livraria e 6 ou 15 fr. por assinatura.

O editor, conhecido como Camille Ladvoat, atuou no Palais Royal em Paris entre 1816 e 1840. Tinha como nicho editorial literatura, memórias e política. Detinha os direitos de publicação de obras de Delavigne, Nodier, Guizot, Barante, Hugo e Chateaubriand; e de traduções do teatro de Shakespeare e Schiller. Publicou autores contemporâneos, sobretudo poetas, e tornou-se conhecido por promover escritores românticos que ainda permanecem no cânone francês. Para a coleção com que Denis colaborou, contou com traduções de homens de

letras em destaque durante a Restauração, bem como de membros da Académie Française. Em 1828, o editor vendeu os direitos autorais de *Chefs-d'Oeuvre des Théâtres Étrangers*, a fim de se capitalizar em um momento de dificuldade financeira (DURAND; GLINOER, 2012). Seus capitais financeiro e simbólico podem ser inferidos a partir da ampliação significativa do catálogo de Ladvocat nos anos vinte e da iniciativa de escritores contemporâneos para ajudá-lo a enfrentar a crise do mercado editorial francês nos anos trinta (GLINOER, 2008).

Obras-Primas do Teatro Português (496 p. in-8º) divide-se em cinco partes. O livro contém um prefácio geral sobre a dramaturgia portuguesa e quatro seções correspondendo às peças traduzidas. São elas: *Nova Castro*, de João Batista Gomes (c. 1775-1803); *A Conquista do Peru* (1818) e *Caráter dos Lusitanos* (1820), de Manuel Caetano Pimenta de Aguiar (1765-1832); e *Vida do Grande D. Quixote de la Mancha e do Gordo Sancho Pança* (1759), de Antônio José da Silva (1705-1739). Cada seção compreende, com pequenas variações, informações sobre a peça e seu autor; a tradução propriamente dita; e notas finais explicativas. O prefácio *Notice sur le Théâtre Portugais*¹⁰⁰ [*Notícia sobre o Teatro Português*], assinado por Ferdinand Denis¹⁰¹, apresenta brevemente elementos de história literária no que diz respeito à dramaturgia portuguesa. O teatro camoniano, que não foi traduzido na antologia, é discutido no interior do paratexto.

De caráter informativo, *Notícia sobre o Teatro Português* (p. 3-28) aborda diacronicamente a literatura portuguesa. Inicia por seus poetas, que antecederam os dramaturgos; e, posteriormente, enfoca a dramaturgia em seus aspectos textual e teatral. Fornece sequências de eventos literários, de autores e de suas obras; e explicações sucintas de cunho narrativo e teórico. Pretende, assim, situar historicamente os objetos e apresentar valorativamente o sistema de seus gêneros literários.

Apesar de mencionar um número significativo de obras e de autores face a sua extensão, detém-se na descrição, resumo e análise de duas das três peças atribuídas a Camões, que ocupam um espaço considerável do paratexto. Predominam comentários críticos acerca do poeta, a descrição sumária da forma das peças e a paráfrase dos enredos de *El Rei Seleuco* e de *Filodemo*. Há uma longa citação em francês da primeira no corpo do texto. Os comentários analíticos restringem-se a seu enquadramento no gênero auto e à constatação da ausência de verossimilhança e das unidades de tempo e espaço. A *Notícia sobre o Teatro*

¹⁰⁰ O paratexto foi traduzido para o português por Regina Zilberman (DENIS, 2007).

¹⁰¹ Não há nenhuma menção no livro de que Ferdinand Denis foi seu tradutor, embora isso seja indicado, de um modo geral, nos anúncios da coleção. É interessante notar que o exemplar conservado na *Bibliothèque Sainte-Geneviève*, proveniente do *Fonds Ferdinand Denis*, possui um recorte impresso, colado no frontispício, que o identifica como tradutor, bem como lista algumas de suas obras.

Português ressalta que a produção teatral fica muito aquém do talento do poeta e atribui a decisão de comentá-la no prefácio à fama de Camões.

O *Journal des Savants*, periódico especializado redigido mensalmente por membros do Institut de France, publicou uma resenha, assinada por François Raynouard, sobre *Obras Primas do Teatro Português* na edição de julho de 1823. É o segundo de uma série de nove artigos do mesmo autor que, de 1823 a 1825, comentam, de forma descritiva e analítica, a coleção *Chefs-d'Oeuvre des Théâtres Étrangers*. Apresentam-se, sequencialmente, suas considerações gerais acerca do empreendimento editorial como um todo e suas ponderações particulares sobre o volume organizado por Ferdinand Denis.

No artigo de junho de 1823, Raynouard distingue a coleção por introduzir na França obras estrangeiras; porém, critica o título, a pouca uniformidade na apresentação das peças e a falta de um aparato filológico eficiente. O crítico argumenta que ela deveria se chamar *Pièces des Théâtres Étrangers*, uma vez que não incorporou muitas obras primas, como Shakespeare e Schiller, que já se encontravam traduzidas. Pondera também que ela se beneficiaria de paratextos críticos que indicassem o progresso da arte dramática em cada literatura. Nesse sentido, avalia que permitiram um melhor conhecimento e apreciação das peças estrangeiras, familiarizando o leitor com formas, hábitos e preconceitos locais; e adquiriria um caráter mais letrado.

No artigo de julho de 1823, o crítico aborda *Obras Primas do Teatro Português* de maneira predominantemente descritiva. Já na abertura, ressalta a *Notícia sobre o Teatro Português* que indica a origem, o progresso e o estado atual da arte dramática em Portugal, julgando-a satisfatória, sobretudo após ter defendido a importância de paratextos semelhantes. A única ressalva que faz diz respeito ao comentário de Denis, considerando-o aleatório, de que o teatro francês impedira os poetas portugueses de se entregar à originalidade de seu gênio e de desenvolvê-la plenamente. Ainda assim, Raynouard (1823, p. 420) reitera que “faço questão de dizer que a parte que concerne o teatro português será talvez uma das que deixarão menos a desejar nessa vasta coleção, que continua a obter um sucesso merecido sob diversos aspectos”¹⁰².

O *Mercure de France au XIX^e Siècle*, revista literária semanal editada em Paris, publicou um artigo, assinado por Charles Nodier¹⁰³, que aborda a coleção *Chefs-d'Oeuvre des*

¹⁰² “j’aime à dire que la partie qui concerne le théâtre portugais sera peut-être une de celles qui laisseront le moins à désirer dans cette vaste collection, qui continue d’obtenir un succès mérité à plusieurs égards”.

¹⁰³ Jean-Charles-Emmanuel Nodier (1780-1844), eleito membro da Académie Française em 1833, é autor de uma vasta e variada obra, entre as quais se destacam: *Mélanges de Littérature et de Critique* (1820); *Adèle* (1820); et *Voyages Pittoresques et Romantiques dans l’Ancienne France* (1820).

Théâtres Étrangers por ocasião de sua reedição em 1827. O crítico formula comentários valorativos sobre a dramaturgia em geral e menciona brevemente os volumes do teatro russo e português. Detém-se na crítica da cópia do teatro francês pelos estrangeiros, pois pensa que a França tomou o lugar da Grécia na irradiação do clássico. Assevera também que as peças que antecedem o desenvolvimento geral das doutrinas classicistas podem melhor interessar ao leitor, haja vista as diferenças de composição. O comentário de encerramento do artigo é sobre os tradutores, e Nodier (1827, p. 65) atribui o livro sobre a dramaturgia portuguesa ao “senhor Ferdinand Denis, jovem escritor, repleto de modéstia e de talento, cujos excelentes estudos instam a ocupar um lugar honrado em nossa literatura”¹⁰⁴.

O *Journal des Débats Politiques et Littéraires* veiculou, no mesmo ano, uma notícia sobre a reedição da coleção. O artigo, não assinado, fala do oferecimento de novas assinaturas, que haviam sofrido uma redução de 2 fr. sobre o preço original sem implicar perda na qualidade do papel e da encadernação. Para isso, comenta o sucesso das traduções das obras completas de Shakespeare e Schiller e de *Chefs-d’Oeuvre des Théâtres Étrangers*, ambos publicados por Ladvocat, e classifica os empreendimentos como duas das mais importantes realizações para arte dramática daquela década. Também menciona o conjunto de seus colaboradores e assevera que, se a coleção não tivesse sido tão justamente apreciada, “os nomes desses literatos seriam uma perfeita garantia do mérito da coleção em todos os sentidos”¹⁰⁵ (JOURNAL DES DÉBATS, 1827, p. 3). Acrescenta-se que a procura pela coleção, sugerida pela notícia, é reforçada pelos anúncios de J. N. Barra, livreiro do Palais Royal, no jornal, que a mencionaram nove vezes entre 1829 e 1838.

Obras-Primas do Teatro Português, primeiro livro de maior fôlego de Ferdinand Denis, foi publicado em um momento de intensa divulgação de letras estrangeiras em Paris. O tratamento dispensado ao teatro de Camões, pioneiro em língua francesa, forneceu não só um resumo-análise de duas peças atribuídas a ele, mas também cuidou em traduzir um longo trecho de uma delas. Vale lembrar que, conforme discutido no capítulo anterior, a dramaturgia camoniana era até então apenas mencionada, positiva ou negativamente, sem que um leitor francês pudesse ter ideia de seu conteúdo ou composição. Além disso, o prefácio acerca do teatro português, bastante elogiado por Raynouard, indica um posicionamento particular do organizador em relação aos demais volumes da coleção. Nesse sentido, Denis apresenta a

¹⁰⁴ “M. Ferdinand Denis, jeune écrivain, plein de modestie et de talent, que d’excellentes études appellent à tenir une place honorable dans notre littérature”.

¹⁰⁵ “les noms de ces littérateurs seraient une parfaite garantie du mérite de cette collection sous tous les rapports”.

dramaturgia portuguesa enquanto fenômeno situado na história e não apenas em relação a regras poéticas pretensamente atemporais.

A respeito de *Chefs-d'Oeuvre des Théâtres Étrangers*, considera-se curiosa a decisão de atribuir a Denis a tradução e organização do volume a respeito do teatro português. Por um lado, os demais colaboradores da coleção eram, em sua maioria, acadêmicos e escritores bastante prestigiados, destoando do jovem viajante sem formação ou capital social. Por outro, lusitanistas em atividade no período poderiam ser encarregados da tradução e organização do livro¹⁰⁶. Ademais, as críticas de Raynouard e de Nodier colocam em evidência a aquisição de capital simbólico por parte do tradutor. O primeiro, que escreve no ano de lançamento, aponta o amadorismo da coleção, refletida na organização dos volumes e em seu título apelativo, que se limita a colocar em circulação peças inéditas em francês. Todavia, distingue o procedimento adotado no prefácio e indica que isso favorece o sucesso do empreendimento. O segundo, que escreve quatro anos depois, procede a uma discussão generalista sobre a dramaturgia, falando secundariamente dos volumes sobre o teatro russo e português. Ainda assim, cuida descrever elogiosamente seu organizador, de modo a parecer apreciá-lo mais do que a coleção em si. Em suma, *Obras-Primas do Teatro Português* é relevante em relação não só ao legado camoniano, mas também ao percurso profissional de Ferdinand Denis na primeira metade do século XIX.

2.2 O ANO DE 1824: CAMÕES PERSONAGEM

Scènes de la Nature sous les Tropiques, et de leur Influence sur la Poésie, suivies de Camoens et Jozé Indio [*Cenas da Natureza sob os Trópicos e de sua Influência sobre a Poesia, seguidas de Camões e José Índio*] foi editado por Louis Janet em 1824. Com formato In-8º, o livro era vendido por 6 fr. e contava com encadernação em meio-couro, gravações em dourado e nervuras na lombada.

Louis Janet, que atuou como editor entre 1818 e 1840, fora encadernador dourador na editora de seu pai, Pierre-Etienne Janet, sucedendo-o por ocasião de seu falecimento. Publicava principalmente almanaques, antologias literárias, *livres d'étrennes* e *keepsakes*¹⁰⁷, sendo conhecido por suas encadernações de luxo e seus volumes seriados. Editou, de maneira interrupta (1823-1829), o periódico *Annales Romantiques*, que publicava, enquanto antologia

¹⁰⁶ Entre outros, François Raynouard, membro da Académie Française.

¹⁰⁷ *Livres d'étrennes* e *keepsakes* são obras com encadernação especial e gravuras que costumavam ser oferecidas como presente em datas natalícias.

de escritores em atividade, obras inéditas de Victor Hugo, Musset, Lamartine, Chateaubriand, entre tantos outros. Sua atuação no mercado editorial corresponde, concomitantemente, à produção de livros com significativo apelo comercial, haja vista o sucesso sobretudo das antologias e dos livros-presente no período, e à divulgação de autores contemporâneos em volumes coletivos e de menor custo.

*Cenas da Natureza sob os Trópicos e de sua Influência sobre a Poesia, seguidas de Camões e José Índio*¹⁰⁸ (IV-516 p.) é uma obra dividida em duas partes, conforme anuncia o título. A primeira, composta de 43 capítulos (p. I-IV; 1-407), pretende “lembrar a influência da natureza sobre a imaginação dos homens que vivem em países quentes” e “dar a conhecer aos europeus o partido que podem tirar de cenas grandiosas de que eles costumam ter apenas uma ideia imperfeita”¹⁰⁹ (DENIS, 1824, p. III). Desse modo, formula uma poética tropical e fornece duas narrativas condizentes, *Palmares* e *Os Maxacalis*¹¹⁰. A segunda contém uma narrativa biográfica, com advertência e apêndice, acerca da vida e da obra de Camões, enfocando principalmente sua amizade com José Índio e suas relações com a história de Portugal.

Camões e José Índio (p. 409-501) conforma-se no entrecruzamento criativo de fatos biográficos, obra poética e eventos históricos, de modo a se tornar uma ficção biográfica. A história inicia com o retorno dos dois personagens do título a Lisboa. Surpreendidos por uma tempestade, Camões conduz a embarcação em segurança, de modo que a tripulação, ao pisar em terra firme, dirige-se à Igreja para agradecer a graça recebida. No templo, José Índio reconhece sua amada, Clara, cuja suposta morte conduzira-o ao celibato clerical. O poeta convence o amigo a manter a calma e, conforme se afastam, ouve o odioso estratagema do pai da moça para separá-los. Comovido pelo infortúnio do religioso, o autor de *Os Lusíadas* procura confortá-lo, rememorando a própria vida marcada por desditas. Em vista disso, ele narra sua trajetória desde a infância até o período em que conheceu José Índio no Oriente.

Após concluir a longa narração, Camões e José Índio recuperam seus pertences e procuram um lugar onde possam se hospedar. Sem dar por si, José Índio conduz os dois à casa de uma antiga criada do pai de Clara. Por intermédio dela, consegue reencontrar a amada. Em função do celibato, não podem se entregar um ao outro, e o religioso promete a ela deixar Portugal para poder confortar homens desditosos como ele. Pouco tempo depois,

¹⁰⁸ *Camões e José Índio* foi traduzido para o português pelo autor da dissertação (DENIS, 2014).

¹⁰⁹ “rappeler l’influence de la nature sur l’imagination des hommes qui vivent dans les pays chauds” e “faire connaître aux Européens le parti qu’ils peuvent tirer des grandes scènes dont ils n’ont souvent qu’une idée imparfaite”.

¹¹⁰ *Palmares* foi traduzido para o português por Maria Helena Rouanet (DENIS, 1997); *Os Maxacalis*, por Maria Cecília de Moraes Pinto (DENIS, 1979).

Clara falece, em decorrência de um episódio grave da peste negra, e José Índio deixa Camões para cumprir o voto que fizera a ela.

O religioso peregrina nas Índias, tendo como destino lugares percorridos por Camões. Na viagem de retorno, encontra-se com os exércitos de D. Sebastião na África e carrega o estandarte de guerra na batalha de Alcácer Quibir. Com a derrota do monarca, volta a Lisboa e procura o poeta. Inicialmente sem sucesso, encontra-o no asilo dos pobres, com a saúde bastante debilitada. Camões reconhece José Índio, emociona-se e, resignado com a própria fortuna, falece nos braços do amigo.

A narrativa biográfica encontra-se dividida em dois planos, um protagonizado por José Índio, e outro resultante da narração memorialista de Camões. O primeiro plano enfoca, em Lisboa, o dilema moral do religioso ao reencontrar a amada que julgava morta e sua resolução, partindo para o Oriente. O segundo provém do relato realizado por Camões em que reconstitui seu percurso biográfico desde a infância até o encontro com o amigo nas Índias, ressaltando seus sucessivos revezes. Também aborda eventos da história portuguesa de que não fez parte. Os dois planos, intercalados de maneira desigual, convergem para o reencontro das duas personagens quando José Índio retorna a Lisboa, e Camões falece em seus braços.

Para escrever essa ficção biográfica, Ferdinand Denis (2014, p. 18), que se propôs a reviver, por meio da tradução de seus poemas, os infortúnios de Camões, abriu mão da “forma rigorosa imposta pela história”. Ainda assim, insiste na autenticidade da maioria dos fatos, sobretudo do final, na *Advertência*, bem como remete a uma bibliografia especializada. Dessa maneira, não só insere eventos históricos não diretamente vividos pelo poeta em *Camões e José Índio* e dedica a José Índio uma parte significativa no enredo, mas também se apropria da poesia camoniana e a incorpora em seu interior e margens¹¹¹.

Cenas da Natureza sob os Trópicos e de sua Influência sobre a Poesia, seguidas de Camões e José Índio foi recebido pela Académie de Sciences do Institut de France na sessão de 22 de novembro de 1824, conforme consta em ata (PROCÈS VERBAUX DES SÉANCES DE L'ACADÉMIE, 1918). O *Journal des Savants*, vinculado ao Institut, anunciou a publicação do livro em janeiro do ano seguinte, sem fornecer uma resenha. Após divulgar seu local de comercialização e preço, inclui uma breve descrição do volume, a fim de indicar seus temas. O texto, não assinado, diz que “o senhor F. Denis, na novela que termina seu livro,

¹¹¹ A poética de *Camões e José Índio* foi anteriormente discutida (BARBOSA, 2014), de modo que não será abordada em detalhes na dissertação.

propôs-se a iluminar a vida de Camões a partir das obras desse grande mestre”¹¹² (JOURNAL DES SAVANTS, 1825, p. 61).

Le Globe, jornal literário então recém fundado, veiculou uma longa resenha, assinada por Sainte-Beuve, acerca dessa obra de Ferdinand Denis em dezembro de 1824. O crítico a associa ao interesse crescente pelos hábitos, história e literatura dos povos do além mar. Privilegiando um viés instrutivo, destaca positivamente a escolha do tema e a pesquisa envolvida. Todavia, indaga o quanto seria legítimo o tratamento dispensado à matéria na medida em que as imagens e expressões estrangeiras, conhecidas apenas pelo autor, não são compartilhadas pelo gosto e eloquência franceses.

A crítica que formula em relação à primeira parte do livro é bastante contundente. Sainte-Beuve (1824, p. 205) considera que Denis “satisfaz muito pouco o espírito que busca uma prática positivista”¹¹³, já que não indica com precisão o local que origina suas observações e que menciona genericamente os efeitos produzidos. Analogamente, aponta para o descompasso entre a manifestação da inspiração e seu tratamento rigoroso, uma vez que, predominando um “tormento do entusiasmo (...) que recua de cem maneiras diferentes sobre si mesmo antes de atingir o efeito desejado”, apenas secundariamente “as sensações são separadas, classificadas, e a admiração, de certa forma, motiva-se”¹¹⁴ (SAINTE-BEUVE, 1824, p. 205). Nesse sentido, considera a linguagem utilizada excessiva, eclipsando a própria referencialidade, pois “as ricas descrições se perdem em meio de tanto esplendor”¹¹⁵ (SAINTE-BEUVE, 1824, p. 205). É interessante notar que Sainte-Beuve privilegia uma retórica naturalista, como as de Humboldt ou de Saint-Hilaire, de modo a rejeitar a poeticidade de imagens inspiradas pela natureza tropical.

O crítico, levando em consideração *Os Maxacalis* e *Palmares*, critica a presença constante de Denis enquanto mediador da representação da paisagem e de seus elementos. Pondera que as intervenções do autor, com sua linguagem extasiada, dão forma à natureza ao invés de deixá-la transparecer em sua composição original. Dessa feita, avalia que o procedimento narrativo adotado torna a leitura maçante e prejudica sua capacidade de fazer aprender. Em vista disso, julga mais conveniente a inserção de personagens coerentes e espontâneos, à semelhança de Walter Scott e de Fenimore Cooper. De fato, reconhece

¹¹² “M. F. Denis, dans la nouvelle qui termine son livre, s’est appliqué à jeter sur la vie de Camoens des lumières puisées dans les oeuvres de ce grand maître”.

¹¹³ “ne satisfait que peu l’esprit qui cherche des applications positives”.

¹¹⁴ “tourment de l’enthousiasme (...) qui se replie en cent façons sur lui-même avant d’atteindre l’effet cherché”, apenas secundariamente “les sensations se séparent, se classent, et l’admiration, en quelque sorte, se motive”.

¹¹⁵ “les riches descriptions se perdent au milieu de tant d’éclat”.

similaridades entre as duas narrativas americanas e as dos escritores mencionados, mas decreta o fracasso de sua realização.

No conjunto da obra, o crítico concebe *Camões e José Índio* como uma tentativa do autor, igualmente falha, de demonstrar a influência de cenas da natureza no gênio do poeta:

Nenhum poeta mais do que Camões foi inspirado pelos grandes espetáculos dos trópicos: é na Índia que ele toma emprestado as mais ricas descrições; sua imaginação, atingida por ciclones, tempestades e diversos aspectos do oceano, exprimiu-os com uma veracidade e vigor que entornam em seus escritos um encanto eterno. Portanto, o autor quis, parece-me, demonstrar a influência completa das cenas da natureza sobre o gênio do poeta. Louvo-o caso tenha tido essa ideia; mas a execução é falsa e pretensiosa: é Camões que conta sua história a José Índio. Por que essas narrativas incessantes? Porque se impor a tarefa penosa de fazer falar dignamente um homem grandioso? Com o conhecimento aprofundado que o senhor Denis tem da literatura portuguesa e de obras do poeta, ele devia ousar prescindir de combinações romanescas e procurar provocar interesse apenas com a simples realidade.¹¹⁶ (SAINTE-BEUVE, 1824, p. 205-206)

Sainte-Beuve condena incisivamente o tratamento da temática camoniana por meio de procedimentos romanescos, isto é, da dramatização da biografia transformando o poeta em personagem. Ele vê as longas narrações de Camões como um equivalente ficcional das interferências de Denis na representação da natureza, isto é, como um excesso desnecessário e contraprodutivo. Desse modo, questiona a autenticidade da situação e a coerência do discurso enquanto maneiras eficientes de figurá-lo, não só afetando a verossimilhança do relato, mas também diminuindo a dignidade do poeta. A crítica negativa de *Camões e José Índio* restringe-se, entretanto, à ficcionalização da biografia. Sainte-Beuve ratifica o conhecimento biográfico envolvido na escrita do texto, bem como corrobora o capital cultural de seu autor acerca da literatura portuguesa. Percebe-se, no conjunto da resenha, uma busca, por parte do crítico, de um relato referencial, imparcial e voltado para a instrução à revelia de uma ficção romanesca. Nesse sentido, pode-se dizer que, para Sainte-Beuve, convém a Ferdinand Denis privilegiar o discurso do historiador em detrimento do do romancista¹¹⁷. Com efeito, ele

¹¹⁶ Aucun poète plus que Camoëns ne fut inspiré par les grands spectacles des tropiques: c'est à l'Inde qu'il emprunte ses plus riches descriptions; son imagination, frappée des trombes, des tempêtes et des divers aspects de l'Océan, les a exprimés avec une vérité et une vigueur qui répandent sur ses écrits un charme éternel. L'auteur a donc voulu, ce me semble, démontrer en sa personne l'influence complète des scènes de la nature sur le génie. Je le loue s'il a eu cette idée; mais l'exécution en est fautive et recherchée: c'est Camoëns qui conte son histoire à José Índio. Pourquoi ces perpétuels récits? Pourquoi s'imposer cette tâche pénible de faire dignement parler un grand homme? Avec la connaissance approfondie qu'a M. Denis de la littérature portugaise et des ouvrages du poète, il devait oser se passer des combinaisons du roman, et ne chercher l'intérêt que dans la simple réalité.

¹¹⁷ Em um prefácio para *Paul et Virginie*, Sainte-Beuve (1838, p. LI-LII) escreve: “o senhor Ferdinand Denis, autor de *Cenas da Natureza sob os Trópicos* e *André, o Viajante*, é, na nossa geração, um representante muito puro e sensível da inspiração característica de Bernardin de Saint-Pierre: em vista das duas obras citadas, ele pertence, de fato, à escola dele” [“M. Ferdinand Denis, auteur de *Scènes de la Nature sous les Tropiques* et d'*André le Voyageur*, est dans nos générations un représentant très pur et très sensible de l'inspiration propre venu de Bernardin de Saint-Pierre: par les deux ouvrages cités, il appartient tout-à-fait à son école”]. A

encerra o artigo com um elogio a Souza Botelho por ter organizado a edição monumental de *Os Lusíadas*, assinalando que “é essa fonte pura e, por assim dizer, sagrada que o senhor Denis consultou em seus estudos sobre Camões; é ela que será consultada por todos aqueles que se ocuparão do mesmo objeto e que apreciarão, não sem emoção, o nobre pensamento do senhor Souza”¹¹⁸ (SAINTE-BEUVE, 1824, p. 206).

Lettres Champenoises ou Correspondance Morale et Littéraire, revista feminina editada por Pillet Aîné, publicou uma resenha, assinada por Peyrot, de *Cenas da Natureza sob os Trópicos* em 1825, tendo anunciado seu lançamento no ano anterior. Como de praxe para o periódico, o artigo endereça-se, em forma de carta, a uma senhora e apresenta o livro por meio de comentários e citações. Destaca-se que uma parte significativa da resenha é dedicada à paráfrase de *Palmares*.

O crítico indaga, inicialmente, sobre a extensão da influência do clima na criação poética. Discorre, assim, sobre dois gêneros de poesia, a de sentimentos e a de imagens. Propõe que a primeira ocorre quando o gosto apura a natureza; e a segunda, quando a natureza aparece em si mesma. Para ele, ambas apenas se combinam em obras-primas, como *Paul et Virginie* e *Atala*. Nesse sentido, Peyrot pensa que o interesse pela obra de Denis provém dos sentimentos gerais, íntimos e profundos que provoca, à semelhança de Bernardin de Saint-Pierre e Chateaubriand.

O crítico ressalta como méritos de *Cenas da Natureza sob os Trópicos* o tratamento do conteúdo e a apuração do estilo, que julga convenientes a todos os públicos. Pondera que Denis, face à natureza, procura manter o interesse da paisagem pintando-a com traços grandiosos. Peyrot (1827, p. 57) acrescenta que, “como sob o mesmo céu os objetos mais salientes são quase sempre os mesmos, surge uma monotonia que se atribui naturalmente a algumas viagens, (...) senhora, com que destreza o autor lutou contra essa última armadilha”¹¹⁹. Ele valoriza, assim, a poesia “imagética” em consonância com a “sentimental”, isto é, o elemento natural transfigurado em algo exótico.

Após algumas citações do texto, Peyrot (1825, p. 62) assevera que “podeis julgar, senhora, com que agilidade, tão forte quanto graciosa, o estilo do senhor Denis mergulha nos

correspondência de Denis, preservada na *Bibliothèque Sainte-Geneviève*, e de Sainte-Beuve, impressa em livro, contém inúmeras cartas de um para o outro a partir de 1825.

¹¹⁸ “c’est à cette source pure et pour ainsi dire sacrée qu’a puisé M. Denis dans ses études sur Camoëns; c’est là que puiseront tous ceux qui s’occuperont du même objet, et tous ils apprécieront, non sans émotion, la noble pensée de M. de Souza”.

¹¹⁹ “comme sous le même ciel les objets les plus saillants sont presque toujours les mêmes, de là naît une monotonie qui s’attache naturellement à certains voyages, (...) madame, avec quelle adresse l’auteur a lutté contre ce dernier écueil”.

caracteres de diferentes imagens que suas lembranças fazem-no recordar”¹²⁰. Dessa feita, considera a memória do autor como o referente da imagem, deslocando-o da natureza. Diferentemente de Sainte-Beuve, concebe a figuração unicamente atravessada pela subjetividade de Denis, ratificando sua perspectiva e retórica. Nesse sentido, Peyrot (1825, p. 63) acredita que ele “convicto, com todos esses recursos, de agradar aos espíritos sérios, não desdenhou, no entanto, disputar os votos de uma outra classe de leitores (...) é a elas que o senhor Denis destinou alguns episódios que projetam uma nova verdade sobre sua obra”¹²¹.

Lycée Armorican, revista literária de Nantes, também publicou uma resenha, assinada por Edmond Richer, sobre o livro de Ferdinand Denis em 1825. O artigo divide-se, tacitamente, em duas partes. A primeira discute a representação da natureza na literatura francesa que, a partir do século XVIII, tornou-se mais frequente. Richer comenta principalmente o tratamento da paisagem em Rousseau, Voltaire e Bernardin de Saint-Pierre. A segunda apresenta *Cenas da Natureza sob os Trópicos*, no contexto desse debate, a partir das impressões de leitura do crítico.

De imediato, Richer (1825, p. 560) recomenda a obra de Denis “por seu estilo puro, análogo ao tema, por sua grande variedade de detalhes e por sua pintura exata dos sentimentos morais relacionados aos aspectos da natureza”¹²². A seguir, procura demonstrar seus argumentos com três longas citações que os corroboram. O crítico declara que algumas descrições aproximam-se o máximo possível da natureza, assim como ocorre em *Paul et Virginie*, e insere um trecho sobre a palmeira e sua inscrição na paisagem. Reconhece a variedade dessas descrições, que incorporam não só plantas, mas também animais, e transcreve uma passagem em que ambos figuram. Ressalta, enfim, as impressões morais que decorrem desses elementos e de seus efeitos, e acrescenta um segmento em que o europeu, em um clima mais ameno e em meio a maravilhas, sente-se melancólico. Repertoria, assim, procedimentos ficcionais que, julgando-os exitosos, apontam para uma relação de semelhança entre o discurso e seu objeto e de complementaridade entre a representação e sua percepção. Assevera que, por isso, *Cenas da Natureza sob os Trópicos* vai além de sua proposta original, de fornecer elementos novos para a criação poética, e torna-se, por si só, interessante e comovente.

¹²⁰ “vous pouvez juger, Madame, avec quelle souplesse, tantôt fort et tantôt gracieux, le style de M. Denis se ploie au caractère des différentes images que ses souvenirs lui rappellent”.

¹²¹ “sûr, avec tous ces moyens, de plaire aux esprits sérieux, n’a pas dédaigné cependant de briguer les suffrages d’une autre classe de lecteurs (...) c’est à elles que M. Denis a destiné quelques épisodes qui jettent sur son ouvrage une nouvelle vérité”.

¹²² “par un style pur, analogue au sujet, une grande variété de détails, et par une peinture exacte des sentiments moraux mis en rapport avec les aspects de la nature”

Mesmo assim, o crítico elenca alguns aspectos que afetam negativamente a obra sem, contudo, comprometê-la. Desaprova a citação excessiva de terceiros, como Humboldt, em passagens em que não seria necessário fazê-lo. Nesses casos, alega que seria preferível ler impressões do próprio autor. Pensa que as descrições do litoral não são suficientemente detalhadas, pois apresentam predominantemente plantas e animais conhecidos na Europa em detrimento de outros mais exóticos. A fim de ser mais bem sucedido em seus objetivos, acredita que Denis precisaria fornecer mais dados e evidências sobre conhecimentos que o leitor europeu não compartilha. É interessante notar que os problemas apontados dizem respeito à função instrutiva do livro pelo viés do conhecimento enciclopédico. Nesse sentido, Richer (1825, p. 565) assevera que, “para imitar Bernardin de Saint-Pierre, teria sido necessário ser inteiramente naturalista”¹²³.

O crítico reitera que *Cenas da Natureza sob os Trópicos*, em consonância com seu tempo, traz para a literatura francesa uma poética distante das anedotas e dos lugares-comuns que a caracterizavam. Insiste que a obra comove, sendo verdadeira, graças aos procedimentos adotados por Denis, que soube observar e pintar o que viu e sentiu. “Em suma,” Richer (1825, p. 565) conclui, “se a obra que temos sob os olhos deixa alguma coisa a desejar ao erudito, ela satisfará completamente o literato”¹²⁴.

Cenas da Natureza sob os Trópicos e de sua Influência sobre a Poesia, seguidas de Camões e José Índio também foi objeto de uma recepção produtiva. Ainda que Sainte-Beuve tenha objetado o uso da natureza tropical na literatura europeia, alguns autores franceses entusiasmaram-se com o projeto literário proposto por Ferdinand Denis. Em 1830, Gavet e Boucher publicaram *Jakaré-Ouassou, ou Les Tupinambas*, cuja concepção deriva de *Os Maxacalis*. Os autores declararam sua filiação a Denis em paratextos do livro, citando e mencionando a obra de referência inúmeras vezes. Em 1833, Honoré Dumont publicou *Brest, Poème en Seize Chants*, que celebra a cidade bretã do título. Em uma nota do canto 14 em que um homem acha seu caminhar rápido demais face a uma paisagem, lê-se: “o que acabei de dizer das palmeiras e da seringueira me foi sugerido por uma excelente produção intitulada: [referência de *Cenas*] (...) não saberia exprimir quanto a leitura desse livro, extremamente cativante, interessou meu âmagô”¹²⁵ (DUMONT, 1833, p. 110). Em 1842, o poeta publica *Kléber, Poème en Dix Chants* (1842), que homenageia o general francês Jean-Baptiste Kléber,

¹²³ “pour imiter Bernardin de Saint-Pierre, il eût fallu être [inteiramente] naturaliste”.

¹²⁴ “En résumé,” Richer (1825, p. 565) conclui, “si l’ouvrage que nous avons sous les yeux laisse quelque chose à désirer au savant, il satisfèra complètement le littérateur”.

¹²⁵ “ce que je viens de dire des palmiers et de l’arbre à lait m’a été suggéré par une excellente production intitulée: [referência de *Cenas*] (...) je ne saurais exprimer combien la lecture de ce livre, extrêmement attachant, a intéressé mon âme”.

e remete novamente à obra de Ferdinand Denis. Em uma nota do canto quarto em que fala de um oásis, há uma longa citação de uma passagem a respeito do deserto, extraída de *Cenas da Natureza sob os Trópicos*.

A repercussão imediata e a recepção produtiva colocam em evidência a ambivalência constitutiva de *Cenas da Natureza sob os Trópicos e de sua Influência sobre a Poesia, seguidas de Camões e José Índio*. Por um lado, a obra propunha-se abertamente a fornecer elementos com vistas a uma poética. O objetivo e o objeto convergem, assim, em uma representação da natureza realizada a partir de uma retórica alusiva, e o referente passa a ser a subjetividade do sujeito da enunciação. Em outras palavras, Denis lançou mão de procedimentos romanescos que sobredeterminaram a matéria narrada, buscando provocar efeitos. Por outro, ela se alinha com publicações de cunho naturalista sobre as Américas e o Oriente que se multiplicavam no mercado editorial francês. O próprio autor traduzira a carta de Pero Vaz de Caminha e capítulos de *Corografia Brasílica* (1817) para *Nouvelles Annales de la Géographie et de l'Histoire* em 1821. Em livros com essas temáticas, o uso de uma linguagem eminentemente referencial com o objetivo de instruir era uma prática comum. Para além da obra, a partilha desses discursos começava a se delinear e a encontrar sua contrapartida na definição de papéis sociais distintos.

As resenhas discutidas operam com essas noções intra e extra textuais e aplicam-nas diferentemente. Sainte-Beuve, escrevendo em um jornal culto de variedades, considera *Cenas da Natureza sob os Trópicos* um fracasso em sua concepção e realização, pois não admite as características romanescas predominantes. Colaborando com um periódico voltado ao público feminino, Peyrot privilegia a discussão da poeticidade do livro e dedica-se a seu comentário e à sua paráfrase. Redigindo para um jornal da província, Richer valoriza elementos ficcionais, que lhe parecem centrais na obra, e aponta para falhas no quesito do conhecimento enciclopédico. Analogamente, Sainte-Beuve fala exclusivamente a Denis conhecedor da literatura portuguesa e de Camões. Peyrot enfoca apenas o criador-poeta. E Richer evoca tanto escritor quanto poeta, mesmo que sugira a prevalência desse último. É importante lembrar que Raynouard e Nodier, em relação a *Obras-Primas do Teatro Português*, já haviam abordado sua atuação em termos semelhantes; porém, não precisaram lidar com ambivalências.

Cenas da Natureza sob os Trópicos e de sua Influência sobre a Poesia, seguidas de Camões e José Índio é primeira obra autoral de Ferdinand Denis e seu primeiro livro individual. Inscrita no campo da criação ficcional, baseia-se em sua experiência pessoal no Brasil e em uma extensa pesquisa bibliográfica complementar. As referências que apresenta pertencem, normalmente, ao nicho naturalista, mesmo que o tratamento dispensado seja o de

viajante-poeta. Isso concorre para uma oscilação não só de classificação da obra, mas também de atribuição de um papel social a seu autor. Todavia, percebe-se que há uma tendência em tomá-lo enquanto profundo conhecedor do Brasil e da literatura portuguesa em detrimento de outras subjetivações.

Camões e José Índio, mencionado apenas na resenha de Sainte-Beuve, desempenha uma função significativa em relação ao *corpus* poético e à biografia do poeta na França. As primeiras traduções, parciais ou integrais, de poemas atribuídos a Camões encontram-se no interior da narrativa. Como dito no capítulo anterior, a lírica camoniana foi objeto de interesse apenas no início do século XIX e, à exceção de excertos traduzidos por Sismondi, ainda não havia sido divulgada em francês. Além disso, a abordagem da vida do poeta, até então restrita a uma representação factual, adentrou o campo da ficção romanesca. A ocorrência simultânea do histórico e do literário constituiu, assim, uma prática moderna compartilhada por outras narrativas. Nesse sentido, o legado camoniano passou a contar com uma outra estratégia para garantir sua transmissão e sobrevivência.

2.3 O ANO DE 1826: CAMÕES NA HISTÓRIA DA LITERATURA PORTUGUESA

O *Résumé de l'Histoire Littéraire du Portugal, suivi du Résumé de l'Histoire Littéraire du Brésil* [Resumo da História Literária de Portugal, seguido do Resumo da História Literária do Brasil] foi editado por Lecoite et Durey em 1826. A obra faz parte da *Collection des Résumés Historiques*, coordenada por Félix Bodin (1776-1829), que, composta de setenta volumes in-18°, oferecia resumos históricos sobre os mais diversos assuntos. A coleção foi publicada entre 1821 e 1834, havendo inclusive reedições, e seus volumes custavam originalmente entre 2 fr. e 3 fr. 50.

Os editores, Jacques-Frédéric Lecoite e Étienne Durey, que deixaram o antigo padrão para abrir a própria editora, atuaram em conjunto entre 1820 e 1831. Publicaram sobretudo romances e os resumos históricos. Segundo Werdet (1860), a coleção obteve grande sucesso e gerou a fortuna dos dois empresários. Possibilitando a compra individual de seus títulos, ela se propunha a conformar uma história universal e a constituir uma biblioteca histórica tão extensa quanto fosse o desejo e o interesse do leitor. Para executar o projeto, contrataram-se escritores que, encarregando-se de um ou mais resumos, apenas abordariam assuntos de que se mostrassem bons conhecedores¹²⁶. Favorecidas por um formato portátil e de menor custo,

¹²⁶ Ferdinand Denis é também responsável pelos resumos de história do Brasil e da Guiana (1825) e de Buenos Aires, do Paraguai, das províncias do Prata e do Chile (1827).

as pretensões dos editores correspondiam a um interesse crescente em descentralizar o conhecimento especializado, associado à figura do erudito. Na contramão do que consideravam um privilégio de classe, disponibilizavam à população urbana e letrada uma versão informativa e acessível dos mais variados temas. Félix Bodin (1822, p. VII), na apresentação do *Résumé de l'Histoire de France Jusqu'à nos Jours*, sintetiza o objetivo da coleção de forma grandiloquente: “antigamente, escrevia-se a história para uso do delfim; hoje é para o uso do povo que se deve escrevê-la, e os filhos dos reis serão instruídos, por sua vez, com os livros feitos para o povo”¹²⁷.

O *Resumo da História Literária de Portugal, seguido do Resumo da História Literária do Brasil*¹²⁸ (XXV-625 p. in-16º) é uma obra dividida em duas partes, conforme anuncia o título. A primeira, composta de 35 capítulos (p. 1-512), apresenta a literatura portuguesa de forma diacrônica, abordando autores, obras e instituições desde a constituição da língua até a época de sua publicação. A segunda parte, composta de oito capítulos (p. 513-601), apresenta a literatura brasileira de forma semelhante. Todavia, devido a sua curta existência face à portuguesa, o tratamento dispensado é bastante desigual em relação aos autores, gêneros e períodos; e lança mão de juízos prospectivos. Ressalte-se que o autor, em ambos os casos, entende a literatura enquanto prática letrada em prosa e verso, compreendendo tanto ficção e poesia quanto relatos históricos e de viagem.

Para escrever o resumo, Ferdinand Denis adotou, como unidades estruturantes do relato, nomes de autores, uma tipologia de gêneros textuais e entidades letradas. A partir dessas noções, procurou situar historicamente os objetos, tanto em seu aspecto cronológico quanto circunstancial, e estabeleceu uma continuidade entre eles. Além disso, valeu-se da técnica do comentário de texto, com ou sem excertos traduzidos, de modo que a análise histórica resulta do resumo explicativo de obras e da narração de eventos, corroborados por citações e menções de uma bibliografia atualizada. Nessa medida, tais escolhas e procedimentos são coerentes com o escopo da coleção em que o livro se insere, sem que ele deixe de interessar a um público especializado.

Mencionado diversas vezes ao longo da obra, o legado camoniano é discutido nos capítulos VIII, IX e XI que enfocam, respectivamente, a biografia de Camões, *Os Lusíadas* e

¹²⁷ “Autrefois on écrivait l’histoire à l’usage du dauphin ; aujourd’hui c’est à l’usage du peuple qu’il faut l’écrire, et les fils de rois s’instruiront à leur tour dans les livres faits pour le peuple”.

¹²⁸ A parte relativa ao Brasil foi traduzida para o português por Guilhermino César (DENIS, 1978); a tradução completa, que fornece as citações da dissertação, por Regina Zilberman (no prelo).

*Da Criação e Composição do Homem*¹²⁹; a poesia lírica; e a dramaturgia. A vida do poeta é apresentada brevemente (p. 66-76), e o poema heroico ocupa a maior parte do capítulo (p. 76-126). A abordagem do épico compreende uma introdução geral; uma análise extensiva pautada no comentário de texto e na inserção de trechos traduzidos, exceto para os cantos II e VIII; e uma pequena síntese de sua recepção crítica. O poema místico (p. 127-133), bastante curto, é tratado de forma semelhante a *Os Lusíadas*. A lírica conta com uma exposição geral acerca das particularidades de sua transmissão e da fortuna crítica na França (p. 134-138) e com o comentário de poemas, traduzidos parcial e integralmente (p. 138-149). A dramaturgia (p. 182-187) remete à *Notícia sobre o Teatro Português* (1823) e detém-se no resumo de *Filodemo*, sem fornecer excertos. É interessante notar que tanto o número de páginas consagradas ao legado camoniano, quanto a amostragem de textos são superiores aos da história literária de Sismondi. Acrescenta-se que Denis alude reiteradamente ao espaço restrito de que dispõe quando lamenta não poder estender uma análise, ou fornecer a tradução de uma passagem a que se refere.

O *Journal des Savants* publicou uma resenha, assinada por François Raynouard, do *Resumo da História Literária de Portugal, seguido do Resumo de História literária do Brasil* em 1827. O artigo inicia com um breve comentário de *Cenas da Natureza sob os Trópicos*, relacionando-a à história literária de Ferdinand Denis. Após dizer que fora escrita com todo o entusiasmo que pôde inspirá-lo a natureza tropical, Raynouard (1827, p. 150-151) argumenta que “o mesmo autor, ainda dominado por seu tema, empregou nessa nova obra tanta sabedoria, proporção e gosto para julgar as produções do gênio e do talento, para fazer apreciações razoáveis, quanto se entregara ao sentimento e o exagerara em suas *Cenas da Natureza*”¹³⁰. O crítico enfatiza, assim, o contraste entre o pendor poético da obra anterior e o caráter letrado do *Resumo*, sugerindo sua preferência pelo segundo em detrimento do primeiro. Também sublinha que Denis, tendo viajado e residido algum tempo no Brasil, fora considerado apto para redigir o volume, ainda que fosse bastante jovem.

Antes de começar a análise, o crítico relembra a *Notícia sobre o Teatro Português* e lista livros acerca da literatura portuguesa, igualmente mencionados por Denis no capítulo de abertura. O repertório que apresenta é o seguinte: a *Biblioteca Lusitana*; o *Dictionnaire Biographique*, de Soares de Brito; as *Memórias da Academia de Lisboa*; *Memória ou*

¹²⁹ À época do livro, esse poema era atribuído a Camões por alguns autores. Essa e outras questões do *corpus* poético serão tratadas no capítulo 4 da dissertação.

¹³⁰ “le même auteur, toujours dominé par son sujet, a mis dans ce nouvel ouvrage autant de sagesse, de mesure et de goût à juger les productions du génie et du talent, à faire des appréciations raisonnées, qu’il avait mis d’abandon et de surabondance de sentiment dans ses *Scènes de la nature*”.

Louvores de Língua Portuguesa, da Academia de Ciências de Lisboa; *Dell'origine, Progressi e Stato Attuale di Ogni Letteratura*, de Andres; as histórias literárias de Bouterwek e Sismondi; os artigos de Sané no *Mercure Étranger*; e o *Essai Statistique sur le Royaume de Portugal et d'Algarve*, de Adrien Balbi. Em vista desse conjunto de obras e autores, reconhece a correção e adequação de Denis e corrobora sua escolha para a redação do resumo sobre os dois países de língua portuguesa.

A resenha, bastante tradicional, oscila entre síntese e comentário de cada parte do livro, apoiando-se na transcrição de trechos. Em linhas gerais, o crítico destaca a indicação franca, da parte do autor, de suas referências bibliográficas na medida em que, quando se vale de juízos ou informações alheios, adverte o leitor e menciona sua fonte. Raynouard (1827, p. 157) sublinha que a análise de Denis fornece “todos os detalhes que concernem o teatro português, que nem Andres, nem Schlegel mencionaram”¹³¹. Também avalia positivamente as versões em francês do próprio autor para obras ainda não traduzidas, lamentando não poder expô-las mais detidamente. Em relação ao épico camoniano, considera que “a análise de *Os Lusíadas* é precisa e animada”¹³² (RAYNOUARD, 1827, p. 154) e valoriza a decisão de usar a tradução de Millié para suas citações. Como sumário do artigo, Raynouard (p. 160-161) avalia que se trata de “um resumo muito substancial, que é nada mais do que uma sequência e recolha de análises mais ou menos extensas de produções que compõem a história literária de Portugal”¹³³.

Na ausência de críticas negativas, ele se permite dar conselhos a Denis para uma futura edição revista do *Resumo da História Literária de Portugal*. Pensa que o autor deve manter seu plano de trabalho, que julga bem definido, mas ir além do gênero resumo. Dessa feita, acha conveniente fornecer mais detalhes e traduções de trechos. Também recomenda a indicação bibliográfica das melhores edições das obras que dá a conhecer, estendendo igualmente as notas biográficas e filológicas. Ademais, acha importante acrescentar um capítulo para tratar dos tradutores franceses da literatura portuguesa e realizar uma discussão mais profunda da origem e formação da língua, sobretudo em contraste ao espanhol. Ao cabo, Raynouard (1824, p. 161) confessa que “o interesse que me provocou seu trabalho me induz a

¹³¹ “tous les détails concernant le théâtre portugais, que ni Andrès ni M. Schlegel n'en avaient fait mention”.

¹³² “l'analyse des *Lusiades* est exacte et animée”.

¹³³ “un résumé très-substantiel, qui n'est lui-même qu'une suite et un recueil d'analyses plus ou moins étendus des productions dont se compose l'histoire littéraire du Portugal”.

propon-lhe meios de melhorá-lo, e dou-lhe conselhos com tanto mais confiança quanto o creio capaz de aproveitá-los”¹³⁴.

Le Globe publicou dois artigos, assinados por Charles Magnin, acerca da história literária de Ferdinand Denis em 1827. O crítico declara que, apesar do avanço na divulgação das literaturas estrangeiras, a portuguesa continuava pouco conhecida. Acrescenta, com certo deboche, que se fala apenas de Camões e *Os Lusíadas* na França, como se fossem seus únicos poeta e poema do país. À semelhança de Raynouard, lista as fontes de consulta disponíveis, constatando a falta de uma obra completa, e assevera que Denis teve de escrever a própria história ao invés de resumir as anteriores. A seguir, ele compartilha suas impressões de leitura no que concerne à poesia lírica.

O crítico ressalta a vida aventureira, ardente e inquieta que maioria dos escritores portugueses parece ter dito, que os diferencia do academicismo sedentário dos franceses. Nesse sentido, pensa que há uma contrapartida disso em suas obras. Magnin (1827a, p. 169) distingue, assim, a literatura lusitana “por um entusiasmo guerreiro, por um ardor melancólico próprio ao clima, em uma palavra, por uma cor parcialmente oriental que forma, por assim dizer, a transição da poesia europeia à poesia árabe”¹³⁵. Com essa perspectiva, comenta diacronicamente autores e obras; e fornece excertos traduzidos por Denis, que modifica quando julga necessário. No conjunto do texto, menciona também a obra de Adrien Balbi. É interessante notar que o resumo é apenas evocado quando Magnin, insistindo na beleza da morte e do naufrágio de Sepúlveda, encoraja seus leitores para revê-lo na obra de Denis.

O segundo artigo, cuja exposição assemelha-se à do primeiro, aborda o teatro português. Magnin adota um viés cultural para falar de suas práticas e discute sua origem, atribuindo-a a danças mouras. Detém-se na apresentação de autores e de obras, situando-os em relação à história portuguesa, e fornece trechos de peças traduzidos em francês. Além do resumo, o crítico também remete a *Obras Primas do Teatro Português*. Assim como no primeiro, questiona traduções feitas por Ferdinand Denis. Também contesta a inserção de poucos exemplos do gênero *intermezzo*, que julga importante por esboçar os hábitos nacionais. Mesmo que se trate de um artigo mais curto, o crítico refere os livros de Balbi, Bouterwek e Sismondi, deixando o *Resumo da História Literária de Portugal* em segundo plano.

¹³⁴ “l’intérêt que m’a inspiré son travail m’engage à lui proposer ces moyens de l’améliorer, et je lui donne ces conseils avec d’autant plus de confiance que je le crois très-capable d’en profiter”.

¹³⁵ “par un enthousiasme guerrier, par une ardeur mélancolique propre au climat, en un mot par une couleur à demi orientale qui forme pour ainsi dire la transition de la poésie européenne à la poésie arabe”.

A *Revue Encyclopédique*, periódico de cunho especializado, publica uma resenha, assinada por J. R., do *Resumo da História Literária Portugal, seguido do Resumo da História Literária do Brasil* em 1827. O crítico considera o gênero um dos mais úteis e interessantes então disponíveis, uma vez que presta um grande serviço aos povos sobre o quais escreve e à língua na qual escreve. Avalia, contudo, que suas obras, normalmente extensas e substanciais, encontravam cada vez menos leitores em função da perda, nas classes dirigentes, de uma tradição voltada ao cultivo do espírito. Concomitantemente, constata que o desejo de conhecer e a vontade de ler disseminavam-se entre as classes populares. Dessa feita, J. R. (1827, p. 702) arrola que, deste “duplo movimento em sentido inverso que se opera entre nós, nasceu, e devia nascer, a ideia dessa multitude de empreendimentos que oferecem, em um pouco número de páginas e a preços baixos, o *resumo* do que encerram obras longas e dispendiosas”¹³⁶. É no escopo desse tipo de publicação que analisa a história literária de Denis¹³⁷.

O crítico acredita que o título é bastante modesto para o livro que resenha. Por um lado, considera que Denis demonstra muita familiaridade com o tema, de modo que o volume único in-18° poderia se tornar dois in-8°. Por outro, avalia que ele escreve uma história literária própria ao invés de resumir outras precedentes, como percebe ser de praxe nesse tipo de empreendimento editorial. J. R. (1827, p. 702) insiste que “ele teve de fazer tudo sozinho: não se conhecia a história literária de Portugal”¹³⁸. Em vista disso, declara que “o senhor Denis fez melhor do que um resumo; deve-se esperar ainda mais dele. Refundando seu trabalho em um quadro mais vasto, acrescentando sobretudo alguns desenvolvimentos em partes específicas, ele nos dará, sem dúvida, uma verdadeira história de Portugal”¹³⁹ (J. R., 1927, p. 706).

Em relação ao método de Denis, o crítico mostra-se bastante satisfeito. Ressalta positivamente que ele não evoca isoladamente obras e autores, uma vez que discute o estado geral das letras; indica suas características particulares para cada século; e aponta para as causas políticas que modificaram a direção dos estudos e dos talentos. Julga justa a proporção atribuída aos autores pelo historiador, pois foi bastante econômico ao tratar dos de talento

¹³⁶ “double mouvement en sens inverse qui s’opère au milieu de nous, est née, et devait naître, l’idée de cette foule d’entreprises qui offrent, dans un petit nombre de pages et à très-bas prix, le *résumé* de ce que renferment des ouvrages longs et coûteux”.

¹³⁷ Detendo-se na parte relativa a Portugal, J. R. comenta brevemente, pelo viés da natureza e da originalidade tropical, a parte dedicada ao Brasil e concorda com o diagnóstico prospectivo de Denis para essa literatura.

¹³⁸ “il avait tout à faire par lui-même: on ne connaissait point d’histoire littéraire du Portugal”.

¹³⁹ “M. Denis a déjà fait mieux qu’un résumé; et l’on doit attendre de lui plus encore. En refundant son travail sur un cadre plus vaste, en ajoutant surtout quelques développements à certaines parties, il nous donnera sans doute une véritable histoire littéraire du Portugal”.

inferior, detendo-se na abordagem dos produtores de obras-primas. Dessa feita, avalia que Denis acompanha com exatidão e clareza o andamento de *Os Lusíadas*. Pensa que aprecia, com justiça, sua beleza e seus defeitos; e que seleciona bem suas citações. J. R. (1827, p. 704) acrescenta que “ele fornece a tradução de alguns fragmentos de poesias diversas desse grande poeta; e esses fragmentos fazem vivamente desejar o lançamento de uma seleção dessas poesias que o senhor Denis deve, conforme diz, publicar em breve”¹⁴⁰.

O Resumo da História Literária de Portugal, seguido do Resumo da História Literária do Brasil expande consideravelmente o *corpus* literário de língua portuguesa em relação às histórias literárias então disponíveis em francês. Os procedimentos textuais, sobretudo o comentário de texto e a tradução de excertos, e as categorias operatórias, como a periodização por séculos e a divisão em gêneros, otimizaram a exposição de seus objetos. A partir deles, a narrativa historiográfica elaborada não só forneceu um tratamento mais coeso aos dados em busca de uma continuidade, mas também favoreceu a conformação de ideias mais precisas acerca dessas literaturas. Nesse sentido, os autores das resenhas reconhecem tacitamente sua importância na medida em que se dedicam à apreensão da obra, por meio de seu resumo, e, na ausência de críticas negativas substanciais, à socialização de suas impressões de leitura. Além disso, a atenção que dedicam aos excertos traduzidos revela o interesse com que os leem e o valor que lhes atribuem, mesmo que Magnin proponha algumas emendas.

No conjunto da obra, o legado camoniano adquiriu uma figuração consistente e completa, uma vez que foram apresentadas todas suas componentes: a épica, a lírica e a dramaturgia. Com base no capítulo anterior, avalia-se que o resumo fornece um balanço satisfatório do *corpus* camoniano. *Os Lusíadas*, a que se limitou a recepção de Camões na França até o início do século XIX, foi objeto de leituras mesmo antes de sua tradução em 1735. Nesse sentido, acumulou uma fortuna crítica e podia-se ter uma ideia de sua unidade desde o século XVIII. Em vista disso, Denis, aliando excerto e comentário, fez uma síntese dos dez cantos e resumiu os comentários críticos de seus antecessores. A lírica, depreciada por La Harpe e d’Hermilly, foi reabilitada por Staël, Sismondi e Sané; e suas primeiras versões em francês, bastante precárias, surgiram apenas em 1813. Ferdinand Denis, que as traduzira já em *Camões e José Índio*, amplia sua presença na França com sua inserção e comentário no capítulo IX da história literária. O autor também promete uma antologia de poemas traduzidos, que se tornaria apêndice de *Les Lusiades* (1841), entusiasmando os críticos. A dramaturgia havia sido poucas vezes mencionada, normalmente de forma

¹⁴⁰ “il donne la traduction de quelques fragments des poésies diverses de ce grand poète; et ces fragments font vivement désirer l’apparition d’un choix de ces poésies que M. Denis doit, nous dit-il, publier prochainement”.

depreciativa, e deveu a *Obras-Primas do Teatro Português* sua análise em francês. Tendo anteriormente resumido e citado *El Rei Seleuco*, Denis trata de maneira semelhante *Filodemo*, complementando a obra de 1823.

Com base na recepção imediata, o *Resumo da História Literária de Portugal, seguido do Resumo da História Literária do Brasil* constituiu uma incursão bem sucedida de Ferdinand Denis no domínio da história literária. As resenhas são unânimes em considerar seu trabalho autoral e em reconhecer a qualidade dele, ainda que Magnin seja mais discreto nesse último aspecto. O embaraço provocado pela categoria resumo coloca em evidência uma negociação entre práticas eruditas e obras de divulgação em um contexto de modernização. Conforme insistem J. C. e Raynouard, Denis produzira uma autêntica história literária da literatura portuguesa, excedendo a expectativa de um livro daquela categoria. Reafirmou-se, assim, seu estatuto de homem de letras e corroborou-se seu conhecimento das literaturas de língua portuguesa. Enfim, acredita-se que, graças aos resumos, Ferdinand Denis ganhou visibilidade em um espaço cultural internacional entre França, Portugal e Brasil.

2.4 O ANO DE 1827: CAMÕES NO QUADRO DA LITERATURA PORTUGUESA

O *Tableau Historique, Chronologique de la Littérature Portugaise et Brésilienne, Depuis son Origine Jusqu'à nos Jours* [*Quadro Histórico, Cronológico das Literaturas Portuguesa e Brasileira, desde suas Origens até nossos Dias*] é a quarta remessa do *Atlas Historique et Chronologique des Littératures Anciennes et Modernes*, de Adrien Jarry de Mancy, editado por Jules Renouard em 1827. Composto de 25 quadros de duas páginas Gr. In-Fol, foi publicado de forma seriada entre 1826 e 1831. Cada remessa de dois quadros custava, de acordo com a qualidade do papel (acetinado ou velino), 8 fr. ou 16 fr.; e, após a décima terceira remessa, era possível adquiri-los todos por 120 fr. ou 240 fr. em um volume encadernado. Cada quadro custava 5 fr. se comprado separadamente.

O editor atuou entre 1826 e 1854, tendo assumido o negócio de seu pai, Antoine-Auguste Renouard. Publicava sobretudo mapas e livros de cunho histórico, tornando-se livreiro da *Société de l'Histoire de France*. Além disso, participou ativamente no debate em defesa da propriedade artística e intelectual como membro fundador do *Cercle de la Librairie et de la Société pour la Défense de la Propriété Littéraire et Artistique* e como juiz do tribunal de comércio de Paris.

O *Atlas Historique et Chronologique des Littératures Anciennes et Modernes*, que contou com a colaboração de Ferdinand Denis também para o quadro da literatura espanhola,

divide-se em duas partes. A primeira aborda a história das línguas e das literaturas antigas e modernas (18 quadros); e a segunda, a das ciências e das artes (sete quadros).

Jarry de Mancy, egresso da *École Normale Supérieure* e professor de história da *Académie de Paris*, concebeu sua obra a partir do *Atlas Historique, Généalogique, Chronologique et Géographique de A. Lesage*, escrito por Emmanuel de Las Cases (1766-1842). As particularidades do *Atlas de Lesage*, que provêm de seu caráter não geográfico e da profusão de genealogias, linhas do tempo e outras formas de material impresso, tornaram-no menos uma colaboração dada pela geografia à História do que um trabalho histórico de referência com alguns mapas. Emmanuel de las Cases aproveitou a simplificação cartográfica para expandir os textos associados e apostar em seu valor explicativo. Dessa maneira, o atlas oferece a história de maneira prática, não crítica e informativa, acompanhada por mapas narrativos, simples e esquemáticos. O *Atlas de Lesage* é a tal ponto não geográfico, que Jarry de Mancy chega a eliminar os mapas quase por completo.

O *Quadro Histórico, Cronológico das Literaturas Portuguesa e Brasileira*¹⁴¹ organiza-se de maneira semelhante ao conjunto do atlas. A coluna da extrema esquerda (branca) inicia com a *Observação sobre a Literatura Portuguesa* e a *Advertência da Organização do Quadro*; apresenta um *Panorama da História da Língua Portuguesa* e um *Panorama Histórico da Literatura Portuguesa*; e encerra com um *Paralelo entre as Literaturas Portuguesa e Espanhola*. A coluna da extrema direita (branca) apresenta um *Ensaio de Cronologia Comparada* das componentes *História Literária* e *História Política*. As caixas de texto (brancas) na parte central e superior de cada página contêm *Principais Obras a serem Consultadas sobre a História da Literatura Portuguesa*. As caixas de texto no interior das páginas (coloridas) contêm a periodização das histórias literárias brasileira e portuguesa. A caixa de texto branca na parte inferior introduz *A Literatura no Brasil*; e as caixas de texto brancas ao lado das colunas em cada página apresentam a cronologia dos *Autores Árabes e Judeus* que atuaram na Península Ibérica.

O *Panorama da História da Língua Portuguesa* comenta a origem filológica do português e pontua os primeiros registros escritos, situando o latim enquanto origem remota da língua e atribuindo ao encontro entre latim e árabe a emergência do português moderno. O *Panorama Histórico da Literatura Portuguesa* pretende apresentar a periodização proposta no interior do quadro, dividindo-a em cinco períodos com marcos de ordem política, e introduzir alguns de seus autores e obras. O *Paralelo entre as Literaturas Portuguesa e Espanhola* diz

¹⁴¹ O *Quadro Histórico, Cronológico das Literaturas Portuguesa e Brasileira* foi traduzido para o português pelo autor (no prelo) e discutido em um trabalho precedente (BARBOSA, 2014)

respeito aos gêneros cultivados por estas nações, a fim de diferenciá-las, e sua recepção em outros países. *Literatura no Brasil*, muito mais breve do que o *Panorama Histórico da Literatura Portuguesa*, apresenta sumariamente a história da literatura do Brasil e algumas de suas instituições. O *Ensaio de Cronologia Comparada entre História Literária e História Política*, que diz respeito tanto a Portugal quanto ao Brasil, está pautado no procedimento historiográfico de traçar paralelos.

No interior do quadro, cada um dos cinco períodos é subdividido entre poetas e prosadores, à exceção dos dois últimos que se dividem primeiramente entre literatura portuguesa e brasileira, e conta com uma *História dos Gêneros*. É importante ressaltar que a literatura é compreendida enquanto prática letrada e não está associada exclusivamente à ficção ou à poesia. A estrutura básica das entradas nas subdivisões de cada período pode ser definida em: nome do autor, informações biográficas (ausentes em alguns casos) e menção de alguma obra ou gênero praticado. Há uma variação significativa entre as entradas, que sugere, concomitantemente, o número de informações disponíveis acerca daquele autor e o valor atribuído a ele. A *História dos Gêneros* permite que o leitor tenha uma visão de conjunto para as produções de um mesmo período e facilita a consulta de entradas. O esquema da *História dos Gêneros* é dividido em *Poesia* e *Prosa*, sucessivamente subdivididas em mais categorias, que variam de acordo com o período.

A entrada dedicada a Camões situa-se entre os poetas do segundo período e fornece informações sumárias de sua biografia e a composição de seu *corpus* poético. Por conseguinte, é mencionado na *História dos Gêneros* nas seções de *Poesia Dramática*, *Épica* e *Lírica*; no respectivo período do *Panorama da História da Literatura Portuguesa*; e no *Ensaio de Cronologia Comparada*, tanto para a *História Literária* quanto para a *História Política*. Além disso, o nome do poeta também é encontrado em outras partes do quadro enquanto elemento metonímico, termo de comparação ou indicação valorativa. O primeiro ocorre quando a expressão “a língua de Camões” é empregada no lugar de “a língua portuguesa”. O segundo diz respeito a analogias entre autores: Corte Real, “guerreiro como o autor de *Os Lusíadas*” (DENIS, 1832); e Bocage, “que teve uma vida quase tão agitada quanto a de Camões”, ou foi “perseguido como Camões em função de uma sátira” (DENIS, 1832). O terceiro, mais geral e expressivo do que os demais, corresponde a indícios que atribuem valor a autores e obras: Bernardin Ribeiro, “proclamado por Camões o Ênio de Portugal” (DENIS, 1832); Tasso “declara explicitamente a sua admiração por Camões” (DENIS, 1832); e “um impulso havia sido dado por Camões: muitos poetas [do terceiro

período] se esforçaram para imitá-lo” (DENIS, 1832). Percebe-se, assim, uma atenção especial ao poeta no conjunto do quadro e um uso extensivo de seu universo simbólico.

O *Journal des Savants* comentou a publicação do *Atlas Historique et Chronologique des Littératures Anciennes et Modernes* na seção *Livres Nouveaux* em setembro de 1826; março e julho de 1827; fevereiro de 1828; maio de 1829; e setembro de 1832. Mesmo que não conformem resenhas críticas, os seis artigos, não assinados, fornecem uma descrição sumária e valorativa do empreendimento editorial à medida que seus quadros eram impressos. Em linhas gerais, compreendem o gênero e reconhecem seus méritos; porém, apontam para um excesso de informação em um espaço restrito e para imprecisões decorrentes de simplificações e abreviações textuais. Nesse sentido, o último artigo da série releva essas imperfeições face à extensão e às dificuldades características da realização de um atlas, ressaltando as diferenças entre o de Mancy e o de Lesage e questionando a adoção deste como modelo daquele. Com efeito, declara que, “antes mesmo de receber os aperfeiçoamentos de que é suscetível, será muito utilmente estudado por jovens literatos e consultado com proveito por qualquer pessoa que se ocupe da história literária”¹⁴² (JOURNAL DES SAVANTS, 1832, p. 569).

De maneira semelhante, o *Quadro Histórico, Cronológico das Literaturas Portuguesa e Brasileira* é abordado no terceiro artigo da série, que destaca sua execução cuidadosa e enfatiza a coautoria de Denis. Lê-se que “esse mapa parece-nos redigido com muita exatidão e método: o senhor de Mancy anuncia que teve como colaborador o senhor Ferdinand Denis, autor de um resumo da história literária de Portugal que foi objeto de uma resenha neste periódico”¹⁴³ (JOURNAL DES SAVANTS, 1827, p. 440). Dessa feita, a colaboração do autor é considerada importante para a realização bem sucedida desse quadro, bem como incorpora correção e método, já indicado pela revista em relação ao *Resumo da História Literária de Portugal, seguido do Resumo de História Literária do Brasil*. Nesse sentido, pode-se dizer que, se o convite para a coleção dos resumos necessitava ser comentado e legitimado em 1826, o mesmo não se observa no caso do atlas. Em vista disso, a menção a Denis agrega valor à publicação, sugerindo a consolidação de seu reconhecimento enquanto homem de letras e conhecedor da literatura portuguesa.

¹⁴² “avant même de recevoir les perfectionnements dont il est susceptible, sera fort utilement étudié par les jeunes littérateurs, et consulté avec fruit par toutes les personnes qui s’occupent d’histoire littéraire”.

¹⁴³ “cette carte nous semble rédigée avec beaucoup d’exactitude et de méthode: M. de Mancy annonce qu’il a eu pour collaborateur M. Ferdinand Denis, auteur d’un abrégé de l’Histoire littéraire du Portugal, dont il a été rendu compte dans ce Journal”.

Le Figaro, jornal literário voltado a um público não especializado, veiculou dois artigos, sem assinatura, acerca do *Atlas* de Mancy em 1826 e 1829. O primeiro enfatiza o caráter instrutivo e dinâmico da obra, à revelia de “produções de eruditos onde a utilidade encontra-se afogada em um amontoado de frivolidades cultas”¹⁴⁴ (LE FIGARO, 1826, p. 4). Realça, assim, a distribuição uniforme de quadros coloridos que, sem exaustão ou dificuldade, apresentam ao leitor a história do conhecimento humano em diferentes nações. O segundo menciona o sucesso crescente do empreendimento, que se destaca por meio de sua erudição consistente, seu desenvolvimento preciso e a diversidade de seus conteúdos. Ressalta também sua versatilidade em relação ao público leitor:

O trabalho do senhor de Mancy (...) será muito útil às pessoas instruídas; ele as recoloca no círculo de estudos que outrora fizeram: ele servirá de guia aos comerciantes, e abrirá os primeiros caminhos das ciências para eles; ele precisará os fatos para as pessoas mundanas, sem obrigá-las a ir ao detalhe de todos nossos conhecimentos ou a reuni-los elas próprias.¹⁴⁵ (LE FIGARO, 1829, p. 1)

O *Quadro Histórico, Cronológico das Literaturas Portuguesa e Brasileira*, enquanto parte do atlas histórico, tem como função principal dinamizar a pesquisa e consulta graças a sua materialidade profundamente gráfica. Desse modo, privilegia a informação em detrimento da análise ao mimetizar a tipografia própria ao jornal. Analogamente, propõe uma forma mais simples de apreensão do conjunto de uma literatura e uma possibilidade ágil de visualizar suas obras e autores. Nessa medida, serve de guia tanto ao leitor pouco experiente quanto ao erudito, de modo a mediar o conhecimento acerca dessas literaturas e a listar suas referências bibliográficas. Pode-se mesmo afirmar que se encontra em relação de complementaridade ao *Resumo da História Literária de Portugal, seguido do Resumo de História literária do Brasil*, já que ambos tratam do mesmo tema em escopos diferentes. Dito de outra forma, pode-se ter acesso a informações sumárias acerca de um autor ou de uma obra no primeiro e buscar maiores detalhes, bem como excertos, no segundo.

O tratamento do legado camoniano deixa mais evidente a centralidade que lhe atribui Ferdinand Denis no conjunto da literatura portuguesa. A particularização de seu *corpus* poético, o conjunto de enunciados biográficos e a recorrência de seu nome e universo simbólico em outras partes do quadro concorreram para realçar sua figura. O balanço crítico e bibliográfico, já constatado para a obra de 1826, encontra uma versão mais econômica e

¹⁴⁴ “ces productions d’érudits où l’utilité se trouve noyée dans un amas de superfluités savantes”.

¹⁴⁵ Le travail de M. de Mancy (...) sera très utile, même aux personnes instruites; il les replace dans le cercle des études qu’elles ont faites autrefois: il servira de guide aux commençants, et leur ouvrira les premières voies des sciences; il précisera les faits pour les gens du monde, sans les obliger à descendre aux détails de toutes nos connaissances, à rassembler eux-mêmes ces détails.

direta. Ressalta-se que houve o acréscimo, no *Ensaio de Cronologia Comparada*, de edições e traduções associadas a Camões, em consonância com a sugestão de Raynouard no ano anterior. Além disso, mencionam-se pela primeira vez as cartas atribuídas ao poeta como parte de sua obra e não apenas como documento de ordem biográfica, como fora feito em *Camões e José Índio*. Enfim, a integração de Camões e da literatura portuguesa no mapa-múndi das literaturas modernas representou um passo a mais em relação às histórias literárias anteriores, incluindo a de Denis, e colocou em cena um debate que ocuparia a disciplina nas décadas seguintes.

2.5 O ANO DE 1841: CAMÕES TRADUZIDO POR DENIS

Les Lusiades foi editado por Charles Gosselin em 1841. Atribui-se, na folha de rosto, a tradução à Ortaire Fournier e Desaulès, e os paratextos biográficos e críticos a Ferdinand Denis. A obra, volume único in-12º, era vendida por 3 fr. 50.

O editor, que trabalhava na livraria do tio Gabriel Henri-Nicolle, comprou seu acervo em 1821 e atuou em Paris de 1822 a 1854. Foi bibliotecário do Duque de Bordeaux e ocupou alguns pequenos cargos públicos. Publicava sobretudo livros pedagógicos e romances, tendo em seu catálogo Walter Scott, Alfred de Vigny, Alphonse de Lamartine, Victor Hugo e George Sand.

Les Lusiades (LXVII-375 p.) contém uma *Advertência do Editor*; o prefácio *Camoens entre ses Contemporains* [*Camões entre seus Contemporâneos*]; os dez cantos traduzidos de *Os Lusíadas*; uma notícia sobre Vasco da Gama; uma seleção de poemas traduzidos; notas de fim ao poema épico; e notas de fim às poesias. Ferdinand Denis apenas assina o prefácio. Contudo, a nota 25 do canto III e o manuscrito 3971, conservado pela *Bibliothèque Sainte-Geneviève*, indicam que a autoria de Denis entende-se a outras partes do livro.

A *Advertência do Editor* apresenta os princípios de tradução e as escolhas de edição da obra. Fala da resolução de reproduzir literalmente cada estrofe em sua ordem original, emendando alguns versos em função de seu sentido, a fim de que *Les Lusiades* fosse mais fiel ao texto do que as traduções anteriores, que se valiam demasiadamente da paráfrase. Comenta a decisão de se incluir, no conjunto da obra, alguns poemas até então desconhecidos na França. Apresenta como justificativa que eles não só colaboraram com a fama de Camões, mas também têm o mérito de pintar seus sentimentos e de contar sua vida mais íntima. Ademais, declara que se preferiu, no prefácio biográfico, abordar o poeta em sua época e sua

influência posterior, a partir de trabalhos da crítica moderna, ao invés de traçar uma biografia nova ou reunir fatos inéditos, tarefas julgadas de difícil execução.

Camões entre seus Contemporâneos trata, a partir de uma perspectiva histórica, dos antecedentes culturais da poesia camoniana e da relação do poeta com seus contemporâneos e pósteros. Para isso, aborda, inicialmente, a revolução do ensino superior em Coimbra no século XVI e a contribuição poética, sobretudo de Sá de Miranda e de António Ferreira, à língua em que escrevera Camões. A seguir, expõe detidamente a biografia camoniana, procurando situá-la em relação a eventos políticos e a outros personagens históricos, implicando-os. Dedicava um tratamento semelhante ao do começo do paratexto aos escritores pósteros e às transformações culturais subsequentes, buscando sempre um elo entre o poeta e o que/quem o sucede. Ressalte-se que o prefácio se constitui principalmente por meio de indagações, hipóteses e relações aproximativas ao invés de apenas narrar, fazer o comentário de textos e remeter a outros autores. Face à constatação de que a herança camoniana parece encerrar-se em si mesma, a indagação de como o poeta pôde continuar sua carreira face a tantas vicissitudes parece ser a hipótese central do trabalho. Trata-se, enfim, de um ensaio de história cultural centrado na figura de Camões e de suas relações simbólicas e efetivas.

Com base na nota e no manuscrito anteriormente mencionados, acredita-se que Ferdinand Denis também é responsável por outros paratextos de *Les Lusiades*. Parte do espólio do autor, o manuscrito 3971 contém papéis avulsos a respeito de Camões. Entre eles, encontram-se, além de duas versões do prefácio, a *Advertência do Editor*; a tradução parcial de três cantos do épico; a notícia sobre Vasco da Gama; todas as traduções da seleção de poemas; a maior parte das notas aos cantos; e todas as notas aos poemas. Pode-se atribuir, assim, a autoria assumida na advertência, que apresenta as escolhas no que concerne à concepção e à realização do livro como um todo, a Denis. Analogamente, a nota ao Canto III, que apresenta uma versão sumária da história de Inês de Castro, assume a autoria de *Chroniques Chevaleresques*, obra do bibliotecário, para indicar uma versão integral do episódio. Dessa feita, Ferdinand Denis parece ter protagonizado o planejamento e a execução de uma das traduções francesas do épico, a primeira a apresentar igualmente uma seleção das rimas, desempenhando um papel muito mais significativo do que a folha de rosto e o sumário permitem deduzir.

La Presse, diário popular de variedades, veiculou um anúncio de Charles Gosselin que menciona *Les Lusiades* em dezembro de 1841 e um artigo que trata do poema em dezembro de 1842. *Impressions de Lecture et Souvenirs Littéraires d'un Inconnu*, publicado na seção *Feuilleton* do jornal, fornece, como indica o título, uma leitura seletiva e transversal de

Camões e de seu épico a partir da tradução de Ortaire Fournier e Desaulles; de *Camões entre seus Contemporâneos*, de Denis; e de *Vie du Camoens*, de Charles Magnin¹⁴⁶. O texto divide-se em duas partes: uma acerca da vida do poeta, preponderante, e outra sobre *Os Lusíadas*. Os comentários figuram Camões pelo viés do amor, da desdita e da vida aventureira; e indicam falhas do poema heroico, relevando-as em grande medida. A declaração do artigo que mais se destaca diz respeito à preferência pela lírica em detrimento da épica. “O poema *Os Lusíadas* suporta a falha de um sistema absurdo em poesia. Mas Camões não era menos grandioso por isso; sua verdadeira glória está nas peças soltas, ele é rival de Petrarca”¹⁴⁷ (INCONNU, 1842, p. 263). Pode-se atribuir essa noção tanto ao apêndice de poemas anteriormente mencionado, quanto à biografia da outra tradução, que cita em francês alguns poemas. Destaca-se que o autor apropria-se de dados e faz citações sem precisar de qual paratexto retirou-os. Por meio de sua comparação, percebe-se uma prevalência intertextual da biografia de Magnin em detrimento do ensaio de Denis.

A tradução de *Os Lusíadas* de Fournier e Desaulles, recomendada pelo autor do artigo, rivalizou com a de Millié que, bastante elogiada já em 1825, provocou interesse com sua reedição revista e ampliada com o prefácio de Magnin. Mesmo assim, ambas dedicam uma atenção especial a Camões enquanto poeta lírico e igualmente fornecem, de maneiras distintas, poemas traduzidos em francês. Enfatiza-se que tanto *Vie de Camoens* quanto *Camões entre seus Contemporâneos* valeram-se de um método preciso e eficiente para tratar de seu objeto, seja no domínio da biografia ou da história cultural. Pode-se estabelecer, assim, uma colaboração indireta e uma continuidade entre os estudos de Denis e de Magnin, que fomentaram a circulação e a recepção do legado camoniano dos anos vinte aos cinquenta. Com efeito, a publicação de duas traduções no mesmo ano, às quais se somam outras duas diferentes em verso (1842; 1844), sugerem o fruto de seus trabalhos e o interesse do mercado editorial em financiar empreendimentos semelhantes.

Ferdinand Denis, a quem se pode atribuir pelo menos o conjunto de paratextos de *Les Lusíades*, dedicava-se há pelo menos dezessete anos à tradução da lírica de Camões. O manuscrito 3971 contém traduções inéditas e algumas diferentes versões para um mesmo poema. O conhecimento acerca do poeta, de obras atribuídas a ele e de Portugal em geral foi significativamente ampliado desde então, gerando um número expressivo de obras afins. Sem obter qualquer cargo de prestígio desde seu retorno à França em 1819, Denis foi nomeado

¹⁴⁶ Paratexto acrescentado à edição revista e ampliada de *Les Lusíades* (1841), originalmente publicada em 1825.

¹⁴⁷ “Le poème des *Lusíades* porte la faute d’un système absurde en poésie. Mais le Camoëns n’en était pas moins un grand poète; sa véritable gloire est dans les pièces détachées, il est le rival de Pétrarque”.

funcionário da *Bibliothèque Sainte-Geneviève* em 1838 e conservador da mesma instituição em 1841. No novo local de trabalho, passou a ter acesso irrestrito a seu acervo e a poder participar da seleção de livros para suas coleções, assumindo uma posição condizente com um respeitável homem de letras, cujo reconhecimento existia desde pelo menos 1826.

2.6 O ANO DE 1846: O LEGADO CAMONIANO NA HISTÓRIA PORTUGUESA

Portugal, parte da coleção *L'Univers Pittoresque: Histoire et Description de tous les peuples*, foi editado por Firmin Didot Frères em 1846. A obra, com formato in-8º acompanhada de 32 gravuras, foi entregue em 27 remessas, custando 4 sous cada uma, e era vendida por 4 fr. em um único volume.

Os editores Ambroise, Hiacynthe e Frédéric Firmin-Didot, que herdaram a reconhecida livraria de seu pai, publicavam as mais diversas obras e atuaram como livreiros oficiais do Institut de France. A coleção *L'Univers Pittoresque: Histoire et Description de tous les Peuples*, que foi anunciada como composta por 10 volumes, mas chegou a 65, procurava difundir os aspectos mais notáveis de todos os países e povos por um viés histórico. Foi publicada entre 1835 e 1863. Herdeira da enciclopédia iluminista, contou com a colaboração de literatos, eruditos e viajantes, em sua maioria membros do Institut. Além do livro sobre Portugal, Ferdinand Denis escreveu também o volume sobre o *Brasil* (1837) para a coleção.

Portugal (474 p., 32 p. de pl.) é dividido em parágrafos temáticos, de extensão variada, à maneira dos verbetes de um dicionário histórico ou de uma enciclopédia. Possui um índice remissivo, organizado em ordem alfabética, ao invés de um sumário geral. Os parágrafos, encadeados de maneira cronológica, tratam sobretudo de eventos políticos e de fatos particulares, circunscritos a períodos. Em linhas gerais, esses fatos dizem respeito a hábitos, personagens históricos, lugares e monumentos. A obra possui, assim, uma organização bastante específica e um conteúdo diverso e variado, ainda que submetido a uma cronologia. É interessante notar que *Portugal* concatena um grande número de dados provenientes de estudos e trabalhos anteriores de Ferdinand Denis, de modo que pode ser considerado um balanço de sua produção a respeito do país. Com efeito, o autor reproduz literalmente alguns textos e remete, com bastante frequência, a outros livros de sua lavra.

A entrada sobre Camões (p. 277-293) reproduz a parte biográfica de *Camões entre seus Contemporâneos*, indicando em rodapé a publicação original. Além disso, o poeta é mencionado algumas vezes ao longo da obra, associado a eventos e personagens históricos.

Fala-se dele por ocasião do episódio dos Doze de Inglaterra, do casamento de Maria com Afonso de Castilha e da chegada dos portugueses em Ceuta, que, conforme Denis (1846, p. 149) “Camões revestiu de uma inefável majestade”¹⁴⁸. Há a citação de versos traduzidos para ilustrar as figuras de D. Manuel, Duarte Pacheco Pereira e D. João, com versão integral do soneto “Quem jaz no grão sepulcro que descreve” dedicado a esse último. A história de Goa sob o governo de Francisco Barreto é narrada levando em consideração *Disparates seus na Índia* como fonte documental. Percebe-se, assim, um uso extensivo do legado camoniano em artigos variados sobre o país.

O *Journal des Débats* comentou o lançamento de *Univers Pittoresque ou Histoire et Description de tous les Peuples* em março de 1834. O artigo descreve sucintamente a proposta da coleção, distingue seu interesse em fornecer noções exatas sobre temas anteriormente de acesso restrito e destaca a modicidade de seu preço. Também apresenta seus autores como “os escritores mais distintos de nossa época” que, “convencidos da utilidade que poderia resultar semelhante obra para o público, apressaram-se assistir os senhores Didot, emprestando o apoio de seu talento a essa publicação que se torna uma das mais notáveis do presente”¹⁴⁹ (JOURNAL DES DÉBATS, 1834, p. 3). Divulgou, assim, positivamente o empreendimento de Didot Frères, anunciante do periódico, procurando valorizar seu tema, escopo e custo.

A *Nouvelle Revue Encyclopédique* publicou uma resenha sobre *Portugal* em 1846. O crítico, não identificado, resume e comenta a obra, reproduzindo trechos, sem abrir mão de suas impressões pessoais. Ressalta o projeto do volume na medida em que, constatando a dispersão das fontes para se conhecer o país e sua escassez em francês, fornece uma versão acessível e atualizada de sua história. Declara que os editores encomendaram-na de “um homem de letras, escritor hábil e consciencioso, a quem o conhecimento da língua, da literatura e dos costumes da península tornou fácil uma tarefa semelhante”¹⁵⁰ (NOUVELLE REVUE ENCYCLOPÉDIQUE, 1846, p. 253). Nesse sentido, acrescenta que Denis oferece ao leitor não só a história política do país, mas também a de seus hábitos, práticas e natureza física. Reconhece, assim, a pesquisa documental do autor e o tratamento por ele dispensado aos documentos, principalmente acerca de eventos então recentes.

No que se refere estritamente ao legado camoniano, *Portugal* não apresenta qualquer novidade em relação às obras anteriores de Ferdinand Denis. Todavia, mostra-se relevante no

¹⁴⁸ “Camoëns l’a revetu d’une ineffable majesté”.

¹⁴⁹ “les écrivains les plus distingués de notre époque” que, “convaincus de l’utilité qui pourrait résulter pour le public d’un pareil ouvrage, se sont empressés de seconder MM. Didot, en prêtant l’appui de leur talent à cette publication qui devient ainsi l’une des plus remarquables de l’époque”

¹⁵⁰ “un homme de lettres, écrivain habile et consciencieux, à qui sa connaissance du langage, de la littérature et des moeurs de la Péninsule rendait facile une pareille tâche”.

conjunto de trabalhos do autor na medida em que se trata da primeira história geral da pátria lusitana de sua autoria. Pode-se sustentar que, tendo escrito livros semelhantes sobre outros países desde os anos vinte, *Portugal* legitimou-o enquanto especialista francês de referência acerca dessa nação para além de sua literatura e de Camões. Reforçam esse ponto de vista suas numerosas contribuições, nos anos seguintes, para dicionários, enciclopédias e periódicos acerca dos mais variados temas ibéricos. Além delas, sua correspondência pessoal indica historiadores, críticos literários e eruditos em geral que lhe escreviam para informar descobertas, ou consultá-lo a respeito de determinado assunto. De fato, Didot Frères, financiadores de *Univers Pittoresque*, encomendou de Denis diversos verbetes para suas obras de consulta, conforme se indica no subcapítulo seguinte.

2.7 O ANO DE 1854: A BIOGRAFIA DEFINITIVA DE CAMÕES POR DENIS

O verbete *Camoëns* [Camões] faz parte do oitavo tomo da *Nouvelle Biographie Universelle*, organizada por Ferdinand Hoefer e publicada por Firmin Didot Frères em 1854. O dicionário, concebido como suplemento à *Encyclopédie Moderne* da mesma editora, tinha trinta volumes previstos. Todavia, sua publicação, ocorrendo de 1852 a 1854, foi interrompida em função de cinco processos judiciais contra os editores¹⁵¹. Cada volume custava 3 fr. 50 e era distribuído em dez remessas ao longo de dois meses.

Os processos foram movidos a partir de 1852 pela senhora Thoisionier-Desplaces, detentora dos direitos autorais da *Biographie Universelle* de Michaud, que veiculara a biografia de Camões escrita por Staël em 1812. As acusações feitas eram de contrafação do título; de plágio de 76 artigos; de reprodução indevida de 277 artigos; e de danos financeiros. Firmin Didot Frères, em resposta, processaram-na também por danos financeiros, já que a questão judicial afetara a distribuição e comercialização de sua obra.

Em 1855, foi publicada a decisão judicial definitiva. Em relação à acusação de contrafação, a corte indeferiu-a. A razão era a de que o par *biographie universelle*, embora remetesse diretamente à obra de Michaud, não era invenção deste editor. Ainda assim, decretou o acréscimo dos editores e do organizador no título da *Nouvelle Biographie*, a fim de devidamente diferenciá-las. A acusação de plágio também foi indeferida. A corte ajuizou que os trechos pretensamente plagiados reproduziam informações contidas em outros dicionários, indicando apenas uma fonte comum, e não representavam uma parte significativa dos

¹⁵¹ O caso pode ser acompanhado em vários volumes de *Bibliographie de France* entre 1852 e 1855.

volumes. A acusação de apropriação indevida foi deferida, com o agravante de reincidência enquanto ainda se realizava o litígio, assim como a de danos financeiros de ambas as partes.

O tribunal decretou indenização dos irmãos à senhora; e dela, a eles. A primeira foi atenuada por sua colaboração nos processos iniciais e pela retirada imediata de artigos ditos plagiários em instâncias anteriores. A segunda deveu-se ao confisco de volumes não diretamente envolvidos na contrafação, considerado indevido e vexatório. Ajuizou-se, enfim, que os fatos equivaliam-se e os danos compensavam-se, cabendo às partes pagar apenas os custos das apelações. Ressalta-se que Firmin Didot Frères acabou decidindo não retomar a publicação do dicionário, de modo que a obra foi interrompida no nono volume, ainda na letra C.

A *Nouvelle Biographie Universelle*, com anúncios bastante ambiciosos, propunha uma série de inovações no gênero. Decidiu atribuir um tamanho aos artigos condizente com a importância do biografado e padronizá-los de acordo com uma estrutura recorrente. Cada verbete começa pelos sobrenome e nome, seguidos do estado ou profissão e de datas de nascimento e de morte; e termina com uma listagem de obras de referência. Além disso, adotou-se uma normatização bibliográfica com a indicação, tanto para fontes de consulta quando para obras citadas, dos títulos na língua original; do formato da edição; e da data e local de publicação. Em vista desses procedimentos, ressalta-se que se tornava possível, concomitantemente, inserir artigos menos exaustivos e garantir sua integridade junto ao leitor, que saberia como complementá-los.

O verbete *Camões* (p. 344-358) respeita os princípios formais definidos para coleção. Inicia com os nomes e as datas de nascimento e de morte do poeta, seguidos da exposição de seu percurso individual entre as duas datas. A parte biográfica compreende também informações históricas de um modo geral e bibliográficas em relação a episódios específicos. Assim como no paratexto de 1841, Denis valeu-se novamente, embora com menos frequência, de indagações, hipóteses e relações aproximativas; e remeteu a outros autores, apresentando uma reformulação atualizada e adaptada de seu trabalho anterior. O verbete encerra com comentários sumários acerca de *Os Lusíadas* e com uma bibliografia de referência bastante exaustiva, sobretudo no que diz respeito a obras sobre o legado camoniano.

Ferdinand Denis colaborou intensamente com a *Nouvelle Biographie Universelle* de Firmin Didot Frères. Contabilizam-se, do tomo I ao IX, pelo menos cem verbetes escritos por ele. Todos abordavam personagens ligados à Península Ibérica, de governadores e reis a escritores. Face à interrupção precoce da coleção, a quantidade e a qualidade dos artigos do autor são bastante expressivas e evidenciam seu prestígio junto à importante editora.

Camões é a última obra de Ferdinand Denis que trata da vida do poeta e de seu *corpus* poético. Ainda que continuasse atuante no campo dos estudos lusófonos, publicou doravante apenas livros sobre outros assuntos. O verbete pode ser considerado, assim, não só a versão definitiva do legado camoniano na pena do escritor, mas também o derradeiro produto de seus trabalhos sobre ele. Nessa medida, Pitrat, editor parisiense, adotou o texto de 1854 como prefácio para a antologia *Camoëns dans l'Almanach des Muses* (1891), que reuniu poemas sobre o vate português e suas composições publicados na revista do título, e acrescentou uma pequena notícia sobre Denis, falecido no ano anterior. Com efeito, é interessante notar que essa singela homenagem póstuma coloca em evidência o esforço do autor em vida para dar a conhecer Camões e divulgar suas criações em língua francesa.

2.8 O ANO DE 1857: A BIBLIOGRAFIA DEFINITIVA DE CAMÕES POR DENIS

O *Nouveau Manuel de Bibliographie Universelle* [*Novo Manual de Bibliografia Universal*], fruto da colaboração de Ferdinand Denis, Pierre Pinçon¹⁵² e Guillaume-François Martonne¹⁵³, foi impresso na livraria enciclopédica de Roret em 1857. O livro, parte da coleção *Manuels Roret*, custava 20 fr. e podia ser adquirido em volume único gr. In-8° ou em três volumes in-18°.

O editor, Nicolas-Edme Roret (1797-1860), aprendiz de seu cunhado Jean-Baptiste Ferra, atuou de 1820 a 1860, tendo sido sucedido pelo filho após seu falecimento. Enquanto proprietário da livraria enciclopédica, criou a coleção em 1825 com vistas a fornecer manuais especializados sobre as ciências, profissões e técnicas que existiam ou então se desenvolviam. Ela foi composta por cerca de quinhentos manuais durante a vida do editor e reeditada até quase a metade do século XX, ampliando progressivamente seu catálogo.

O *Novo Manual de Bibliografia Universal* (706 p.) propõe-se a apresentar cronologicamente indicações bibliográficas concisas e precisas acerca de temas específicos. Rejeita a definição de manual bibliófilo, pois não se detém na raridade de um volume ou na beleza de uma edição, como era de praxe em obras semelhantes. Dessa maneira, fornece as referências mais importantes acerca de um assunto e procura otimizar a pesquisa tanto de amadores, que se debruçam pela primeira vez sobre ele, quanto de especialistas, cuja memória pode falhar. Para selecionar seu conteúdo, consultou enciclopédias e dicionários históricos,

¹⁵² Pierre Pinçon (1802-1873) era bibliotecário da Bibliothèque Sainte-Geneviève à época da publicação.

¹⁵³ Guillaume-François de Martonne (1791-1875) foi chefe de gabinete do ministro da Justiça durante mais de vinte anos e reconhecido bibliógrafo no período.

inventariando tópicos e indivíduos que foram sucessivas vezes objeto de discussão. Como alguns assuntos continuavam demasiadamente vastos, adotou como subdivisões sistemáticas a teologia, a jurisprudência, a história, as ciências, as artes e as belas-letas. No corpo da obra, os verbetes encontram-se dispostos em ordem alfabética, e suas referências estão organizadas cronologicamente. Os marcos temporais adotados para delimitar a pesquisa são, geralmente, o século XVI e a primeira metade do século XIX. Nessa medida, o manual pode igualmente abarcar e assinalar modificações no tratamento de um assunto ocorridas com o passar do tempo. Em suma, conforma-se enquanto um livro de consulta de fácil acesso e manipulação, que fornece uma bibliografia especializada de temas variados em uma época em que o número de impressos aumentava significativamente.

A entrada *Camões* condiz parcialmente com os procedimentos gerais da obra e conta com uma listagem de dezesseis títulos. Os livros são ordenados de acordo com sua natureza (poemas, obras completas, *Os Lusíadas*) e, sucessivamente, de forma cronológica. De um modo geral, as referências contêm título, editora, cidade, data, número de volumes e formato do livro em questão. Há ainda comentários em itálico que fornecem informações sobre sua raridade; sua reimpressão e tradução; e suas particularidades formais ou de conteúdo. Somam-se aos comentários adendos valorativos sobre os méritos da edição, da tradução e do estabelecimento do texto. Em alguns casos, a referência é seguida da indicação de obras de consulta específicas sobre ela. Encontra-se, assim, um balanço não só de fontes do legado camoniano portuguesas e estrangeiras, mas também de produções acerca dele.

O *Novo Manual de Bibliografia Universal* teve repercussão imediata em periódicos especializados entre 1857 e 1858. Localizaram-se resenhas publicadas no *Journal des Savants*, na *Revue Contemporaine*, na *Bibliothèque de l'École de Chartes* e no *Bulletin du Bibliophile Belge*. Todas ressaltam, invariavelmente, seus aspectos técnicos, insistindo em sua qualidade enquanto obra de consulta. Nesse sentido, o livro resulta de um fazer especializado, reconhecido por seus pares, e oferece elementos para se pensar a ciência bibliográfica e suas técnicas de documentação.

Na época de publicação do *Manual*, Ferdinand Denis era conservador da *Bibliothèque Sainte-Geneviève*. Tendo sido anteriormente reconhecido como conhecedor das história e literatura lusófonas, passa a ser também identificado como um profissional especializado de um cargo público. Ocorre, assim, uma dupla valoração do autor. Por um lado, atribui-se a ele uma profissão condizente com suas competências. Por outro, legitima-se o bibliotecário na posição institucional que ocupa. Mesmo que o legado camoniano ocupe um lugar bastante secundário dentro da obra, acredita-se que o conjunto de práticas de Denis relacionadas a ele

concorreu com sua consagração, de viajante sem posses nem nome a erudito reconhecido local e internacionalmente.

3 FERDINAND DENIS, BIÓGRAFO DE CAMÕES

Ferdinand Denis aborda a vida de Camões em todos os livros do *corpus*, exceto no *Novo Manual de Bibliografia Universal* (1857). Em *Obras-Primas do Teatro Português – Gomes, Pimenta de Aguiar, Antônio José* (1823), apresenta apenas enunciados esparsos, mas, nas demais obras, fornece uma biografia organizada e detalhada do poeta. No caso de *Camões e José Índio* (1823), *Camões entre seus contemporâneos* (1841), *Camões* (1846) e *Camões* (1854), a prática biográfica é constitutiva dos respectivos gêneros do discurso: narrativa biográfica, ensaio histórico e verbete enciclopédico. Ressalte-se que, conforme dito anteriormente, o autor reproduz literalmente a seção biográfica do prefácio de *Les Lusíades* (1841) em *Portugal* (1846), de modo que este último não será levado em consideração nesse capítulo. No caso do *Resumo da História Literária de Portugal* (1826) e do *Quadro Histórico, Cronológico das Literaturas Portuguesa e Brasileira* (1827), a vida do poeta constitui uma unidade estruturante da história literária. Para todas as obras, Denis baseou-se sobretudo em pesquisas bibliográficas e incorporou criticamente dados provenientes de suas fontes de referência. Em linhas gerais, o autor concebeu a vida de Camões em enfoques distintos e deu-lhe forma em diferentes escopos, remetendo-se frequentemente a outros biógrafos.

O fazer biográfico de Ferdinand Denis resulta de noções gerais de como se deve escrever uma vida e de uma tradição biográfica prévia acerca de Camões. Como não se propõe a realizar uma pesquisa documental, o autor lidou com expectativas em relação aos gêneros do discurso e ao biografado, ou seja, com modelos implícitos e com dados e abordagens já consagrados. Nessa medida, valeu-se de um repertório recorrente de fatos para constituir a vida do poeta, compondo-os e articulando-os conforme convinha a cada obra.

Considerando a maneira como Denis procede diante de seu objeto, optou-se pela leitura contrastiva dos textos, que permitiu identificar e delimitar os eventos com base nos deslocamentos geográficos do poeta entre Portugal, África e Ásia. Chegou-se a um esquema geral da trajetória de Camões comum ao *corpus* e formado por treze segmentos.

A fim de caracterizar cada um dos treze segmentos, foram elaborados os quadros a seguir que indicam o conteúdo biográfico de cada um. O primeiro assinala, globalmente, os dados indicados e as questões colocadas pelas obras do *corpus*. O segundo caracteriza, transversalmente, o tratamento dispensado aos dados e questões com base no que é exposto por Denis.

Quadro 1 – Esquema global da trajetória de Camões			
#	Nome	Dados	Questões
1	A infância de Camões em Lisboa	Local e data de nascimento; origens familiares; informações sobre a juventude.	Fiabilidade do ano e local de nascimento; pertencimento a uma linhagem nobre, mas empobrecida; e situação socioeconômica da família.
2	A partida de Lisboa a Coimbra	A educação formal.	Data do começo dos estudos; o que aprendeu na universidade; como vivenciou o ensino superior.
3	O retorno a Lisboa de Coimbra	A recepção na capital e a relação amorosa com uma dama da corte.	Circunstâncias e razões da aceitação entre os nobres; relações estabelecidas; contexto e consequências das investidas passionais.
4	O primeiro exílio em Portugal	A contextualização do exílio.	Motivos e ano da partida; local de destino; e ocupações no desterro.
5	A expedição na África	As circunstâncias da partida e das atividades guerreiras.	Decisão de se juntar à armada portuguesa; data da partida; perda de um olho em batalha; duração da estada; e retorno a Lisboa.
6	O retorno a Lisboa	A nova recepção do poeta na corte.	Permissão e data de regresso; mudanças físicas decorrentes das batalhas; e reencontro com a amada.
7	A partida rumo às Índias	A viagem do poeta de Lisboa a Goa.	Motivos e contexto da partida; itinerário percorrido; e participação em combates.
8	O segundo exílio nas Índias	O itinerário do desterro.	Motivo do exílio, atribuído a uma sátira sobre os vícios na colônia; avaliação das razões para escrevê-la; cidades por onde passou; e o encontro com Antônio, o escravo javanês.
9	O asilo em Macau	A estada e a criação poética na cidade.	Escolha da cidade como asilo; trajetória empreendida até chegar a ela; escrita de <i>Os Lusíadas</i> em uma gruta; emprego que lhe fora oferecido; e motivos de sua partida.
10	O naufrágio na costa da China	A vida de náufrago e o resgate realizado por um navio português	Localização do acidente; perda dos bens materiais; duração da estada na costa; e contexto do resgate.
11	A chegada a Goa a partir da costa da China	A nova estada na cidade após o exílio.	Retorno do poeta; acusação de obtenção ilícita de bens; morte da amada; participação em expedições militares; e escrita de poemas.
12	A chegada a Sofala a partir de Goa	A estada na cidade como parte de um longo regresso a Portugal.	Desejo de retorno à pátria; circunstâncias da partida à cidade africana; transformação do governador em credor; miséria em que se encontrava; e pagamento da dívida por conterrâneos.

13	A chegada a Lisboa a partir de Sofala	A publicação de <i>Os Lusíadas</i> , a miséria do poeta no final da vida e sua morte em um asilo.	Sucesso da épica; pensão concedida pelo monarca; indiferença dos contemporâneos; amizade de Antônio nos derradeiros momentos; e enterro sem sequer receber uma lápide.
----	---------------------------------------	---------------------------------------------------------------------------------------------------	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Quadro 2 – Caracterização transversal dos segmentos		
#	Nome	Tratamento dos dados e questões
1	A infância de Camões em Lisboa	Acúmulo progressivo de informações que não se contradizem, associadas à designação igualmente crescente de obras de referência.
2	A partida de Lisboa a Coimbra	Oscilação entre a descrição vaga do período universitário, enfatizando o desenvolvimento de seu gênio poético, e sua reconstituição histórica, procurando situar professores e disciplinas ministradas na instituição.
3	O retorno a Lisboa de Coimbra	Caracterização da amada e dos sentimentos do poeta, ressaltando o início de sua carreira poética.
4	O primeiro exílio em Portugal	Indicação de seu amor como motivo do exílio e do teor melancólico dos poemas escritos nesse período.
5	A expedição na África	Afirmção do desejo de glória do poeta, contraposto ao amor frustrado, e da coexistência dos combates com a criação poética.
6	O retorno a Lisboa	Menção da falta de reconhecimento de suas atividades guerreiras e do silêncio ou da morte da dama, convencendo-o a partir novamente.
7	A partida rumo às Índias	Descrição das etapas e circunstâncias do trajeto, com destaque ao conflito histórico envolvendo o rei de Pimenta.
8	O segundo exílio nas Índias	Exposição do poema <i>Disparates seus na Índia</i> e de suas consequências para o poeta.
9	O asilo em Macau	A permanência do poeta em Macau até terminar o épico, levando uma vida ociosa, e, com a morte do responsável pelo exílio, a decisão de retornar a Goa para retomar as atividades guerreiras.
10	O naufrágio na costa da China	Cena em que o poeta segura <i>Os Lusíadas</i> com uma mão e nada com outra, procurando salvar a si e a obra.
11	A chegada a Goa a partir da costa da China	Ênfase na injúria sofrida pelo poeta, julgado e inocentado do crime, e na retomada de suas atividades guerreiras, coexistindo com a produção poética.
12	A chegada a Sofala a partir de Goa	Destaque da baixeza de caráter da cobrança dos custos de viagem e do suporte financeiro dado por alguns conterrâneos, possibilitando o retorno definitivo a Lisboa.
13	A chegada a Lisboa a partir de Sofala	Reconhecimento merecido do épico português em contraste com o descaso da corte com Camões, que contava apenas com o apoio do escravo javanês no fim da vida.

Definidos os aspectos gerais da vida de Camões segundo Ferdinand Denis, as obras do *corpus* são abordadas individualmente em sequência diacrônica. A análise detém-se no tratamento dispensado aos dados biográficos e nas figurações do poeta decorrentes, sem

deixar de mencionar os usos e a incorporação de obras de referência. Para demonstrar os argumentos desenvolvidos, discutem-se os dois primeiros segmentos do esquema, a infância em Lisboa e os estudos em Coimbra, e em um segmento adicional diferente para cada obra, a fim de contrastar semelhanças e diferenças na articulação dos eventos.

3.1 A VIDA DE CAMÕES EM 1823: PAIXÕES E LETRAS ENTRE PORTUGAL E O ALÉM-MAR

Em *Obras-Primas do Teatro Português – Gomes, Pimenta de Aguiar, Antônio José* (1823), encontram-se três enunciados que remetem à vida de Camões, situando-o em relação à história portuguesa e à criação de sua obra poética. Localizados em *Notícia do Teatro Português*, apontam para características do poeta que, reverberando no conjunto do *corpus*, motivam e orientam discursos biográficos posteriores. Como Denis se propunha a apresentar o desenvolvimento geral da dramaturgia portuguesa, o prefácio prescindia da exposição sumária de sua trajetória. De fato, o escopo da antologia, que não compreende traduções do teatro camoniano, desfavorecia a inserção de uma biografia organizada e detalhada de Camões.

No interior de um comentário sobre a guinada poética de Sá de Miranda em Portugal, Camões é introduzido como contemporâneo dele e de outros escritores que se encarregavam do estabelecimento da língua portuguesa. Todavia, Ferdinand Denis (2007, p. 26) faz a ressalva de que ele, “lançado em uma vida agitada, continuamente distante da pátria”¹⁵⁴, não obteve o reconhecimento dos portugueses como aqueles escritores. Desse modo, estabelece que a trajetória do poeta foi marcada por percalços e realizada em grande medida fora do território europeu. Também indica que ele, apesar de sua obra monumental, não foi devidamente reconhecido em seu tempo e manteve-se à margem de seus contemporâneos ilustres. Essa duas noções biográficas, veiculadas de maneira genérica e imprecisa, inscrevem Camões em um momento específico da história portuguesa e destacam dificuldades enfrentadas por ele nessas circunstâncias.

Em uma nota sobre a António Ferreira, Denis menciona os estudos superiores de Camões na Universidade de Coimbra. O autor discute a decisão do dramaturgo de reescrever o episódio de Inês de Castro conforme os trágicos gregos e procura justificar seu gosto

¹⁵⁴ “lancé dans une vie agitée, continuellement éloigné de sa patrie” (DENIS, 1823, p. 7-8).

clássico, atribuindo-o a Buchanan¹⁵⁵. Dessa maneira, assinala que Ferreira frequentara a universidade no período de exercício desse professor, assim como o poeta. O enunciado, bastante secundário no interior do texto, sugere que, se ele tinha familiaridade com os antigos a ponto de imitá-los, Camões também os conhecia graças à formação comum aos dois. Nesse sentido, a indicação biográfica permitiu incorporar índices de cultura letrada a sua trajetória, aproximando-o de seus pares cultos.

Na parte do prefácio dedicada a *El Rei Seleuco*, a escolha da intriga amorosa entre Antíloco, Estratônica e Seleuco como mote da peça é atribuída a uma motivação de ordem pessoal do poeta. Ferdinand Denis (2007, p. 29) assevera que, “como Camões sempre se sentia disposto a celebrar as paixões vivas, ele escolheu um assunto que podia tratar melhor que os outros”¹⁵⁶. Sugere, assim, que sua inclinação lírica, compartilhada por outras de suas composições, manifesta-se não só em sua obra, mas também em sua vida. Esse enunciado, igualmente genérico e impreciso, concorre com a indiferenciação entre o homem e o criador de versos no campo da biografia. Nessa medida, anuncia a constituição de uma unidade indissociável entre vida e obra de Camões, que se torna evidente nos discursos biográficos posteriores.

Obras Primas do Teatro Português (1823) permite vislumbrar Camões a partir de noções biográficas fundamentais. Com a justaposição dos enunciados, obtém-se a figuração do poeta como um indivíduo agitado e movido por paixões, enfrentando perigos e criando poemas entre Portugal e o além-mar, sem lograr o devido reconhecimento de seus contemporâneos. Dessa feita, a breve apresentação define a virtude e o valor do biografado, bem como o situa histórica e socialmente. Sua vida, bastante secundária na argumentação do autor, encontra-se dispersa ao longo do prefácio. Todavia, cada enunciado colabora com uma visão global significativa de aspectos de sua trajetória. Com efeito, os dados biográficos selecionados por Ferdinand Denis parecem desempenhar uma função heurística suplementar no interior do prefácio, que, posteriormente, torna-se mais evidente.

3.2 A VIDA DE CAMÕES EM 1824: O BIOGRÁFICO INCONTORNÁVEL E O FICCIONAL CONVENIENTE

¹⁵⁵ George Buchanan (1506-1582), humanista escocês, foi professor de literatura grega da Universidade de Coimbra, após ter ensinado em Paris e Bordeaux. Foi tradutor de peças do teatro grego e autor de livros de história e gramáticas em latim.

¹⁵⁶ “comme le Camoëns se sentait toujours disposé à célébrer les passions vives, il choisit un sujet qu'il était à même de traiter mieux que tout autre” (DENIS, 1823, p. 17).

A vida do poeta foi imprescindível à concepção e realização de *Camões e José Índio* (1824). Conforme anuncia na *Advertência*, Ferdinand Denis baseou-se na biografia estabelecida por Souza Botelho para edição monumental de *Os Lusíadas* de 1817.

A vida do poeta, junto com a qualidade material do livro do Morgado de Mateus, teve uma repercussão positiva, diferentemente das variantes e da ortografia adotadas pelo editor, e foi posteriormente traduzida como prefácio de *Les Lusiades* (1825). Segundo Anne Gallut (2015, p. 229), isso se explica “pelo fato de a sua inspiração, liberta do neoclassicismo e do sentimentalismo do século XVIII, ter colocado o trabalho ao lado dos primeiros ensaios do Romantismo”. Em relação ao legado biográfico do poeta, o texto de Souza Botelho procura dar uma ideia da excelência e da nobreza de seu caráter, de modo a representá-lo como uma “encarnação do patriotismo” e um herói “a quem não falta nenhuma qualidade e que não tem qualquer defeito” (GALLUT, 2015, p. 234).

Como indicam algumas notas, Denis também se baseou nas biografias escritas por Faria e Sousa que antecedem *Os Lusíadas* (1639) e *Rimas Várias* (1685). As vidas do poeta do editor castelhano compartilham um esforço de escrita a partir de poemas e de suposições sem apoio documental, ilustrando episódios com versos e depreendendo fatos desde os poemas. Em vista disso, os dois paratextos, diferentes entre si, forneceram um repertório tanto de eventos quanto de relações estabelecidas entre eles, parcialmente adotados por Denis em *Camões e José Índio*.

Com base no esquema anteriormente exposto, o retorno definitivo a Lisboa e a morte do poeta situam-se na abertura e no encerramento da narrativa; e os demais segmentos, no relato memorialístico de Camões. Os dados biográficos são representados e narrados, de modo que os procedimentos ficcionais adotados, mimese e diegese, estabelecem uma partilha da esfera da ação que produz efeitos de verossimilhança distintos. Nesse sentido, a vida de Camões vincula-se de diferentes maneiras à história e ao enredo da ficção, isto é, aos fatos justapostos na composição e à estrutura resultante de sua articulação.

As ações de Camões enquanto personagem e narrador são colocadas em evidência apenas na parte inicial e final da narrativa, enquanto as de José Índio predominam ao longo dela. A partir da síntese fornecida no capítulo anterior, percebe-se que o fio condutor do enredo não são os anos finais de sua vida, temática anunciada por Denis, mas sim as aventuras do religioso inspiradas nas desventuras do amigo. Dessa feita, a seleção e o tratamento dos dados biográficos, enquanto parte da matéria narrada, fizeram com que José Índio assumisse o protagonismo da história em detrimento de Camões. Tendo em vista o compromisso

biográfico do autor, isso só foi possível graças à carência de informações acerca do monge em relação ao poeta, o que lhe conferiu certa liberdade para abordá-lo.

O personagem, identificado por Souza Botelho e mencionado pela primeira vez em 1817, foi extraído de uma inscrição no frontispício de uma edição princeps de *Os Lusíadas* (1572) que, assinada por um frei Josepe Índio, dizia ter estado presente quando Camões falecera, em uma condição miserável, em um asilo em Lisboa. O testemunho do religioso limitava-se a confirmar o fim trágico do poeta, já assinalado na *Biblioteca Lusitana* (1752), sem fornecer indicações ou maiores detalhes da relação entre os dois. Contudo, Denis deslocou-o do paratexto e, situando-o na narrativa, atribuiu-lhe uma trajetória que envolvia um amor desenganado e uma participação na batalha de Alcácer Quibir. Destaca-se que isso lhe permitiu implicar tanto o dilema moral do monge relativo à amada, *topos* recorrente da prosa de ficção do período, quanto um dos episódios mais frequentemente lembrados da história de Portugal entre os franceses. Por meio do preenchimento de lacunas e da invenção de ligações entre fatos e pessoas, o autor manipulou criativamente o legado biográfico de Camões, apropriando-se seletiva e estrategicamente de suas obras de referência.

O tratamento dispensado à vida de Camões destina-se à figuração exemplar de um personagem que, condicionado por discursos biográficos extratextuais, sirva de modelo a José Índio, que não sofre as mesmas restrições. Além de sua presença reduzida na história, suas ações não condicionam o andamento do enredo como as do religioso. A formulação e a resolução das intrigas são diretamente confiadas ao monge ou ao acaso, mas não ao poeta. Dessa maneira, a memorização e a encenação de seu retorno a Lisboa e de sua posterior morte integram o sistema da narrativa como índices para as decisões do amigo. O reencontro de José Índio e Clara, a morte dela, a partida e o regresso dele, a participação em Alcácer Quibir não são desencadeados por Camões. O retorno a Portugal, o relato memorialístico e o falecimento no asilo são bastante fortuitos na estrutura, isto é, não decorrem de peripécias ou as resolvem. Em vista disso, o biográfico camonianiano desempenha uma função catalisadora no enredo; e a trajetória do monge, uma função cardinal¹⁵⁷.

A representação e a narração provocam efeitos de convencimento distintos no que diz respeito à inserção da vida de Camões no interior da narrativa. A mimese confere dramaticidade ao biográfico; a diegese, expressividade. A perspectiva em terceira pessoa do narrador figura-o de forma heroica no retorno a Lisboa e trágica na morte no asilo, enquanto a

¹⁵⁷ Conceitos estabelecidos por Roland Barthes (1966) em seu texto seminal sobre a análise estrutural da narrativa.

perspectiva em primeira pessoa do poeta reveste o relato memorialístico de um caráter testemunhal contundente.

Os dois procedimentos narrativos produzem verossimilhança a partir de um dispositivo romanesco sem afetar a autenticidade biográfica das circunstâncias narradas ou representadas. Em alguns casos, Denis reforça a legitimidade do dado com comentários em rodapé, que diferem dos de Camões e do narrador. O compromisso biográfico equilibra-se nessa alternância entre personagem, narrador e autor, de modo que a vida do poeta é concebida em consonância com as obras de referência em um regime histórico criativo. Para demonstrar a articulação desse compromisso com a composição da vida do poeta em *Camões e José Índio*, são abordados os dois primeiros segmentos do esquema e o retorno definitivo a Lisboa e sua morte.

Camões fala da infância no início do longo relato de suas sucessivas desditas com que procura encorajar o religioso face às dele. Antecipando o contraste entre esses anos iniciais e tudo o que sucede sua partida para Coimbra, Camões diz considerá-la a única época feliz de sua vida. Conforma conta, “se pude desfrutar de alguns instantes de felicidade, foi durante minha infância; se a tranquilidade contentou-se em ocupar meu coração, foi na época em que vivia perto de meu pai”¹⁵⁸ (DENIS, 2014, p. 28). O poeta não especifica esses instantes de felicidade e, indicando genericamente o progenitor, sequer fala da mãe. Desse modo, a caracterização em primeira pessoa do período não fornece informações biográficas relevantes, provavelmente por não ser imprescindível ao andamento da narrativa, e limita-se a uma constatação vaga. Entretanto, a menção ao pai é seguida por uma nota de rodapé que, fora do enredo, procura complementá-la factualmente. Na nota, lê-se que ele pertencia a uma família de sangue nobre e mantinha alianças com a Casa de Sá, que se destacara na história bélica de Portugal. Atribuído a Denis e não ao narrador, o comentário aponta para distinções biograficamente relevantes, que não convinham ao discurso memorialístico de Camões. Nesse sentido, o biógrafo estende a mão ao ficcionista, garantindo a verossimilhança sem afetar demasiadamente a integridade do biografado.

Analogamente, Camões não especifica nem o ano, nem o local onde nasceu. Contudo, José Índio já havia indicado a cidade natal no início da narrativa. Quando desembarcam em Lisboa, ele constata: “Eis-nos, então, disse a Camões, na poderosa cidade onde nasceste; para

¹⁵⁸ “Si j’ai pu jouir de quelques instants de bonheur, c’est dans mon enfance ; si la tranquillité s’est plu à habiter dans mon cœur, c’est à l’époque où je vivais près de mon père” (DENIS, 1824, p. 422).

cá retornamos depois de longas viagens, e o mesmo semblante golpeia nossos olhares”¹⁵⁹ (DENIS, 2014, p. 23). A fala faz parte de um diálogo em que o religioso enuncia seu descontentamento em relação ao retorno e ao ímpeto colonizador do país, e o poeta concorda com ele, mas de forma apaziguadora. Nessa medida, a indicação é bastante secundária em um segmento cuja função não parece ser definir seu berço. De qualquer forma, a réplica de Camões não corrige José Índio, corroborando tacitamente a asserção. As manifestações em primeira pessoa das personagens acrescentam um valor testemunhal à narrativa, que, com o apoio esporádico de notas, reitera a veracidade do que é dito.

Camões fala do período transcorrido em Coimbra na continuação do relato memorialístico, situando o início das desditas que doravante se acumulariam sobre ele. Imediatamente após definir a infância como época mais feliz de sua vida, o poeta menciona, com certa contrariedade, a partida de Lisboa. Conforme conta, “foi necessário, como a tantas outras crianças de Portugal, afastar-me de casa e procurar a ciência onde muitos homens doutos então a ensinavam”¹⁶⁰ (DENIS, 2014, p. 28). Sem precisar onde e o quê estudava, acrescenta que se sentia sufocado, pois os mestres procuravam conter seu ardor, impor-lhe modelos e fazê-lo acatar ideias que não compreendia. Ele se detém, assim, em suas impressões e sentimentos, fornecendo um testemunho pouco factual. Semelhantemente à infância, o caráter biográfico da educação formal, prescindível ao andamento da narrativa, é substituído pela indicação vaga das primeiras manifestações de seu gênio e de forças externas que se opunham a ele. Nesse sentido, Camões enfatiza como “admirava todas as coisas sem poder celebrá-las com cantos dignos de memória”¹⁶¹ (DENIS, 2014, p. 29), pois todos desprezavam sua vocação poética. De fato, a figuração arquetípica do poeta como ser de exceção, ao invés de sujeito empírico, basta para atestar seus sofrimentos e reforçar a composição de uma personagem de caráter forte e ações imponentes.

O retorno definitivo a Lisboa e a morte de Camões, representados pelo narrador na abertura e no encerramento da narrativa, conformam uma cena heroica e outra trágica a partir dos dados biográficos disponíveis. Conforme se aproximam da costa portuguesa, uma tempestade ameaça jogar o Santa Fé nos recifes, provocando o naufrágio da embarcação. Os marinheiros, agitados em meio ao tumulto, não conseguem controlar o navio, e o poeta, em

¹⁵⁹ “Nous voilà donc, dit-il au Camoens, dans cette cité puissante où vous êtes né; nous y revenons après de longs voyages, et le même aspect frappe nos regards” (DENIS, 1824, p. 414).

¹⁶⁰ “Cependant, j’entrais à peine dans la vie, qu’il fallut, comme tant d’autres enfans des villes de Portugal, m’écarter et venir chercher la science dans les lieux où une foule d’hommes instruits l’enseignaient alors. J’arrivai dans la cité de Coimbre, et ce fut là que mes chagrins commencèrent” (DENIS, 1824, p. 422).

¹⁶¹ “J’admirais tout sans pouvoir rien célébrer par des chants dignes de mémoire” (DENIS, 1824, p. 423).

um ato de coragem, toma o timão, conduzindo-os em segurança ao porto. Desse modo, o regresso derradeiro tornou-se uma passagem da narrativa que, elaborada criativamente no horizonte do possível, demonstra a grandeza de Camões em ação. Nessa medida, as circunstâncias inventadas não vão de encontro à biografia, mas adaptam-na às necessidades da história. A exemplaridade do biografado é definida, desde o início, em um dispositivo romanesco de composição dos caracteres da personagem.

Após regressar a Portugal, José Índio procura, sem sucesso, Camões, mas encontra, por acaso, Antônio. O escravo javanês relata ao religioso a miséria em que ele e o amo se encontravam, bem como que o poeta desaparecera. Os dois decidem, separadamente, tentar achá-lo. O monge, instintivamente, vai ao asilo onde falecera sua amada e lá o encontra, debilitado e decrépito. Ao ouvir passos, ele pergunta:

– Sois vós, José Índio, exclamou Camões... Sois vós por quem tanto tempo esperei? e apertou-o contra seu coração... Ai de mim! Continuou, “quem jamais ouviu dizer que em tão pequeno teatro, como o de um pobre leito, quisesse a fortuna representar tão grandes desventuras?”

– Elas serão aliviadas, meu pai.

– Nunca: *morro com a glória de minha pátria*. Ai de mim! Disse novamente, apertando a mão que procurava aquecer as suas, um escravo pediu esmolas por mim e, frequentemente, não pôde obtê-las... não pude suportar sua dor. Mas sua nobre piedade deu-me forças; eis as honras que me foram prometidas... eis os bens dos quais me acumulei. Quando algum dia vos disserem: a glória pertenceu a ele como o maior de nossos poetas, vós lhes respondereis: o frio agitou seus membros enfraquecidos pela idade... ele salpicou, com suas lágrimas, o pão que um desgraçado dividia com ele... então seu braço não tinha mais forças para sustentar um gládio... e, entretanto, ah minha pátria, meus últimos votos são por ti...¹⁶² (DENIS, 2014, p. 74-75)

À semelhança do retorno, a representação dos instantes finais Camões faz com que suas ações heroicas convertam-se em um discurso trágico e resignado. A morte em companhia de José Índio coloca em evidência a contradição entre a virtude e o caráter do vate e a encenação de sua condição miserável. Dessa feita, desloca-se o dado biográfico de um relato documental e realiza-se a dramatização do episódio. Mesmo que as aspas e o itálico incorporem frases da vida do poeta de Souza Botelho, o reencontro e o diálogo entre os dois

¹⁶²“– Est-ce bien vous, José Índio, s'écria Camoens.... ; est-ce bien vous que j'ai si long-temps attendu ? et il le pressa sur son coeur... Hélas ! continua-t-il, « comment se peut-il faire, que sur ce lit qui tient un si petit espace, la nature ait rassemblé tant de maux ? »

–Ils s'adouciront, mon père.

–Jamais : *je meurs avec la gloire de ma patrie*. Hélas ! dit-il encore en pressant ne main qui cherchait à réchauffer les siens, un esclave demanda l'aumône pour moi et souvent ne put l'obtenir.... je n'ai pu supporter sa douleur. Mais sa noble pitié me soutint ; voilà les honneurs qui m'étaient promis.... ; voilà les biens dont ils m'ont comblé. Quand un jour ils vous diront : la gloire lui appartient comme au plus grand de nos poètes, vous leurs répondrez.... : le froid agita ses membres affaiblis par l'âge.... ; il arrosa de ses larmes le pain qu'un malheureux partageait avec lui.... ; alors son bras n'avait plus la force de soutenir un glaive.... et cependant, oh ma patrie, mes derniers voeux sont pour toi...” (DENIS, 1824, p. 492-493).

produzem um efeito de convencimento e de comoção difícil de obter naquela biografia. A temporalização de Camões, enquanto indivíduo que sofre e sente fome, garante um encerramento para a história que se mantém fiel ao compromisso biográfico sem abrir mão do ficcional manejado convenientemente. Com efeito, os procedimentos narrativos, opondo a felicidade à desdita no relato memorialístico e a grandeza à decadência nas cenas inicial e final, constituem a exemplaridade do biografado para além do lugar indicial no enredo e do espaço restrito na história de *Camões e José Índio*.

3.3 A VIDA DE CAMÕES EM 1826: A BIOGRAFIA DO POETA E O ESPÍRITO DA NAÇÃO

O *Resumo da História Literária de Portugal* (1826) fornece uma biografia estruturada de Camões enquanto componente da história literária. Antecedendo a exposição e a análise de poemas e peças, a vida do poeta concatena eventos com vistas a demonstrar a “grandeza da alma”¹⁶³ (DENIS, 1826, p. 76) de seu criador. Desse modo, o tratamento dispensado ao biográfico visa à conformação de uma identidade coesa que explique e complemente o *corpus* poético que a segue. Na abertura do capítulo VIII, Denis (1826, p. 66) indica o mote da composição conforme concebera para a obra:

Minha “lira sonora / será mais afamada que ditosa”: essas palavras proféticas, expressas pelo grande poeta, contam toda sua história. Com efeito, se algo igualou sua glória, foram seus infortúnios; ele contava com a justiça da posteridade, mas sabia também o que devia sofrer.¹⁶⁴

A partir de um verso do canto X de *Os Lusíadas*, o autor estabelece os valores que garantem a coesão do sujeito biografado e que orientam a articulação de sua trajetória no interior da história literária. Atribuindo a Camões a consciência do próprio destino, ressalta seus sofrimentos em vida e, igualando-os ao reconhecimento da posteridade, assinala seu papel preponderante tanto na conformação de sua subjetividade quanto na criação de seu legado poético. Em vista disso, Denis procura, ao longo do texto biográfico, enfatizar as desditas e injustiças sofridas pelo poeta à medida que menciona ou indica a produção de sua obra.

¹⁶³ “grandeur d’âme”.

¹⁶⁴ *Ma lyre sera plus célèbre qu’elle ne doit être heureuse* : ces paroles prophétiques échappées au grand poète disent toute son histoire. En effet, si quelque chose égala sa gloire, ce furent ces malheurs ; il comptait sur la justice de la postérité, mais il savait aussi qu’il devait souffrir.

Conforme sugerem algumas menções e semelhanças entre os textos, os eventos foram novamente extraídos das biografias de Souza Botelho e Faria e Sousa. No entanto, Denis retomou-os e articulou-os em relação a Camões enquanto poeta e não necessariamente sujeito histórico. Dessa maneira, os episódios, tendo como fio condutor suas desgraças, foram tratados de forma a fazer sobressair a virtude e o valor de Camões à revelia da implacabilidade do tempo. Nesse sentido, o texto procura figurar poeta e *corpus* poético como uma unidade coerente indissociável, traçando um perfil psicológico a partir de ideias e estados de espírito pré-concebidos ou presentes em poemas. Ao ser sobredeterminado por obras atribuídas a ele, o biográfico passa a ter uma autonomia restrita em relação a elas, despreendendo-se da história e tornando-se anacrônico.

Com base no esquema da vida de Camões, os trezes segmentos, sucedendo-se ao longo de poucas páginas, priorizam aquilo que, nos dados biográficos, revelam a fulguração de um gênio criador imanente. Sem perder de vista o compromisso biográfico, o autor articula os eventos destacando aspectos psicológicos do poeta: como se sentiu ou porque tomou certa decisão. Ele aponta reiteradamente para motivações e repercussões dos fatos, adotando uma perspectiva subjetiva, e não enfoca os episódios de forma predominantemente impessoal e exterior a eles, como seria de se esperar no escopo do trabalho. Dessa feita, Denis parece pontuar a jornada espiritual de Camões ao invés de retrair sua trajetória biográfica. Ademais, não insere elementos de caráter documental, citando apenas frases de efeito de suas obras de referência. Sem levar a cabo a temporalização do biografado, a escrita da vida se inscreve em um regime histórico anacrônico. A seção biográfica assume, assim, uma função hermenêutica em relação às demais partes relativas ao poeta do *Resumo da História Literária de Portugal*, atribuindo-lhes sentidos e fornecendo nexos para sua leitura e entendimento. A fim de demonstrar esses argumentos, são abordados os dois primeiros segmentos do esquema e o retorno de Camões a Lisboa da África.

O autor dedica poucas linhas à infância de Camões. Na abertura, Denis (1826, p. 66) escreve que “Luís de Camões nasceu em 1525. Cremos que Lisboa foi sua cidade natal. Seu pai tinha antepassados ilustres, mas uma fortuna muito medíocre”¹⁶⁵. A justaposição de enunciados breves tem valor assertivo, impedindo indagações e justificativas complementares. As indicações do ano e do local de nascimento são feitas de forma direta, e suas respectivas conotações factual e consensual não são explicadas. As constatações da nobreza dos bisavós e dos modestos meios do pai reforçam, por oposição, as origens ilustres dos antepassados e a

¹⁶⁵ “Louis de Camoens naquit en 1525. On croit que Lisbonne fut sa patrie. Son père comptait d’illustres aïeux, mais il ne possédait qu’une très-médiocre fortune”.

pobreza atual da família. Nesse sentido, Denis (1826, p. 66) ressalta a “honrável penúria”¹⁶⁶ em que viviam os Camões e diz ter sido necessários sacrifícios paternos para enviar o filho a Coimbra, onde desenvolveria precocemente seu gênio poético. Dessa maneira, os índices espaço-temporais e socioeconômicos são incorporados na medida em que constituem informações indispensáveis acerca dele, onde e quando nasceu, e designações iniciais de seu caráter. Para a história literária, não é imprescindível debater o nascimento e as origens de Camões, nem sequer nomear os membros de sua família. De fato, a infância, que foi preciso situar na apresentação geral de sua vida, tem pouco interesse por não permitir delinear o perfil psicológico do poeta em sua apoteose.

Sucessivamente, o autor dedica um parágrafo à estada de Camões em Coimbra. Após falar dos sacrifícios paternos, ressalta a tenra idade com que fora enviado à cidade, sem precisar a que escolas ou que educação recebeu. Denis (1827, p. 67) insiste que ele “cedo se dedicou à poesia e que as recordações nobres ou tocantes que lembravam sua bela cidade natal gravaram-se profundamente em sua alma ardente”¹⁶⁷. Desse modo, enfatiza novamente aspectos associados a seu perfil psicológico e situa retrospectivamente uma de suas fontes de inspiração. Fundamental do ponto de vista biográfico, a menção ao ensino formal torna-se também secundária na exposição da vida do poeta. Vale lembrar que, na transmissão do legado camoniano desde o século XVI, a conjectura dos estudos em Coimbra surgiu, sem contar com qualquer comprovação documental, para justificar a erudição de *Os Lusíadas*. Nessa medida, Denis não recorre à discussão da familiaridade de Camões com os antigos e modernos com vistas à explicação posterior de índices de cultura letrada em obras atribuídas a ele. Ao invés disso, incorpora o fato na história literária e associa-o apenas ao conhecimento da história portuguesa por parte do poeta, sugerindo a autonomia do desenvolvimento de seu gênio poético. Com efeito, o episódio é articulado a partir da perspectiva subjetiva de Camões e não da perspectiva objetiva das disciplinas ensinadas na universidade.

Na página seguinte, o autor dedica um parágrafo ao regresso de Camões a Lisboa após ter perdido um olho em combates na África. O tratamento do episódio baseia-se sobretudo em inferências de cunho subjetivo acerca de sua nova estada em sua cidade natal. Denis (1826, p. 68) escreve que “ignora-se o que passou; mas, sem dúvida, seu valor foi ignorado, como seu amor fora desdenhado; sem dúvida, experimentou muitas amarguras, já que resolveu jamais

¹⁶⁶ “honorable indigence”.

¹⁶⁷ “s’adonna de bonne heure à la poésie, et que les souvenirs nobles ou touchants qui lui rappelaient sa patrie se gravèrent profondément dans son âme ardente”.

rever sua pátria, e seu adeus foi um adeus eterno”¹⁶⁸. O autor procura, assim, reconstituir hipoteticamente o evento a partir do fio condutor das desditas e coloca-se na perspectiva do poeta, buscando razões pessoais para a partida decorrente de Lisboa. O acúmulo de amarguras e a falta de reconhecimento pareceram motivos legítimos tanto para o silêncio documental acerca do fato quanto para a escolha de deixar o país rumo às Índias. Ademais, o desprezo da amada, cujo reencontro parecia inevitável após o exílio, reforça tacitamente o caráter íntimo e, conseqüentemente, não documentado da decisão. Em vista disso, a falta de informações mostrou-se produtiva, pois o preenchimento deliberado de lacunas permitiu manipular o dado biográfico conforme melhor convinha. Ressalte-se que, no final do parágrafo, Denis fornece uma nota em que acrescenta a exclamação, retirada de Souza Botelho, *ingrata patria non possedebris ossa mea*, a fim de corroborar o adeus do poeta. A frase, originalmente encontrada em uma carta e atribuída a Cipião Africano¹⁶⁹, realça o perfil psicológico de Camões e conclui o episódio.

O encerramento da seção biográfica aponta para uma função hermenêutica da vida do poeta para além de obras atribuídas a ele. Após situar o derradeiro retorno a Lisboa, o autor fala da miséria em que ele se encontrava e, mencionando a derrota de Alcácer Quibir, associa-a ao fim da época mais gloriosa de Portugal. Denis (1826, p. 76) escreve:

Ao menos morro com ela, gritou o poeta, quando soube a notícia fatal. Algum tempo depois entrou em um asilo, onde morreu; mas suas palavras, saídas do abrigo da miséria, repercutiram em Portugal, atravessaram os séculos; agora, fazem-nos compreender toda a grandeza da alma daquele que nos legou uma obra-prima.¹⁷⁰

Retomando a frase já utilizada em *Camões e José Índio*, o autor sobrepõe deliberadamente os destinos de Camões e de Portugal, de modo a confundir sua “grandeza da alma” com a do país. Por metonímia, o *Resumo da História Literária de Portugal* transforma a glória do poeta, reconhecida apenas posteriormente, na glória do país, que entrava sob o jugo espanhol naquela época. Desse modo, o gênio poético imanente, privilegiado pela perspectiva subjetiva adotada na biografia, implica-se com o espírito da nação, reconsiderando os poemas enquanto produto de uma experiência nacional e não apenas

¹⁶⁸ “on ignore ce qu’il y éprouva ; mais sans doute que sa valeur fut méconnue, comme son amour était dédaigné ; sans doute qu’il y fut abreuvé de bien des amertumes, puisqu’il résolut de ne jamais revoir sa patrie, et que son adieu fut un adieu éternel”.

¹⁶⁹ Cipião Africano, o velho (236 a. c.-183 a. c.), estadista da República Romana que conquistou Cartago nas Segundas Guerras Púnicas, teria mandado inscrevê-la em seu túmulo, tendo deixado Roma após ter perdido seu prestígio frente a intrigas senatoriais.

¹⁷⁰ *Au moins je meurs avec elle*, s’écria le poète quand on lui apprit cette nouvelle fatale. Quelque temps après il entra dans un hôpital, et il y mourut ; mais ces paroles, sorties de l’asile de la misère, ont retenti dans le Portugal, elles ont traversé les siècles ; maintenant elles nous font comprendre toute la grandeur d’âme de celui que nous a légué un chef-d’oeuvre.

individual. O perfil psicológico de Camões, em consonância com suas obras, passa a ser o dos portugueses, contaminados pela nostalgia dos tempos de esplendor. A função hermenêutica do biográfico, originalmente relativa ao *corpus* poético, estende-se ao conjunto da história literária, substituindo os limites espaço-temporais da vida por um enquadramento simbólico mais amplo.

3.4 A VIDA DE CAMÕES EM 1827: A DINÂMICA BIOGRÁFICA E A AUTONOMIA DO LEITOR

O *Quadro Histórico, Cronológico das Literaturas Portuguesa e Brasileira* (1827) incorpora a vida de Camões de maneira análoga à do *Resumo da História Literária de Portugal* (1826). Porém, ainda que o conteúdo seja semelhante nas duas histórias literárias, o tratamento dispensado aos dados conforma dois gêneros historiográficos distintos. Conforme concebido por Jarry de Mancy, o atlas histórico prevê uma leitura hipertextual descontínua e confere ao leitor certa autonomia para estabelecer nexos de sentido (BARBOSA, 2014). O biográfico camoniano encontra-se, assim, disperso no interior do quadro e obtém sua coesão e coerência de forma dinâmica. As passagens associadas à vida poeta encontram-se no *Panorama Histórico da Literatura Portuguesa*, na entrada dedicada a ele no interior segundo período e no *Ensaio de Cronologia Comparada*. Essas seções compreendem, respectivamente, uma caracterização inicial de Camões e de seus poemas; uma listagem de eventos biográficos e obras poéticas; e a inserção de alguns desses eventos e obras na sucessão histórica das séries literária e política.

O *Panorama Histórico da Literatura Portuguesa* reproduz, com pequenas variações, um longo parágrafo do *Discurso Preliminar* do *Resumo da História Literária de Portugal* para situar Camões no interior da periodização proposta. Após mencionar alguns escritores do século XVI, Denis introduz a figura do poeta de forma contrastiva e progressiva:

Entretanto, enquanto esses poetas gozam os favores da fortuna, enquanto, no seio da corte, conseguem celebrar feitos que provocam a admiração do mundo, um homem ignorado por todos, errante, pobre, querendo depender apenas da própria coragem, compartilha perigos cuja lembrança quer immortalizar; agitado sempre por uma paixão que faz o seu destino, esquece o amor apenas para cantar as vitórias de seus compatriotas ; se ele pensa por um instante sequer na própria miséria, ele sonha com a glória; o amor pela pátria faz com que tudo esqueça; pede aos reis apenas que o escutem, pois quer compartilhar com eles os pensamentos mais grandiosos que agitaram seu nobre coração: é CAMÕES. Ele escapa de tempestades para dar a seu país *Os Lusíadas* e vem a falecer em um asilo de Lisboa, no dia em que o poder português sucumbe nas praias africanas (Batalha de Alcácer Quibir). “Nunca direi mais do que a verdade! Nunca elogiarei o poder!” Tal é a divisa do grande homem. Quem quer que leia Camões admirará esse sentimento de coragem e de virtude que

anima sua poesia; compreenderá que foi mesmo o poeta da pátria, cujos cantos foram repetidos até à Ásia pelos descendentes dos Albuquerque, dirigindo-se ao combate. Compreenderá talvez porque os portugueses nunca falam no nome de Camões sem uma visível emoção¹⁷¹. (DENIS, 1827, p. 1)

O autor diferencia deliberadamente a vida de Camões da de outros escritores do período e destaca sua virtude e mérito artístico, encaminhando-se à revelação apoteótica de seu nome. Por meio de oposições, ressalta elementos que, face às circunstâncias adversas apresentadas, colaboram com uma figuração valorativa dele enquanto indivíduo criador e, concomitantemente, sujeito biográfico. O desejo de imortalizar lembranças e o sonho com a glória sobrepõem-se à falta de reconhecimento imediato e à miséria em que se encontrava, delineando sintética e eficazmente o perfil psicológico do poeta. As paixões, que oscilam entre o sentimento amoroso e o canto das vitórias da pátria, conduzem-no rumo a seu destino, atribuindo um eixo comum a sua trajetória. A “grandeza de alma” resultante faz com que ele transcenda a implacabilidade da história, inscrevendo tal coragem e perseverança em seus poemas. Denis veicula, assim, um conjunto de noções que funcionam como diretrizes para a apreensão e avaliação posteriores da vida de Camões: os nexos de sentido estabelecidos conformam a estrutura da biografia sem descrevê-la em detalhes.

Conforme a economia tipográfica do *Atlas*, o quadro indica sumariamente os dados biográficos que constituem informações indispensáveis da vida de Camões. A entrada dedicada ao poeta apresenta os treze segmentos do esquema geral de sua vida em enunciados breves e justapostos. O autor, sem articular os episódios ou atribuir valores a eles, limitou-se a enumerá-los, optando por uma composição paratática:

1579. Camões (*Luís*), conhecido como *Príncipe dos Poetas de Espanha* ? nasceu em Lisboa, 1525 ; estuda em Coimbra, ama Catarina de Ataíde, é exilado de Portugal ; expedições nas costas da África ; perde um olho em combate, retorna a Lisboa, parte para a Índia ; é exilado em Goa em decorrência de uma sátira ; encontra asilo em Macau ; parte deste país ; naufraga ; retorna a Goa, 1561, é preso ; viaja a Sofala;

¹⁷¹ Mais, tandis que ces poètes jouissent des faveurs de la fortune, tandis qu’au sein des cours, ils peuvent célébrer des exploits qui causent l’admiration du monde, un homme ignoré de tous, errant, pauvre, ne voulant devoir rien qu’à son courage, partage des périls dont il veut immortaliser le souvenir ; incessamment agité par une passion qui fait le destin de sa vie, il n’oublie son amour que pour chanter les victoires de ses compatriotes ; s’il songe un instant à sa misère, il pense à la gloire ; l’amour de la patrie lui fait tout oublier ; il ne demande aux rois que de l’écouter, parce qu’il veut leur faire partager les plus grandes pensées qui aient fait battre un noble cœur : c’est camoens. Il échappe aux tempêtes pour donner à son pays *Les Lusiades* et vient expirer dans un hôpital de Lisbonne, le jour où la puissance portugaise succombe sur le rivage africain (bataille d’Alcaçar-Kebir). « Jamais je ne dirai que la vérité ! Jamais je ne flatterai le pouvoir » ! Telle est la devise du grand homme. Quiconque lira Camoëns, admirera ce sentiment de courage et de vertu qui anime sa poésie ; il comprendra que c’était bien ce poète de la patrie, dont les chants étaient répétés jusqu’en Asie par les descendants des Albuquerque marchant au combat. On comprendra peut-être pourquoi les Portugais ne prononcent jamais sans une visible émotion, le nom de Camoens.

retorna a Lisboa, publica *Os Lusíadas*, 1572; morre em um asilo. – Primeira epopeia dos tempos modernos. 1579.¹⁷² (DENIS, 1827, p. 1)

A biografia do poeta, diferentemente do que ocorre nas demais obras do *corpus*, não ganha uma forma mimética ou diegética. Como convém ao gênero, qualquer caracterização ou contextualização detalhada devia ser evitada, deixando a cargo do leitor o preenchimento de lacunas e a atribuição de sentido aos fatos. Nessa medida, o quadro passa a depender dele para relacionar eventos biográficos entre si e com obras atribuídas a Camões. Ainda assim, os nexos de sentido que podem ser estabelecidos são induzidos por um dispositivo textual que dirige a autonomia do leitor. Dessa maneira, os enunciados justapostos são rearticulados em uma narrativa coesa e coerente graças ao perfil psicológico e ao eixo da trajetória indicados no *Panorama Histórico da Literatura Portuguesa*. Direcionando-o a uma interpretação previamente definida, os condicionamentos mútuos das diferentes seções apontam invariavelmente para a figuração de um poeta nacional que transcende a história através de poemas que manifestam sua consagração ao amor e à pátria. Assim como no resumo, a identificação de Camões com a nação atribui ao biográfico uma função hermenêutica e o inscreve em um regime histórico anacrônico.

O *Ensaio de Cronologia Comparada*, implicado nos condicionamentos mútuos do quadro, fornece marcos temporais para delimitar os eventos biográficos e fatos de mesma natureza com que compará-los. A paixão, a partida para a Índia, o retorno a Lisboa, a publicação de *Os Lusíadas*, a pensão decorrente e a morte em um asilo são inseridas entre 1525 e 1579 na série literária; e a perseguição de Pedro Barreto em função de uma sátira, em 1556 na série política. Dessa feita, as duas cronologias integram superficialmente a vida do poeta na história do país por intermédio de datas e eventos de referência. O vínculo da “grandeza de alma” de Camões com Portugal não é historicamente situado, de modo a reforçar a demonstração e manifestação anacrônicas de seu gênio. Confiada ao leitor, a rearticulação da biografia recai invariavelmente sobre um relato que o coloca à prova do tempo. Apesar da leitura descontínua e da possibilidade de manipulação dos dados, o produto biográfico do quadro aproxima-se demasiadamente do que já havia sido feito no resumo. De fato, os dois gêneros historiográficos, mesmo que difiram na forma, acabam produzindo similar história literária no que diz respeito a Camões.

¹⁷² 1579. Camoens (*Luiz*), surnommé *le Prince des poètes des Espagnes ?* né à Lisbonne, 1525 ; étudie à Coïmbre, aime Catherine d’Ataïde, est exilé en Portugal ; expéditions sur les côtes d’Afrique ; perd un oeil en combattant, revient à Lisbonne, part pour l’Inde ; est exilé de Goa pour une satire ; trouve un asile à Macao ; part de ce pays ; fait naufrage ; revient à Goa, 1561, est emprisonné ; voy. à Sofala, revient à Lisbonne, publie *Les Lusíades*, 1572 ; meurt dans un hôpital. – Première Epopée publiée aux temps modernes

3.5 A VIDA DE CAMÕES EM 1841: O BIOGRÁFICO HISTORICAMENTE SITUADO

Camões entre seus contemporâneos (1841) fornece uma biografia detalhada do poeta como parte de uma investigação histórica que serve de prefácio à tradução em francês de *Os Lusíadas*. Como não dispunha de fatos biográficos necessariamente novos, Denis (1841, p. LI) se propôs a “fazer compreender como, através das vicissitudes de uma vida incessantemente agitada, Camões deu continuidade a sua carreira”¹⁷³. Desse modo, reconstituiu historicamente sua trajetória entre a emergência de uma cultura letrada em Portugal, representada pela fundação da universidade de Lisboa, e o surgimento de seus primeiros escritores; e a repercussão de poemas atribuídos a ele do século XVI ao XIX. Conforme dito anteriormente, o autor apresenta a vida do poeta através da exposição e avaliação crítica dos dados conhecidos, de modo a formular inúmeras hipóteses a partir das informações disponíveis.

Com base no esquema apresentado, Denis trata dos treze segmentos em detalhes ao longo de suas páginas, mencionando não só os eventos em si, mas também pontos de vista diferentes sobre eles. O autor enfatiza o caráter factual ou hipotético das asserções no corpo do texto ao invés de organizar unissonamente os episódios de acordo com noções pré-concebidas. Dessa maneira, indica os procedimentos adotados na apuração dos dados e detém-se em sua análise crítica, citando frequentemente obras de referência. O tratamento dispensado ao biográfico sugere a adoção de um método racionalista como parte de um regime de verdade histórico, uma vez que Denis, evitando abordar as intenções ou os sentimentos de Camões, rejeita deliberadamente anacronismos anteriores. Com efeito, *Camões entre seus Contemporâneos* (1841) apresenta múltiplas características de um relato documental, cuja forma distancia-se das obras do *corpus* já discutidas.

As obras de referência de Denis fornecem informações tanto sobre a vida de Camões quanto sobre circunstâncias históricas relevantes. A fim de melhor apreender seus usos, pode-se dividi-las tematicamente, se ligadas especificamente ao poeta ou ao passado em geral, e temporalmente, se são fontes documentais ou trabalhos da crítica. Além disso, pode-se inferir sua existência isolada, como capítulo de revista ou de livro, ou como parte de volumes dedicados ao poeta. Percebe-se, assim, que predominam textos biográficos modernos que são adotados anterior ou posteriormente como paratextos, sugerindo a atualidade dos pontos de

¹⁷³ “faire comprendre comment, à travers les vicissitudes d’une vie sans cesse agitée, Camoens a poursuivi sa carrière”.

vista apresentados e sua legitimidade face ao legado camoniano. Entre eles, o autor menciona com mais frequência *Memoirs of the Life and Writings of Luis de Camoens* (1820), de John Adamson¹⁷⁴; *Memória Histórica e Crítica* (1821), de Francisco Alexandre Lobo¹⁷⁵; e *Luiz de Camoens* (1832), de Charles Magnin. Ressalte-se que há menções menos frequentes, mas significativas às vidas do poeta de Faria e Sousa para *Os Lusíadas* (1639) e *Rimas Várias* (1688); de Souza Botelho para *Os Lusíadas* (1817); e de Barreto Feio para *Obras Completas de Luís de Camões* (1834). Enfim, a biografia de Pedro de Mariz para *Os Lusíadas* (1613), a mais antiga que se conhece, e a parte relativa a Camões da *Oitava Década* (1786), de Diogo do Couto¹⁷⁶, que convivera com ele, são as únicas fontes primárias a que o autor remete.

As três obras mais frequentemente mencionadas são semelhantes em seus propósitos e, citando-se sucessivamente, constituem repertórios completos e atualizados acerca do legado camoniano. O trabalho de Adamson (1820, p. V), escrito em inglês e publicado em Londres, tinha como objetivo “fornecer informações relativas à vida e aos escritos de Camões conforme pudessem ser coletadas a partir dos detalhes de seus biógrafos anteriores por intermédio da leitura de seus próprios trabalhos e de uma pesquisa diligente entre artigos com ocorrência maior do que comumente rara”¹⁷⁷. Para isso, elaborou uma biografia do poeta, com comentários acerca de poemas atribuídos a ele; uma relação bibliográfica acerca de traduções e tradutores de *Os Lusíadas*; e uma listagem precisa de edições de outras obras dele.

O artigo de Lobo (1821, p. 159), editado pela Academia de Ciências de Lisboa, propunha-se a “inquirir a história do poeta mais a fundo do que até aqui o fizera, e a examinar as suas composições com grande atenção e advertido reparo”. O erudito alega ter sido motivado pela edição monumental preparada por Morgado de Mateus, sobretudo para corrigir seus excessos e garantir resultados mais imparciais¹⁷⁸, e teve acesso a edições princeps e fontes primárias bastante raras no início do século XIX.

¹⁷⁴ John Adamson (1787–1855), erudito inglês, morou alguns anos em Portugal e foi autor de obras acerca do país e de sua literatura. Foi eleito membro da Society of Antiquaries of London e nomeado cavaleiro da ordem de Cristo pela rainha de Portugal.

¹⁷⁵ Francisco Alexandre Lobo (1763-1844), bispo de Viseu, foi Ministro e Secretário de Estado dos Negócios de Portugal (1826-1827); e membro da Academia Real de Ciências de Lisboa. É autor, entre outros, de *Memoria Histórica e Crítica acerca de Luiz de Camões e das suas Obras* (1820) e *Discurso Histórico e Crítico acerca do Padre António Vieira e das suas Obras* (1897).

¹⁷⁶ Diogo do Couto (c. 1542-1616), historiador português, foi guarda-mor da Torre do Tombo de Goa e deu continuidade às *Décadas* de João de Barros, sendo autor das de número IV, V, VII, VIII e IX.

¹⁷⁷ “to give such information respecting the life and writings of Luis de Camoens, as could be collected from the details of his former biographers assisted by a perusal of his own works, and by a diligent research amongst articles of more than ordinarily rare occurrence”.

¹⁷⁸ A Academia de Ciências de Lisboa veiculou uma resenha bastante negativa acerca do trabalho de Morgado de Mateus em 1817. Ele escreveu uma carta em resposta à instituição, que a publicou em seu periódico como direito de resposta do organizador.

O ensaio de Magnin (1832, p. 146), originalmente publicado na *Revue de Deux Mondes* e posteriormente transformado em prefácio para a reedição de *Les Lusiades* (1841), pretendia “mostrar o que era a vida de um homem de letras em Portugal durante o século mais esplendoroso desse reino”¹⁷⁹. O crítico, que seria eleito para a Académie des Inscriptions et Belles-Lettres em 1838, redigiu um trabalho de fôlego que ainda não havia sido feito em francês. Em vista disso, a decisão de mencionar os três trabalhos ao invés de apenas o mais recente permitiu a Denis incluir pontos de vista variados acerca do mesmo tema, bem como interpretações dos mesmos dados por autores de nacionalidades diferentes.

Ainda que admita o caráter factual ou hipotético e introduza evidências discordantes entre si, Denis fornece uma figuração coesa e historicamente situada de Camões. Representado até então enquanto poeta da pátria, ele surge como um homem que se desloca entre a Europa e o Oriente à medida que compõe poemas e luta em batalhas. As contingências passam a afetá-lo como a qualquer indivíduo, e a ênfase no gênio ou no espírito da nação arrefece. Sobressaem-se fatos atestados por diferentes biógrafos em distintos recortes de tempo e espaço, que permitem reinserir o sujeito na história. O relato aborda, assim, os eventos justapostos e enfoca as ações ou consequências identificáveis e circunscritas aos dados, sem se deter em seus efeitos sobre o íntimo do poeta. Nesse sentido, prescinde de um eixo geral para a trajetória, de uma perspectiva subjetiva dos fatos e de um perfil psicológico delimitado, que marcam as histórias literárias anteriores. Em vista disso, a produção poética é incorporada ao texto como índice para a temporalização do biografado. Sem visar à demonstração do âmago grandioso do criador, o tratamento dispensado aos poemas privilegia indicações espaço-temporais, onde e quando foram escritos, e temáticas, o teor testemunhal e mimético de seu conteúdo. A fim de demonstrar esses argumentos, são abordados os dois primeiros segmentos do esquema e o retorno de Camões a Lisboa de Coimbra.

O autor dedica alguns parágrafos à infância do poeta, situando-a historicamente a partir de biógrafos. Inicialmente, atesta a antiguidade e nobreza do sobrenome Camões, recusando-se a estabelecer uma genealogia completa. Denis (1841, p. XVII) propõe-se a fazê-lo “sem afirmar, como Manuel de Faria e Sousa, que o sobrenome de Camões deriva do de Cadmo, que foi outrora o de um príncipe grego e de um castelo na Galícia”¹⁸⁰. Dessa feita, a reconstrução da linhagem remonta ao ano de 1370 e salta diretamente ao bisavô e ao pai do poeta, mencionando apenas três de seus membros. Descobre-se que o primeiro, não nomeado,

¹⁷⁹ “montrer ce que c’était la vie d’un homme de lettres en Portugal pendant le beau siècle de ce royaume”.

¹⁸⁰ “sans affirmer donc avec Manoel de Faria e Sousa, que le nom de Camoens dérive de celui de Cadmon qui fut jadis porté par un prince grec, et qu’on imposa à un château de la Galice”.

ganhara título e terras de Henrique II de Castela e perdera grande parte de seus bens após batalha de Aljubarrota. Lê-se, sucessivamente, que o bisavô, João Vaz de Camões, destacara-se no reino de Afonso V; e que Simão Vaz de Camões casara com Ana de Sá e Macedo, que dera luz a Luís em 1524.

À revelia da longa exposição de Faria e Sousa, as informações seletivas acerca de suas origens integram significativamente a trajetória do poeta. Por um lado, a constatação da nobreza da linhagem e sua coexistência com a pobreza da família serão relacionadas a privilégios, como a recepção na corte, e decisões, como a de iniciar uma carreira militar, posteriores de Camões. Por outro, a identificação dos progenitores faz parte da temporalização do biografado enquanto indivíduo e não apenas criador, detendo-se em dados para além da produção de sua obra.

O autor acrescenta uma nota de rodapé ao ano de nascimento de Camões, diferente do fornecido nas obras anteriores. Como diz querer poupar o leitor do exame das datas, declara a oscilação entre 1517, 1524 e 1525, e resume o estado atual do debate, remetendo a Alexandre Lobo, Charles Magnin e John Adamson. Denis assevera que a primeira data, 1517, foi unanimemente rejeitada; que Magnin e Adamson optaram por 1524; e que Lobo preferira 1525, fazendo coincidir seu nascimento com a morte de Vasco da Gama. Percebe-se, assim, que a decisão por 1524 e a ressalva acerca de 1525 indicam a confiança no método de Magnin e Adamson em oposição à escolha interessada de Lobo. Nesse sentido, Denis reconsidera o próprio ponto de vista e alia-se a dois críticos que, sem *parti-pris* aparente, reavaliaram ostensivamente o legado biográfico do poeta. Isso sugere que, se adotar fatos com alta carga simbólica sem comprovação não era problemático na narrativa biográfica e nas histórias literárias, o prefácio, profundamente factual, não pode prescindir da acuidade documental, nem sequer quando lida com o hipotético e o provável.

De volta ao corpo do texto, o autor escreve que os pais de Camões moravam na paróquia de São Sebastião no bairro da Mouraria, situando em Lisboa seu nascimento. Denis (1841, p. XVIII) acrescenta que “um exame atento dos fatos obriga a rejeitar as ambições criadas por Santarém e Coimbra”¹⁸¹. A certeza da cidade natal é seguida por conjeturas acerca de sua infância. Conforme relata, “a única coisa que se sabe (...) é que perdeu sua mãe cedo e que seu pai, que provavelmente servia como capitão de navio em expedições distantes, não

¹⁸¹ “un examen attentif des faits oblige à rejeter les prétentions qu’on élevées à ce sujet Santarem et Coimbre”.

pôde lhe dar nem conselhos frequentes, nem cuidados assíduos”¹⁸² (DENIS, 1841, p. XVIII). Em ambos os casos, aponta tacitamente para outros biógrafos e afirma o caráter indutivo, não definitivo, das asserções. Dessa maneira, o autor caracteriza o meio familiar em que o poeta cresceu e fornece índices, a morte precoce da mãe e da profissão aventureira do pai, para avaliá-lo no conjunto de sua trajetória. Sem relação direta com sua obra, esses dados apontam para uma figuração humanizada de Camões enquanto sujeito histórico.

O autor menciona sua estada em Coimbra, procurando definir a educação que recebera. Inicialmente, indaga se ele frequentara a escola de Santa Cruz em Lisboa e se a mudança de cidade ocorrera em 1537 ou 1539, indicando a falta de respostas satisfatórias. Ainda assim, Denis (1841, p. XIX) não questiona a partida e declara que Camões “deve ter encontrado em Coimbra, já em sua chegada, os cuidados mais zelosos por sua instrução e, ao mesmo tempo, os professores mais hábeis”¹⁸³. Desse modo, o autor tenta situar os estudos do poeta a partir de dados exteriores a sua biografia. Como não dispõe de testemunhos de contemporâneos a esse respeito, realiza um levantamento do que se poderia aprender naquele tempo. Com base principalmente em Laitão Ferreira e Barbosa Machado, enumera os catedráticos que se encontravam na universidade, entre portugueses e estrangeiros, e as disciplinas que ministravam. Conforme lista os mestres, apura o ensino de grego, de literatura antiga, de cosmografia, de matemática, de medicina e de história natural no estabelecimento. Em vista disso, Denis (1841, p. XXI) argumenta que Camões “não só (...) se familiarizou com os poetas da antiguidade, mas também não permaneceu estranho às ciências e estudou sobretudo com amor a história de seu país”¹⁸⁴. O caráter amplo e completo da formação, condizente com a opinião de outros biógrafos, é definido a partir de um método investigativo de consulta de fontes e não apenas inferido da leitura de obras atribuídas ao poeta. Ainda que aproximativamente, o inventário histórico permite reconstituir uma etapa importante da trajetória do biografado, que o insere no tempo histórico.

Após mencionar o fim dos estudos superiores, o autor aborda o retorno de Camões a Lisboa e as relações que estabeleceu, principalmente a amorosa. Denis defende o ponto de vista que ele, de origem nobre e empobrecida, não foi imediatamente recebido na corte. Acrescenta, no entanto, que o poeta “soube se aliar a homens de grande valor”, como

¹⁸² “la seule chose qu’on sache (...) c’est qu’il perdit sa mère de bonne heure, et que son père, servant probablement dans de lointaines expéditions comme capitaine de navire, il ne put recevoir ni de conseils fréquents, ni de soins bien assidus”

¹⁸³ “dut trouver à Coimbre, dès son arrivée, les soins les plus zélés pour son instruction, et, en même temps, les professeurs le plus habiles”.

¹⁸⁴ “non seulement (...) se familiarisa avec les poètes de l’antiquité, mais il ne resta pas étranger aux sciences, et il étudia surtout avec amour l’histoire de son pays”.

Constantino de Bragança, que “lhe facilitaram relações honradas”¹⁸⁵ (DENIS, 1841, p. XXI). Dessa maneira, aponta para a criação de laços com homens nobres, que reencontraria nas Índias, a fim de argumentar como Camões pôde circular entre eles. A indicação configura uma estratégia plausível de inserção social em uma sociedade estamental, de modo a se tornar historicamente verossímil. Se nas histórias literárias e na narrativa a recepção na corte era anacronicamente atribuída a seus talentos, em *Camões entre seus Contemporâneos* o crítico procurou uma justificativa coerente com as circunstâncias espaço-temporais a que remete. Ademais, a obra lírica do poeta menciona a amizade de diversos homens distintos e, fornecendo apenas indicações pouco precisas, permite situá-las convenientemente em diferentes momentos de sua trajetória.

A constatação do sentimento amoroso por uma dama da corte adota procedimentos semelhantes. Remetendo a um verso apaixonado, declara que Camões amou e provavelmente foi amado. Entretanto, Denis (1841, p. XXI) recusa-se a “organizar com excessiva complacência o romance de sua vida” e diz “que, nesses primeiros tempos, sua paixão teve por objeto uma dama de posição elevada e cuja mão teria sido, sem dúvida, difícil de cobiçar”¹⁸⁶. Dessa feita, o autor limita-se à descrição do perfil social da amada e suas implicações face aos lugares ocupados por ela e pelo poeta naquela sociedade. Ele insere, sucessivamente, uma longa citação de Magnin que compila pontos de vista de outros biógrafos acerca de quem teria sido essa dama, ressaltando que ele, tendo fornecido muito retratos dela, nunca a nomeou. Também menciona novamente Johan Adamson, segundo o qual o sentimento entre os dois era recíproco; e Alexandre Lobo, que nega os amores de Camões, sem corroborar os pontos de vista deles. Ademais, Denis reconhece que a poesia lírica, fornecendo uma perspectiva subjetiva da situação, sugere a reciprocidade apontada por Adamson, mas reitera que nada disso foi provado e ratifica o que dissera inicialmente. Com efeito, a abordagem da paixão detém-se na caracterização objetiva da dama e da situação, reforçando a inserção da biografia na história.

Camões entre seus Contemporâneos (1841) emprega uma metodologia que, ao indagar as fontes e os dados disponíveis com base em um juízo crítico, procura reconstituir a trajetória de Camões no horizonte da história. A parte biográfica do paratexto compreende uma tentativa de apreender objetivamente o poeta enquanto sujeito empírico, isto é, de figurá-lo enquanto homem atuante no século XVI entre a Europa e a Ásia. Dessa feita, o efeito de

¹⁸⁵ Acrescenta, no entanto, que o poeta “sut se lier avec des hommes d’une haute valeur”, como Constantino de Bragança, que “lui facilitèrent d’honorables relations”.

¹⁸⁶ “arranger avec trop de complaisance le romance de sa vie” e diz “qu’en ces premiers temps sa passion eut pour objet une dame d’un rang élevé, et à la main de laquelle il eût été difficile, sans doute, qu’il pût aspirer”.

convencimento do texto decorre da exposição judiciosa das informações e das opiniões disponíveis acerca de Camões de acordo com o que foi comprovado ou era historicamente possível. Se a admiração suscitada por ele abarcava concepções prévias sobredeterminantes nas obras anteriores, o prefácio vai de encontro a um perfil psicológico e a uma interpretação simbólica face à nação, a fim de fornecer uma visão menos inspirada e mais racional de sua vida. Com efeito, as noções de falta de reconhecimento e de silêncio dos contemporâneos ganharam um plano de fundo factual que permite reavaliar Camões em sua posição de poeta modesto e sem fortuna no lugar da de gênio predestinado à grandeza e ao sofrimento.

3.6 A VIDA DE CAMÕES EM 1854: O BIOGRÁFICO ENTRE O HISTÓRICO E O ANACRÔNICO

Camões (1854) fornece uma biografia detalhada do poeta como parte de um verbete que também compreende um comentário geral de suas obras e uma bibliografia de consulta sobre o tema. Conforme os critérios de apresentação do dicionário, a vida de Camões é predominantemente narrada, a fim de conformar uma ideia coerente e coesa de sua trajetória. Dessa maneira, Denis detém-se na exposição sucessiva de episódios mais ou menos autônomos e associa-os esporadicamente a pontos de vista de outros autores. Nessa medida, *Camões* (1854) parece ser uma versão mais concisa de *Camões entre seus Contemporâneos* (1841), pois se baseia em dados semelhantes e retoma pontos de vista anteriormente sustentados.

Compartilhadas com a obra de 1841, as fontes de referência de Denis fornecem informações tanto sobre a vida do poeta quanto sobre circunstâncias históricas relevantes. Constatam-se novamente uma preferência por textos biográficos modernos, adotados anterior ou posteriormente como paratextos, e a predominância de argumentos de Magnin, Adamson, Lobo, e Faria e Sousa. De novo, há apenas menções às pesquisas de João António de Lemos Pereira de Lacerda Filho, Visconde de Juromenha, que seriam publicadas em livro apenas na década seguinte (6 v., de 1860 a 1869); e ao *Cancioneiro de Baena*, datado do século XV e impresso pela primeira vez em 1851. O autor remete a Juromenha para definir a data e o local do primeiro exílio de Camões, bem como para anunciar descobertas dele que poderiam esclarecer seu retorno definitivo a Lisboa. Ressalte-se que o camonista português realizou “laboriosas e persistentes investigações em bibliotecas e arquivos, nomeadamente no Arquivo da Torre do Tombo” (AGUIAR E SILVA, 2011, p. 453), dando a conhecer documentos sobre a biografia do poeta e manuscritos contendo obras atribuídas a ele. Denis refere o cancionero

para indicar poemas de seus antepassados, relacionando-o marginalmente com a vida de Camões. Em suma, *Camões* (1854), mostrando-se a par de estudos camonianos então atuais, incorpora publicações recentes e divulga resultados inéditos de pesquisas contemporâneas¹⁸⁷.

Com base nos treze segmentos do esquema, o verbete veicula apenas fatos biográficos positivamente estabelecidos e evita contradições ou questões em aberto. Enquanto a obra de 1841 incorpora a biografia no interior de uma investigação histórica, a de 1854 prescinde de uma perspectiva analítica e do debate atualizado sobre os eventos. Desse modo, Denis restringe-se à exposição dos dados atestados e reitera a falta de informações sobre alguns episódios ao invés de discutir polêmicas entre autores ou formular novas hipóteses. O tratamento dispensado à vida do poeta produz uma argumentação predominantemente assertiva e isenta de avaliações críticas pontuais, incorporando eventualmente enunciados subjetivos. De fato, mesmo as menções ou citações de outros pontos de vista são coordenadas e não subordinadas no interior do texto, prescindindo de uma articulação crítica.

Denis fornece uma figuração de Camões que, tornando-se ainda mais coesa, situa-se historicamente em uma escala menor do que no prefácio de 1841 e permite vislumbrar elementos anacrônicos enfatizados nas histórias literárias. Enquanto os fatos biográficos positivamente estabelecidos reforçam sua univocidade, alguns comentários do autor sublinham aspectos romanescos do biográfico. Dessa feita, Camões aparece novamente como homem que produz poemas e se desloca entre os dois continentes, afetado por contingências. Contudo, aspectos de seu gênio ou espírito são destacados no interior da narração, sem necessariamente se deter na representação de seu íntimo ou ir de encontro à temporalização do biografado. Em vista disso, o tratamento dispensado à poesia camoniana continua a concebê-la no horizonte biográfico, sinalizando sobretudo quando foram escritas e o que representam ou testemunham. Em suma, *Camões* não se distancia de *Camões entre seus Contemporâneos* em relação à articulação da biografia e ao repertório de obras de referência utilizado, além da ausência de debate ou de avaliação crítica. A fim de demonstrar esses argumentos, são abordados os dois primeiros segmentos do esquema e a partida de Camões de Lisboa para as Índias.

O autor dedica alguns parágrafos à infância do poeta, organizando-os de maneira análoga a *Camões entre seus Contemporâneos* (1841). O encadeamento dos dados parte do ano de nascimento e da linhagem dos Camões, com a indicação dos mesmos três membros, e

¹⁸⁷ Não foram localizados documentos relativos a Juromenha na correspondência passiva de Ferdinand Denis conservada pela *Bibliothèque Sainte-Geneviève*. Por seu turno, o autor português transcreve parte de uma carta do erudito francês acerca de traduções de *Os Lusíadas* no primeiro tomo de suas *Obras Completas* de Camões (1860).

chega ao casamento de seus pais, a seu nascimento em Lisboa e ao meio familiar em que crescera. Como predomina o viés biográfico na articulação do relato, há a apuração de alguns elementos e o acréscimo de poucas informações. Desse modo, descobre-se que o primeiro antepassado chamava-se Vasco Peres Camões; e que Simão Vaz de Camões possuía uma patente da marinha portuguesa quando casou com Ana de Sá e Macedo. Em uma nota de rodapé, Denis acrescenta que o *Cancioneiro de Baena* continha quatro poemas assinados com o sobrenome da família, que podem ser atribuídos a Vasco Peres. Nessa medida, a precisão dos nomes e do cargo, bem como a indicação da descoberta poética concorreram com a precisão histórica do relato.

Apesar da predominância do biográfico, o autor insere dois enunciados que poderiam figurar nas histórias literárias. No primeiro, indica a coincidência do nascimento de Camões com a derradeira partida de Vasco da Gama para as Índias. Todavia, não incorre, à semelhança de Lobo, em uma associação interessada, evitando explorar sua carga simbólica. No segundo, retoma os sacrifícios realizados pelo pai do poeta para enviar o filho a Coimbra. Denis (1852, p. 345) reitera que esses sacrifícios foram “a fim de desenvolver, por meio de estudos substanciais, a inteligência cuja grandeza soubera sem dúvida pressentir”¹⁸⁸. Com a afirmação da intencionalidade de Simão, percebe-se a sobreposição de temporalidades distintas que torna momentaneamente anacrônica a trajetória de Camões. Por um lado, vale-se do senso comum, ao imaginar a vontade paterna querendo o melhor para ele; por outro, projeta sobre a criança o poeta que ela viria a ser, sacralizando-o precocemente. Ressalte-se que esse procedimento, encerrando o segmento acerca da infância, é retomado na construção dos demais parágrafos do texto sem afetar demasiadamente seu teor histórico.

A estada em Coimbra também é tratada de forma semelhante a *Camões entre seus Contemporâneos* (1841). O autor inclui que ele permanecera muitos anos na universidade e repete a constatação da partida, a indagação das datas e a enumeração elogiosa de professores em atividade e de matérias ministradas. Também menciona brevemente descobertas de Varnhagen em relação a Pedro Nunes, cosmólogo e matemático da instituição, que se relacionam marginalmente com o conteúdo do verbete. Ao cabo, Denis (1854, p. 346) reitera que “o poeta retirou do ensino a variedade de doutrina, que é uma de suas características, e o conhecimento do mundo físico, cujos detalhes desvendou com a mais sublime das

¹⁸⁸ “afin de développer par de fortes études une intelligence dont le premier sans doute il avait su pressentir la grandeur”.

linguagens”¹⁸⁹. Reestabelece, assim, o vínculo entre educação formal e obra poética sem incorrer em anacronismos. A investigação em que se baseia permite não só substanciar um episódio da biografia, mas também situar seus poemas entre práticas letradas humanistas. Nesse sentido, o gênio de poeta não parece ter se desenvolvido à margem do contato com os mestres ou apesar deles. Denis, associando a criação a saberes provenientes da universidade e compartilhados por uma comunidade, colabora com a temporalização da produção poética de Camões. Além disso, não há modificações e acréscimos notáveis nesse segmento em comparação à obra anterior.

O autor aborda a viagem de Lisboa rumo às Índias de forma diversa a *Camões entre seus Contemporâneos* (1841). Após constatar a impossibilidade de esclarecer a partida do poeta, Denis (1854, p. 58) indica três razões que “bastavam, sem dúvida, para imprimir a seu adeus a característica de amargura profunda que aparece em uma de suas cartas”¹⁹⁰: a necessidade de deixar o país, o isolamento em que se encontrava e o desejo de realizar grandes feitos. Ele define, com base nas missivas, o estado de espírito de Camões que culminou com a decisão, conferindo um elemento subjetivo ao episódio. Dessa feita, a falta de fatos positivamente estabelecidos é suplantada por seu raciocínio lógico que lança mão de uma perspectiva anacrônica para complementar o evento. Denis parafraseia, sucessivamente, um comentário de Alexandre Lobo que, face ao tradicional adeus eterno do poeta, procura apaziguar a amargura da carta. Conforme conta, ele, poucas horas depois da partida da armada, voltou seu olhar a Portugal para procurar no horizonte as colinas de Sintra, sugerindo a força de seu vínculo com o país, apesar de tudo. Destaca-se que a figuração de Camões enquanto poeta da pátria, evidente nesse trecho, costuma surgir entre cenas ou episódios do verbete, sem se tornar o centro da composição.

No parágrafo seguinte, Denis retoma fatos biográficos positivamente estabelecidos. Por meio da parataxe, ordena os episódios que conformam a viagem do poeta de Lisboa até chegar a Goa. A narração justapõe uma tempestade marítima, de que a embarcação de Camões foi a única a sair ilesa; e a tomada da Ilha de Pimenta, cujo conflito envolvia o príncipe de Porca. Desse modo, o autor detém-se nos dados e reforça o caráter factual do relato. Descobre-se que o navio chamava-se São Bento, comandado por Fernão Álvares Cabral, bem como que a viagem transcorreria em 1553, e a expedição guerreira em 1554. Nessa medida, o caráter predominantemente histórico do relato é frequentemente intercalado

¹⁸⁹ “le poète puisa dans leur enseignement cette variété de doctrine qui est un de ses caractères, et cette connaissance du monde physique, dont il voila les détails sous le plus sublime langage”.

¹⁹⁰ “suffisait sans doute pour imprimer à ses adieux ce caractère d’amertume profonde qui paraît dans une des lettres”.

por elementos anacrônicos. De fato, o verbete biográfico torna-se, concomitantemente, documental e projetivo, pois destaca eventualmente elementos simbólicos em uma composição predominantemente factual.

Camões (1854) faz interruptamente menções ao caráter do biografado, como nos livros dos anos vinte, e vale-se sobretudo de sentenças historicamente situadas, como no paratexto de *Les Lusíades* (1841). Conforme convém a um verbete, a trajetória do poeta torna-se ainda mais coesa e coerente na medida em que predomina uma narração uníssona dos fatos. Nesse sentido, as obras de consulta são evocadas como repertório de informações válidas e não referências para fomentar discussões. Mesmo que compartilhe características formais com *Camões entre seus Contemporâneos* (1841), a entrada diferencia-se demasiadamente do paratexto, ao evitar pontos de vista discordantes e avaliações críticas mais substanciais. Além disso, a incorporação de enunciados e de articulações romanescas faz sobressair, em meio dos dados, figurações da subjetividade ou do gênio de Camões. Sem afetar a objetividade histórica pressuposta, os comentários acerca de suas motivações e de seus sentimentos apontam para a forma como vinha sendo transmitido seu legado na França do século XIX. Em suma, *Camões* (1854) conforma uma síntese das maneiras de apreensão da vida do poeta por Ferdinand Denis, tal como constatadas ao longo deste capítulo; e oferece, concomitantemente, uma versão de sua biografia potencialmente interessante tanto ao erudito quanto ao amador que se decidisse a ler a entrada.

4 FERDINAND DENIS, LEITOR DE CAMÕES

Ferdinand Denis aborda, direta e indiretamente, o legado poético de Camões em todos os livros do *corpus*, exceto no *Quadro Histórico, Cronológico das Literaturas Portuguesa e Brasileira* (1827). *Obras-Primas do Teatro Português – Gomes, Pimenta de Aguiar, Antônio José* (1823), *Camões e José Índio* (1824), *Resumo da História Literária de Portugal* (1826) e *Les Lusíades* (1841) fornecem excertos diversos, de acordo com o escopo de cada obra, da dramaturgia, da épica, da lírica e da epistolografia atribuídas ao poeta. *Camões* (1854) e *Novo Manual de Bibliografia Universal* (1857) mencionam livros que conservam e transmitem poemas, peças e cartas. Em linhas gerais, as leituras propostas, com suas significações adjacentes, convergem para uma figuração de Camões enquanto poeta de gênio, cujos escritos emanam seu espírito e conservam parte de sua vida.

As formas de inscrição e os modos de inserção dos textos variam com relação a especificidades da vertente e da obra em questão, repetindo-se ao longo do *corpus*. O tratamento dispensado a poemas, peças e cartas incorpora-os parcial e integralmente a partir dos procedimentos textuais de citação, menção, paráfrase e comentário. Os sentidos conferidos a eles decorrem principalmente dos vieses testemunhal e mimético, apresentando-os como parte da trajetória biográfica de Camões. Em vista disso, discutem-se diacronicamente a apropriação e apresentação de obras atribuídas a Camões, de modo a depreender práticas e protocolos de leitura imbricados nos livros de Denis.

4.1 O *CORPUS* CAMONIANO EM 1823: *EL REI SELEUCO* ENTRE OS SÉCULOS XVI E XIX

Em *Notícia sobre o Teatro Português* (1823), Ferdinand Denis menciona as três peças atribuídas a Camões e aborda duas delas, dando-as a conhecer em francês a partir de sua contemporaneidade. De acordo com o prefácio, o interesse em analisá-las deveu-se sobretudo ao prestígio do poeta, já que sua dramaturgia “ficou abaixo de seu talento, e *Filodemo*, *Seleuco* e *Anfitriões* nada acrescentam à sua glória” (DENIS, 2007, p. 29)¹⁹¹. Desse modo, a seção do paratexto dedicada ao teatro camoniano organiza-se em torno de comentários sobre suas formas, do resumo de seus enredos e da elaboração de algumas impressões de leitura.

¹⁹¹ “est resté au-dessous de son talent ordinaire, et *Filodemo*, *Seleucus*, ainsi que les *Amphitryons*, n'ajoutent rien à sa gloire” (DENIS, 1823, p. 16).

Denis detém-se em *El Rei Seleuco*, discute sumariamente *Filodemo* e não escreve sobre *Anfitriões*, alegando ser uma imitação de Plauto. Acrescenta-se que o autor, antes de evocá-las individualmente, ressalta a importância de seu pioneirismo enquanto tentativa de se criar um teatro próprio, permitindo desvelar o gênio de Camões para além de *Os Lusíadas*.

Para introduzir *El Rei Seleuco*, Denis enuncia o mote da peça, a intriga amorosa entre Antíoco, Estratônica e Seleuco, e associa-o a uma inclinação lírica do poeta, conforme apresentado no capítulo anterior. De imediato, percebe-se uma concepção prévia de Camões que medeia, concomitantemente, a forma como ele se apropria do auto e o reelabora no interior do paratexto. O autor menciona, sucessivamente, que se trata de uma obra versificada, sem precisar em que medida, e fala de seu prólogo em prosa, que, assim como a organização geral do drama, parece provocar um estranhamento:

Ainda que escrita em versos, é precedida por um prólogo em prosa, em que o Escudeiro conchama os espectadores a fruir o espetáculo que se prepara; um moço interrogado por alguns interlocutores diz alguns gracejos desagradáveis que hoje não toleraríamos e que não têm nenhuma relação com a peça. Entretanto, parece que, no discurso feito ao final pelo Representador, o poeta tem a intenção de criticar a desordem que reinava em muitos autos; e é preciso convir que o andamento da peça é extremamente simples. Esta pequena comédia não se divide em atos ou em cenas; anuncia-se que tal personagem entra e fala, sem que o jogo de atores seja indicado. (DENIS, 2007, p. 29-30)¹⁹²

A necessidade de descrever o prólogo em prosa e a recorrência das negativas ao falar da falta de subdivisões ou seções na peça sugerem a pouca familiaridade de Denis ou de seu leitorado com essa forma teatral. O gênero auto, conforme se desenvolveu na Idade Média europeia, abarca peças simples e curtas compostas com finalidade moralizante para encenação em espaços públicos. Diferentemente, a dramaturgia francesa durante a Restauração (1814-1830) costumava seguir o paradigma da poética clássica que, caracterizado pelo decoro e elevação da linguagem desde o século XVII, conformava peças longas em diversos atos, estruturados em torno de peripécias e de sua resolução, e destinadas à montagem em teatros¹⁹³. Nessa medida, a menção aos gracejos desagradáveis, apontando para uma presença disfórica no corpo do texto, sublinha a ilegibilidade de um de seus elementos no contexto de publicação da antologia. A apresentação de *El Rei Seleuco* revela, assim, uma prática de

¹⁹² Quoique écrite en vers, elle se trouve précédée par un prologue en prose, où le maître du logis engage les auditeurs à venir jouir du spectacle qui se prépare ; un gracieux interrogé par quelques interlocuteurs, dit quelques mauvaises plaisanteries qu'on ne pourrait guère souffrir de nos jours, et qui n'ont aucun rapport avec la pièce. (...) Cette petite comédie n'est divisée ni en actes, ni en scènes ; il est annoncé que tel personnage entre et parle, sans que le jeu des acteurs soit indiqué. (DENIS, 1823, p. 17)

¹⁹³ Pode-se dizer que a dramaturgia francesa permaneceu predominantemente clássica, na esteira de Molière e Racine, até o desenvolvimento do que se convencionou chamar de teatro romântico, publicado e encenado sobretudo a partir dos anos trinta do século dezanove.

leitura que, convertendo-se em estratégia textual, permite aos leitores ter uma noção geral de sua forma por meio do contraste com a dramaturgia de que eram contemporâneos. Com efeito, as ressalvas de Denis os previnem de características do auto e evitam que eles, ao tomarem conhecimento de seu enredo, tentem submetê-lo às formas do teatro clássico francês.

Denis fornece uma paráfrase do enredo da peça, centrado nas ações dos personagens, e um excerto em francês de seu desfecho. O príncipe Antíoco, apaixonado por sua madrasta, encontra-se em um estado de prostração, e o rei Seleuco chama um médico para tratar de seu filho. Esse médico, dando-se conta da razão de seu mal estar, decide agir para fazer com que o monarca conceda a mão da rainha a seu herdeiro. O excerto compreende, assim, o diálogo entre ele e Seleuco em que, dizendo que o herdeiro está apaixonado por sua esposa e que prefere deixá-lo morrer a suportar desonra de perdê-la, manipula o monarca para assumir que ama mais o filho do que à mulher, permitindo a união de Estratônica e Antíoco. Dessa feita, o resumo do auto, sintético e claro, antecede a citação, ponto culminante da comédia, e permite ao leitor ter acesso ao texto por meio da tradução. Pode-se dizer que a paráfrase e a citação, encadeadas sem hesitação, indicam que Denis soube reelaborar sua leitura da peça no interior do prefácio e selecionar um extrato suficientemente interessante e compreensível no contexto do paratexto. De fato, um leitor, sem necessariamente ter lido *El Rei Seleuco*, passa a ter uma ideia bastante precisa de seu enredo e pode ter acesso direto ao enlace da comédia, talvez a parte mais suscetível de provocar riso no século XIX.

O autor encerra a análise e reitera tê-la feito em função, concomitantemente, da reputação de seu dramaturgo e das particularidades do gênero auto. Após evocar a regularidade do encadeamento de *El Rei Seleuco*, Denis (2007, p. 32) declara que “o assunto comporta outro estilo” e que “é difícil imaginar como o admirável Camões não tirou partido de situações que se achavam indicadas, para expor o encanto que se encontra em suas poesias”¹⁹⁴. Dessa maneira, a exposição e a avaliação do drama, mediadas pela concepção prévia da grandeza do poeta, destacam a disparidade de sua qualidade em relação ao resto de seu *corpus* poético. Mesmo que permaneça muito aquém do que se espera e do que se pode ler dele, a peça merece consideração por ter sido escrita por Camões. Em vista disso, constata-se uma prática de leitura que, motivada pela autoria do texto e sua singularidade em detrimento de sua exemplaridade retórico-poética, conforma uma ideia moderna de literatura

¹⁹⁴ “le sujet comportait un autre style” e “il est difficile d’imaginer comment l’admirable Camoëns n’a point profité des situations qui se trouvent indiquées, pour déployer le charme qu’on retrouve dans ses autres poésies” (DENIS, 1823, p. 21).

à revelia do paradigma das belas-letras, partilhada e defendida por outros escritores desde o começo do século XIX.

A exposição de *Filodemo*, mais breve do que a de *El Rei Seleuco*, possui estratégias de apresentação semelhantes, mas não fornece qualquer excerto. Para introduzir a peça, Denis assinala novamente suas diferenças em relação ao teatro clássico francês: não há subdivisões em atos e as unidades de tempo, de espaço e a verossimilhança não são respeitadas. A paráfrase do enredo parece procurar corroborar a caracterização em negativo do auto, pois o autor justapõe as ações dos personagens, sem fornecer um mote. Ele pontua a presença de atores “cujos gracejos são de muito mau gosto” e “e que não concorrem para o andamento da peça” (DENIS, 2007, p. 33)¹⁹⁵. Ainda assim, sublinha o estilo “mais harmonioso, e sobretudo mais poético que o das outras duas comédias” (DENIS, 2007, p. 33)¹⁹⁶, sem especificar ou exemplificar esses enunciados. Dessa feita, a reelaboração de sua leitura, menos demonstrativa e mais assertiva do que a anterior, insiste nos defeitos e falhas do auto, sem favorecer uma apreensão global da trama. Nesse sentido, insiste no efeito geral da leitura de *Filodemo* e não fornece outros elementos de compreensão a seu leitor, limitando-o a acreditar ou não no que diz. De fato, Denis (1823, p. 23) ressalta que, apesar de “extravagâncias, encontramos em *Filodemo* algumas cenas agradáveis; e talvez o gênio de Camões mostre-se aí mais que em *Seleuco* e em *Anfitriões*”¹⁹⁷.

Notícia sobre o Teatro Português (1823) limita o acesso ao *corpus* camoniano, ao veicular um curto excerto de apenas uma das três peças e materializa uma leitura que, mediada por uma concepção prévia de Camões, enquadra os autos em relação ao teatro francês do começo do século XIX. Constata-se, assim, um falso paradoxo entre o interesse pela dramaturgia decorrente de seu autor e a inconformidade dos textos ao paradigma contemporâneo, apontando para a ilegibilidade desse tipo de drama no presente de Denis. Isso sugere que *El Rei Seleuco*, *Filodemo* e *Anfitriões* prestam-se mais a uma leitura curiosa, motivada pelo gênio do poeta, do que a uma leitura investida de valores morais ou visando à fruição. Ademais, *Obras-Primas do Teatro Português*, que privilegiou a tradução de dramas relativamente recentes, constitui-se enquanto uma oferta de grande público com forte apelo comercial. Nesse sentido, a preferência por tragédias neoclássicas e uma comédia jocosa, em detrimento de autos e de peças mais antigas, parece decorrer do caráter de empreendimento

¹⁹⁵ “dont les plaisanteries sont d’assez mauvais goût” e “qui ne concourent guère à la marche de la pièce” (DENIS, 1823, p. 23).

¹⁹⁶ “plus harmonieux, et surtout plus poétique que celui des deux autres comédies” (DENIS, 1823, p. 23).

¹⁹⁷ “toutes ces bizarreries, on trouve dans *Filodemo* quelques scènes agréables; et peut-être le génie de Camoëns s’y montre-t-il davantage que dans *Séleucus* et dans *Amphitryon*” (DENIS, 1823, p. 23).

editorial da publicação. Em vista disso, o leitor da antologia, potencialmente capaz de resumir *El Rei Seleuco* e de exprimir suas impressões do trecho traduzido, tem acesso apenas indireto à forma e ao conteúdo de *Filodemo* e só pode imaginar *Anfitriões* por intermédio de Plauto, caso tenha familiaridade com suas peças. Em suma, as possibilidades efetivas de se conhecer a dramaturgia camonianiana são: lê-la no original, caso tenha noções de português; esperar sua tradução, que não ocorre no século XIX; ou acreditar no que escreve Denis, cuja *expertise* no assunto é, doravante, reconhecida e reiterada.

4.2 O *CORPUS* CAMONIANO EM 1824: A POESIA PELOS VIESES DA MÍMESE E DO TESTEMUNHO

A escrita de *Camões e José Índio* (1824) apropriou-se de obras atribuídas ao poeta no corpo e nas margens da narrativa, de modo que a composição, adotando a tradução como procedimento ficcional, imbrica maneiras de ler e de transmitir seu legado poético. Tendo em vista o teor biográfico da ficção, as vertentes presentes abarcam a épica, a lírica e a epistolografia, sem fazer menção ao teatro; e situam-se principalmente na rememoração de Camões e em seu leito de morte. As formas de inscrição dos poemas e cartas compreendem a citação, a menção e a paráfrase em francês no corpo do texto, com a possibilidade de indicação ou transcrição do original em rodapé. Os modos de inserção, isto é, os usos que deles são feitos podem ser definidos, em linhas gerais, a partir de três pontos de vista: o do imaginário, quando deles se depreendem motivos deslocados da fonte textual; o da mimese, quando deles se extraem factuais biográficas ou descritivas; e o do testemunho, quando servem como manifestação direta de Camões a respeito de um evento ou indivíduo. A fim de mostrar como se articulam no interior da narrativa, serão discutidos alguns casos, de acordo com cada vertente, no que diz respeito às formas de inscrição e aos modos de inserção.

Os Lusíadas inscrevem-se na ficção como um repertório de motivos e frases lapidares que, sem necessitar de uma referência textual estrita, remetem ao imaginário camoniano de maneira abrangente. A epígrafe “Vereis amor da pátria não movido / De prêmio vil, mas alto e quase eterno” (DENIS, 1824, p. 409), retirada do canto I e colocada em português na folha de rosto, indica como mote da ficção o amor incondicional do poeta pela pátria, que não foi por ela reconhecido. Analogamente, o trecho “Mais qui peut éviter les pièges que l’amour couvre des fleurs ?” (DENIS, 1824, p. 425), que corresponde a versos do canto III citados no

original em rodapé¹⁹⁸, insiste, desta vez em relação a Ataíde, no teor passional de sua trajetória para além da devoção a Portugal. Em ambos os casos, depreende-se uma concepção global acerca do poema épico e, concomitantemente, uma apropriação seletiva de passagens condizentes com essa concepção, que se reforça à medida em que avança a leitura de *Camões e José Índio*.

Em momentos distintos de sua rememoração, a fala de Camões incorpora dois excertos que materializam aquela apropriação seletiva da epopeia: do canto VII, entre aspas sem referência, “tenant mon épée d’une main, guidant la plume avec l’autre”¹⁹⁹ (DENIS, 1824, p. 431); e do canto X, entre aspas com a indicação do respectivo canto em rodapé, “Hélas ! ma lyre sera plus célèbre qu’elle ne doit être heureuse”²⁰⁰ (DENIS, 1824, p. 441). O primeiro, que, em *Os Lusíadas*, corresponde a uma exclamação do aedo às musas, é deslocado para servir de emblema a um período da vida do poeta em que coexistem criação poética e atividade guerreira. O segundo, que provém do discurso de Tétis face à máquina do mundo, é usado por Denis para encerrar a narração acerca do naufrágio em que Camões se viu forçado a nadar com uma mão e a segurar seu manuscrito acima das águas com a outra. Dessa maneira, esses trechos, desvinculados do contexto estrito da epopeia, adquirem, graças à ausência de referencialidade de sua construção verbal, uma autonomia relativa a serviço da concepção global acerca de Camões e suas obras. Dito de outro modo, a construção imagética dos versos desprende-se de *Os Lusíadas* e, em função da ideia generalizante do poeta de gênio que se dedica ao amor e à pátria, passa a existir e a ser difundida à parte da obra que as originou. Com efeito, a materialidade das citações, que contém aspas sem indicar a fonte ou indicando-a genericamente, sugere uma prática de leitura que, reforçando graficamente aquela autonomia, condiciona uma recepção da epopeia aforística e a serviço do presente.

Analogamente, há menções a elementos de *Os Lusíadas* que, bastante fortuitos em relação à história da narrativa, materializam a difusão autônoma de algumas partes em detrimento do todo. São eles: a máquina do mundo, casualmente aludida por José Índio antes de desembarcar em Portugal; Inês de Castro, evocada como aparição fruto de sua imaginação precoce; e Adamastor, referido no instante de sua suposta invenção. A expressão, inscrita sem aspas e retirada do Canto X, torna-se um sinônimo de universo e passa a existir como conceito independente. A rainha, cuja história é apresentada no canto III, é seguida de uma nota que corrobora a popularidade do episódio resultante de sua recepção. O nome do gigante, que

¹⁹⁸ “Quem pode livrar-se por ventura / Dos laços que amor arma brandamente?” (DENIS, 2014, p. 30).

¹⁹⁹ “Nũa mão sempre a espada e noutra a pena” (DENIS, 2014, p. 33).

²⁰⁰ “Naquele cuja Lira sonora / Será mais afamada que ditosa!” (DENIS, 2014, p. 40).

aparece no Canto V, é indicado entre aspas e recebe uma nota remetendo a sua localização no poema. Nos três casos, percebe-se uma disseminação desses elementos enquanto motivos ou esquemas narrativos breves em vez de uma sequência complexa de versos. Novamente, a unidade da epopeia fragmenta-se em excertos cujo valor exegético ou heurístico garante sua relativa autonomia, de modo a formar imagens deslocadas de sua origem e passíveis de uma difusão mais ampla. Com efeito, a temática camoniana associada a *Os Lusíadas* parece prescindir da leitura efetiva do poema, circulando globalmente no imaginário letrado francês da primeira metade do século XIX²⁰¹.

A lírica inscreve-se em *Camões e José Índio* enquanto texto poético na forma de menções, específicas ou genéricas, e de citações, parciais ou integrais, de modo a serem salientadas suas qualidades miméticas ou testemunhais no interior da composição. À exceção de duas sequências de versos não identificadas²⁰², são encontrados na narrativa: quatro sonetos (“Oh como se me alonga de ano em ano”; “Em flor vos arrancou de então crescida”; “Um mover de olhos, brando e piedoso”; “Alma minha gentil, que te partiste”), duas elegias (“O sulmonense Ovídio, desterrado”; “O poeta Simônides, falando”), duas canções (“Junto de um seco, fero e estéril monte”; “Já a roxa manhã clara”) e duas redondilhas (*Disparates seus na Índia*; “Sôbolos rios que vão”)²⁰³. Evocadas predominantemente na rememoração do poeta, assinalam uma maneira de narrar que alterna entre o relato passado dos acontecimentos e a presentificação do instante por meio da poesia traduzida²⁰⁴. Reitera-se que a lírica camoniana não contava até então com uma difusão significativa em francês, de modo que a ficção biográfica coloca-os em circulação pela primeira vez na França.

Os sonetos “Um mover de olhos, brando e piedoso”, “Alma minha gentil, que te partiste” e “Oh como se me alonga de ano em ano”, citados integralmente em francês com menção do original em rodapé, servem como palavras do poeta-empírico a três momentos distintos de sua trajetória como poeta-personagem. O primeiro remete às características de Ataíde que, quando se conheceram, encantaram-no. O segundo e o terceiro surgem como manifestações de seu estado de espírito quando, respectivamente, a amada falece, sem que

²⁰¹ Tendo em vista as maneiras como o legado camoniano foi transmitido e recebido na França, a referência genérica a passagens de *Os Lusíadas* e a circulação de enunciados isolados atribuídos ao poeta não são uma prática restrita a Ferdinand Denis. Conforme se pôde parcialmente demonstrar no primeiro capítulo, comentários críticos e apropriações literárias partem de um número restrito de passagens e não favorecem um conhecimento global do poema. Ademais, o volume em que se encontra *Camões e José Índio* constitui-se como uma edição para grande público e não para um público especializado, reforçando a hipótese apresentada.

²⁰² Trata-se de citações de segunda mão que não contam com a referência do original em rodapé.

²⁰³ Este trabalho baseou-se nas edições das rimas de Camões preparadas por Cleonice Berardinelli (CAMÕES, 1980) e Emmanuel Pereira Filho (CAMÕES, 1974).

²⁰⁴ Ressalta-se que as traduções de Denis, condizentes com o paradigma de tradução de poesia da época (LOMBEZ, 2008), visam sobretudo ao conteúdo do poema e não procuram reestabelecer suas rimas e métrica.

pudesse dela se despedir; e ele se encontra, aborrecido e desesperado, em Sofala. Dessa maneira, a inserção dos poemas reforça a eficácia das descrições no interior da narração e reveste as passagens de um caráter testemunhal, insistindo indiretamente na fidelidade do relato. Ao prescindir do discurso indireto, a inserção de escritos atribuídos a Camões coloca o leitor em contato direto com os poemas em tradução, dando-os a conhecer e permitindo sua apreciação sem a mediação do discurso crítico.

Já o soneto “Em flor vos arrancou de então crescida” é mencionado em rodapé como fonte do relato memorialístico empreendido pelo poeta. Com bastante pesar, Camões fala a José Índio da morte de D. Antônio de Noronha, que então considerava seu último amigo ainda vivo. O parágrafo, cuja retórica parte da descrição vaga à revelação apoteótica do nome e do que aconteceu, contém uma nota em que se lê: “ver o Soneto XII em que lamenta a morte desse jovem” (DENIS, 2014, p. 77)²⁰⁵. O poema, evocado como referente de um episódio biográfico, serve de índice de fiabilidade aos fatos da narrativa sem, no entanto, ser disponibilizado em *Camões e José Índio*. Nessa medida, a apropriação do texto decorre de sua factualidade pretensamente biográfica que, em vista de sua não inserção no livro, não pode ser corroborada ou refutada. É interessante notar que, mesmo sem dá-lo a ler, a obra oferece para sua recepção um contexto fortemente emotivo, coerente com o dos demais sonetos. De fato, o leitor, provavelmente frustrado, teria de esperar até 1841 para ter acesso a seus versos, que Denis incorpora ao apêndice de *Les Lusiades*.

As canções, citadas parcialmente em francês com menção do original em rodapé, apresentam formas de inscrição e modos de inserção semelhantes aos dos sonetos. Logo após relatar a morte de Noronha, Camões fala de sua estada no estreito de Ormuz como não propícia à dissipação de seus desgostos. Dessa feita, dezesseis versos de “Junto de um seco, fero e estéril monte”, cuja construção verbal não denota um referente estrito, colocam em cena a paisagem árida da região e seu estado de espírito melancólico. Diferentes versos do mesmo poema descrevem, concomitantemente, o que ele vê e o que sente com suas próprias palavras. Mais adiante, após voltarem ao navio para recuperar seus bens, Camões decide recitar um poema para celebrar a alvorada enquanto retornam ao porto. Assim, três estrofes de “Já a roxa manhã clara” sucedem-se para marcar a duração do trajeto. O poema, que também não dispõe de referente claro, insere-se no presente ficcional da narrativa e permite mostrar o poeta em ação²⁰⁶. Em vista disso, as canções são veiculadas como registro da intimidade de

²⁰⁵ “V. Le sonnet 12 où il déplore la mort de ce jeune homme” (DENIS, 1824, p. 435).

²⁰⁶ Ressalte-se que, no enredo proposto por Denis, o sucesso da declamação é tamanho, que os remadores recusam-se a receber o soldo, tomando-a como seu pagamento.

Camões e da exterioridade de sua trajetória, atrelando-se definitivamente à concepção vida-obra que medeia, na *longue durée*, a transmissão de seus poemas

Os versos da lírica camoniana, os mais numerosos de *Camões e José Índio*, foram compreendidos e incorporados como expressão do poeta e não como uma forma literária. Nessa medida, tanto sua tradução do português ao francês quanto sua recontextualização no interior da narrativa implicam práticas de leitura bastante estritas. Dessa feita, as apropriações dos poemas condicionam uma recepção biograficamente fundamentada e orientada pelas funções mimética e testemunhal de seu conteúdo²⁰⁷. Novamente, os leitores têm acesso a trechos que, estrategicamente selecionados, concorrem com uma concepção unívoca do poeta. À revelia dessa aparente homogeneidade, percebe-se um interesse em dá-los a conhecer em detrimento de sua paráfrase ou simples menção, ainda que o espaço do livro não permita uma inclusão ostensiva dos textos. Com efeito, as obras posteriores de Denis, que compartilham a postura de *Camões e José Índio*, continuam a investir, em diferentes escopos, na circulação em francês da lírica de Camões.

A epistolografia insere-se em *Camões e José Índio*, à semelhança da lírica, a partir de seu conteúdo segundo um ponto de vista testemunhal. Ao todo, encontram-se três citações curtas que descrevem exclusivamente estados de espírito do poeta. Entre tristeza e raiva, são associadas aos momentos em que ele: parte voluntariamente para a Ásia, declarando nunca mais retornar a Portugal; é injustamente acusado de apropriação indevida de bens; e acha-se moribundo em seu leito de morte. A primeira ocorrência remete especificamente, em rodapé, à “primeira carta” (DENIS, 2014, p. 76)²⁰⁸, mas as demais indicam genericamente suas missivas. Percebe-se, assim, que, à semelhança de *Os Lusíadas*, a presença das epístolas corresponde mais a uma tradição de citação do imaginário camoniano do que à prática de dar a conhecer textos inéditos em francês. Os excertos, associados aos mesmos episódios, são encontrados em diversos paratextos acerca da vida do poeta tanto na França quanto em Portugal, apontando para uma prática de leitura que, não exclusiva a *Camões e José Índio*, ocorre desde o século XVII. De fato, as formas como os excertos inscrevem-se na narrativa, ecoando ao longo do *corpus*, não só sugerem uma apropriação de segunda mão da parte de Denis, mas também uma inserção secundária em relação às demais vertentes.

Camões e José Índio coloca em circulação parte do *corpus* camoniano em francês e oferece possibilidades de difusão para além da narrativa. Apesar de inseri-los conforme

²⁰⁷ Reitere-se que essa concepção não é exclusiva de Ferdinand Denis e diz respeito a práticas significativas de transmissão do legado camoniano, como as de Faria e Sousa no contexto ibérico e as de Alexandre Sané no contexto francês.

²⁰⁸ “Lettre première” (DENIS, 1824, p. 432).

protocolos de leitura bastante restritos, o interesse em se apropriar deles, decorrente de uma imagem do poeta e de sua trajetória, produz uma obra que incita os leitores a procurar e os editores a financiar livros e revistas contendo poemas de Camões. A materialidade da narrativa, que remete constantemente aos textos, parece simular esse movimento hipertextual de buscar aquilo que não se encontra necessariamente no mesmo volume. Com efeito, a publicação do vate português na França multiplicou-se sensivelmente a partir dos anos trinta e, no que diz respeito a Denis, culmina na edição de *Les Lusíades* (1841), a ser tratada mais adiante.

4.3 O *CORPUS* CAMONIANO EM 1826: ENTRE A PARÁFRASE E A CITAÇÃO

O *Resumo da História Literária de Portugal* (1826) fornece excertos de todas as variantes do *corpus* camoniano²⁰⁹. Conforme dito anteriormente, o caráter crítico do livro decorre da apresentação de obras atribuídas ao poeta por intermédio da paráfrase, do comentário de texto e da inserção de trechos que ilustrem ou exemplifiquem o que é dito. Dessa feita, as formas de inscrição e os modos de inserção dos poemas, peças e cartas constituem um dispositivo de instrução e fruição acerca do legado poético de Camões. O escopo da história literária, parte de uma coleção de resumos, procura sobretudo dar a conhecer sinteticamente os textos com base em ideias e valores imbricados em sua leitura e transmissão. Em vista disso, discute-se sistematicamente a prática de citação e os protocolos de leitura consequentes da épica, da lírica e da dramaturgia do poeta, que constituem os núcleos dos capítulos VIII, IX e XI²¹⁰.

Denis aborda ostensivamente *Os Lusíadas* no *Resumo* e fornece excertos, de extensão variável, para episódios específicos de oito dos dez cantos. Diferentemente de *Camões e José Índio*, os trechos inseridos na obra procuram dar a conhecer a epopeia enquanto poema no contexto da história literária, sem necessariamente sugerir sua leitura integral em francês. O ponto de vista do imaginário, determinante da presença genérica e lacunar do épico na narrativa biográfica, passa a orientar a seleção de fragmentos segundo as passagens mais conhecidas e apreciadas no presente da publicação. Com efeito, a preferência por um

²⁰⁹ Denis aborda o poema místico *Da Criação e Composição do Homem* que, inicialmente atribuído a Camões, tem sua autoria posteriormente conferida a André Falcão de Rezende. Como o autor arrola a suspeita de falsa atribuição já no interior do *Resumo*, ele não será levado em consideração. Acrescenta-se que ele afirma ter dificuldades em compreendê-lo; e que as citações procuram ilustrar os comentários do texto, principalmente sua obscuridade.

²¹⁰ A epistolografia, mencionada de maneira dispersa e genérica, não será levada em consideração.

respectivo episódio pode ser inferida a partir do espaço que ocupa no livro, bem como da quantidade e proporção das citações que fornece.

Conforme indicado em rodapé, as citações são feitas a partir da tradução de Millié (1825). Sobre essa decisão, Denis (1826, p. 79) acrescenta que, “se tivéssemos apenas as duas antigas versões [de Castera e de La Harpe e d’Hermilly], teria tentado retraduzir as passagens citadas; mas, desde que possuímos a nova, seria uma temeridade fazê-lo”²¹¹. Ademais, o autor lamenta, em relação à Ilha dos Amores, que o espaço do livro impeça-o de “tomar emprestado este episódio encantador da tradução de Millié”²¹² (DENIS, 1926, p. 119). Em vista disso, percebe-se como a impressão de *Les Lusiadas* no ano anterior parece ter afetado a circulação do épico na França, ao propor uma versão mais moderna, cuja apreciação imediata na imprensa fora predominantemente positiva, e acessível a um público mais amplo, que podia adquiri-la em pequeno formato nas livrarias.

No capítulo VIII, Denis (1826, p. 76) assevera ser necessário, para melhor poder analisar e conceber as belezas do épico, transportar-se ao pico da colina em que “Vasco da Gama é conduzido por uma divindade, que o faz contemplar os gloriosos destinos de Portugal”²¹³. A ideia de se deixar invadir pelo espírito do poeta retorna e remete ao momento em que Tétis revela a Máquina do Mundo ao navegador. A apreensão global da epopeia no interior da história literária deriva, assim, desse gesto de contemplação que metaforiza a leitura do poema proposta. O autor transfigura-se em Tétis, *Os Lusíadas* transforma-se na máquina do mundo, e o leitor assume a posição contemplativa, entre curiosa e interessada, de Vasco da Gama face à divindade.

Ao longo da análise canto a canto, Denis insere dezoito excertos de *Os Lusíadas*. A fim de identificar cada citação, foi elaborado o quadro a seguir que sinaliza de onde vêm, o que veiculam e como se articulam à paráfrase da epopeia. Pode-se extrair, assim, algumas conclusões gerais quanto às funções que os trechos exercem e aos protocolos de leitura que implicam.

Quadro 3 - Citações de <i>Os Lusíadas</i> no Resumo da História Literária de Portugal				
Canto	Episódio	Conteúdo	Nº de linhas	Uso:
I	Concílio dos	Marte aproxima-se do	5	Demonstrar o poder do deus

²¹¹ “si nous n’avions eu que les deux anciennes versions [de Castera e de La Harpe e d’Hermilly], j’aurais essayé de retraduire les passages que je citais; mais depuis que nous possédons la nouvelle, il y aurait de la témérité à le faire”.

²¹² “emprunter à l’excellente traduction de M. Millié ce charmant épisode”.

²¹³ “Vasco de Gama est conduit par une divinité, qui lui fait contempler les glorieuses destinées du Portugal”.

	Deuses	trono de Júpiter		da guerra
III	Narração de Vasco da Gama ao rei de Melinde	Vasco da Gama começa a falar de Portugal	4	Demonstrar a elevação e a sensibilidade do discurso do Gama
III	Inês de Castro	Inês pede a troca da pena capital pelo exílio	23	Demonstrar a harmonia e a sensibilidade da cena
IV	Partida das Naus	Fernando entrega Ceuta aos infiéis	3	Ilustrar a cena
V	Adamastor	Apresentação do gigante	85	Demonstrar a beleza da cena
V	Adamastor	Adamastor lamenta a traição	13	Demonstrar a beleza da cena
V	Adamastor	Adamastor metamorfoseia-se em rochedo	10	Demonstrar a beleza da cena
V	Chegada a Melinde	Repouso após a viagem difícil	6	Demonstrar a beleza da cena
VI	Batalha dos Doze de Inglaterra	A batalha	21	Ilustrar a cena
VI	A tempestade	Prece de Gama aos deuses	5	Ilustrar a cena
VI	Discurso do poeta	Considerações sobre a fama e a glória	6	Demonstrar a nobreza do poeta
VII	Discurso do poeta	Comparação dos feitos dos portugueses e dos muçulmanos	12	Demonstrar a nobreza do poeta
VII	Encontro entre Samorim e o capitão	Monçaide menciona a glória dos portugueses	3	Ilustrar a cena
VII	Discurso do poeta	Lamentações devido à ingratidão da pátria	5	Demonstrar a nobreza do poeta
IX	Ilha dos Amores	Aparição de Vênus	5	Demonstrar a beleza da cena
X	A Máquina do Mundo	Profecia de Tétis	4	Ilustrar a cena
X	A Máquina do Mundo	Profecia de Tétis	4	Ilustrar a cena
X	Epílogo	Versos endereçados a Sebastião	3	Demonstrar a nobreza do poeta

Com base no quadro, percebe-se que, se o espaço material do *Resumo* limita a inserção de citações, fato que Denis assinala repetidas vezes, a decisão de incluir ou não trechos e de definir sua extensão aponta para uma seleção valorativa de episódios no interior da epopeia. Predominam passagens curtas com menos de dez linhas e de diferentes cantos, de modo que as excepcionalmente longas ou relativas a uma mesma cena destacam-se sobremaneira no conjunto. Verifica-se também que os excertos parecem querer ilustrar o que é dito; ou mostrar as qualidades retóricas intrínsecas do poema e o caráter nobre de Camões a partir de sua

tradução. Estabelece-se, assim, uma partilha no interior do *Resumo* entre o que é, do épico, preferencialmente parafraseado e eventualmente ilustrado; e impreterivelmente citado, seja pelo interesse da composição na contemporaneidade, seja por sua importância ao argumento desenvolvido.

Pode-se interpretar de diferentes maneiras o modo como Denis procede. Por um lado, a seleção de autores e a exposição mais ou menos detalhada de suas obras decorre do princípio histórico de redação do *Resumo*. A ordenação predominantemente cronológica e o esforço de interligar uns em relação aos outros materializa uma passagem do repertório bibliográfico, caracterizado pela sucessão de monografias variadas e bastante independentes, à história literária como começava a ser praticada no século XIX. Por outro, o suporte do comentário e o uso estratégico de trechos a serviço do que é dito concorrem com o aspecto crítico do trabalho. O uso alternado e altamente valorativo entre paráfrase e citação marca uma atitude em consonância com o desenvolvimento moderno da crítica literária, que, tornando-se menos erudita, procurava orientar, aconselhar e prevenir os leitores, a quem se oferecia uma gama cada vez maior de livros dito literários. Enfim, a prática crítico-historiográfica de Denis busca, no que diz respeito aos textos em questão, produzir o contexto de sua recepção, afirmando ideias consistentes e coesas sobre eles; e reforçar o quadro de sua transmissão, distinguindo o que importa conhecer e o que interessa ler deles.

A inserção de citações longas reitera a popularidade de alguns episódios e indica a impossibilidade de a paráfrase substituir a leitura efetiva de partes da epopeia. Mesmo que o protocolo de leitura adjacente continue sendo o contemplativo, dá-se a ler trechos selecionados que, amostra significativa da respectiva passagem, permitem ao leitor conhecer o texto e apreciá-lo. Do canto III, narram-se os acontecimentos relativos a Inês de Castro e veicula-se o excerto comovente em que a amante suplica por sua vida para poder cuidar de seus filhos. Do canto VI, o conflito dos Doze de Inglaterra é devidamente explicitado e se é transportado à cena de vitória da batalha que fornece seu desfecho. Do canto V, o episódio do gigante, bastante conhecido entre os franceses e relativamente autônomo no interior da epopeia, é citado quase que integralmente. Nesse sentido, Denis (1826, p. 100) precisa que, “para compreender, é preciso citar, nada pode substituir as menores expressões do poeta”²¹⁴. As paráfrases sem excertos dos cantos II e VIII, que abarcam a cilada em Mombaça, a chegada a Melinde e o tratado com Samorim, contrariamente, condicionam a transmissão de seu conteúdo ao discurso indireto e sugerem sua importância secundária junto ao leitorado

²¹⁴ “pour être compris, il faut citer, rien ne peut remplacer les moindres expressions du poète”.

potencial de Denis. Em suma, possibilita-se uma apreensão da totalidade de *Os Lusíadas*, mas apenas algumas de suas partes são diretamente lidas e significativamente destacadas do todo, já que a obra, concomitantemente histórica e crítica, constitui-se enquanto uma oferta editorial voltada a um público geral e não necessariamente especializado.

De modo similar, a fala do poeta, imediatamente identificada como sendo de Camões, comporta uma leitura atrelada à demonstração da grandeza de seu gênio. Os excertos, relativamente curtos, circunscrevem discursos de caráter propositivo endereçados ao povo português e a seu soberano, de modo que podem ser facilmente convertidos em palavras de sabedoria endereçadas ao leitor. São ressaltados o teor sensato e moralizante de seus conteúdos ou a elevação e harmonia de sua elocução. Dessa maneira, a concepção prévia acerca do poeta intervém novamente, fazendo-a ressoar no interior do épico. A prática de citação fornece seletivamente trechos, como na obra do ano anterior, que reforçam uma imagem específica do poeta, que faz coincidir a trajetória do indivíduo e o espírito da nação. Com efeito, os fragmentos, diferentes entre si, conservam um aspecto redundante no que diz respeito à manifestação da exemplaridade de Camões.

A presença constante da tradução de *Os Lusíadas*, no entanto, não parece remeter o leitor ao livro de Millié como *Camões e José Índio* parecia enviá-lo aos poemas camonianos. Pelo contrário, o *Resumo da História Literária de Portugal*, ao se apropriar ostensivamente de trechos de *Les Lusiades*, acaba, em alguma medida, substituindo-o. Desse modo, a citação da epopeia parece ter sido feita para que se possa tomar conhecimento da obra e contemplar suas principais passagens sem precisar consultar a versão integral do texto em francês. A prática de citação e o protocolo de leitura adjacente produzem um resumo de história literária que, no que diz respeito à epopeia camoniana, é capaz de satisfazer a curiosidade do leitor e basta-se para instruí-lo. A materialidade das citações parece coincidir com essa disposição, favorecendo-a. Ao referenciar os excertos, Denis não localiza, na maioria dos casos, a paginação do livro de Millié, detendo-se na menção genérica do canto. Contudo, indica, em alguns casos, a numeração da estrofe no original e inclui seu primeiro verso, precisando a referência. De fato, o *Resumo* envia o leitor a *Os Lusíadas* com mais frequência do que a *Les Lusiades*, ainda que a realidade do público leitor recomendasse o contrário²¹⁵.

No capítulo IX, Denis (1826, p. 136) apresenta a lírica como “coleção das obras diversas”²¹⁶ de Camões e contabiliza: 300 sonetos, 16 canções, 12 odes, 15 élogos, 4 sextinas

²¹⁵ A divulgação de textos em português encontrava um público bastante restrito, como já indicado para a edição de Souza Botelho (1817).

²¹⁶ “collection des oeuvres diverses”.

e 21 elegias. Apesar de seu grande número, destaca que muitos poemas parecem ter sido erroneamente atribuídos ao poeta, de modo que julga poder distingui-los a partir de um “caráter particular que o torna reconhecível”²¹⁷ (DENIS, 1826, p. 136). Sem diretamente ser especificado, esse caráter particular parece decorrer da concepção global que medeia a apreensão e inserção de versos camonianos no interior da história literária. Em vista disso, a lírica é novamente apresentada por intermédio de uma leitura baseada nas qualidades miméticas e testemunhais dos poemas, apontando para o interesse que podem produzir:

Nos poemas de Camões, encontramos o poeta por inteiro, surpreendemos seus afetos, afligimo-nos com suas dores, emocionamo-nos com seus pensamentos fortes. É um desses homens privilegiados seguros de interessar sempre falando deles, porque fazem sentir uma necessidade ardente de exalar seus lamentos ou de celebrar impressões nobres.²¹⁸ (DENIS, 1826, p. 135)

A disposição do capítulo compreende, sucessivamente, a inserção de um poema em francês e um comentário breve acerca dele. Denis precisa que as traduções, de sua autoria, fazem parte de uma antologia que deveria ser publicada em breve por Louis Janet, mas que nunca foi impressa²¹⁹. Encontram-se no livro: dois sonetos (“Tanto de meu estado me acho incerto”; “O cisne, quando sente ser chegada”), duas elegias (“O sulmonense Ovídio, desterrado”; “O poeta Simónides, falando”) e duas canções (“Junto de um seco, fero e estéril monte”; “Vinde cá, meu tão certo secretário”). A materialidade das citações abarca a indicação, em rodapé, do primeiro verso de cada poema, exceto para a primeira elegia, que é numerada. Destaca-se que há uma seleção bastante restrita de poesias em relação tanto à extensão do *corpus* assinalada (6 contra 368 poemas) quanto a sua variedade (nenhuma ode, écloga ou sextina incluída). Trata-se, em sua maioria, de obras presentes em *Camões e José Índio* que, naquela ocasião, foram apenas mencionadas ou parcialmente citadas. Em vista disso, a citação recorrente de um número reduzido de textos colabora com a formação de uma ideia coesa da trajetória de Camões e de um quadro para a recepção e transmissão de sua produção poética, reenviando constantemente o leitor a outros livros de Denis.

O princípio de ordenação dos poemas corresponde a uma tentativa de Denis de reconstituir, com base em seu conteúdo, a época em que foram compostos em relação à trajetória conhecida de Camões. Nessa medida, o próprio encadeamento é resultado de uma

²¹⁷ “caractère particulier qui les fait reconnaître”.

²¹⁸ Dans les poésies de Camoens on retrouve le poète tout entier, on surprend ses affections, on s'afflige de ses douleurs, on s'émeut de ses fortes pensées. C'est un de ces hommes privilégiés sûrs d'intéresser toujours en parlant d'eux, parce qu'ils font sentir un ardent besoin d'exhaler leurs plaintes, ou de célébrer de nobles impressions. (DENIS, 1826, p. 135).

²¹⁹ Ignora-se a razão da não publicação da antologia. Sugere-se que ela foi posteriormente incorporada ao apêndice de *Les Lusitades* (1841).

prática de leitura. A exposição do autor segue o seguinte itinerário: da expressão precoce de um amor ardente [“Tanto de meu estado me acho incerto”] e de seus primeiros infortúnios [“O sulmonense Ovídio, desterrado”] à manifestação dos desgostos antes do exílio [“O cisne, quando sente ser chegada”]; da narração da chegada às Índias [“O poeta Simônides, falando”] à verbalização de seus arrependimentos no exílio [“Junto de um seco, fero e estéril monte”]; e, finalmente, a exteriorização recapitulativa de todos os males que sofreu [“Vinde cá, meu tão certo secretário”]. Dessa feita, percebe-se que a prática de citação dá a conhecer os poemas no quadro de uma interpretação global específica que, impondo o protocolo de leitura contemplativa, quer transformar os textos no teatro da alma de Camões. Ressalte-se que os versos, lidos na esteira de uma referencialidade biográfica, não costumam fornecer indícios precisos de a que ou a quem se referem, ou de onde foram escritos. Pode-se mesmo dizer que, em geral, o único nome próprio factualmente reconhecível é o do Tejo. Nesse sentido, os conteúdos prestam-se, graças a sua construção verbal sem referencialidade estrita, a inúmeras associações biográficas tanto em relação às experiências quanto aos locais e indivíduos da trajetória em questão. De fato, a apreensão pelo viés da mimese ou do testemunho apresenta grande produtividade na medida em que pode ser repetida para todo e qualquer poema lírico do poeta.

No capítulo XI, o autor retoma o teatro camoniano, remetendo à *Notícia sobre o Teatro Português*, e detém-se na exposição de *Filodemo*, abordado superficialmente na obra de 1823. Limita-se, no entanto, à paráfrase da peça, sem fornecer qualquer excerto. A preferência pelo comentário em detrimento da citação pode ser explicada a partir do escopo da história literária em relação ao paratexto de 1823. Segundo Denis (1826, p. 184), o drama camoniano é apresentado em detalhes, “porque sua construção dramática ajuda a compreender o sistema do teatro romântico deste tempo e porque vale a pena conhecer tudo de um grande poeta”²²⁰. Apesar da repetição dos argumentos, nota-se que o autor não contrasta a peça ao teatro clássico francês como fizera com *El Rei Seleuco*. Sem dá-la a ler, indica subrepticamente ao leitor que, mesmo sendo conveniente conhecê-la, não é importante lê-la, agindo contra sua transmissão contemporânea.

O Resumo da História Literária de Portugal destaca-se sobremaneira em relação às histórias literárias anteriores. A de Bouterwek abarca apenas trechos em português, de modo a favorecer mais o entendimento do que a apreciação dos poemas. A de Sismondi fornece extratos em francês, mas em número bastante reduzido. Já a de Denis, consagrando um

²²⁰ “parce que sa construction dramatique fait assez bien comprendre le système du théâtre romantique de ce temps, et que d’un grand poète tout est bon à connaître” .

número expressivo de páginas ao legado camoniano, fornece uma amostra significativa de excertos em tradução. A prática de citação, que visa sobretudo permitir a fruição do texto, surge como uma estratégia eficaz para transmitir partes de *Os Lusíadas*, ou garantir uma significação global à lírica do poeta. O protocolo de leitura adjacente, atrelado à contemplação, permite uma resposta imediata do leitor entre compreensão e emoção estética. Em vista disso, o *corpus* poético atribuído a Camões alcança uma maior circulação em francês, mesmo que sua leitura continue a ser fortemente condicionada.

4.4 O *CORPUS* CAMONIANO EM 1841: PARATEXTO, TRADUÇÃO E APÊNDICE

Les Lusiades (1841) concentra o maior número de excertos atribuídos a Camões no *corpus*, já que abarca não só a tradução integral da epopeia, mas também um longo apêndice dedicado à lírica. Conforme dito anteriormente, suspeita-se que Denis seja responsável pelo conjunto de paratextos do livro e por parte da tradução, haja vista os manuscritos encontrados em seu acervo. As menções e citações repartem-se entre *Camões entre seus contemporâneos*, *Les Lusiades* e *Seleção de poesias diversas* que, respectivamente, evoca poemas no interior da biografia do poeta; abarca os dez cantos da épica; e veicula 53 poemas. Em vista da dimensão da obra, serão discutidos apenas o paratexto e o apêndice com suas notas²²¹.

Camões entre seus contemporâneos menciona uma série de obras atribuídas ao poeta que, ao serem lidas pelo viés da mimese e do testemunho, tornam-se indícios para se estabelecer sua trajetória²²². Os poemas e as cartas são evocados, assim, para justificar e ilustrar fatos biográficos, situando-se cronologicamente sem receber uma datação. Como esse procedimento foi brevemente discutido no capítulo anterior, a relação entre texto e evento não será tratada. Por ora, convém indicar que os poemas líricos [“O poeta Simônides, falando”; “Vinde cá, meu tão certo secretário”; “Disparates da Índia”; “Sôbolos rios”; “Pode um desejo imenso”] fazem parte, sem exceção, do apêndice da edição. Encontram-se também duas citações de uma epístola e de *Os Lusíadas*, recorrentes de um modo geral: “*ingrata patria non possidebis ossa mea*” (DENIS, 1841, p. XXVII) e “Vereis amor da pátria não movido / De premio vil, mas alto e quase eterno” (DENIS, 1841, p. LXVII). Em vista disso, percebe-se que o repertório de citações e menções no interior de discursos biográficos, de novo, não varia

²²¹ As notas à tradução da epopeia não serão abordadas na medida em que procuram apenas situar a história de Portugal e as mitologias pagã e cristã a partir do poema, assumindo um caráter eminentemente informativo e não exegético.

²²² Acrescenta-se que, em uma nota, o autor declara não considerar *Da Criação e Composição do Homem* em função da incerteza de sua autoria, assumindo posição diferente da de 1826.

significativamente. Mesmo com o fornecimento de uma amostra substancial no final do volume, Denis atém-se à mesma seleção de poemas que, desde *Camões e José Índio*, produz (e é produto) de uma concepção estrita do legado camoniano. Embora seja partilhada por outros autores, essa concepção, discutida inúmeras vezes ao longo da dissertação, propõe uma imagem do poeta e de sua obra que favorece sua transmissão na memória cultural, haja vista sua coesão, e, concomitantemente, oferece-se como modelo à compreensão global do fazer poético e da existência de seu criador. Com efeito, as questões do tardio reconhecimento de obras de gênio e da incerteza das condições materiais de vida do escritor, colocadas com frequência crescente no século XIX em função da conformação do campo literário e da consequente profissionalização do artista, costumavam evocar Camões como caso exemplar, embora desejassem um destino diferente do dele.

Seleção de poesias diversas, localizado logo após o fim do Canto X de *Os Lusíadas*, veicula os poemas de forma sucessiva e fornece, ao cabo do volume, uma lista com dezessete notas de fim que reenviam a textos específicos. Na primeira nota, Denis (1841, p. 373) esclarece o critério de organização do apêndice:

Sem se comprometer com uma ordem muito rigorosa e deixando-se levar pela fantasia, organizamos os diferentes excertos mais ou menos na ordem em que devem ter sido compostos. Não se trata de um trabalho de cronologia sobre as obras diversas de Camões, mas se quis conduzir o pensamento do leitor através das diversas fases dessa vida agitada.²²³

Sem intercalar comentários entre eles, Denis indica, retrospectivamente, que há uma disposição particular dos poemas, de modo que cabe ao leitor se deslocar de um a outro e tentar distinguir diferentes etapas da vida de Camões. O autor retoma, assim, a prática de leitura presente no *Resumo*, mas estabelece um protocolo de leitura distinto. No escopo da história literária, a inserção de uma poesia implicava comentá-la, já que o dispositivo visava, concomitantemente, à instrução e à fruição do público. No caso do apêndice, o texto poético pôde ser inserido sem um aparato filológico semelhante por fazer parte de uma obra literária e não de divulgação. Nesse sentido, *Les Lusiades* (1841) permite uma leitura menos condicionada das traduções, pois as disponibiliza em um dispositivo materialmente menos rígido. A opção por notas de fim em detrimento de notas de pé de página reforça o caráter antes opcional do que necessário de sua leitura, podendo ser facilmente evitadas. Com efeito,

²²³ Sans s'astreindre à un ordre bien rogeux, et en laissant à la fantaisie son libre cours, on a rangé ces divers morceaux à peu près dans l'ordre où ils durent être composés. Il ne s'agit pas ici d'un travail chronologique sur les oeuvres diverses de Camoens, mais on a voulu conduire la pensée du lecteur à travers les phases diverses de cette vie agitée.

elas são materialmente oferecidas por último do leitor, que pode fechar o livro antes de chegar até elas.

O apêndice abarca sonetos, canções, elegias, odes, redondilhas e éclogas, fornecendo um repertório significativo e variado de poesias atribuídas a Camões. Há também uma carta cuja fonte não foi localizada e que, por isso, não será levada em consideração. A fim de indicar quais são os poemas veiculados pelo apêndice, foi elaborado o quadro a seguir, que também sinaliza sua presença nas obras anteriores de Denis. Acrescenta-se que, como o *corpus* camoniano varia muito de uma edição a outra e as traduções do autor são difíceis de identificar a partir do português, há um soneto²²⁴ e uma elegia²²⁵ cujos originais não foram reconhecidos.

Quadro 4 - Poemas e carta inseridos em <i>Seleção de poesias diversas</i>	
Forma	Poemas
Soneto	“Enquanto quis Fortuna que tivesse”; “O culto divinal se celebrava”; “Está o lascivo e doce passarinho”; “Um mover d'olhos, brando e piedoso,”*; “Tanto de meu estado me acho incerto”***; “Quando o sol encoberto vai mostrando”; “Quem quiser ver d'Amor ùa excelência”; “Grão tempo há já que soube da Ventura”; “Doces águas e claras do Mondego,”; “Gentil Senhora, se a Fortuna imiga”; “Foi já n'hum tempo doce cousa amar”; “Ditoso seja aquele que somente”; “O cisne, quando sente ser chegada”***; “Brandas águas do Tejo que, passando”; “Apartava se Nise de Montano,”; “Em flor vos arrancou, de então crescida”*; “Onde acharei lugar tão apartado”; “Se quando vos perdi, minha esperança,”; “Os meus alegres, venturosos dias”; “Alma minha gentil, que te partiste”*; “Que poderei do mundo já querer,”; “Quando de minhas mágoas a comprida”; “Cara minha inimiga, em cuja mão”; “Que me quereis, perpétuas saudades?”; “Quem jaz no grão sepulcro que descreve”; “Não passes, caminhante! Quem me chama?”; e “Seguia aquele fogo, que o guiava,”.
Canção	“Vão as serenas águas / do Mondego descendo”; “Já a roxa manhã clara / do Oriente as portas vem abrindo”*; “Que é isto? Sonho ou vejo a Ninfa pura”; “A criar Manda-me Amor que cante o que a alma sente”; “Junto de um seco, fero e estéril monte,”*; “Com força desusada”; “Vinde cá, meu tão certo secretário”.
Elegia	“Nunca um apetite mostra o dano”; “O Sulmonense Ovídio, desterrado”***; “Não porque de algum bem tenha esperança”; “O Poeta Simônides, falando”***; “À morte de D. Miguel de Meneses,”.
Ode	“Pode um desejo imenso”; “Já calma nos deixou”; “Se de meu pensamento”.
Redondilha	“Foge-me, pouco a pouco, a curta vida”; “Sôbolos rios que vão”; “Disparates seus na Índia”.
Écloga	“Umbrano e Frondélio, pastores”; “Alicuto, pescador; Agrário, pastor”; “A quem darei queixumes namorados”; “Piscatória”.
* Poemas presentes em <i>Camões e José Índio</i>	
** Poemas presentes em <i>Resumo da História Literária de Portugal</i>	

²²⁴ “Ceux qui se vantent d'avoir aimé trouveront” (DENIS, 1841, p. 299).

²²⁵ “Quand une déesse eut changé en rocher la Nymphe” (DENIS, 1841, p. 274).

Sem diretamente intervir na leitura, as notas de fim disponibilizam dados de caráter erudito. De um lado, há notas que buscam fornecer indicações cronológicas e espaciais que permitem situar os poemas ou os eventos deles depreendidos. A argumentação, no entanto, oscila entre a asserção e a suposição, calcadas em verbos e advérbios que modalizam o que é dito. Dessa maneira, autor supõe que “O cisne, quando sente ser chegada” “foi escrito após o retorno da África, em 1552, e antes da partida do poeta para as Índias”²²⁶ (DENIS, 1841, p. 373); e que “Apartava-se Nise de Montano” “foi evidentemente composto nas Índias”²²⁷ (DENIS, 1841, p. 373). Analogamente, escreve que “Junto de um seco, fero e estéril monte” “foi composto em 1555 em frente do Cabo Guardafui”²²⁸ (DENIS, 1841, p. 373); e que “Quand une déesse eut changé en rocher la Nympe” “foi escrito provavelmente em torno de 1560”²²⁹ (DENIS, 1841, p. 373). Apesar de não provir de fontes documentais, os locais e datas em questão são bastante específicos e coerentes com o esquema global da trajetória de Camões. Em vista disso, as informações fornecidas, capazes de mediar apenas marginalmente a leitura dos poemas, surgem como vestígios da função instrutiva, característica da história literária, no paratexto final da tradução. Com efeito, essas informações imbricam-se na transmissão da lírica camoniana e circulam na forma de opiniões e juízos eruditos, sem impactar significativamente a recepção das poesias.

De outro, há notas que enfatizam a beleza de alguns poemas, atendo-se a um juízo estético em detrimento de dados. “Quando de minhas mágoas a comprida” é “considerado, com razão, como um dos mais notáveis que foram compostos por Camões”²³⁰ (DENIS, 1841, p. 374); e “Quem jaz no grão sepulcro que descreve” é visto como “um dos mais belos escritos em qualquer língua”²³¹ (DENIS, 1841, p. 375). À semelhança dos demais, esses enunciados não são capazes de intervir significativamente na apreensão das poesias. Todavia, na nota de número quinze, Denis (1841, p. 375) escreve, acerca de “Vinde cá, meu tão certo secretário”: “eis, sem contradição, a peça mais importante entre todas as oferecidas pela seleção: o poeta recapitula nela a própria vida”²³². Desse modo, o autor retoma, nas últimas linhas do paratexto, a prática de leitura sinalizada em seu início. Nota-se que, ao invés de evocá-la sucessivas vezes, o livro a deixa em segundo plano, como se fosse um conhecimento compartilhado entre ele e seu público. Nesse sentido, a materialidade do apêndice sugere que,

²²⁶ “fut écrit après le retour d’Afrique, en 1552, avant le départ du poète pour les Indes”.

²²⁷ “fut évidemment composé aux Indes”.

²²⁸ “fut composé en 1555, en face du cap Guardafui”.

²²⁹ “fut écrite probablement vers 1560”.

²³⁰ “considéré avec raison comme un des plus remarquables qui aient été composés par Camoens”.

²³¹ “un des plus beaux qui aient été composés en aucune langue”.

²³² “voici sans contredit la pièce la plus importante parmi toutes celles que nous offre la collection : le poète y récapitule sa vie”.

se a leitura pelo viés da mimese e do testemunho era fortemente condicionada nos anos vinte, ela parece ter se tornado um gesto espontâneo nos anos quarenta.

Les Lusiades (1841) coloca em circulação em francês a totalidade da épica e parte importante da lírica, dando a conhecer os textos para além do excerto. O protocolo de leitura, característico de antologias com leve aparato filológico, deixa o leitor relativamente livre para se apropriar das poesias. Todavia, a prática de leitura adjacente, apoiada na contemplação e fruição do teatro da alma de Camões, parece ter se tornado corrente para esse tipo de obra, sem precisar ser reforçada na materialidade do livro. Com efeito, as iniciativas editoriais de Denis em relação ao *corpus* poético camoniano chegam a seu zênite e permanecem as mais consistentes na França até o final do século XIX.

4.5 O *CORPUS* CAMONIANO EM 1854 E 1857: OBRAS DE CONSULTA

Camões (1854), verbete do dicionário biográfico, e *Camões* (1857), entrada do manual bibliográfico, fornecem uma listagem crítica de obras de consulta para o *corpus* poético camoniano. O interesse dessas referências, que constituem uma bibliografia mínima acerca do poeta, deve-se à explicitação dos livros não só a que Denis teve acesso ou que, pelo menos, conhecia, mas também que preferia e considerava mais atualizados ou completos. Constatase, assim, uma atenção enciclopédica ausente em suas produções anteriores²³³. O repertório pode ser subdividido em fontes históricas, como as edições *princeps* de difícil acesso, e em referências comercializadas, como a recente tradução de Millié, conjugando prática filológica e mercado editorial.

No verbete do dicionário biográfico, Denis (1854, p. 356) assevera que a “bibliografia de *Os Lusíadas* e de obras de Camões necessitariam, por assim dizer, um volume à parte: citaremos aqui apenas as edições mais importantes”²³⁴. Entre as fontes históricas, menciona as edições *princeps* do poema épico (1572), com suas sucessivas reimpressões no século XVI, e *Rythmas* (1595), que assinala conter inúmeras interpolações. Além disso, evoca *Rimas Várias* (1685-1689), “a edição tão preciosa”²³⁵ (DENIS, 1854, p. 357) de Faria e Souza, e *Os Lusíadas*, “com os famosos comentários”²³⁶ (DENIS, 1854, p. 357) do mesmo crítico. Acrescenta, no entanto, que a primeira edição realmente completa é *Obras do Grande Luís de*

²³³ À época, Denis já trabalhava na Biblioteca Sainte-Geneviève, de modo que a atenção enciclopédica possa ter decorrido de sua atividade profissional.

²³⁴ “bibliographie des Lusiades et des oeuvres de Camoëns nécessiterait pour ainsi dire un volume à part : nous citerons ici les éditions les plus importantes”.

²³⁵ “l’édition si précieuse”.

²³⁶ “avec les fameux commentaires”.

Camões, de Manoel Correa, que incorpora o teatro e *Da Criação e Composição do Homem*, que “é preciso definitivamente excluir das obras do poeta”²³⁷ (DENIS, 1854, p. 357).

Entre as referências comercializadas, Denis aponta a coleção organizada por Thomas José de Aquino e originalmente publicada em 1779 e 1780 como sendo a mais completa e, em muitos aspectos, a mais correta. Ainda assim, *Os Lusíadas* (1817), de Souza Botelho, permanece sendo “a edição mais magnífica sem erros”²³⁸ (DENIS, 1854, p. 357) do épico, de modo que a versão popular de 1819 “é muito procurada hoje em dia”²³⁹. No que concerne às traduções, o autor remete à obra de John Adamson, que “forneceu uma bibliografia muito completa do poeta e de seus tradutores”²⁴⁰ (DENIS, 1854, p. 358). Contudo, diz ser necessário “acrescentar as duas versões que são procuradas hoje na França: a de Millié, revista por Dubeux, em que se encontra o notável trabalho de Charles Magnin; e a mais literal de todas, a de Desaulles e Ortaire Fournier”²⁴¹ (DENIS, 1854, p. 358), que também é de Denis.

Na entrada do manual bibliográfico, o autor fornece uma lista de títulos que, ordenados de acordo com a natureza do livro (poemas, obras completas, *Os Lusíadas*) e, sucessivamente, de forma cronológica, mostra-se mais completa do que a de *Camões* (1854). Entre as fontes históricas, menciona novamente as edições da épica e da lírica do século XVI, a obra completa de Manoel Correa e as edições de Faria e Souza, insistindo na raridade das primeiras. Inclui as obras completas de Didot e de Luís Francisco Xavier Coelho, publicadas, respectivamente, em 1759 em Paris e entre 1779 e 1780 em Lisboa; e *Os Lusíadas* (1631), impresso por Craesbeeck e considerada rara. Acrescenta também as traduções em francês de Castera (1735) e de La Harpe e d’Hermilly (1776), que não comenta.

Entre as referências comercializadas, o autor elogia novamente a edição da epopeia de Souza Botelho (1817), mas diz preferir a versão de 1819. A razão é que a primeira apresenta diversas falhas, enquanto a segunda, graças aos cuidados de Verdier²⁴², possui uma melhor correção do texto. Fala também na “encantadora edição”²⁴³ (DENIS, 1857, p. 108) de *Os Lusíadas* (1824), publicada por Aillaud em Paris. Ainda assim, Denis (1857, p. 108)

²³⁷ “il faut écarter définitivement des oeuvres du poète”.

²³⁸ “l’édition la plus magnifique sans contredit”.

²³⁹ “est fort recherché de nos jours”.

²⁴⁰ “a donné une bibliographie fort complète du poète et de ses traducteurs”.

²⁴¹ “ajouter les deux versions que l’on recherche aujourd’hui em France: celle de M. Millié, revue par M. Dubeux, en tête de laquelle se trouve un remarquable travail dû à Ch. Magnin ; et la plus littérale de toutes, celle de MM. Desaulles et O. Fournier”.

²⁴² Timóteo Lécussan Verdier (c. 1740-1831), erudito português exilado em Paris no início do século XIX, contribuiu profundamente para a difusão das letras lusas na França. Próximo de Filinto Elísio e dos demais lusofonistas que lá se encontravam, revisou as edições de *Os Lusíadas* in-fol. (1817) e a em in-8º (1819) de Souza Botelho; redigiu um substancioso prefácio para a edição de *Cancioneiro dos Nobres* (1823); e traduziu a *Ode à Camoens* (1825), de Raynouard, e *O Hissope* (1828), de Antônio Dinis da Cruz e Silva.

²⁴³ “charmante édition”.

recomenda aos “sinceros admiradores do poeta” a “muito boa”²⁴⁴ edição de Francisco Freire de Carvalho (1843), publicada em Lisboa, elaborada em consulta das edições *princeps* e que dispõe de excelentes notas. No que concerne às traduções, refere *Les Lusiades* (1825), que julga “preferível às de La Harpe e Castera”²⁴⁵ (DENIS, 1857, p. 108); *Memoirs of the Life and Writings of Luis de Camoens* (1827), de John Adamson; e *Les Lusiades* (1841), a que não acrescenta comentários.

Ao passar em revista *Camões* (1854) e *Camões* (1857), percebe-se que Denis, cerca de trinta anos após sua primeira publicação sobre o poeta português, cuida fornecer a seus leitores um repertório consistente de suas referências. Entre elas, destacam-se obras contemporâneas do autor, selecionadas a partir de critérios estritamente filológicos. Se ele antes parecia sobretudo querer dar a conhecer o *corpus* poético e informações acerca de seu criador, ele passa a se dedicar, nos anos cinquenta, à crítica de obras e à discussão de suas fontes. Nesse sentido, a posição de *expert*, delineada desde 1823, e o cargo de bibliotecário, legitimando-o socialmente, convergem em produções especializadas voltadas mais à erudição do que à fruição. Após sucessivos esforços para colocar o legado camoniano em circulação na França, Denis pôde se permitir fazer um balanço não só de seus trabalhos, mas também de tudo que se publicou na fecunda primeira metade do século XIX acerca de Camões.

²⁴⁴ “sincères admirateurs du poète” a “fort bonne”.

²⁴⁵ “préférable à celles de la Harpe et de Castera”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo de caso realizado nesta dissertação procurou demonstrar como Ferdinand Denis, distante no tempo e no espaço de Camões, atuou na transmissão do legado camoniano ao longo do século XIX. O enfoque proposto, privilegiando as publicações em livro do autor, concentrou-se nas operações editoriais relativas à materialidade e repercussão do *corpus* e nas operações textuais envolvidas na narração da trajetória do poeta e na incorporação e uso de obras atribuídas a ele. Os quatro capítulos compreendem as respectivas fontes, metodologia e análise e fornecem resultados coerentes com o escopo proposto. Resta estabelecer as estratégias presentes nos trabalhos do autor que explicam, em parte, o sucesso de suas intervenções em favor de Camões para além de seu contexto de publicação.

O primeiro capítulo permitiu observar a aparição e a tomada de forma do legado camoniano na Península Ibérica dos séculos XVI e XVII; e sua circulação na França do século XVII ao XIX. O exame das fontes primárias mostrou que o nome do poeta circulou, por intermédio de livros franceses, até meados do século XVIII sem que houvesse traduções de obras atribuídas a ele disponíveis no mesmo idioma. Por mais de um século, a recepção de Camões em francês não pôde contar com a leitura de seus escritos e dependeu, sobretudo, de dicionários e compêndios históricos, cujos comentários raramente incorporavam citações literárias. Até o final do século XVIII, enfatizava-se predominante ou exclusivamente a épica, sem que se abordassem significativamente as demais vertentes; e, até o início do século XIX, apenas *Os Lusíadas* foi objeto de traduções. Todavia, nas primeiras décadas do XIX, a lírica, alvo de interesse crescente dos românticos, começou a ser abordada e valorizada no conjunto do *corpus* poético, bem como foi esporadicamente traduzida em revistas e histórias literárias. Os comentários dos autores passaram a se basear em trechos específicos e a fornecer traduções de versos ou poemas. Ao longo da cronologia estudada, a vida do poeta foi progressivamente ganhando maior destaque e tornou-se uma parte autônoma de seu legado.

As intervenções de Staël, Sismondi e Sané sobre Camões tornaram possíveis as de Denis na medida em que as publicações do autor remetem a ideias presentes nas obras deles, tornando-as suas, e dão continuidade a projetos que eles não puderam ou não quiseram levar a cabo. Nota-se que a atenção dedicada à lírica e a leitura dos poemas pelo viés biográfico, sugeridos por Staël, retomados por Sismondi e reiterados por Sané, aparentemente o incentivaram a consagrar-se à tradução do *corpus* camoniano de maneira mais ampla e de tornar a vida do poeta um de seus principais focos de interesse. Dar a conhecer poemas, peças e cartas, parcial e integralmente, tornou-se a motivação subjacente de diversos livros do autor,

manifestada em prefácios, introduções, comentários e apêndices. De modo similar, narrar de diversas maneiras e jogar com dados biográficos atravessou seus trabalhos, produzindo diferentes figurações do poeta. É importante destacar que Denis, mais alinhado com Sané do que com Staël e Sismondi, procurou factualmente fazer descobertas acerca de Camões, ao invés de se deter na generalidade do poeta de gênio que se sacrifica pela pátria, e investiu significativamente em sua ancoragem na história portuguesa. Enfim, a intervenção de Souza Botelho, que motivou o mercado editorial francês a colocar em circulação livros camonianos, deu visibilidade sem precedentes ao poeta e a seu legado (GALLUT, 2015; GALLUT-FRIZEAU, 1972), tornando-se decisiva não só para Ferdinand Denis, mas também para seus contemporâneos camonistas em geral.

O segundo capítulo permitiu caracterizar o *corpus* da dissertação e tornou aparente sua inserção no mercado editorial francês. Os dados apresentados mostraram que todos os livros foram impressos em pequeno formato (in-8°, in-12°, in-18°), que os tornavam objetos mais portáteis e de manipulação facilitada, à exceção do *Quadro Histórico, Cronológico das Literaturas Portuguesa e Brasileira* (1827), cuja composição tipográfica favorecia o uso do formato Gr. In-Fol. Os preços dos volumes permaneceram, em sua maioria, em patamares proporcionalmente baixos (entre 2 fr. e 4 fr.) em comparação aos outros livros comercializados no mesmo período. Houve oscilação no preço de *Obras-Primas do Teatro Português – Gomes, Pimenta de Aguiar, Antônio José* (1823) que custava, inicialmente, pelo menos 6 fr., e chegou a pelo menos 4 fr. até o final desta década. Os valores mais elevados de 6 fr. para *Cenas da Natureza sob os Trópicos e de sua Influência sobre a Poesia, seguidas de Camões e José Índio* (1824), de 5 fr. para o *Quadro Histórico, Cronológico das Literaturas Portuguesa e Brasileira* (1827) e de 20 fr. para o *Novo Manual de Bibliografia Universal* (1857) deveram-se, respectivamente, à inclusão de ilustrações bem acabadas, à qualidade tipográfica exigida pelo projeto e ao caráter técnico e especializado da publicação. Ainda assim, todas as publicações de Denis constituíram-se materialmente e foram anunciadas como oferta de grande público, destinadas a ser compradas por particulares ou por profissionais para compor bibliotecas pessoais ou gabinetes de leitura. Ressalte-se que, além do custo proporcionalmente baixo, as estratégias de venda seriada, por assinatura ou da coleção inteira com desconto favoreciam sensivelmente sua comercialização.

A caracterização do *corpus* indicou que a maioria das publicações de Denis fazia parte de coleções (*Chefs-d'Oeuvre des Théâtres Étrangers, Collection des Résumés Historiques, L'Univers Pittoresque: Histoire et Description de tous les peuples, Manuels Roret*) ou de obras coletivas (*Atlas Historique et Chronologique des Littératures Anciennes et Modernes,*

Nouvelle Biographie Universelle) que, resultado de investimentos importantes de capital financeiro e simbólico dos editores, eram produtos de livreria bastante visíveis. Uma coleção, mesmo que abarcasse um grande número de volumes, era anunciada em conjunto e tornava-se objeto de publicidade como um todo, alinhando lado a lado títulos e autores. No caso do *Resumo da História Literária de Portugal, seguido do Resumo da História Literária do Brasil* (1826), as histórias literárias dos países de língua portuguesa eram associadas às da Inglaterra, da França, dos Estados Unidos, que provavelmente chamariam a atenção de um número maior de leitores; e no de *Obras-Primas do Teatro Português – Gomes, Pimenta de Aguiar, Antônio José* (1823), atribuía-se ao nome de Denis, enquanto tradutor e organizador, o mesmo peso dos de Benjamin Constant, Barante e Guizot, que já ocupavam uma posição central no campo literário. As obras coletivas eram frequentemente adquiridas em larga escala, em função de seu conteúdo generalista, e promoviam o reconhecimento de seus colaboradores. No caso do dicionário, o verbete dedicado a Camões pôde entrar em diversas residências, mesmo que não fosse necessariamente consultado; e no do atlas, a competência de Denis no tema é abalizada por um professor da Académie de Paris por ter solicitado sua colaboração.

A caracterização do *corpus* também assinalou os editores envolvidos nas publicações de Denis, fornecendo uma breve descrição de suas atividades e catálogos. Eram profissionais especializados na publicação de literatura moderna (Ladvocat, Louis Janet, Charles Gosselin) e de livros técnicos e científicos (Lecointe et Durey, Jules Renouard, Roret), ou com um catálogo abrangente demais para permitir qualquer especialização (Firmin Didot Frères). Também eram identificados a grupos de autores (Ladvocat e os românticos), a instituições de renome (Renouard e a Société de l’Histoire de France; Firmin Didot Frères e o Institut de France), à função pública ou a membros do governo (Charles Gosselin e o Duque de Bordeaux) e a projetos ou linhas editoriais bastante singulares (Lecointe et Durey e os resumos; Louis Janet e os livros-presente; Roret e os manuais). Em vista disso, tratava-se de editores que, de acordo com suas especificidades, eram bastante atuantes no comércio do livro e ocupavam posições de destaque no mercado editorial, colaborando com a visibilidade de seus empreendimentos.

A apresentação da repercussão imediata mencionou anúncios, resenhas, comentários e sugestões de leitura de que publicações de Denis foram objeto na imprensa. Ainda que as fontes encontradas não correspondam ao *corpus* como um todo, pode-se propor um balanço dos periódicos, com seus respectivos autores ou comitês editoriais, que consagraram parte de seu espaço a divulgar, criticar e recomendar os livros do autor sobre Camões. São revistas de instituições acadêmicas (*Journal des Savants, Bibliothèque de l’École de Chartes*), de caráter

erudito (*Nouvelle Revue Encyclopédique*, *Revue Encyclopédique*, *Bulletin du Bibliophile Belge*), e de variedades (*Le Globe*, *Revue Contemporaine*, *Lycée Armorican*, *Lettres Champenoises*); e jornais políticos e literários (*Journal des Débats*, *Mercure de France*, *La Presse*, *Le Figaro*). O *Journal des Savants*, vinculado ao Institut de France, veiculou inúmeros textos sobre as publicações do autor; e Raynouard, tendo assinado a maioria deles, foi provavelmente fundamental à valorização de seus primeiros livros. *Le Globe*, que atingia um grande número de leitores, publicou três; e Sainte-Beuve, tendo assinado o mais severo deles, parece ter feito do bibliotecário a ordem do dia, dando-o a conhecer a seu público. Como se trata predominantemente de periódicos parisienses de circulação pelo menos nacional, a quantidade e a relevância dos textos dedicados aos trabalhos sobre Camões colaboraram significativamente com sua difusão. Em suma, todos esses aspectos editoriais (edições portáteis de menor custo; publicação em coleções ou em obras coletivas; editores de relevo; reatividade da imprensa) constituíram estratégias editoriais que, ao longo do século XIX, concorreram com a visibilidade das intervenções de Ferdinand Denis em favor do legado camoniano.

O terceiro capítulo permitiu apreender as práticas biográficas do autor, colocando em evidência maneiras diferentes de conceber e narrar a trajetória de Camões. Resta fornecer uma síntese que, abarcando o conjunto *corpus*, enfatize globalmente as intervenções de Denis em relação à vida do poeta. Em vista disso, as análises apresentadas sugeriram a existência de duas abordagens distintas que, sem se excluir mutuamente, culminaram na redação do verbete *Camões* (1854).

Da *Notícia sobre o Teatro Português* (1823) ao *Quadro Histórico, Cronológico das Literaturas Portuguesa e Brasileira* (1827), delineou-se uma abordagem que, visando à exemplaridade do sujeito biografado, articula os dados disponíveis conforme ideias pré-concebidas e valores pré-determinados. As ideias correspondem ao sofrimento constante devido a provações, injustiças e desditas; ao amor incondicional do poeta por sua amada e, sobretudo, pela pátria; e à falta de reconhecimento dos contemporâneos, proporcional apenas à miséria em que vive. Os valores abarcam a criação poética imanente, a consagração da pena e da vida à glória da nação e a identificação de sua trajetória à história do país. Assim, o tratamento dos dados biográficos enfatiza o perfil psicológico de Camões, a partir de um enfoque subjetivo de suas ações. A temporalização do sujeito provém, predominantemente, de suas emoções e de seu caráter humano, que substituem índices sócio-históricos que permitiriam situá-lo com mais precisão no tempo e no espaço. Em vista disso, a virtude de Camões, que garante sua exemplaridade, é sua grandeza de alma ao dedicar-se a Portugal

como poeta e como guerreiro, mesmo sem obter frutos de seus trabalhos. De fato, em *Camões e José Índio* (1824), o dispositivo romanesco permitiu, por intermédio da alternância entre mimese e diegese, uma apuração dessa abordagem, deslocando eventos da forma do relato para colocá-los em cena.

Com *Camões entre seus contemporâneos* (1841), percebeu-se outra abordagem que, procurando reconstituir a trajetória do poeta de maneira historicamente precisa e adequada, indaga criticamente os dados biográficos disponíveis e pontos de vista acerca deles. As ideias pré-concebidas e os valores pré-determinados são postos em cheque por meio da discussão do que, nos fatos conhecidos e nas asserções de diferentes autores sobre eles, é factual, provável ou duvidoso. A busca por justificativas ou explicações coerentes com as circunstâncias espaço-temporais e por evidências à prova de controvérsias marca essa prática biográfica. Desse modo, a temporalização do sujeito biografado decorre de seu reconhecimento enquanto homem de carne e osso, suscetível a contingências, que viaja entre continentes e compõe poemas atrelados a sua experiência de vida. Não se trata de insistir na exemplaridade ou na virtude de Camões, mesmo que existam: trata-se de discernir o que pode, factualmente, ajudar a apreender objetivamente sua trajetória. Ainda assim, a tarefa de narrar uma vida que deixou poucos vestígios permanece árdua, e Denis mostra-se consciente dos limites de sua iniciativa sem, por isso, desistir da abordagem.

Com *Camões* (1854), constatou-se a existência de uma abordagem mista que se vale de dados historicamente situados, narrados de forma objetiva, e de elementos parcialmente anacrônicos, relativos à virtude ou ao gênio do poeta. Isso faz com que asserções factuais sejam sucedidas por indicações de emoções e pensamentos do sujeito biografado, sem necessariamente enfraquecer a inscrição de sua trajetória no tempo e no espaço. A biografia, que permanece coesa e coerente, adquire um foco subjetivo e deixa novamente entrever o perfil psicológico do poeta. Dessa feita, o verbete, que veicula primariamente um conhecimento biográfico, passa a também fornecer um foco de interesse literário. Dito de outra maneira, a biografia deixa de ser um objeto do passado e adquire um valor de atualidade vinculado ao presente. Embora não fosse então inédita nem restrita ao gênero, essa prática colaborou com a transmissão da trajetória de Camões ao torná-la instrutiva e atraente ao leitor. Com efeito, a eficácia dessa estratégia narrativa atravessou o século XIX e XX, e pode ser constatada mesmo no *Dicionário Luís de Camões*, obra de caráter científico citada algumas vezes nessa dissertação.

O quarto capítulo permitiu retomar como obras consideradas parte do legado camoniano foram utilizadas por Denis em seus trabalhos, de modo a discutir o enquadramento

de poemas, peças e cartas, e o caráter atuante que assumem em seus livros. Distinguiram-se os modos como o autor os leu (práticas de leitura), a partir do que escreve, e como a materialidade do livro os dá a ler (protocolos de leitura), condicionando a recepção do objeto e a resposta do leitor. Para cada obra, demonstraram-se a predominância da biografia do poeta como origem da atribuição de sentidos e a atitude contemplativa como postura recomendada para sua apreensão, além do foco de interesse literário subjacente. Resta propor uma síntese das estratégias constatadas no processo de transmissão de escritos camonianos do autor.

Por intermédio do contraste de seus trabalhos, foi possível verificar que o ato de traduzir versos, poemas e trechos em prosa era uma parte importante da prática de comentário de texto de Denis. O fato de dar acesso a um conhecimento acerca de um objeto e permitir o acesso mediado ao objeto em si mesmo não era, à época, um fenômeno ordinário, incorrendo em outra relação entre sujeito e impresso. No caso de escritos vistos como literários, produzia-se um deslocamento de sua conservação especializada a sua circulação renovada, principalmente a partir de paratextos ou da imprensa, junto de um público contemporâneo mais amplo. Dessa feita, o gesto de indicar o que deve ser lido ou o que pode ser apreendido por meio de paráfrase buscava produzir uma seleção eficaz e funcional do *corpus* poético. O leitor, evitando o embrulho de ler uma massa de escritos para distinguir o que realmente interessa, aprendia algo sobre o escritor em questão e podia fruir o que se supunha haver de melhor em suas obras. No caso de Camões, constatou-se como o teatro foi reduzido ao conhecimento genérico da forma e dos enredos e a uma passagem curta do desfecho de uma das peças; como a integralidade de *Os Lusíadas* foi preferencialmente apreendida pela paráfrase, e suas passagens consideradas as mais notáveis permaneceram os episódios de Inês de Castro, de Adamastor e um punhado de versos lapidares associados à condição do poeta; e como o conjunto da lírica foi definido a partir de um número restrito de poemas.

Também foi possível apurar que a menção a um número bastante limitado de obras e o uso das mesmas citações ao longo dos livros produziram uma imagem específica e uníssona para as criações do poeta. A seleção operou, simultaneamente, uma redução do *corpus* poético em termos quantitativos e qualitativos, restringindo as possibilidades de representatividade e de representação dos textos. À exceção de Inês e de Adamastor, pode-se pensar em todo e qualquer poema ou verso camoniano como vestígio testemunhal ou mimético de experiências subjetivas de Camões. Assim, a associação biográfica condiciona invariavelmente os processos de identificação entre autor e obra, tipificando-os. Mesmo que a consequência imediata seja a simplificação de algo potencialmente complexo, a homogeneidade decorrente mostra-se eficaz para, a partir de um esquema fixo, apreender e reter na memória as criações

poéticas com maior facilidade. Enfim, o enquadramento paratextual das traduções reforça a intervenção e completa o circuito das estratégias presentes nos trabalhos de Denis em favor do poeta.

Em suma, a reconstituição das ações literárias de Ferdinand Denis em relação ao legado camoniano coloca em evidência como ele pôde torná-lo aparente e disponibilizá-lo na França ao longo do século XIX. Acredita-se que as circunstâncias materiais de publicação de seus livros; o fornecimento de biografias impressionantes e, concomitantemente, consistentes; e a seleção restritiva do *corpus* poético a serviço de uma figuração controlada e instigante do criador e de sua obra concorreram com a visibilidade e o reconhecimento das publicações e do autor. Retornando à pergunta feita na introdução, ela permanece sem resposta: não se pode determinar o que Ferdinand Denis fez para ser convidado à translação dos restos mortais e à celebração do tricentenário de morte do poeta. Ainda assim, pode-se precisar o que seus livros sobre Camões fizeram: eles colocaram em prática um conjunto de estratégias de transmissão cultural que, mostrando-se eficazes, seriam retomadas mesmo após seu desaparecimento.

BREVE NOTÍCIA BIOGRÁFICA SOBRE FERDINAND DENIS²⁴⁶

Jean-Ferdinand Denis nasceu em 13 de agosto de 1798 em Paris²⁴⁷, filho de Joseph-André Denis e Aglaé-Sophie Stocard. A família também era composta por Alphonse, o primogênito, e por Francisca, a caçula, nascidos, respectivamente, em 1794 e 1807. A ampliação do núcleo familiar coincidiu com um período de intensa instabilidade política decorrente da Revolução Francesa (1789-1799). Desse modo, as infância e adolescência de Ferdinand transcorreram durante o Consulado (1799-1804) e o Primeiro Império Napoleônico (1804-1814), que consolidaram o fim do Antigo Regime na França.

À época do nascimento de Ferdinand, Joseph-André Denis, que, em uma carta²⁴⁸, se apresentava como homem de letras, casado e pai de família, ocupava o cargo de intérprete juramentado junto ao *Conseil de Prises Maritimes*, para o qual fora nomeado pelo ministro das Relações Exteriores Charles-Maurice de Talleyrand-Périgord (1754-1838). Em 1801, solicitou a transferência para a Divisão de Relações Comerciais do Ministério, onde vagara um posto de tradutor, demanda logo deferida. Conforme afirma no pedido, Joseph-André compreendia perfeitamente o inglês, o italiano, o espanhol e o português; era capaz de traduzir o alemão; e conhecia um pouco do holandês, do sueco, do dinamarquês, do grego moderno e do polonês²⁴⁹. A partir de então, atuou como tradutor junto à Divisão dos Consulados e colaborou igualmente com outras repartições, até ser afastado do cargo por ocasião da dissolução do império napoleônico em 1815.

O emprego obtido por Joseph-André possibilitou a Alphonse receber uma bolsa parcial de Talleyrand para estudar no *Lycée Impérial de Versailles* em 1807. Inaugurada naquele ano, a instituição fora criada para receber alunos oriundos da elite e encontrava-se entre as escolas mais prestigiadas da França. Em 1813, ele foi admitido na *École Spéciale Militaire de Saint-Cyr*, que, fundada por Napoleão em 1804, dedicava-se a formar oficiais para o Exército Imperial. Desse modo, o primogênito adquiriu o grau de subtenente (alferes). Os custos da formação foram arcados pelo pai, sem qualquer tipo de subvenção²⁵⁰. Em 1814,

²⁴⁶ Uma versão expandida deste texto fará parte, como introdução, do *Resumo da História Literária de Portugal, seguido do Resumo da História Literária do Brasil*, organizado e traduzido por Regina Zilberman (no prelo).

²⁴⁷ A certidão de nascimento de Ferdinand Denis encontra-se indisponível nos arquivos públicos de Paris. Doria (1912) atribui a desaparecimento ao incêndio causado na prefeitura durante a Comuna de Paris. A data e o local de nascimento podem ser confirmados nos arquivos da Legião de Honra, de que Denis fez parte, conservados nos *Archives Nationales* de Paris com o código LH/731/78.

²⁴⁸ A carta ocupa o fôlio 308 do dossiê profissional de Joseph-André Denis que se encontra conservado em microfilme nos *Archives Diplomatiques* de La Courneuve com o código P6288.

²⁴⁹ Idem.

²⁵⁰ Fôlio 312 do dossiê profissional de Joseph-André Denis.

combateu na Batalha de Montereau e foi agraciado com a Legião de Honra, recebida do próprio Imperador. Nessa medida, Alphonse, graças a seu pai, recebeu uma educação de relevo e exercia uma profissão distinta com sucesso, de modo a garantir seu futuro, não fossem as reviravoltas políticas resultantes da queda de Napoleão.

A posição de Joseph-André não possibilitou a Ferdinand uma educação formal semelhante à de Alphonse. Em 1810, o pai, que ambicionava para ele uma carreira consular no Oriente, solicitou a admissão do filho na *École de Jeunes de Langues*²⁵¹ ao ministro de Relações Exteriores, então Jean-Baptiste Nompère de Champagny (1758-1834), tão logo houvesse uma vaga. Na carta, comenta que trabalhava há mais de dez anos no Ministério e alega que “os custos de manutenção da educação dessa criança estão além das minhas condições”²⁵². Mesmo com a promessa de Champagny, não logrou sucesso. Em 1813, faz uma segunda solicitação ao novo ministro, Hugues Maret (1763-1839), e o pedido não foi deferido. Nessa ocasião, insiste que trabalha há quatorze anos enquanto tradutor do ministério e menciona que Talleyrand garantira-lhe a vaga há mais de sete anos. Além disso, argumenta que o ingresso de Ferdinand aliviaria o orçamento familiar, uma vez que, tendo um salário medíocre, nunca recebeu gratificações por trabalhos extraordinários; e que a fortuna da família fora particularmente alterada pela revolução²⁵³. Em 1814, solicita pela terceira vez sua inscrição, dessa vez a Armand de Caulaincourt (1773-1827). Na carta, ressalta uma última vez os serviços prestados e a importância econômica do azeite, acrescentando que Ferdinand havia sido educado com vistas à carreira e que demonstrava interesse especial por línguas²⁵⁴. Ainda assim, o resultado não é diferente.

A educação de Ferdinand foi realizada principalmente junto à família, por meio de tutores e da convivência com amigos. Léon Bourdon (1958) sublinha que os Denis, residindo em diferentes endereços nesse período, nunca deixaram a margem esquerda do Sena, associada à aristocracia, e mantinham um seleto círculo de relações, inclusive parentes que possuíam um castelo na Normandia. A partir de menções de Ferdinand nas cartas do Brasil, também Bourdon (1958) e Pierre Moreau (1932) citam frequentadores assíduos da residência e destacam a existência de uma biblioteca pessoal. Conforme Denis relata em uma nota autobiográfica²⁵⁵, aprendeu latim e italiano com Jageot, que frequentava a casa da família, e exercitava com ele seu estilo e eloquência em francês, atribuindo ao amigo o letramento mais

²⁵¹ Atualmente, *Institut National des Langues et Civilisations Orientales* (INALCO).

²⁵² Fólio 310 do dossiê profissional de Joseph-André Denis.

²⁵³ Fólio 312 do dossiê profissional de Joseph-André Denis.

²⁵⁴ Fólio 313 do dossiê profissional de Joseph-André Denis.

²⁵⁵ Notas biográficas autógrafas de Ferdinand Denis conservadas pela *Bibliothèque Sainte-Geneviève* com o código MS. 4322.

elementar na língua materna. Também recebeu lições de turco do abade Dejean, que fora missionário em Constantinopla, até deixar Paris. Moreau (1932) supõe que o jovem fizera mais progressos nas línguas modernas do que nas clássicas, haja vista as poucas e imprecisas menções a autores gregos e latinos em seus diários e cartas. Além disso, Moreau (1932) destaca que Denis, não se limitando aos livros, sabia também recitar versos, apreciar música, tocar piano e desenhar, conjunto de competências ligado à vida social dos salões.

Entre os frequentadores da casa dos Denis, destaca-se Francisco Manuel do Nascimento (1734-1819), poeta português conhecido como Filinto Elísio exilado em Paris. Léon Bourdon (1958) ressalta que ele ensinou português a Ferdinand, como fazia com frequência desde que se exilara. Ramalho Ortigão (1868), em um livro de viagens sobre Paris, relata uma visita que fez a Ferdinand Denis anos mais tarde. Nesta ocasião, lembram Francisco Manuel, e ele conta que, resistindo a aprender a ler e a escrever com nove anos de idade, aceitava lições apenas do poeta. Mesmo que a anedota seja pouco confiável, é possível atribuir à convivência com Filinto Elísio o aperfeiçoamento da língua portuguesa e o interesse pela cultura luso-brasileira por parte do jovem. O poeta também encarregara Ferdinand Denis de entregar missivas quando chegasse ao Rio de Janeiro, conforme comenta com seu pai²⁵⁶. Georges Le Gentil (1926) considera que eram cartas de recomendação; porém, acredita-se que se trate de uma correspondência ordinária. A situação de Francisco Manuel face a Portugal era litigiosa; e o jovem assinala seu estranhamento em não poder referir-se a ele como Dom, haja vista o número restrito de indivíduos que portavam o título²⁵⁷.

A dissolução do Império Napoleônico em 1815 afetou diretamente a família Denis. Joseph-André, funcionário do ministério das Relações Exteriores desde o período revolucionário, foi repentinamente aposentado sem receber qualquer bonificação. Alphonse, cuja atuação militar era diretamente associada a Napoleão, não foi incorporado a qualquer repartição do exército reorganizado durante a Restauração (1814-1830). Dessa feita, passou a receber o meio-soldo e foi forçado a reintegrar a vida civil. Com a dilapidação dos bens e com a perda de capital de seus arrimos, a família encontrava-se em franca derrocada econômica. Ferdinand, que ainda não possuía uma profissão, via-se impossibilitado de obter uma formação superior. Francisca, bastante jovem, não podia contar com um dote que lhe garantiria um casamento. A situação era bastante adversa, e a conjuntura não oferecia soluções imediatas.

²⁵⁶ Carta de 12 de março de 1817 conservada na *Bibliothèque Sainte-Geneviève* com o código Ms. 3417 e transcrita por Léon Bourdon (1958, p. 191).

²⁵⁷ Idem.

Entre 1815 e 1816, Adolphe Dubois, amigo da família Denis, propôs a Ferdinand partir para as Índias, onde poderia arranjar-lhe um emprego. A recomendação era que viajasse inicialmente ao Brasil e, depois, a Bengala, onde os dois se encontrariam. Léon Bourdon (1958) e Luís Doria (1912) consideram equivocadamente que a passagem pela América Portuguesa era escolha do próprio jovem, seja por razões econômicas, seja em função das rotas marítimas. A orientação de Dubois pode se dever à instabilidade das relações da França com outros países, decorrente das invasões napoleônicas, de modo a ser mais seguro embarcar em um navio português do que em um francês ou inglês. Além disso, Henri Plasson, também amigo da família, foi nomeado agente consular na Bahia nesse ínterim, o que facilitava seguir as instruções de Dubois. Assim, Ferdinand Denis acompanhou-o e partiu do porto de Le Havre em agosto de 1816²⁵⁸.

Tendo feito uma breve parada na Ilha da Madeira em setembro de 1816²⁵⁹, Ferdinand Denis chegou ao Rio de Janeiro no final daquele ano²⁶⁰. Permaneceu na cidade durante alguns meses, à espera de um navio para o Oriente. Nas cartas que enviou para a família, ressalta positivamente a beleza do país, o acervo da Biblioteca Pública e o Jardim Botânico. Todavia, aponta negativamente a existência de apenas quatro livrarias na cidade. Como não encontrou qualquer embarcação para transportá-lo a Bengala, partiu para a Bahia em maio de 1817²⁶¹, instalando-se na residência de Henri Plasson. Pierre Moreau (1932) destaca que, sem poder se juntar a Dubois, Denis decidiu associar-se a Plasson com o intuito de que ele, tornando-se cônsul, poderia garantir-lhe uma posição²⁶².

Ferdinand Denis residiu na Bahia entre 1817 e 1819, deixando a cidade apenas para realizar excursões²⁶³. A correspondência e o diário íntimo que manteve no período indicam em parte a vida que levou e os indivíduos com quem se relacionou. Nesse sentido, Georges Le Gentil (1926) e Léon Bourdon (1958), em relação de continuidade, fornecem uma narrativa detalhada a partir da leitura extensiva desses documentos. Sublinham-se as anotações de

²⁵⁸ Carta de 24 de agosto de 1816 conservada na *Bibliothèque Sainte-Geneviève* com o código Ms. 3417 e transcrita por Léon Bourdon (1958, p. 188-189).

²⁵⁹ Carta de 4 de setembro de 1816 conservada na *Bibliothèque Sainte-Geneviève* com o código Ms. 3417 e transcrita por Léon Bourdon (1958, p. 189-191).

²⁶⁰ Carta de 12 de março de 1817 conservada na *Bibliothèque Sainte-Geneviève* com o código Ms. 3417 e transcrita por Léon Bourdon (1958, p. 191-193).

²⁶¹ Carta de 12 de maio de 1817 conservada na *Bibliothèque Sainte-Geneviève* com o código Ms. 3417 e transcrita por Léon Bourdon (1958, p. 193).

²⁶² Ferdinand Denis escreve a Louis-Charles Arsenne algo muito semelhante em uma carta do começo de junho de 1817 conservada na *Bibliothèque Sainte-Geneviève* com o código Ms. 3417 e transcrita por Léon Bourdon (1958, p. 198-200).

²⁶³ Joaquim Norberto Silva (1890) comenta que Ferdinand Denis teria conhecido quase todo o Brasil e também as repúblicas do Rio da Prata e do mar Pacífico. Tendo em vista a duração da estada e a correspondência mantida, é pouco provável que isso tenha acontecido.

cunho naturalista de Denis, que as remete esporadicamente à família, e suas incursões na Biblioteca Municipal de Salvador, mencionadas mais de uma vez. Destaca-se também que ele conheceu membros da Missão Artística liderada por Lebreton (1760-1819), que chegara ao Brasil em 1816, e tornou-se próximo de Hippolyte Taunay (1793-1864), com quem trabalharia e escreveria livros nas décadas seguintes.

Durante a estada, Ferdinand Denis realizou trabalhos para a agência consular, garantindo sua subsistência, e acompanhou Plasson em alguns de seus empreendimentos, com vistas a acumular capital. Georges Le Gentil (1926) enumera, a partir das cartas à família, as sucessivas tentativas de enriquecimento, todas fracassadas. Inicialmente, tentaram obter uma concessão para se tornarem produtores agrícolas, pois consideravam a exploração agrária um investimento seguro. A seguir, procuraram investir em uma fábrica de curtumes, acumulando prejuízos. Concomitantemente, o governo francês iniciou uma fase de austeridade econômica, frustrando as esperanças de Plasson de se tornar cônsul. Arruinados financeiramente e malograda a carreira, decidiram dirigir-se à região de Vendas Novas, às margens do rio Belmonte, onde arriscariam a exploração de minas de diamantes. Culminou, assim, seu derradeiro insucesso. Sem qualquer perspectiva de fortuna e com a situação familiar ainda delicada, Ferdinand Denis iniciou sua viagem de retorno no final de 1819, em data desconhecida.

Não se sabe ao certo quando Ferdinand Denis chegou a Paris. A evidência mais antiga que se conhece é a transcrição de uma carta de 9 de maio de 1820 enviada da capital francesa. Nessa carta, ele escreve ao padre Ducloux, amigo da família, sugerindo que tentou ganhar a vida por meio da escrita desde o retorno, atuando junto à imprensa: “Ando excessivamente ocupado, pois, por 1800 fr. anuais, forneço diariamente ao *Courrier Français* notícias mais ou menos interessantes que retiro de jornais estrangeiros”²⁶⁴ (MOREAU, 1832, p. 153). Todavia, à exceção dessa carta, de uma nota autobiográfica e de outra missiva em que se apresenta para pleitear um emprego, não há fontes documentais sobre a vida do autor nos anos vinte do século XIX. Além da obra impressa, que começa a tomar forma a partir de 1821, dispõe-se apenas de relatos de terceiros e de verbetes enciclopédicos pouco precisos ou confiáveis. Mesmo assim, pode-se afirmar que, nos anos vinte, ele se dedicou sobretudo à escrita, procurando profissionalizar-se, e que foi um período de intensa produção bibliográfica, sobretudo em

²⁶⁴ “Je suis maintenant excessivement occupé, c’est-à-dire que pour 1800 fr. par an je donne tous les jours au *Courrier Français* des nouvelles plus ou moins intéressantes que j’extrais des journaux étrangers”. À época de realização de sua pesquisa, Pierre Moreau obteve essa carta no acervo pessoal do Coronel Henrique de Ferreira Lima.

relação ao Brasil, a Portugal e à América Ibérica, conforme se pode verificar na bibliografia a seguir.

Ferdinand Denis foi nomeado, sucessivamente, bibliotecário (1838), conservador (1841) e administrador (1865) da *Bibliothèque Sainte-Geneviève*, onde, conforme Jaime Victor (1890, p. 190), reuniu “a mais rica coleção de livros portugueses que possui Paris, e sem dúvida a mais completa que existe no estrangeiro”. Pelo menos a partir do início dos anos trinta, conviveu com escritores românticos franceses, como Victor Hugo e Charles Nodier, conforme atesta seu diário transcrito por Moreau (1832). Em 1836, recebeu Gonçalves de Magalhães e sua comitiva, por ocasião do lançamento da revista *Nitheroy* (BAREL, 2002). Em 1885, foi eleito membro da Academia de Ciências de Lisboa. A partir dos anos setenta, participou da *Société Américaine de France* e da *Société Internationale d’Etudes Brésiliennes*, de que foi vice-presidente²⁶⁵. Ao longo de sua vida, ele foi agraciado com os seguintes prêmios: a Ordem de Isabel a Católica pela Espanha; a Ordem de Cristo por Portugal; a Imperial Ordem da Rosa pelo Brasil; e a Legião de Honra pela França.

Ferdinand Denis faleceu em 1º de agosto de 1890 em Paris e legou parte de seu acervo à *Bibliothèque Sainte-Geneviève*, que o conserva até hoje.

A seguir, há bibliografia em ordem cronológica das publicações em livro de Ferdinand Denis, conforme constam no catálogo da *Bibliothèque National de France* François Mitterrand (depósito legal). A recensão da atuação do autor junto à imprensa, de qualidade e extensão parcialmente conhecidas, é um trabalho ainda por fazer.

CASAL, A. DE. Notice sur la province de Matogrosso. Tradução de Ferdinand Denis. **Nouvelles annales des voyages, de la géographie et de l’histoire**, 1821. n. XI, p. 209–283.

CASAL, A. DE. Notice sur les capitaineries du Para et Solimoens, au Brésil. Tradução de Ferdinand Denis. **Nouvelles annales des voyages, de la géographie et de l’histoire**, 1821. n. IX, p. 209–284.

VAS DE CAMINHA, P. Lettre inédite de Pedro Vas de Caminha, sur la découverte du Brésil. **Journal des voyages, découvertes et navigations modernes**, 1821. v. 9, p. 157–190.

DENIS, F.; TAUNAY, H. **Le Brésil, ou histoire, moeurs, usages et coutumes des habitants de ce royaume**. Paris: A. Nepveu, 1822.

²⁶⁵ Carta de 13 de abril de 1887 conservada na *Bibliothèque Sainte-Geneviève* com o código Ms. 4321.

DENIS, F. **Buenos ayres et le paraguay, ou histoire, moeurs, usages et coutumes des habitans de cette partie de l'amérique.** Paris: A. Nepveu, 1823.

DENIS, F (Org.). **Chefs-d'oeuvre du théâtre portugais. gomès, pimenta de aguiar, jozé.** Tradução de Ferdinand Denis. Paris: Ladvocat, 1823.

DENIS, F. **La guyane, ou histoire, moeurs, usages et coutumes des habitans de cette partie de l'amérique.** Paris: A. Nepveu, 1823.

DENIS, F. **Scènes de la nature sous les tropiques, et de leur influence sur la poésie, suivies de camoens et jozé indio.** Paris: L. Janet, 1824.

DENIS, F; TAUNAY, H. **Notice historique et explicative du panorama de rio janeiro.** Paris: A. Nepveu, 1824.

DENIS, F. **Résumé de l'histoire du brésil, suivi du résumé de l'histoire de la guyane.** Paris: Lecointe et Durey, 1825.

DENIS, F. **Résumé de l'histoire littéraire du portugal, suivi du résumé de l'histoire littéraire du brésil.** Paris: Lecointe et Durey, 1826.

DENIS, F. **André le voyageur, histoire d'un marin.** Paris: Louis Janet, 1827.

DENIS, F. **Résumé de l'histoire de buenos-ayres, du paraguay et des provinces de la plata, suivi du résumé de l'histoire du chili.** Paris: Lecointe et Durey, 1827.

DENIS, F. **Ismaël ben kaïzar, ou la découverte du nouveau-monde.** 1. ed. Paris: Charles Gosselin, 1829.

DENIS, F. **Tableau historique, analytique et critique des sciences occultes.** 1. ed. Paris: Bureau de l'Encyclopédie Portative ; Bachelier, 1830.

DENIS, F.; MANCY, J. De. Littérature espagnole en Europe et en Amérique, depuis son origine jusqu'à nos jours. *In*: MANCY, J. De (Org.). **Atlas historique et chronologique des littératures anciennes et modernes, des sciences et des beaux-arts.** Paris: J. Renouard, 1831.

DENIS, F.; MANCY, J. Tableau historique, chronologique de la littérature portugaise et brésilienne, depuis son origine jusqu'à nos jours. *In*: MANCY, J. De (Org.). **Atlas historique et chronologique des littératures anciennes et modernes, des sciences et des beaux-arts.** Paris: J. Renouard, 1831.

DENIS, F. **Le brahme voyageur, ou la sagesse populaire de toutes les nations.** 1. ed. Paris: Firmin Didot Frères, 1832.

DENIS, F. **Histoire géographique du brésil.** 1. ed. Paris: Firmin Didot Frères, 1833.

DENIS, F. (Org.). **Les navigateurs ou choix de voyages anciens et modernes.** 1. ed. Paris: Louis Janet, 1834.

DENIS, F. **Luiz de souza**. 1. ed. Paris: Charles Gosselin, 1835.

FERREIRA, A. **Théâtre portugais**. Tradução de Ferdinand Denis. Paris: Ed. Guérin et cie, 1835.

DENIS, F. Notice sur le matelot Selkirk, sur Saint-Hyacinthe, sur l'île de Juan-Fernandez, sur les Caraïbes et les Puelches. *In*: DEFOE, D. (Org.). **Robinson crusoé**. Tradução de Pétrus Borel. 1. ed. Paris: Francisque Borel et Alexandre Varenne, 1836, V. 2, p. I–XV.

DENIS, F.; FAMIN, C. **Brésil par m. ferdinand denis, colombie et guyanes par m. c. famin**. 1. ed. Paris: Firmin Didot Frères, 1837.

RANG, S.; DENIS, F. **Fondation de la régence d'alger : histoire des barberousse, chronique arabe du xvie siècle**. 1. ed. Paris: J. Angé, 1837.

DENIS, F.; FAMIN, C. **Brésil par m. ferdinand denis, colombie et guyanes par m. c. famin**. 1. ed. Paris: Firmin Didot Frères, 1838.

ALARCON, J. R. **Chroniques chevaleresques de l'Espagne et du Portugal, suivies du tisserand de ségovie**. Paris: Ledoyen, 1839.

ALARCON, J. R. **Chroniques chevaleresques de l'Espagne et du Portugal, suivies du tisserand de ségovie**. Paris, Leipzig: Desforges, 1840.

CAMÕES, L. De. **Les lusiades, suivie de la traduction d'un choix des poésies diverses**. Tradução de Desaulès; Ortaire Fournier; Ferdinand Denis. Paris: Charles Gosselin, 1841.

BILLAUT, A. **Poésies de maître adam billaut, précédées d'une notice biographique et littéraire**. Nevers: J. Pinet, 1842.

LE ROUX DE LINCY, A.; DENIS, F. **Le livre des proverbes français, précédé d'un essai sur la philosophie de sancho pança**. 1. ed. Paris: Paulin, 1842.

DENIS, F. **Le monde enchanté, cosmographie et histoire naturelle fantastiques du moyen âge**. Paris: A. Fournier, 1843.

DENIS, F. **Portugal**. 1. ed. Paris: Firmin Didot Frères, 1846.

DENIS, F. **Le génie de la navigation, statue en bronze exécutée par m. daumas, pour la ville de toulon**. Toulon, Paris: Laurent, Ledoyen, 1847.

DENIS, F. *et al.* **Histoire des antilles : et des colonies françaises, espagnoles, anglaises, danoises et suédoises par m. elias regnault. suite des états-unis depuis 1812 jusqu'à nos jours par mm. elias regnault et jules labauve. possessions anglaises dans l'amérique du nord : canada, nouveau brunswick, nouvelle écosse, acadie par m. Frédéric Lacroix. les californies : l'orégon et les possessions russes en amérique, les îles nouka et de la reine charlotte par m. ferdinand denis**. Paris: Firmin Didot Frères, 1849.

DENIS, F.; VALENTE, C. **Une fête brésilienne célébrée à rouen en 1550 , suivie d'un fragment du xvie siècle roulant sur la théogonie des anciens peuples du Brésil et des poésies en langue tupique de christovam valente**. Paris: Techener, 1850.

DENIS, F.; DEMERSAY, A. **Du tabac au paraguay : culture, consommation et commerce par m. alfred demersay, avec une lettre sur l'introduction du tabac en france par m. ferdinand denis.** Paris: Guillaumin, 1851.

MALOUET, P.-V; DENIS, F. (org.). **Voyage dans les forêts de la guyane française.** Paris: Sandré, 1853.

DENIS, F. **Histoire de l'ornementation des manuscrits.** 1. ed. Paris: L. Curmer, 1857.

DENIS, F.; PINÇON, P.; MARTONNE, G.-F. **Nouveau manuel de bibliographie universelle.** Paris: Librairie encyclopédique de Roret, 1857.

ARSENNE, L.-C.; DENIS, F. **Manuel du peintre et du sculpteur.** 1. ed. Paris: Librairie Encyclopédique de Roret, 1858.

DENIS, F.; MANGIN, A. **Le cacao et le chocolat par arthur mangin, suivi de la légende de cacahuatl par ferdinand denis.** Paris: Guillaumin, 1860.

DENIS, F.; CHAUVIN, V. **Les vrais robinsons : naufrages, solitude, voyages.** Paris: Librairie du Magasin Pittoresque, 1863.

ÉVREUX, P. Y. D'; DENIS, F. **Voyage dans le nord du brésil, fait durant les années 1613 et 1614.** Leipzig et Paris: A. Franck, 1864.

DENIS, F. **Les plumes, leur valeur et leur emploi dans les arts au mexique, au pérou, au brésil, dans les indes et dans l'océanie.** Paris: Ernest Léroux, 1875.

DENIS, F. **Les voyages du dr lacerda dans l'afrique orientale.** Paris: Impr. nouvelle, 1882.

Camoëns dans l'“almanach des muses”, recueil des poésies contenues dans les almanachs des muses sur camoëns et son oeuvre, précédé de la vie du grand poète, par m. ferdinand denis. Paris: S. Pitrat, 1891.

REFERÊNCIAS

ADAMSON, John. **Memoirs of the Life and Writings of Luis de Camoens**. Londres: Longman, Hurst, Rees, Orme and Brown, 1820.

AGUIAR E SILVA, Vítor. JUROMENHA, Visconde de (camonista). In: _____(org). **Dicionário de Luís de Camões**. São Paulo: Leya, 2011, p. 451-456.

AGUIAR E SILVA, Victor Manuel de. Notas sobre o cânone da lírica camoniana (II). In: **Revista de História Literária de Portugal**, v. IV. Coimbra: Coimbra Editora, 1975, p. 87-122.

ALVES, Hélio J. S.. Faria e Sousa. In: AGUIAR E SILVA, Vítor (org). **Dicionário de Luís de Camões**. São Paulo: Leya, 2011, p. 371-378.

ANASTÁCIO, Vanda. Leituras potencialmente perigosas: reflexões sobre as traduções castelhanas de Os Lusíadas no tempo da União Ibérica. In: **Revista Camoniana**, 3ª série, n. 15. São Paulo: EDUSC, 2004, p. 159-178.

ASENSIO, Eugenio. **La Fortuna de Os Lusíadas en España (1572-1672)**. Madrid: Fundación Universitaria Española, 1973.

Atlas Historique et Chronologique des Littératures, des Sciences et des Arts, par M. Jarry de Mancy. **Le Figaro**, I^{ère} année, n. 76, 4 avril 1826, p. 2.

Atlas Historique et Chronologique des Littératures, des Sciences et des Arts, par M. Jarry de Mancy (Xème livraison). **Le Figaro**, IV^{ème} année, n. 137, 17 mai 1829, p. 1.

BAILLET, Adrien. Louis de Camoëns. In:_____. **Jugements des Savants sur les Principaux Ouvrages des Auteurs**. Paris: Antoine Dezallier, 1686, t. 1, p. 334-339.

BARBOSA, Rafael Souza. As Literaturas Brasileira e Portuguesa no *Atlas Historique et Chronologique des Littératures Anciennes et Modernes*, de Jarry de Mancy. **Reflexos : revue pluridisciplinaire du monde lusophone**, Toulouse, v. 3, 2014, p. 1-9.

BARBOSA, Rafael Souza. *Que assi mereça eterno nome e glória: a Narrativa Biográfica Camões e José Índio*, de Ferdinand Denis. In: DENIS, Ferdinand. **Camões e José Índio**. Organização, tradução e notas de Rafael Souza Barbosa. Rio de Janeiro: Makunaima, 2014, p. 130-171.

BAREL, Ana Beatriz Demarchi. **Um Romantismo a Oeste: Modelo Francês, Identidade Nacional**. São Paulo: Annablume, 2002.

BARRAL. Camoens. In: _____. **Dictionnaire Historique, Littéraire et Critique**. Avignon: sem editora, 1758, t. 2, p. 689-690

BARTHES, Roland. Introduction à l'Analyse Structurale des Récits. **Communications**, n. 8, p. 1-27, 1966.

BISMUT, Roger. Camões en France. **Arquivos do Centro Cultural Português**, Paris, Fundação Calouste Gulbenkian, 1981, p. 723-753.

BISMUT, Roger. Camões en procès sous la terreur. **Les Rapports Culturels entre le Portugal et la France**. Paris: Fondation Calouste Gulbenkian, Centre Culturel Portugais, 1983, p. 251-263.

BODIN, Félix. **Résumé de l'Histoire de France Jusqu'à nos Jours**. Quatrième édition, revue. Paris: Lecointe et Durey, 1822.

BOURDON, Léon. Lettres Familières et Fragment du Journal Intime « Mes Sottises Quotidiennes » de Ferdinand Denis à Bahia (1816-1819). **Brasília**, Coimbra, n. X, p. 143-286, 1958.

CAMOENS. **La Lusíade du Camoens**: Poème Héroïque sur la Découverte des Indes Orientales. Traduit du portugais par M. Duperron de Castera. Paris: Huart; David; Briasson; Clousier, 1735, 3 v.

CAMOENS. **La Lusíade de Louis de Camoëns**. Traduit du portugais par Jean-François La Harpe et Vaquette d'Hermilly. Paris: Nyon, 1766, 2v.

CAMOENS. **Les Lusíades**. Traduction nouvelle par MM. Ortaire Fournier et Desaulles. Revue, annotée, suivie de la traduction d'un choix des Poésies diverses. Avec une notice biographique et critique sur Camoens par Ferdinand Denis. Paris: Charles Gosselin, 1841.

CAMÕES, Luís de. **Os Lusíadas, poema épico de Luis de Camões**. Nova edição correcta, e dada à luz, conforme a de 1817, in-4º, por Dom José Maria de Souza-Botelho, Morgado de Mateus, sócio da Academia Real de Ciências de Lisboa. Paris: Firmino Didot, 1819.

CAMÕES. **Obras de Luiz de Camões**. Precedidas de um ensaio biográfico no qual se relatam alguns fatos não conhecidos da sua vida, aumentadas com algumas composições inéditas do poeta pelo Visconde de Juromenha. Lisboa: Imprensa Nacional, t. 1, 1860.

CAMÕES, Luís de. **As Rimas de Camões (Cancioneiro de ISM & Comentários)**. Fac-símile, Lição dos manuscritos e Comentários por Emmanuel Pereira Filho. Edição preparada e organizada por Edwaldo Cafezeiro e Ronaldo Menegaz. Rio de Janeiro: J. Aguilar; Brasília: INL, 1974.

CAMÕES, Luís de. **Sonetos de Camões**. Corpus dos Sonetos Camonianos, Edição e Notas por Cleonice Serôa da Motta Berardinelli. Paris: Centre Culturel Portugais; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1980.

CHARLENCAS, Juvenal. **Essais sur l'Histoire des Belles-Lettres, des Sciences et des Arts**. T. 1. Lyon: Frères Duplain, 1739.

CHAUFFEPIÉ, Jaques George. Camoens (Louis de). In:_____. **Nouveau Dictionnaire Historique et Critique**. Haia: Pierre de Hondi, 1750, t. 2, p. 18-24.

CORDIER, Henri. Ferdinand Denis: 1798-1890. In:_____. **Mélanges Américains**. Paris: Jean Maisonneuve & Fils, 1913, p. 1-17.

DENIS, Ferdinand. Camoens. In: **Nouveau Manuel de Bibliographie Universelle**. Paris: Librairie Encyclopédique de Roret, 1857, p. 107-108.

DENIS, Ferdinand. Camoens. In: HOEFER (org.). **Nouvelle Biographie Universelle depuis les Temps les Plus Reculés Jusqu'à nos Jours**. Paris: Firmin Didot Frères, 1854, t. 8, p. 344-358.

DENIS, Ferdinand. **Camões e José Índio**. Organização, tradução e notas de Rafael Souza Barbosa. Rio de Janeiro: Makunaima, 2014.

DENIS, Ferdinand (org.). **Chefs-d'Oeuvre du Théâtre Portugais**. Paris: Ladvoat, 1823.

DENIS, Ferdinand. **Os Maxacalis**. Edição crítica com introdução, notas e apêndice de Jean-Paul Bruyas. Tradução de Maria Cecília de Moraes Pinto. São Paulo: Conselho Estadual de Artes e Ciências Humanas, 1979.

DENIS, Ferdinand. Notícia sobre o Teatro Português. Tradução de Regina Zilberman. **Remate de Males**, n. 27, v. 1, jan./jun. 2007, p. 24-39.

DENIS, Ferdinand. **Palmares**. Tradução de Maria Helena Rouanet. Cadernos do Centro de Pesquisas Literárias da PUCRS, Porto Alegre, v. 3, n. 2, p. 14-44, junho de 1997.

DENIS, Ferdinand. **Portugal**. Paris: Firmin Didot Frères, 1846.

DENIS, Ferdinand. **Résumé de l'Histoire Littéraire du Portugal, suivi du Résumé de l'Histoire Littéraire du Brésil**. Paris: Lecointe et Durey, 1826.

DENIS, Ferdinand. Resumo da história literária do Brasil. Tradução de Guilhermino César. In.: CÉSAR, Guilhermino (org.). **Historiadores e críticos do romantismo: 1- a contribuição europeia: crítica e história literária**. In.: Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1978. p. 35-82.

DENIS, Ferdinand. **Scènes de la Nature sous les Tropiques, et de leur Influence sur la Poésie, suivies de Camoens et Jozé Indio**. Paris: Louis Janet, 1824.

DENIS, Ferdinand. Tableau Historique, Chronologique de la Littérature Portugaise et Brésilienne, Depuis son Origine Jusqu'à nos Jours; sur le Plan de l'Atlas de Lesage (Comte de Las Cases). In : MANCY, Jarry de. **Atlas Historique et Chronologique des Littératures Anciennes et Modernes, des Sciences et des Beaux-arts**. Paris: J. Renouard, 1831.

DESFONTAINES, Abbé. **Observations sur les Écrits Modernes**. Tomo Primeiro. Paris: Chaubert, 1735.

DORIA, Luís Gastão de Escragnole. Um Amigo do Brasil (Ferdinand Denis). **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**, Rio de Janeiro, t. LXXV, parte I, 1912, p. 217-230.

Dossier Personnel de Joseph-André Denis (fl. 308-313, fl. s/n). In: **Microfilme P6288**. Disponible em: Archives Diplomatiques, La Courneuve.

DUMONT, Honoré. **Brest, Poème en Seize Chants**. Coutances: P. L. Tanquerey, 1833.

DUMONT, Honoré. **Kléber, Poème en Dix Chants**. Coutances: J. V. Voisin et Compagnie, 1842.

DURAND, Pascal; GLINOER, Anthony. **Naissance de l'Éditeur**. L'édition à l'âge romantique. 3e édition. Bruxelles: Les Impressions Nouvelles, 2012.

Ferdinand Denis (LH/731/78). In: **Dossier de la Légion d'Honneur**. Disponíveis em: Archives Nationales, Paris.

FERREIRA, Frei Bartolomeu. Sem título. In: PRESTES, António (org.). **Primeira Parte dos Autos e Comédias Portuguesas**. Lisboa: Andrès Lobato, 1587, p. s/n.

FRAGA, Maria do Céu. Sá de Miranda e os poetas do Círculo Mirandino. **Arquipélago**, v. XIV, Ponta Delgada, 1994-1996, p. 85-95.

GALLUT, Anne. **O Morgado de Mateus, Editor de Os Lusíadas**. Tradução de Maria Carlos Loureiro. Lisboa: Alêtheia Editores, 2015.

GALLUT-FRIZEAU, Anne. **Camões en France (1600-1860)**. Tese de Estado (Études Ibériques) – Université Paris III - Sorbonne Nouvelle, Paris, 1972.

GAUTHIOT, Charles. Revue de l'Année - Extérieur. **Journal des Débats Politiques et Littéraires**, Paris, 6 janvier 1881, p. 1-3.

GAVET, P.; BOUCHER, P. **Jakaré-Ouassou ou Les Tupinambas**. Chronique Brésilienne. Paris: Timothée Dehay, 1830.

GLINOER, Anthony. “À son éditeur la littérature reconnaissante” – Ladvocat et Le Livre des Cent et un. In: MOLLIER, Jean-Yves; RÉGNIER, Philippe; VAILLANT, Alain (orgs.). **La Production de l’Immatériel**. Théories, représentations et pratiques de la culture au XIX^e siècle. Sainte-Étienne: Éditions Sainte-Étienne, 2008, p. 91-103.

GOUJET, Abbé. Traductions des poètes Espagnols et Portugais. In:_____. **Bibliothèque Française ou Histoire de la Littérature Française**. Paris: Pierre-Jean Mariette; Hyppolite-Louis Guerin, 1744, t. 8, p. 149-188.

HUE, Sheila Moura. **Camões entre seus contemporâneos – sobre a recepção da obra camoniana no século XVI**. Tese (Letras) – Departamento de Letras – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2002.

INCONNU. Impressions de Lecture et Souvenirs Littéraires d’un Inconnu. Traduction des *Lusiades*, par M. Ortaire Fournier - Vie de Camoens, par M. Ch. Magnin - Camoens et ses Contemporains, par M. Ferdinand Denis. **La Presse**, 31 décembre 1842, p. 261-263.

JACKSON, Kenneth David. Edição Princeps d’*Os Lusíadas*. In: AGUIAR E SILVA, Vítor (org). **Dicionário de Luís de Camões**. São Paulo: Leya, 2011, p. 327-334.

Journal des Débats Politiques et Littéraires, 30 juin 1827.

Journal des Débats Politiques et Littéraires, 14 juin 1834.

LA CLÈDE, Nicolas de. **Histoire Générale de Portugal**. Paris: Rollin Fils, 1735.

LA COMBE. CAMOENS. In:_____. **Dictionnaire Portatif des Beaux-Arts**. Paris: Veuve Estienne & Fils; Jean-Th. Herissant, 1752, p. 123-124.

LADVOCAT. CAMOENS. In:_____. **Dictionnaire Historique-Portatif**. Paris: Didot, t. 1, 1755, p. 195.

LE GENTIL, Georges. Ferdinand Denis, Iniciador dos Estudos Portugueses e Brasileiros. Tradução de Paiva Boleo. **Biblos**, Coimbra, n. 4, 1928, p. 293-323.

Livres Nouveaux. **Journal des Savants**, septembre 1832, p. 567-576.

Livres Nouveaux, France. **Journal des Savants**, janvier 1825, p. 60-64.

Livres Nouveaux, France. **Journal des Savants**, juillet 1827, p. 439-442.

LOBO, Francisco Alexandre. Memória Histórica e Crítica acerca de Luiz de Camões, e das suas Obras. **História e Memórias da Academia Real das Ciências de Lisboa**, Lisboa, t. VII, 1821, p. 158-279.

LOMBEZ, Christine. Traducteurs et littérature traduite em français dans la première moitié du XIX^e siècle – la traduction de poésie. In: MOLLIER, Jean-Yves; RÉGNIER, Philippe; VAILLANT, Alain (orgs.). **La Production de l'Immatériel**. Théories, représentations et pratiques de la culture au XIX^e siècle. Sainte-Étienne: Éditions Sainte-Étienne, 2008, p. 105-113

MACEDO, José Tavares de. **Relatório feito em nome da comissão nomeada por Portaria de 30 de Dezembro de 1854 para buscar os ossos de Camões**. Lisboa: Imprensa Nacional, 1880.

MAGNIN, Charles. Littérature. Résumé de l'Histoire Littéraire du Portugal, suivi du Résumé de l'Histoire Littéraire du Brésil, par M. Ferdinand Denis. **Le Globe**, t. V, n. 32, 16 juin 1827a, p. 168-171.

MAGNIN, Charles. Littérature. Résumé de l'Histoire Littéraire du Portugal, suivi du Résumé de l'Histoire Littéraire du Brésil, par M. Ferdinand Denis. **Le Globe**, t. V, n. 37, 28 juin 1827b, p. 194-196.

MAGNIN, Charles. Luiz de Camoens. **Revue des Deux Mondes**, Paris, v. 6, 1832, p. 145-182.

MONTESQUIEU. **De l'Esprit des Lois**. Genebra: Barrillot et Fils, 1748.

MOREAU, Pierre. Introduction. In: **Denis, Ferdinand. Journal (1829-1848)**. Organisation, introduction et notes de Pierre Moreau. Fribourg: Librairie de l'Université; Paris: Librairie Plon, 1932, p. 1-39.

MOREIRA, Francisco Alberto Torres. **Em torno de Filinto Elísio – Ensaios**. Vila Real: Centro de Estudos em Letras – Universidade de Trás-Os-Montes e Alto Douro, 2011.

MORÉRI, Louis. Le Camoëns. In: _____. **Le Grand Dictionnaire Historique, ou Le Mélange Curieux de l'Histoire Sacrée et Profane**. Paris: Jean Girin; Barthélémy Rivière, 1683 [1674], t. 1, p. 741-742.

Ms. 3417. In: **Fonds Ferdinand Denis**. Disponível em: Bibliothèque Sainte-Geneviève, Paris.

Ms. 3419. In: **Fonds Ferdinand Denis**. Disponível em: Bibliothèque Sainte-Geneviève, Paris.

Ms. 3971. In: **Fonds Ferdinand Denis**. Disponível em: Bibliothèque Sainte-Geneviève, Paris.

Ms. 4321. In: **Fonds Ferdinand Denis**. Disponível em: Bibliothèque Sainte-Geneviève, Paris.

Ms. 4322. In: **Fonds Ferdinand Denis**. Disponível em: Bibliothèque Sainte-Geneviève, Paris.

NEUFVILLE, Lequien de la. **Histoire Générale de Portugal**. Tome premier. Paris : Anisson, 1700.

NICERON, Jean-Pierre. Louis de Camoens. In: _____. **Mémoire pour Servir à l'Histoire des Hommes Illustres**. Tomo XXXVII. Paris: Briasson, 1738, p. 244-260.

NODIER, Charles. Chefs-d'Oeuvre des Théâtres Étrangers. Théâtres Russe et Portugais. **Le Mercure de France au XIX^e Siècle**, Paris, 1827, t. 19, p. 60-65.

ORTIGÃO, José Duarte Ramalho. Uma visita a Ferdinand Denis. In: _____ **Em Paris**. Porto: Typographia Lusitana, 1868, p. 61-69.

OSWALD, François. Échos des Théâtres. **Le Gaulois**, Paris, jeudi 20 mai 1880, p. 3.

PAGEAUX, Daniel-Henri. **Imagens de Portugal na cultura francesa**. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1984.

PEYROT. Scènes de la Nature sous les Tropiques, et de leur Influence sur la Poésie, suivies de Camoens et Jozé Indio. **Lettres Champenoises, ou Correspondance Morale et Littéraire**, Paris, n. 184, t. 21, 1825, p. 51-76.

PIMENTEL, Alberto. In: _____ **Figuras Humanas**. Lisboa: Parceria Antonio Maria Pereira, 1905, p. 15-21. [Caldas da Rainha, 10 de agosto de 1890]

PIRES, Maria Lucília Gonçalves. **A crítica camoniana no século XVII**. Amadora: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1982.

POUZOLET, Christine. Madame de Staël, Sismondi et la figure de Camoëns. **Cahiers Staëliens**, Paris, n. 49, 1997-1998, p. 41-64.

PRÉVOST, Abbé. La Traduction du Camoëns. **Le Pour et Contre, Ouvrage Périodique d'un Goût Nouveau**, t. VI, Paris, Didot, 1735, p. 82-96.

R., J..Résumé de l'Histoire Littéraire du Portugal, suivi du Résumé de l'Histoire Littéraire du Brésil, par Ferdinand Denis. **Revue Encyclopédique, ou Analyse Raisonnée des Productions les plus Remarquables dans les Sciences, les Arts Industriels, la Littérature et les Beaux-Arts**, Paris, t. XXXIII, 1827, p. 701-710.

RACINE, Louis de. **Réflexions sur la Poésie**. Tomo Terceiro. Paris: Desaint et Saillant, 1748.

RAPIN, René. **Réflexions sur la Poétique d'Aristote, et sur les Ouvrages des Poètes Anciens et Modernes**. Paris: François Muguet, 1674.

RAYNOUARD. Chefs-d'Oeuvre des Théâtres Étrangers. Second Article. Théâtre Portugais. **Journal des Savants**, juillet 1823, p. 416-426.

RAYNOUARD. Résumé de l'Histoire Littéraire du Portugal, suivi du Résumé de l'Histoire Littéraire du Brésil, par Ferdinand Denis. **Journal des Savants**, mars 1827, p. 149-161.

RICHER, Edmond. Scènes de la Nature sous les Tropiques, et de leur Influence sur la Poésie, par Ferdinand Denis. **Le Lycée Armorican**, Nantes, v. 6, 1825, p. 554-565.

ROUANET, Maria Helena. **Eternamente em Berço Esplêndido : a Fundação de uma Literatura Nacional**. São Paulo : Siciliano, 1991.

SAINTE-BEUVE. Littérature. Scènes de la Nature sous les Tropiques et de leur Influence sur la Poésie, suivies de Camoëns et Josè Indio. **Le Globe**, Paris, n. 44, 18 décembre 1824, p. 204-206.

SAINTE-BEUVE, Charles-Augustin. Notice Historique et Littéraire sur J.-H. Bernardin de Saint-Pierre. In: **Paul et Virginie et la Chaumière Indienne**. Paris : L. Curmer, 1838, p. VII-LII.

SANDMANN, Marcelo Corrêa. As Comemorações do Tricentenário de Camões no Brasil. **Revista Letras**, Curitiba, n. 59, p. 197-205, jan./jun. 2003, Editora UFPR.

SANÉ, Alexandre. Coup-d'oeil sur l'état de la littérature en Portugal. In: LANGLÈS; GUIGENÉ; AMAURY-DUVAL. **Mercure Étranger ou Annales de la Littérature Étrangère**. Paris: Arthus-Bertrand; D. Colas, 1813, t. 1, p. 245-251.

SANÉ, Alexandre-Marie. **Nouvelle Grammaire Portugaise, suivie De Plusieurs Essais de Traduction Française Interlinéaire et de Différens Morceaux de Prose et de Poésie, Extraits des Meilleurs Classiques Portugais**. Paris: Cérioux Jeune; Nicolle; Cussac, s/d.

Séance du Lundi 22 Novembre 1824. In: LES SECRÉTAIRES PERPÉTUELS. **Procès-Verbaux des Séances de l'Académie tenues depuis la fondation de l'Institut de France jusqu'au mois d'août 1835**. Basses-Pyrénées: Hendaye, 1918, p. 156-157.

SILVA, J. da. Correspondances Étrangères - Portugal. **Le Livre - Bibliographie Moderne**, Paris, t. 2, 1880. p. 153-155.

SILVA, Joaquim Norberto de Souza. Ordem do Dia da 13ª Sessão Ordinária de 22 de Agosto de 1890. **Revista Trimestral do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**, Rio de Janeiro, t. LIII, parte II, 1890, p. 474-477.

SISMONDI, Jean Charles Léonard Sismonde de. **De la Littérature du Midi de l'Europe**. T. 4. Paris; Strasbourg: Treuttel et Würtz, 1813.

STAËL, Germaine de. Camoens. In: **Biographie Universelle, Ancienne et Moderne**. Paris: Michaud Frères, 1812, t. 6, p. 618-621.

STAËL-HOLSTEIN, Madame de. **De la Littérature considérée dans ses Rapports avec les Institutions Sociales**. T. 1. Paris: Crapelet, 1799.

L'univers Pittoresque - Portugal, par M. Ferdinand Denis, conservateur à la bibliothèque Sainte-Geneviève. **Nouvelle Revue Encyclopédique**, Paris, t. 1, n. 46, 1846, p. 251-261

VICTOR, Jayme. Ferdinand Denis. **O Occidente**, Lisboa, v. XIII, n. 420, p. 187-190, ago. 1890.

VOLTAIRE. **Essai sur la Poésie Épique**. Traduit de l'anglais de M. de Voltaire. Paris: Chaubert, 1728.

WERDET, Edmond. **De la Librairie Française**. Son Passé - Son Présent - Son Avenir. Paris: E. Dentu, 1860.